STUDIES FOR MEDIEVAL AND MODERN LATIN. PROF. DR. DARCY CARVALHO. S. PAULO. BRAZIL. ANNO 2014

GERMANIA. A TREATISE ON THE ORIGIN , SITUATION AND MANNERS OF THE GERMAN TRIBES BY CAIUS CORNELIUS TACITUS (born ad 56—died c. 120)

TACITUS' GERMANIA TWO LATIN TEXTS WITH SEVEN TRANSLATIONS

Germania: Um tratado sobre a origem, sítios e costumes das tribos germânicas. O **texto latino da Germania de Tácito é apresentado em ordem analítica com sete traduções vernáculas, para sozinho aprender a escrever e ler latim moderno.**

SUMMARIUM. ***TACITO DE ORIGINE SITU ET MORIBUS GERMANORUM***

GERMANIA: The Latin text is presented in analytical order with seven vernacular translations; **Germania des Tacitus. Deutsche Uebersetzung von Dr. Anton Baumstark (1876)**; **Die Germania von C. Cornelius Tacitus. Translator Adolf Bacmeister (1868), apud Gerd. Bouillon; Tacite - La Germanie, traduction de Burnouf (1863), apud Remacle. Org; Cayo Cornelio Tacito. De las Costumbres, Sitios y Pueblos de La Germania, traducción de Vicente Blanco y García (1946); A treatise on the situation, manners and inhabitants of Germany by John Aikin (1823) apud the Gutenberg Project and Archive.Org; Germânia. Tradução e notas de Sadi Garibaldi (1943) apud Ricardo Castro; Discorso della Germania in Opere di Cornelio Tacito tradotte da B. Davanzati, collegiunte (1820), apud Google Books.**

ANNEXES : Extracts from Wiki Wiki Latim dos Alunos de Filosofia da Unicamp: Considerations on the nature and study of Modern Utilitarian Latin: Justification of the analytical syntax in writing Latin; How to read Latin immediately with juxtalinear or interlinear translations; The problem of Modern Latin vocabulary; Latinum sine Magistro: Conclusio Operis

CONTENTS

CONTENTS OF THE ANNEXES





INTRODUCTION. INTRODUÇÃO

This set of seven vernacular translations of Tacitus' Germania is aimed at adult readers interested in Modern Utilitarian Latin. It exemplifies how to use the internet for studying Latin as a living language. Modern utilitarian Latin is just classical Latin written in strict analytical order. For learners of modern utilitarian Latin, classical and medieval Latin are essential tools. Medieval Latin, that was present all over Europe, from 300 to 1500, includes Christian, Biblical and Renascentist Latin, this just an artificial and studied revival of classical Latin. Medieval Latin is considerably easier to understand than classical Latin and constitutes the essential link between Roman Latin and the Romance literary languages. Portuguese, Spanish, Catalan, Italian, Romanian, French and, partially, English are just forms of evolved living Latin, enriched with vocabula borrowed from classical and medieval written Latin. This justifies using them freely to reconstruct modern Latin as an auxililiary international language of easy intellection.

Este conjunto de sete traduções vernáculas de Tácito Germânia é destinado a leitores adultos interessados em latim utilitário moderno. O trabalho exemplifica como usar a internet para estudar latim como língua viva. Latim utilitário moderno é simplesmente latim clássico escrito em ordem analítica rigorosa. Para quem quer aprender latim utilitário moderno, o latim clássico e o latim medieval são ferramentas essenciais. O latim medieval, língua escrita, presente em toda a Europa de 300 a 1500, inclui o latim dos cristãos, o latim bíblico, uma forma de latim utilitário com finalidade específica, e o latim renascentista, este essencialmente apenas um reavivamento artificial e estudado do latim clássico. O latim medieval é muito mais fácil de entender do que o latim clássico, constituindo um elo essencial entre o latim romano e as línguas românicas literárias. Estas, e em parte o inglês, são apenas formas evoluidas do latim coloquial, normalizadas em suas gramáticas e vocabularmente enriquecidas por irrestritos empréstimos do grego, do latim medieval e do clássico. Isto plenamente justifica utilizá-las, e o inglês também, para reconstruir o latim moderno como língua auxiliar internacional de fácil intelecção.

Students of medieval Latin or of modern written Latin must start with elements of classical Latin. Declensions and conjugations, the basic grammatical elements of classical Latin can be easily acquired by adults in grammars or courses that were used everywhere in secondary schools in past centuries. Students interested in learning Latin as a living language should concentrate in learning just the morphology of the language, without uselessly spending their effort and time with matters of syntax, text criticism, history, biography, philology, archeology, ethnography, paleography or Roman antiquities, politics or religions.

Estudantes de latim medieval ou de latim moderno escrito devem começar com a gramática elementar do latim clássico. Declinações e conjugações, os elementos gramaticais básicos de latim literário podem ser facilmente aprendidas por adultos nas gramáticas ou nos manuais de latim que eram usados em todas as escolas secundárias, em séculos passados. Os estudantes interessados em aprender latim como língua viva devem se concentrar no estudo apenas da morfologia da língua, sem gastar inutilmente seu tempo e esforço com questões complicadas de sintaxe clássica, críticas de texto, história, biografia, filologia, arqueologia, etnografia, paleografia ou antiguidades romanas, política ou religiões. A sintaxe latina que utilizaremos é a mesma da língua portuguesa, ou a do inglês, ainda mais simples.

These departments of culture and noble literary provinces can be visited any time latter. Among the Romans, Tacitus, Sallustius and Seneca are a very interesting authors to study at the start of a process of learning Latin alone. In most school texts for beginners only Phedrus, Eutropius, Caesar and Cicero are read. From the existing very learned presentations of Tacitus in Project Gutenberg and elsewhere, as indicated in the References, we have extracted a very short text by Tacitus, the Germania, written in the end of the first century of the Christian era, concerning the origins, lands and uses of the Germanic tribes, then recently discovered by the Romans armies.

Estes departamentos de cultura e nobres províncias literárias poderão ser visitados a qualquer momento mais tarde. Entre os romanos, Tácito, Salústio e Sêneca são os autores mais interessantes para estudar no início de um processo de aprender latim sozinho. Na maioria dos textos escolares para iniciantes apenas Fedro, Eutrópio, César, Cícero e dois ou três poetas são lidos. A partir das apresentações eruditas e fartamente anotadas de Tácito, na internet, no Project Gutenberg e em outros lugares, como está indicado nas referências, extraimos um curto texto deste autor, a Germania, escrita no final do primeiro século da era cristã, versando sobre as origens, as terras e os usos das tribos germânicas, então recentemente descobertas pelos exércitos romanos, à caça de escravos e tributos.

Considering our limited objective, the original text is presented together with vernacular translations, but without notes or comments .The key for learning the Latin Language and becoming able to write it immediately is the method of constructing authentic Latin texts. Construction of Latin texts means putting them into strict analytical order, with the help of vernacular translations, as it is done in Part Six, where the juxtalinear or interlinear devices for quickly learning Latin is presented.

Considerando nosso objetivo limitado de apenas aprender latim, o texto original é apresentado juntamente com traduções vernáculas, sem quaisquer anotações ou comentários, que podem ser lidas nas fontes citadas. A chave para a aprendizagem

rápida do latim, para sermos capazes de escrevê-lo imediatamente, é o método de reconstrução de textos latinos autênticos. Reconstruir textos latinos significa colocá-los em ordem analítica rigorosa, com a ajuda de traduções vernáculas, como é feito na Parte VI, onde o juxtalinear justa ou dispositivos interlineares para aprender rapidamente Latina é apresentada. Este método foi utilizado nos Estados Unidos e na Europa no século XIX, existindo edições analíticas dos principais autores para leitura imediata pelos alunos, as chamadas edições justalineares ou interlineares.

By analytical or natural order we understand that same order in which we speak or write English , French , Russian, Italian, Portuguese, etc. . Students learning alone must first read the vernacular translations, next they will read the original text, paragraph by paragraph, trying to establish the exact correspondence between the translation and the original Latin they about to decypher. It will be immediately perceived that translators in any language never fail to produce vernacular versions that are at points very far from the original text. Translate to the word or translate to the sense, that is the question. From Latin to English translate to the word; from English to Latin, translate by the sense as in Latin we can be and we should be more concise.

Por ordem analítica ou natural, entendemos aquela mesma ordem em que falamos ou escrevemos Inglês, Francês, Russo, Italiano, Português, etc. Quem estuda sozinho deve primeiramente ler as traduções vernáculas, para apreender a natureza e contexto do asssunto; em seguida deve ler o texto original, parágrafo por parágrafo, tentando estabelecer a correspondência exata entre a tradução e o original em latim que cerca de decifrar e memorizar. Um fato será imediatamente percebido, que os tradutores em qualquer língua produzem versões vernaculares que estão em pontos distam muito do texto original. Traduzir literalmente ou traduzir pelo sentido, eis a questão. Do latim para o português, traduzir literalmente; do português, em que pensamos, para o latim, que vamos escrever, traduzir pelo sentido, uma vez que em latim podemos ser, e devemos ser, mais concisos.

These aberrations from the Latin texts must be perceived and corrected in the juxtalinear or interlinear translations. These will contain the whole original vocabulary and they will provide the analytical construction of the texts. Using these devices, the students will produce their own vernacular translations. From their own vernacular translations they should be able to carry out retroversions, that is, reproduce the classical Latin text in modern utilitarian Latin. This implies thinking in English and writing Latin in analytical order. This procedure is to be adopted by everyone trying to use Latin as an international auxiliary language. Modern latinists should nevertheless always emulate the conciseness of the Roman authors. Modern academic Latin is perfect in morphology, syntactically

simple and, as far as possible, supplied with an international vocabulary, most of it of regular Latin extraction and general understanding.

Estas aberrações dos textos latinos devem ser percebidas e corrigidas com as traduções justalineares ou interlineares. Estas conterão todo o vocabulário original e fornecerão a construção analítica dos textos. Usando estes dispositivos, os estudantes produzirão suas próprias traduções vernáculas, a partir das quais devem ser capazes de realizar retroversões, ou seja, reproduzir em ordem analítica o texto latino clássico. em pensar e escrever Latina deve ser adotado por todos tentando usar o latim como língua auxiliar internacional. Não obstante latinistas modernos deve sempre imitar a concisão dos autores romanos. O latin acadêmico moderno é perfeito em morfologia, sintaticamente simples e, na medida do possível, dotado de um vocabulário internacional, na maior parte da extração normal latina e de entendimento geral.







REFERENCES AND SOURCES . LINKS RELATED TO GERMANIA

DE ORIGO MORIBUS ET SITU GERMANORUM WITH VERNACULAR TRANSLATIONS IN

1.. SPANISH. 2..ENGLISH. 3.. FRENCH. 4..GERMAN. 5..PORTUGUESE. AND 6..ITALIAN

Opere di C. Cornelio Tacito tradotte da B. Davanzati, ... 1820. Google Books

http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/germania-98-d-c

http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Tacitus%2C%20Cornelius

http://www.sacred-texts.com/cla/tac/index.htm

http://www.fordham.edu/halsall/source/tacitus1.html

http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ger.shtml

http://bcs.fltr.ucl.ac.be/SLInf4.html

http://juxta.free.fr/spip.php?article82

http://www.gutenberg.org/files/7524/7524-h/7524-h.htm

http://www.gutenberg.org/cache/epub/9090/pg9090.html

http://www.gutenberg.org/files//-h/-h.htm

http://www.hs-augsburg.de/~harsch/tac_germ.html

https://archive.org/details/tacitusgermaniaordeorigineetsitugermanorumwithlitteralandjuxtalinear

http://remacle.org/bloodwolf/historiens/tacite/table.htm

http://de.wikisource.org/wiki/Die_Germania_des_Tacitus

http://www.imperivm.org/cont/textos/txt/tacito_de-las-costumbres-sitios-y-pueblos-de-la-germania.html

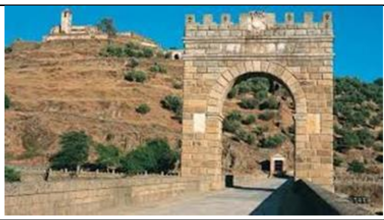
https://archive.org/details/lexicontaciteum00btgoog

https://archive.org/details/diegermaniadest02tacigoog

http://gutenberg.spiegel.de/buch/die-germania-137/2

PART ONE

SPANISH TRANSLATION OF GERMANIA


CAYO CORNELIO TACITO DE LAS COSTUMBRES, SITIOS Y PUEBLOS DE LA *Germania. Source: Cayo Cornelio Tácito. Obras completas. Traducción, introducción y notas. Obra publicada bajo la dirección de Vicente Blanco y García. Madrid: M. Aguilar Editor, 1946, p. 1011-1044.*






I. El Rhin y el Danubio dividen a toda la Germania de las Galias, Retias y Panonias , y de los Sarmatas y Dacios algunas montañas o el miedo que se tienen los unos a los otros. El Océano cerca lo demás, abrazando grandísimas islas y golfos, y algunas naciones y reyes, de que con la guerra se ha tenido noticias poco ha . El

Rhin, saliendo de lo más alto e inaccesible de los Alpes de la Retia, y habiendo corrido un poco hacia Occidente, vuelve derecho hasta meterse en el Océano septentrional. El Danubio nace en la cumbre de Abnoba , monte, aunque alto, no áspero, y habiendo pasado por muchas y diferentes tierras, entra en el mar Pontico por seis bocas, que la séptima, antes de llegar a la mar, se pierde en las lagunas.

II. Yo creería que los Germanos tienen su origen en la misma tierra, y que no están mezclados con la venida y hospedaje de otras gentes; porque los que antiguamente querían mudar de habitación, las buscaban por mar y no por tierra; y de nuestro mar van muy pocas veces navíos a aquel grande Océano, que para decirlo así, está opuesto al nuestro. Y ¿quién quisiera dejar el Asia, África o Italia, y por miedo de los peligros de un mar horrible y no conocido ir a buscar a Germania, tierra sin forma de ello, y de áspero cielo, y de ruin habitación y triste vista, sino es para los que fuere su patria? Celebran en versos antiguos (que es sólo el género de anales y memoria que tienen) un dios llamado Tuiston , nacido de la tierra, y su hijo Manno, de los cuales, dicen, tiene principio la nación. Manno dejó tres hijos, de los nombres de los cuales se llaman Ingevones los que habitan cerca del Océano, y Herminones los que viven la tierra adentro, y los demás Istevones. Bien que otros, con la licencia que da la mucha antigüedad de las cosas, afirman que el dios Tuiston tuvo más hijos, de cuyos nombres se llamaron así los Marsos, Gambrivios, Suevos, Vándalos; y que estos son sus verdaderos y antiguos nombres. Que el de Germania es nuevo y añadido poco ha: porque los primeros que pasaron el Rhin y echaron a los Galos de sus tierras se llamaban entonces Tungros, y ahora se llaman Germanos. Y de tal manera fue prevaleciendo el nombre de aquella nación que primero había pasado el Rhin, que dio nombre a toda la gente: y todos los demás al principio tomaron el nombre de los vencedores, por el miedo que causaban, y se llamaban Tungros: y después inventaron ellos mismos propio y particular nombre, y se llamaron universalmente Germanos.

III. También cuentan que hubo Hércules en esta tierra, y le dan el primer lugar entre los hombres de valor. Antes de entrar en las batallas, para animarse, cantan ciertos versos, cuyo son llaman bardito, por el cual adivinan qué suceso han de tener: porque o se hacen temer o tienen miedo, según más o menos bien responde y resuena el escuadrón: y esto en ellos es más indicio de valor que armonía de voces. Desean y procuran con cuidado un son áspero y espantable, y para ello ponen los escudos delante de la boca para que, detenida la voz, se hinche y levante más. Piensan algunos que Ulises en su larga y fabulosa navegación, en que anduvo vagando, llegó a este Océano, y que entró en Germania, y que fundó en ella a Asciburgio , lugar asentado a la ribera del Rhin, y habitado hoy día, al cual llamó A' σχιπδτωυ : y que en tiempos pasados se hallé allí un altar consagrado a Ulises, en que también estaba escrito el nombre de Laertes, su padre. Y que en los confines de Germania y Retia se ven hoy día letras griegas en monumentos y sepulcros. Pero no quiero confirmar esto con argumentos, ni menos refutado; cada cual crea o no crea lo que quisiere, conforme a su ingenio.

IV. Yo soy de la opinión de los que entienden que los Germanos nunca se juntaron en casamientos con otras naciones, y que así se han conservado puros y sencillos, sin parecerse a sí mismos. De donde procede que un número tan grande de gente tienen casi todos la misma disposición y talle, los ojos azules y fieros, los cabellos rubios, los cuerpos grandes y fuertes solamente para el primer ímpetu. No tienen el mismo sufrimiento en el trabajo y obras de él; no son sufridores de calor y sed,

pero llevan bien el hambre y el frío, como acostumbrados a la aspereza e inclemencia de tal suelo y cielo.

V. La tierra, aunque hay diferencia en algunas partes, es universalmente de vista horrible por los bosques, y fea y manchada por las lagunas que tiene. Por la parte que mira las provincias de las Galias es mas húmeda, y por la que el Norico y Panonia, más sujeta a aires. Es fértil de sembrados, aunque no sufre frutales; tiene abundancia de ganados, pero no de aquella grandeza y presencia que en otras partes: ni los bueyes tienen su acostumbrada hermosura, ni la alabanza que suelen por su frente . Huélganse de tener mucha cantidad, por ser esas solas sus riquezas y las que más les agradan. No tienen plata ni oro, y no sé si fue benignidad o rigor de los dioses el negárselo. Con todo, no me atrevería a afirmar, no habiéndolo nadie escudriñado, que no hay en Germania venas de plata y oro. Cierto es que no se les da tanto como a nosotros por la posesión y uso de ello: porque vemos que de algunos vasos de estos metales que se presentaron a sus embajadores y príncipes no hacen más caso que si fueran de barro. Bien es verdad que los que viven en nuestras fronteras, a causa del comercio, estiman el oro y la plata, y conocen y escogen algunas monedas de las nuestras; pero los que habitan la tierra adentro tratan más sencillamente, y a la costumbre antigua, trocando unas cosas por otras. Los que toman monedas las quieren viejas y conocidas, como son bigatos y serratos ; y se inclinan más a la plata que al oro, no por afición particular que la tengan, sino porque el número de las monedas de plata es más acomodado para comprar menudencias cosas usuales.

VI. No tienen hierro en abundancia, como se puede colegir de sus armas. Pocos usan de espadas ni lanzas largas, pero tienen ciertas astas, que ellos llaman frameas, con un hierro angosto y corto, pero tan agudo y tan fácil de manejar, que se puede pelear con ellas de lejos y de cerca, según la necesidad. La gente de a caballo se contenta con un escudo y framea; la infantería se sirve también de armas arrojadizas, y trae cada uno muchas, las cuales tiran muy lejos. Andan desnudos, o con un sayo ligero. No son curiosos en su traje. Sólo traen los escudos muy pintados y de muy escogidos colores. Pocos traen lorigas, y apenas se halla uno o dos con morrión o celada. Los caballos no son bien hechos ni ligeros, ni los enseñan a volver a una mano y a otra, y a hacer caracoles, según nuestra usanza: de una carrera derecha, o volviendo a una mano todos en tropa, hacen su efecto con tanto orden, que ninguno se queda atrás. Y todo bien considerado, se hallará que sus mayores fuerzas consisten en la infantería; y así pelean mezclados; porque se conforma bien con el paso de los caballos la ligereza de los infantes que se ponen en el frente del escuadrón, por ser mancebos escogidos entre todos. Hay un número señalado de ellos; de cada pueblo ciento; y tienen entre los suyos este mismo nombre. Y quedándoles por títulos de dignidad y honra lo que al principio no fue más que número. El escuadrón se compone de escuadras formadas en punta. El retirarse, como sea para volver a acometer, tienen más por ardid y buen consejo que por miedo. Retiran sus muertos aun cuando está en duda la batalla. El mayor delito y flaqueza entre ellos es dejar el escudo. Y los que han caído en tal ignominia no pueden hallarse presentes a los sacrificios ni juntas, y muchos, habiéndose escapado de la batalla, acabaron su infamia ahorcándose.

VII. Eligen sus reyes por la nobleza, pero sus capitanes por el valor. El poder de los reyes no es absoluto ni perpetuo. Y los capitanes, si se muestran más prontos y atrevidos, y son los primeros que pelean delante del escuadrón, gobiernan más por

el ejemplo que dan de su valor y admiración de esto que por el imperio ni autoridad del cargo: mas el castigar, prender y azotar no se permite sino a los sacerdotes; y no como por pena, ni por mandado del capitán, sino como si lo mandara Dios, que ellos creen que asiste a los que pelean. Y llevan a la guerra algunas imágenes e insignias que sacan de los bosques sagrados. Y lo que principalmente los incita a ser valientes y esforzados es, que no hacen sus escuadras y compañías de toda suerte de gentes, como se ofrecen acaso, sino de cada familia y parentela aparte. Y al entrar en la batalla tienen cerca sus prendas más queridas, para que puedan oír los alaridos de las mujeres y los gritos de los niños: y estos son los fieles testigos de sus hechos, y los que más los alaban y engrandecen. Cuando se ven heridos van a enseñar las heridas a sus madres y a sus mujeres, y ellas no tienen pavor de contarlas ni de chuparlas , y en medio de la batalla les llevan refresco y los van animando.

VIII. De manera que algunas veces, según ellos cuentan, han restaurado las mujeres batallas ya casi perdidas, haciendo volver los escuadrones que se inclinaban a huir, con la constancia de sus ruegos, y con ponerles delante los pechos, y representarles el cercano cautiverio que de esto se seguiría, el cual temen mucho más impacientemente por causa de ellas: tanto, que se puede tener mayor confianza de las ciudades que entre sus rehenes dan algunas doncellas nobles. Porque aún se persuaden que hay en ellas un no sé qué de santidad y prudencia, y por esto no menosprecian sus consejos, ni estiman en poco sus respuestas. Así lo vimos en el imperio del divo Vespasiano, que algunos tuvieron mucho tiempo a Veleda en lugar de diosa. Y también antiguamente habían venerado a Aurinia y a otras muchas; y esto no por adulación, ni como que ellos las hiciesen diosas , sino por tenerlas por tales.

IX. Reverencian a Mercurio sobre todos sus dioses, y ciertos días del año tienen por lícito sacrificarle hombres para aplacarle. A Hércules y a Marte hacen para esto sacrificios de animales permitidos. Parte de los Suevos adora a Isis ; pero no he podido averiguar de dónde les haya venido esta religión extranjera: aunque la estatua de la diosa, que es hecha en forma de nave libúrnica, muestra habérseles traído por mar. Piensan que no es decente a la majestad de los dioses tenerlos encerrados entre paredes, o darles figura humana. Consagran muchas selvas y bosques, y de los nombres de los dioses llaman aquellos lugares secretos, que miran solamente con veneración.

X. Observan, como los que más, los agüeros y suertes; pero las suertes son sin artificio. Cortan de algún frutal una varilla, la cual, hecha pedazos y puesta en ‘cada uno cierta señal, la ‘echan, sin mirar cómo, sobre una vestidura blanca; y luego el sacerdote de la ciudad, si es que se trata de negocio público, o el padre de familia, si es de cosa particular. después de haber hecho oración a los dioses, alzando los ojos al cielo, toma tres palillos, de cada vez uno, y hace la interpretación según las señales que de antes les habían puesto. Y si las suertes son contrarias, no tratan más que aquel día del negocio, y si son favorables, procuran aún certificarse por agüeros: y también saben ellos adivinar por el vuelo y canto de las aves. Mas es particular de esta nación observar las señales de adivinanza, que para resolverse sacan de los caballos de esta manera. Estos se sustentan del público en las mismas selvas y bosques sagrados, todos blancos y que no han servido en ninguna obra humana, y cuando llevan el carro sagrado los acompañan el sacerdote y el rey o príncipe de la ciudad, y consideran atentamente sus relinchos y bufidos. Y a ningún

agüero dan tanto crédito como a éste, no solamente el pueblo, pero también los nobles y grandes, y los sacerdotes; los cuales se tienen a sí por ministros de los dioses, y a los caballos por sabedores de la voluntad de ellos. Observan, asimismo, otro agüero para saber el suceso de las guerras importantes. Procuran coger, como quiera que sea, uno de aquella nación con quien han de hacer la guerra, y le hacen entrar en batalla con uno de los más valientes de los suyos, armado cada cual con las armas de su tierra, y según la victoria del uno o del otro, juzgan lo que ha de suceder

XI. Los príncipes resuelven las cosas de menor importancia, y las de mayor se tratan en junta general de todos; pero de manera que, aun aquellas de que toca al pueblo el conocimiento, las traten y consideren primero los príncipes. Júntanse a tratar de los negocios públicos, si no sobreviene de repente algún caso no pensado, en ciertos días, como cuando es luna nueva, o cuando es llena; que este tiempo tienen por el más favorable para emprender cualquiera cosa. No cuentan por días, como nosotros, sino por noches. Y en esta forma hacen sus contratos y asignaciones, que parece que la noche guía el día. Tienen esta falta causada de su libertad, que no se juntan todos de una vez, ni al plazo señalado, y así se suelen gastar dos y tres días aguardando los que han de venir. Siéntanse armados y cada uno como le agrada. Los sacerdotes mandan que se guarde silencio y todos los obedecen, porque tienen entonces poder de castigar. Luego oyen al rey o al príncipe, que les hacen los razonamientos según la edad, nobleza o fama de cada uno adquirida en la guerra, o según su elocuencia, teniendo más autoridad de persuadir que poderlo de mandar. Si no les agrada lo propuesto, contradícenlo haciendo estruendo y ruido con la boca; pero si les contenta, menean y sacuden las frameas, dando con ellas en los escudos que tienen en las manos. Que entre ellos es la más honrada aprobación la que se significa con las anuas.

XII. Puede cualquiera acusar en la junta a otro, aunque sea de crimen de muerte. Las penas se dan conforme a los delitos. A los traidores y a los que se pasan al enemigo ahorcan de un árbol, y a los cobardes e inútiles para la guerra y a los infames que usan mal de su cuerpo ahogan en una laguna cenagosa, echándoles encima un zarzo de mimbres. La diversidad del castigo tiene respeto a que conviene que las maldades, cuando se castigan, se muestren y manifiesten a todos, pero los pecados que proceden de flaqueza de ánimo débense esconder aun en la pena de ellos. Por delitos menores suelen condenar a los convencidos de ellos en cierto número de caballos y ovejas, de que la una parte toca al rey o a la ciudad, y la otra al ofendido o a sus deudos. Eligen también en la misma junta los príncipes, que son los que administran justiciaen las villas y aldeas. Asisten con cada uno de ellos cien hombres escogidos de la plebe , que les sirven de autoridad y consejo.

XIII. Siempre están armados cuando tratan alguna cosa, o sea pública o particular, pero ninguno acostumbra traer armas antes que la ciudad le proponga por bastante para ello a la junta, en la cual uno de los principales, o su padre o algún pariente le adornan con un escudo y una framea. Esta es entre ellos la toga y el primer grado de honra de la juventud. Hasta entonces se tienen por parte de la familia, y de allí adelante de la república. Eligen algunas veces por príncipes algunos de la juventud, o por su insigne nobleza, o por los grandes servicios y merecimientos de sus padres. Y éstos se juntan con los más robustos , y que por su valor se han hecho conocer y estimar, y ninguno de ellos se corre de ser camarada de los tales y de que los vea entre ellos; antes hay en la compañía sus grados más y

menos honrados, por parecer y juicio del que siguen. Los compañeros del príncipe procuran por todas vías alcanzar el primer lugar cerca de él; y los príncipes ponen todo su cuidado en tener muchos y muy valientes compañeros. El andar siempre rodeados de una cuadrilla de mozos escogidos es su mayor dignidad y son sus fuerzas, que en la paz les sirve de honra y en la guerra de ayuda y defensa. Y el aventajarse a los demás en número y valor de compañeros, no solamente les da nombre y gloria con su gente, sino también con las ciudades comarcanas: porque éstas procuran su amistad con embajadas, y los hombres con dones, y muchas veces con sola la fama acaban las guerras, sin que sea necesario llegar a ellas.

XIV. Cuando se viene a dar batalla es deshonra para el príncipe que se le aventaje alguno en valor, y para los compañeros y camaradas no igualarle en el ánimo. Y si acaso el príncipe queda muerto en la batalla, el que de sus compañeros sale vivo de ella es infame para siempre: porque el principal juramento que hacen es defenderle y guardarle, y atribuir también a su galería sus hechos valerosos. De manera que el príncipe pelea por la victoria y los compañeros por el príncipe. Cuando su ciudad está largo tiempo en paz y ociosidad, muchos de los mancebos nobles de ella se van a otras naciones donde saben que hay guerra, porque esta gente aborrece el reposo, y en las ocasiones de mayor peligro, se hacen más fácilmente hombres esclarecidos. Y los príncipes no pueden sustentar aquel acompañamiento grande que traen sino con la fuerza y con la guerra: porque de la liberalidad de su príncipe sacan ellos, el uno un buen caballo, y el otro una framea victoriosa y teñida en la sangre enemiga. Y la comida y banquetes grandes, aunque mal ordenados, que les hacen cada día les sirven por sueldo. Y esta liberalidad no tienen de qué hacerla sino con guerra y robos. Y más fácilmente los persuadirán a provocar al enemigo, a peligro de ser muertos o heridos, que a labrar la tierra y esperar la cosecha y suceso del año. Y aún les parece flojedad y pereza adquirir con sudor lo que se puede alcanzar con sangre.

XV. Cuando no tienen guerras se ocupan mucho en cazas, pero más en ociosidad, y en comer y dormir, a que son muy dados. Ningún hombre belicoso y fuerte se inclina al trabajo, sino que dejan el cuidado de la casa, y hacienda y campos a las mujeres y viejos, y a los más flacos de la familia. Ellos tienen maravillosa diversidad de naturaleza. ¡Que unos mismos hombres amen tanto la ociosidad y estar holgado, y aborrezcan el reposo! Es costumbre en las ciudades que cada vecino dé voluntariamente al príncipe cada año algún ganado o parte de sus frutos, y aunque estos lo tienen por honra, con todo les viene bien para sus necesidades. Estiman mucho los presentes de las gentes comarcanas, los cuales les envían, no solamente los particulares, pero también las ciudades, y son caballos escogidos, armas grandes, jaeces y collares: y nosotros también los hemos enseñado a recibir dinero.

XVI. Cosa sabida es que ninguno de los pueblos de Germania habita en ciudades cerradas, ni sufren que sus casas estén arrimadas una a otras. Viven divididos y apartados unos de otros, donde más les agrada, o la fuente, o el bosque, o el prado. No hacen sus aldeas a nuestro modo, juntando y trabando todos los edificios: cada uno cerca su casa con cierto espacio alrededor, o por remedio contra os accidentes del fuego, o porque no saben edificar. No usan de paredes de piedras, ni de tejas, sino que para todo se sirven de los materiales toscos, y sin procurar con el arte que tenga hermosura, ni que puedan causar deleite. Cubren algunos lugares de una tierra tan pura y resplandeciente que imitan la pintura y los colores. También

suelen hacer cuevas debajo de tierra, las cuales cubren con mucho estiércol, que les sirven para retirarse en invierno y recoger allí sus frutos: porque los defienden del rigor del frío, que con esto se abunda; y si alguna vez el enemigo entra en la tierra, destruye y lleva lo que halla a mano, y no llega a lo que está escondido y debajo de tierra, o por no saber dónde está, o por no detenerse a buscarlo.

XVII. El vestido de todos ellos es un sayo o albornoz que cierran con una hebilla, o no la teniendo, con una espina, o cosa semejante, y sin poner otra cosa sobre sí, se están todo el día al fuego. Los más ricos se diferencian en el traje, pero no traen el vestido ancho, como los Sarmatas y Partos, sino estrecho, y de manera que descubre la hechura de cada miembro. También traen pellejos de fieras, los que están cerca de la ribera del Rhin, sin ningún cuidado de esto; pero los que viven la tierra adentro, con más curiosidad, como quien no tiene otro traje aprendido con el comercio y trato de los nuestros. Escogen las fieras, y las pieles que les quitan adornan con manchas que les hacen, y con otras de monstruos marinos que engendra el Océano más septentrional y el mar que no conocemos. Las mujeres usan el mismo hábito que los hombres, sino que sus vestidos las más veces son de lienzo, teñidos con labores de púrpura, y sin mangas, porque traen descubiertos los brazos y las espaldas, y la parte también superior del pecho.

XVIII. Y con todo se guardan estrechamente entre ellos las leyes del matrimonio, que es lo que, sobre todo, se debe alabar en sus costumbres. Porque entre los bárbaros casi solos ellos se contentan con una mujer, sino son algunos de los más principales, y eso no por apetito desordenado, sino que por su mucha nobleza desean todos, por los casamientos, emparentar con ellos. La mujer no trae dote: el marido se la da. Y los padres y parientes de ella se hallan presentes, y aprueban los dones que la ofrece: y no son cosas buscadas para los deleites y regalos femeniles, ni con que se componga y atavíe la novia, sino dos bueyes y un caballo enfrenado, con un escudo, una framea y una espada. Con estos dones recibe el marido a la mujer, y ella, asimismo, presenta al marido algunas armas. Este tienen por el vínculo más estrecho que hay entre ellos y por el sacramento y dioses de sus bodas. Todas las cosas en el principio de sus casamientos están avisando a la mujer que no piense que ha de estar libre, y no participar de los pensamientos de virtud, y valor y sucesos de las guerras, sino que entra por compañera de los trabajos y peligros del marido, y que ha de padecer y atreverse a lo mismo que él en paz y en guerra. Esto significan los dos bueyes en un yugo y el caballo enjaezado y las armas que la dan. Que de esta manera se ha de vivir y morir, y que lo que recibe lo ha de volver bueno y entero como se lo dieron, a sus hijos, y que es digno de que lo reciban sus nueras para que otra vez lo den a sus nietos.

XIX. Su propia castidad las guarda, sin que las pervierta la vista y ocasiones de los espectáculos y fiestas, ni los incentivos de los banquetes. Y no ayuda poco que ni ellas ni los hombres saben leer ni escribir, ni usar del secreto de esto para comunicarse. Hay pocos adulterios, aunque es la gente tanta. El castigo se da luego, y está cometido al marido. El cual, después de haberla cortado los cabellos en presencia de los parientes, la echa desnuda de casa y la va azotando por todo el lugar . Tampoco se perdona a las que proceden mal, aunque no sean casadas; que no hallará marido, puesto que sea hermosa, moza y rica, porque ninguno allí se ríe de los vicios, ni se llama siglo el corromper y ser corrompido. Y aun hacen mejor las ciudades donde solamente se casan las doncellas, y una vez sola se cumple y pasa con el deseo y esperanza de ser casada: de manera que como no tienen más

de un cuerpo y una vida, así no han de tener más que un marido, para que no tengan más pensamiento de casarse ni más deseo de ello, y que no le amen como a marido, sino como a matrimonio. Tiénese por gran pecado entre ellos dejar de engendrar y contentarse con cierto número de hijos o matar alguno de ellos. Y pueden allí más las buenas costumbres que en otra parte las buenas leyes.

XX. Andan los niños en todas las casas sucios y desnudos, y vienen a tener aquellos miembros y cuerpos tan grandes de que nos admiramos. Cada madre cría sus hijos y les da leche, y no los entregan a esclavas ni amas. Con el mismo regalo se crían los hijos de los esclavos que los del señor, sin que en esto se diferencien los unos de los otros. Viven y andan todos juntos entre el ganado y en la misma tierra, hasta que la edad divide los libres de los que no lo son, y la virtud los da a conocer. Llegan tarde a mujeres, y por eso conservan más largo tiempo la flor de la juventud. Tampoco se dan prisa en casar las hijas. Gozan de la misma juventud, y tienen semejante grandeza de cuerpo, y júntanse de una edad, y ambos fuertes, y así los hijos sacan las fuerzas de los padres. A los hijos de la hermana se hace la misma honra en casa del tío que en la de sus padres. Algunos piensan que este parentesco es el más estrecho e inviolable, y cuando han de recibir rehenes los piden más que a otros; porque les parece que estos les serán más firmes prendas, como más queridos, así en la familia del padre como en la del tío. Todavía los hijos son herederos y sucesores de los padres, y no hay entre ellos testamento. A falta de hijos suceden primero los hermanos y luego el tío de parte de padre, y después el de parte de madre. Los viejos en tanto tienen más gracia y favor, en cuanto tienen más deudos y mayor número de parientes por afinidad. El no tener hijos no causa respeto ni admiración.

XXI. Es fuerza ser enemigo de los enemigos del padre o pariente, y amigo de sus amigos. Pero no duran, sin poderse aplacar, las enemistades; porque todos los agravios, y aun el homicidio, se recompensan con cierto número de ganado , y toda la familia recibe la satisfacción, cosa muy útil para el bien público, porque las enemistades entre hombres que viven en libertad son más peligrosas. No hay nación más amiga de fiestas y convites, ni que con mayor gusto reciba los huéspedes. Tiénese por cosa inhumana negar su casa a cualquiera persona. Recíbelos cada uno con los manjares que mejor puede aparejar según su estado y hacienda. Y cuando no tiene más que darles, el mismo que acaba de ser huésped los lleva y acompaña a casa del vecino, donde, aunque no vengan convidados (que esto no hace al caso), los acogen con la misma humanidad, sin que se haga diferencia cuanto al hospedaje entre el conocido y el que no lo es. Es costumbre entre ellos conceder cualquier cosa que pida el que se parte, y la misma facilidad tienen en pedirle lo que les parece. Huelgan de hacerse dádivas y presentes los unos a los otros; pero ni zahieren los que dan, ni se obligan con los que reciben. Tratan cortésmente a sus huéspedes en todo lo necesario para la vida.

XXII. Luego, en levantándose de la cama, en que se están casi siempre hasta el día, se lavan, y las más veces con agua caliente, por ser en aquella tierra lo más del tiempo invierno. Después de lavados, se sientan a comer cada uno en su asiento y mesa aparte, y habiendo comido se van armados a sus negocios; y de esta manera también muchas veces a los banquetes. No tienen por afrenta gastar el día y la noche bebiendo. Son muy ordinarias las riñas y pendencias, como entre borrachos, que pocas veces se suelen acabar con palabras, y las más con heridas y muertes. Y también tratan en los banquetes de reconciliarse los enemigos, de hacer

casamientos y elegir príncipes, y, en fin, muchas veces de las cosas de la paz y de la guerra; como si en ningún otro tiempo, estuviera el ánimo más capaz de buenos y sencillos pensamientos, ni más pronto y encendido para grandes empresas. Y esta gente que de suyo no es astuta ni sagaz, descubre también los secretos de su pecho con la licencia que le da el lugar. Y aquello, que todos han descubierto y manifestado de su ánimo puede retractarse el día siguiente, porque se tiene consideración y respeto con ambos tiempos. Proponen y votan cuando no saben fingir, y resuelven y determinan cuando no pueden errar.

XXIII. Hacen una bebida de cebada y trigo, que quiere parecerse en algo al vino. Los que habitan cerca de la ribera del Rhin compran éste. Sus comidas son simples: manzanas salvajes, venado fresco y leche cuajada. Sin más aparato, curiosidad ni regalos matan el hambre; pero no usan de la misma templanza contra la sed. Y si se les diese a beber cuanto ellos querían, no sería menos fácil vencerlos con el vino que con las armas.

XXIV. Sus fiestas y juegos son siempre unos mismos en cualquiera junta. Algunos mancebos desnudos que tratan de este juego, se arrojan saltando entre las espadas y frameas. El ejercicio les ha dado el arte para hacerlo bien, y el arte la gracia: pero no lo hacen por ganancia o salario; aunque es precio y paga de aquella su temeraria lozanía el gusto y aplauso de los que lo miran. Es mucho de maravillar que juegan los dados estando templados, y entre las cosas de veras, con tanta codicia y temeridad en ganar y perder, que cuando les falta que jugar, la última parada y apuesta es la libertad y el cuerpo. El vencido se hace esclavo de su propia voluntad, y aunque sea más mozo y más robusto se deja atar y vencer: que tanta obstinación tienen en cosa tan mala, que ellos llaman guardar la fe y palabra. Truecan de buena gana los esclavos de esta calidad por librarse también de la vergüenza que causa tal victoria.

XXV. No se sirven de los demás esclavos, como nosotros, empleando a cada uno en su oficio de la casa: dejan a cada uno de ellos vivir aparte y que trabaje para sí; y el señor les carga cierta pensión de grano, ganado o vestidos, como a un labrador; y con esto no tiene el esclavo que obedecerle en más. Los otros oficios de la casa hacen la mujer y los hijos. Pocas veces azotan a los esclavos, ni los ponen en cadena, ni los condenan a trabajar. Suelen matarlos, no por castigo ni severidad, sino cuando los ciega el enojo y la cólera, como pudieran hacerlo con un enemigo, pero sin recibir pena por ello. Los libertos son poco más estimados que los esclavos, y pocas veces tienen mando en casa de los amos y nunca en las ciudades, salvo en aquellas gentes en que mandan reyes. Que allí pueden más que los libres y más que los nobles. En todas las demás, la desigualdad de los libertos sirve de conocer los que son libres.

XXVI. Aquí no se sabe qué cosa es dar y tomar interés, ni acrecentar el caudal con usuras, y por eso se usa menos que si fuera prohibido. Cada lugar toma tanta tierra para labrar , cuando tiene hombres que la labren, y la reparten después entre si, conforme a la calidad de cada uno, y es fácil la partición por los muchos campos que hay. Mudan cada año heredades, y siempre les sobra campo: porque no procuran acrecentar la fertilidad y cantidad de la tierra con el trabajo e industria, plantando árboles, cercando prados y regando huertas. Solo se contentan con que la tierra les de grano y así no reparten el año en tantas partes. Conocen el invierno, primavera y estío, y saben sus nombres; el del otoño no le saben ni sus bienes.

XXVII. Ninguna ambición tienen en sus entierros. Solo que para quemar los cuerpos de los hombres ilustres usan de cierta leña. No echan sobre la hoguera vestidos ni cosas olorosas. Sólo queman con los muertos sus armas y con algunos sus caballos. Hacen los sepulcros de céspedes. Y menosprecian los monumentos grandes y de mucha obra, como enfadosos y pesados a los difuntos. Dejan presto las lágrimas y llanto, y tarde el dolor y tristeza. Tienen por cosa honesta y conveniente para las mujeres el llorar, y para los hombres el acordarse de los difuntos. Esto es lo que, en general, he sabido del origen y costumbre de los Germanos. Ahora diré de los institutos y usos de cada gente de ellos, y en qué se diferencian los unos de los otros; y asimismo las naciones que de Germania pasaron a las Galias.

XXVIII. El divo Julio, príncipe de los autores, escribe que antiguamente la potencia de los Galos fue mayor, y por esto es cosa creíble que también ellos pasaron en Germania: porque, ¿cuánto era lo que podía estorbar ni impedir el río para que cada nación, como fuese haciéndose poderosa, no dejase sus tierras y ocupase las ajenas, que aún eran comunes y no apartadas ni defendidas por la potencia de los reinos? Y así los Helvecios ocuparon la tierra que hay entre la selva Hercinia y el río Meno y el Rhin, y los Boyos pasaron más adelante, y ambas naciones son Galas. Y aún ahora dura el nombre de Boyasmo , que es memoria de aquella nación, aunque los que le habitan son ya otros. Es cosa incierta si los Araviscos, dividiéndose de los Osos , que es nación de Germania, pasaron a Panonia, o si los Osos, dejando a los Araviscos, vinieron a Germania: porque ambas gentes tienen aún ahora el mismo lenguaje y las mismas ordenanzas y costumbres, y porque viviendo antiguamente con una gran pobreza y libertad eran unos mismos los bienes y los males de la una ribera y de la otra. Los Treveros y los Nervios desean y procuran con grande ambición que su origen sea de Germania, como si por esta gloria de la casta dejaran de parecerse a los Galos en el talle y en la flojedad. Los Vangiones, Trebocos y Nemetes , que habitan la ribera del Rhin, sin duda son Germanos. Ni los Ubios tampoco, aunque merecieron ser colonia de los Romanos y se llamen de mejor gana Agripinenses , del nombre de su fundadora, se avergüenzan de su origen, que es de los Germanos. Que habiendo éstos pasado antiguamente el Rhin, por las muchas pruebas que hubo de su fidelidad, los pusieron sobre la misma ribera, no para ser guardados, sino para que la guardasen de los demás.

XXIX. Los Batavos son los más valerosos de estas naciones. No tienen mucha tierra en la ribera del Rhin, pero ocupan una isla de él. Antiguamente fue pueblo de los Catos, y por las disensiones que hubo entre ellos, pasó a estas tierras, para hacerse en ellas parte del imperio romano. Quédales la honra y el testimonio de la compañía antigua, porque no los tratan con menosprecio como a vencidos con la carga de los tributos, ni los cogedores los molestan y maltratan. Viven libres de cargas y de imposiciones, y solamente apartados de los demás para el uso de las batallas, se guardan y reservan como armas para las guerras. Este mismo reconocimiento hacen los matíacos . Que la grandeza del pueblo romano llegó a extender la reverencia y respeto del imperio más allá del Rhin y de los términos antiguos. Y así, aunque viven de la otra parte en su ribera y términos, con todo eso se nos inclina su ánimo y voluuntad. Y en todo lo demás son semejantes a los Batavos, salvo que, como gente que goza del suelo y cielo de su tierra, son más animosos y feroces. No contaré entre los pueblos de Germania los que cultivan los campos decimales , aunque tengan su asiento de la otra parte del Rhin y del

Danubio. La gente más liviana y perdida de los Galos, y a quien daba osadía su pobreza, ocupó estas tierras de dudosa posesión; y como después se alargaron los términos del imperio y los presidios se pasaron más adelante, se hallan ahora en medio de él y son tenidos por parte de la provincia.

XXX. Más adelante de éstos habitan los Catos, comenzando su asiento desde la selva Hercinia, no en lugares tan llanos ni pantanosos como las otras naciones, en que se extiende Germania, sino que hay collados que duran por mucho espacio, y que también van siendo menos poco a poco, y todos ellos están dentro de la selva Hercinia, fuera de la cual no poseen nada. Son los de esta nación dé cuerpos más robustos y de miembros rehechos, y de aspecto feroz y de mayor vigor de ánimo. Tienen mucha industria y astucia para entre Germanos: porque dan los cargos a los mejores, obedecen a sus capitanes, guardan sus puestos, conocen las ocasiones, difieren el ímpetu, reparten el día, fortifícanse de noche, cuentan la fortuna entre las cosas dudosas y la virtud entre las seguras y ciertas, y lo que es más raro, y que no se alcanza sino por razón de la disciplina militar, hacen más fundamento en el capitán que en el ejército. Toda su fuerza consiste en la infantería, la cual, además de las armas, lleva también su comida y los instrumentos de hierro para las obras militares. Los otros Germanos parece que van a dar batalla y los Catos a hacer guerra. Hacen pocas correrías y escaramuzas, y peleas casuales. Esto es propio de la caballería, hacer presto su efecto y retíranse presto. La prisa anda cerca del temor y la dilación de la constancia

XXXI. Lo que entre las otras naciones de Germania se hace pocas veces, y eso por la osadía de algunos, entre los Catos está ya introducido por común consentimiento dé todos; y es que los mancebos dejen crecer el cabello y la barba, y que no se quiten aquella figura de la cara y cabeza, como voto y obligación que hacen a la virtud, sino es sabiendo muerto algún enemigo. Cuando han cumplido su deseo y voto, puestos sobre la sangre y despojos del enemigo, descubren la frente y dicen que entonces han satisfecho a la obligación de haber nacido y que son dignos de su patria y de sus padres. Los flojos, flacos y cobardes, y que son inútiles para la guerra, quedan siempre con aquella suciedad. Los más valientes traen también un anillo de hierro, que es cosa afrentosa para aquella gente, como por prisión, hasta desatarse de ella con haber muerto algún enemigo. Son muchos de los Catos los que gustan de este traje; y con esta insignia llegan a encanecer, y son mirados y respetados de los enemigos y de los suyos. Estos son siempre los que comienzan las batallas. De éstos se forma siempre el primer escuadrón, nuevo en la vista, porque ni aún en tiempo de paz se les quita ni disminuye aquel aspecto horrible ,y espantoso. Ninguno de ellos tiene casa o heredad, ni cuidan de ello: donde quiera que llegan los reciben y sustentan, pródigos de los bienes ajenos y despreciadores de los propios, hasta que con la vejez pierden la sangre y con ella se reducen a estado de no poder llevar tan áspera y rigurosa virtud.

XXXII. Tras los Catos están los Usipios y los Tencteros a la ribera del Rhin, donde ya lleva tanta madre que puede servir de término. Los Tencteros, demás de la reputación que han alcanzado en la guerra, tienen grande ventaja en la caballería, la cual no es menos estimada que la infantería de los Catos. Sus antepasados lo instituyeron y los descendientes los imitan. Estos son los juegos de los niños, las competencias de los mancebos, en que perseveran aun después de viejos. Danse los caballos por parte de la herencia, pero no como las demás cosas al hijo mayor, sino, al que se muestra feroz y mejor para la guerra.

XXXIII. Tras los Tencteros se seguían antiguamente los Bructeros, cuyas tierras se dice que ocupan ahora los Camavos y Angrivarios , habiendo echado de ellas y destruido totalmente a los Bructeros, con consentimiento de las naciones comarcanas, o por el odio que les tenían por su soberbia, o por codicia de la presa, o por favor particular que nos han querido hacer los dioses. Porque aún no nos negaren el espectáculo de la batalla, en que murieron sesenta mil de ellos, sin que interviniesen las armas de los Romanos, sino para gusto y recreación de nuestros ojos, que es cosa más magnífica y gloriosa. Plegue a los dioses, si estas gentes no nos han de amar, que haya entre ellos siempre grandes aborrecimientos; pues que declinando los hados del imperio, ninguna cosa mayor nos puede dar la fortuna que discordias entre los enemigos.

XXXIV. Los Dulgivinos y Casvaros con otras naciones no tan nombradas cierran por las espaldas a los Angrivarios y Camavos, y por la frente los reciben los Frisones, que se llaman mayores y menores según son más o menos poderosos. Estas dos naciones se van extendiendo junto al Rhin hasta el Océano, y rodean también grandísimos lagos, por donde han navegado armas romanas. Y tambIén por aquella parte tentamos con la navegación el mismo Océano . Y la fama publicó que había adelante columnas de Hércules ; o sea que él haya llegado a aquellas partes, o que todas las cosas grandes, de común acuerdo, las atribuimos a su gloria. No faltó osadía a Druso Germánico para averiguarlo, pero estorbáronselo las tempestades; de manera que parece que no quiso el Océano que se inquiriesen sus cosas ni las de Hércules. Después, acá, ninguno lo intentó, y ha aparecido más religioso y más conforme a la reverenda que debemos a los dioses creer sus obras que querer saberlas.

XXXV. Hasta aquí tuvimos conocimiento de Germania por el Occidente. Hacia el Septentrión hace una grande vuelta. Desde los Frisios comienzan luego los Chaucos , que ocupan mucha costa del mar y se van extendiendo al lado de todas las naciones que he nombrado, hasta que revuelven hacia los Catos. Y no solo son señores los Chaucos de tan grande espacio de tierras, sino que las hinchen. Este es un pueblo el más noble de toda Germania y que quiere más conservar su grandeza con justicia que con fuerza; viven quietos y retirados, sin codicia y sin mal apetito; no buscan guerras, ni hacen robos ni latrocinios. Y el mayor argumento de su virtud y fuerzas es que, para ser superiores a todos, no hacen agravio a ninguno. Verdad es que tienen siempre todos prontas las armas. Y siendo necesario pueden armar ejército, porque tienen gran cantidad de hombres y de caballos. Y estando sosegados y en paz, tienen la misma fama y reputación.

XXXVI. Al lado de los Chaucos y de los Catos habitaban los Cheruscos , los cuales, no siendo acometidos de nadie, gozaron largo tiempo de una demasiada paz, y que los fue marchitando. Y esto les fue más gustoso que seguro. Porque el estar sosegados entre vecinos poderosos e insolentes es sosiego falso: donde se procede por armas, la bondad y modestia son los nombres de los superiores. Y así los Cheruscos, que antiguamente llamaban buenos y justos, los llaman ahora necios, flojos y cobardes, y la fortuna de los Catos, que los sujetaron, se convirtió en sabiduría. La ruina de los Cheruscos llevó tras sí a los Fosos , sus vecinos, y vinieron a ser igualmente compañeros suyos en las adversidades, habiendo sido menores en las prosperidades.

XXXVII. Los Cimbros están en aquel mismo seno de Germania, cercanos al Océano,

y es ahora ciudad pequeña, pero de grande nombre. Y vense grandes rastros de su antigua fama; y en ambas riberas hay ruinas de alojamientos y espacios de ellos, por cuyo circuito ahora también podríase medir la grandeza y multitud de su gente y creer que tuvieron aquel grande ejército que se dice. Corría el año seiscientos y cuarenta de la fundación de nuestra ciudad cuando se oyó hablar la primera vez de las armas de los Cimbros, siendo cónsules Cecilio Metelo y Papirio Carbon. Y si desde entonces contamos hasta el segundo consulado de Trajano, hallaremos casi doscientos y diez años, y tantos ha que vamos conquistando a Germania. Y en el medio de tan largo siglo ha habido grandes daños y pérdidas de una parte y de otra. De manera que ni los Samnitas, ni los Cartagineses, ni las provincias de España, ni las de las Galias, ni aun los Partos no nos dieron más avisos de la flaqueza humana, ni nos mostraron más veces que no éramos invencibles; porque más dura y dificultosa cosa es de vencer la libertad de los Germanos que el reino de Arsaces . Porque, ¿con qué otra cosa nos puede dar en rostros el Oriente abatido por Ventidio, sino con la muerte de Craso, habiendo también él perdido a Pacoro, su rey a manos del mismo Ventidio? Pero los Germanos, habiendo preso o desbaratado a Carbon, y Casio y Scauro Aurelio, y Servilio Cepion, quitaron juntamente cinco ejércitos consulares al pueblo romano, y también a César (Augusto), a Varo y tres legiones. Y no los maltrataron y vencieron sin recibir daño Cayo Mario en Italia, el divo Julio en las Galias y Druso, Nerón y Germánico en sus propias tierras. Y después de esto se convirtieron en burla y escarnio las grandes amenazas de Cayo César . Desde entonces hubo ociosidad, y no se movieron hasta que con la ocasión de nuestra discordia y de las guerras civiles, habiendo ganado los alojamientos donde invernaban las legiones, desearon y procuraron también sujetar las provincias de las Galias, de donde después fueron echados. Y poco tiempo ha se triunfó de ellos sin haberlos vencido .

XXXVIII. Ahora hemos de decir de los Suevos , los cuales no son una gente sola, como los Catos o los Tencteros, sino muchas y diferentes naciones, y con propios nombres cada una, aunque en común se llaman Suevos y ocupan la mayor parte de Germania. La insignia de esta gente es enrizarse el cabello y atarle con un nudo. Con esto se diferencian los Suevos de los demás Germanos, y los libres de ellos de los esclavos. Entre las otras gentes se usa poco esto, sino algunos que han emparentado con los Suevos, o por imitarlos, como se suele, pero ninguno lo hace pasados los años de la mocedad. Los Suevos, aun después de canos, andan con el cabello en aquella forma, que causa horror, echado atrás sobre las espaldas, y muchas veces le atan solamente en lo alto de la cabeza. Los príncipes le traen con más curiosidad, y este cuidado tienen de la compostura de su rostro, pero sin mala intención ni culpa; porque no se adornan de esta manera para amar o ser amados, sino que habiendo de ir a las batallas, piensan que con traer el cabello, levantado en esta forma han de causar terror al enemigo cuando pusiere los ojos en ellos.

XXXIX. Los Semnones dicen que son ellos los más antiguos y más nobles de los Suevos, y confírmase la fe de su antigüedad con la religión. Que en cierto tiempo del año se juntan todos los pueblos de aquella nación por sus embajadores en un bosque consagrado de sus antepasados con supersticiones y agüeros, y matando públicamente un hombre por sacrificio, celebran con esto los horribles principios de su bárbaro rito. Reverencian, asimismo, este bosque sagrado con otra ceremonia. Que ninguno entra en él sino atado, como inferior, y mostrando y confesando en eso la potestad de Dios. Y si acaso cae, no es lícito levantarse, y se ha de ir revolcando por el suelo. Y toda esta superstición se endereza a mostrar que

de allí ha tenido origen su gente, y que Dios, señor de todos, habita allí y que todas las demás cosas están sujetas y obedientes. Añade autoridad a esto la multitud de los Semnones, porque habitan cien ciudades y por su grandeza se tienen por cabeza de los Suevos.

XL. Y, por el contrario, ennoblece a los Longobardos su poco número: porque estando, rodeados de muchas y muy belicosas naciones, se conservan y están seguros, no con sumisión y obediencia, sino con batallas y peligros, y poniéndose en ellos. Los Reudignos, Aviones, Anglos, Varinos, Eudoses, Suardones y Nuitones están cercados y amparados de ríos y de bosques. Ninguno de ellos, tiene en particular cosa notable. Todos en común adoran a Hertha, que significa la Madre Tierra, la cual piensan que interviene en las cosas y negocios de los hombres y que entra y anda en los pueblos. En una isla del Océano hay un bosque llamado Casto, y dentro de él un carro consagrado cubierto con una vestidura: no es permitido tocarle sino a un sacerdote. Este conoce cuándo la diosa está en aquel secreto, y con mucha reverenda va siguiendo el carro, que tiran vacas. Son días alegres y regocijados y lugares de fiesta tordos aquellos donde tiene por bien llegar y hospedarse. Y no tratan de cosas de guerra , ni toman las armas, y todo género de ellas está encerrado, y solamente se conoce y ama la paz y quietud, hasta que el mismo sacerdote vuelve la diosa a su templo, harta y cansada de la conversación de los hombres. Y luego se lava en un lago secreto el carro y la vestidura, y la misma diosa, si así lo quisieres creer. Los esclavos sirven en esto, los cuales traga luego el mismo lago: de donde les viene a todos un oculto terror y una santa ignorancia de que pueda ser aquello que ven solamente los que han de perecer.

XLI. Y esta es la parte de los Suevos, que se extiende más adentro de Germania. La más cercana ciudad (para seguir ahora el Danubio, como antes seguí el Rhin), es la de los Hermunduros , gente fiel a los Romanos, y por eso ellos solos entre les Germanos negocian y tratan no solamente en la ribera, pero más adentro, y hasta en la insigne, y famosa colonia de la provincia de Retia. Pasan por todas partes sin llevar guarda. Y siendo así que a las otras naciones de Germania enseñamos solamente nuestras armas y los alojamientos, a éstos abrirnos nuestras casas y heredades, que no las codician. En la tierra de los Hermunduros nace el río Albis , tan celebrado y conocido en otro tiempo, pero ahora no más que de oídas.

XLII. Junto a los Hermunduros habitan los Nariscos, y luego los Marcomanos y los Cuados . La principal gloria y fuerza son las de los Marcomanos, y ganaron con su valor la misma tierra que poseen, echando de ella a los Boyos; pero no degeneran de ellos los Nariscos y los Cuados. Esta es la frontera de Germania por la parte que la ciñe el Danubio. Los Marcornanos y Cuados tuvieron hasta el tiempo de nuestra memoria reyes de su misma gente. Fué noble entre ellos el linaje de Maroboduo y Tudro. Ahora sufren ya imperio de extranjeros, pero la fuerza y poder de sus reyes depende de la autoridad romana. Pocas veces los ayudamos con nuestras armas, pero muchas más con dinero.

XLIII. No son menos poderosos los Marsignos, Gotinos, Osos y Burios, que cierran por las espaldas los Marcornanos y Cuados . De los cuales los Marsignos y Burios se parecen a los Suevos en el traje y lengua. Los Gotinos por la lengua gálica que hablan y los Osos por la panónica muestran no ser Germanos, y también porque sufren tributos: parte de ellos les cargan los Sarmatas y parte los Cuados, como a extranjeros. Los Gotinos, aún por avergonzarlos más, trabajan en las minas de hierro. Tienen todos estos pueblos poca tierra llana; pero hicieron asiento en

bosques y en las cumbres de los montes; porque éstos se continúan hasta el fin de Suevia y la dividen por medio. De la otra parte de estas montañas viven otras muchas gentes, entre las cuales la de los Ligios , es la de mayor nombre y que se extiende por más ciudades. De que bastará referir las más poderosas, que son los Arios, Helveconas, Manimos, Elisios, Naharvalos. En la tierra de los Naharvalos hay un bosque de antigua religión a cargo de un sacerdote que anda con vestido femenil. Los dioses de él, según la interpretación romana, dicen ser Castor y Pólux, y el nombre de aquella deidad es Alcis. No tienen ningunas imágenes suyas, ni hay rastros algunos de superstición extranjera, pero son adorados como hermanos y como mozos. Y los Arios, demás de aventajarse en fuerzas a los pueblos que hemos nombrado poco ha, siendo feroces, ayudan su fiereza natural con el arte y con el tiempo. Traen los escudos negros y los cuerpos teñidos y escogen las noches más oscuras para las batallas; y con el mismo terror y figura de este ejército funeral causan espanto, no pudiendo ninguno de los enemigos sufrir aquella nueva vista y como infernal. Porque los ojos son los primeros que se vencen en las batallas. Tras los Ligios siguen los Gotones , a quien mandan reyes; y aunque están algo más sujetos que las demás naciones de Germania, no les han quitado aún del todo la libertad. En la costa del Océano habitan los Rugios y Lemovios ; y todas estas gentes obedecen a reyes y usan de escudos redondos y espadas cortas.

XLIV. Y luego en el mismo Océano tienen sus ciudades los Suyones , gente poderosa en soldados y armadas. Sus navíos se diferencian de los nuestros en que tienen proa por ambas partes para poder por cualquiera llegar a abordar y a tierra. No usan de velas, ni llevan los remos atados por los costados, sino sueltos y libres, como en algunos ríos, para poderlos mudar al lado que fuese menester. También entre ellos tienen honra y estimación las riquezas, y por esto los manda uno solo; no por permisión suya y por el tiempo que les parece, sino con absoluto poder, sin excepción alguna. Y no se les permite, como a los demás Germanos, el uso de las armas indiferentemente (y que cada uno las traiga y tenga en su casa), sino que están cerradas, y con guarda, y éste esclavo. Porque el Océano prohíbe las entradas y acometimientos repentinos de enemigos; y verdaderamente los hombres con armas en las manos están ociosos, fácilmente se dan al vicio y causan desórdenes. Y no es provechoso para los reyes entregar la guarda de las armas al noble ni al libre, ni aun al libertino.

XLV. Más allá de los Suyones hay otro mar tan perezoso , y que casi no se mueve; y se cree que es el que cerca y ciñe la redondez de la tierra porque después de puesto el sol se ve siempre aquel su resplandor, que deja hasta que vuelve a nacer, de manera que oscurece las estrellas. Y también hay opinión que se oye el ruido que el sol hace al zabullirse en el Océano, y que se ven las figuras de los dioses y los rayos de la cabeza; y es la fama que hay, y verdadera, que hasta allí y no más llega la naturaleza. En. la costa del mar Suevico, a mano derecha, habitan los Estios . Los cuales tienen los ritos y hábitos de los Suevos, y en la lengua se parecen más a la de los Bretones. Adoran a la Madre de los dioses. Y por insignia de su superstición traen unas figuras de jabalíes. Y esto a los que reverencian la diosa sirve de armas y de seguridad y defensa, aun entre los enemigos. Usan poco de hierro y mucho de bastones. Y trabajan más y con más cuidado y sufrimiento en cultivar la tierra y sembrar granos y otros frutos que lo que acostumbra la pereza de los demás Germanos. Navegan también por el mar, escudriñando sus secretos. Y ellos solos cogen en los bajíos y en la misma costa el ámbar amarillo, que llaman gleso. Pero como son bárbaros nunca han procurado saber, ni hallado lo que es ni cómo se

engendra. Y aún mucho tiempo lo solían dejar entre las otras inmundicias que la mar echa, hasta que nuestro apetito y superfluidad le puso nombre y estimación. Ellos no lo usan; cógenle tosco, y como le han hallado nos le traen, sin darle otra figura ni forma, y maravíllanse del precio que reciben por él. Pero bien se puede entender que es licor de algún árbol porque muchas veces se echan de ver en medio de él algunos animalejos y avecillas, que habiéndosele pegado se quedan después allí encerrados cuando se endurece la materia. Yo creería que, como en algunas partes secretas del Oriente se hallan arboledas que producen el incienso y el bálsamo, así también haya árboles más fértiles en las selvas y bosques de las islas y tierra firme del Occidente, cuyos licores, sacados por los rayos del sol que tienen cerca, vienen a caer en la mar junto a ellos, de donde las tempestades y vientos los echan en las otras costas que están enfrente. Si se aprueba la naturaleza del ámbar pegándole fuego, hallaremos que se enciende corno tea y hace una llama grasa y olorosa, y después se ablanda y derrite, quedando como pez y resina. Confinan con los Suyones las gentes de los Sitones , los cuales se les parecen en todo lo demás, y sólo se diferencian en que los señorea una mujer: que tanto como esto degeneran, no solamente de la libertad, sino de la servidumbre misma. Aquí es el fin de Suevia.

XLVI. Estoy en duda si pondré las naciones de los Peuicinos, Venedos y Fennos , entre los Sarmatas o entre los Germanos, aunque los Peucinos, a que algunos llaman Bastarnas, viven como los Germanos en la lengua y hábito, y asiento y casas. La suciedad y entorpecimiento es común a todos. Y habiendo los principales de ellos emparentado con los Sarmatas , se han corrompido algo, haciéndose a su manera de vida. Los Venedos han tomado mucho de sus costumbres, porque, como salteadores, corren todos los montes y sierras que hay entre los Peucinos y los Fennos. Pero con todo eso se cuentan éstos más por Germanos, porque fabrican casas, y traen escudos, y se huelgan de caminar a pie, y son ágiles; todo lo cual es diferente en los Sarmatas, que viven en carros y andan a caballo. Los Fennos tienen una horrible fiereza y una pobreza cruel. No tienen armas, ni caballos, ni casas; susténtase con hierba, vístense de pieles y la tierra les sirve de cama. Consiste toda su esperanza en las flechas, las cuales, a falta de hierro, arman con huesos. Los hombres y mujeres se sustentan de la caza, que ellas de ordinario los acompañan y les piden parte de ella. Los niños no tienen otro refugio ni acogida contra el agua y las fieras, sino algunas enramadas con que se cubren y amparan; a ellas se vuelven los mozos y a ellas se recogen los viejos. Y les parece esto mayor felicidad que cansarse y gemir labrando los campos y fabricando las casas, y traer, entre la esperanza y el miedo, los bienes propios y ajenos. Y viviendo seguros para con los hombres y seguros para con los dioses, han alcanzado una cosa dificultosísima, que aún no tengan necesidades del deseo. Lo demás que se cuenta de la tierra y gente que habita más allá de las que he dicho, todo es fabuloso; como decir que los Helusios y Oxionas tienen las cabezas de hombres y los cuerpos y miembros de fieras. Y así dejaré de tratar de esto, como cosa que no está averiguada.

PART TWO

THE LATIN TEXT OF TACITUS' GERMANIA

P. CORNELI TACITI DE ORIGINE ET SITU GERMANORUM

Ed. D. R. Stuart, The Germania (New York 1916) [The Latin Library]

[1] Germania omnis a Gallis Raetisque et Pannoniis Rheno et Danubio fluminibus, a Sarmatis Dacisque mutuo metu aut montibus separatur: cetera Oceanus ambit, latos sinus et insularum inmensa spatia complectens, nuper cognitis quibusdam gentibus ac regibus, quos bellum aperuit. Rhenus, Raeticarum Alpium inaccesso ac praecipiti vertice ortus, modico flexu in occidentem versus septentrionali Oceano miscetur. Danuvius molli et clementer edito montis Abnobae iugo effusus pluris populos adit, donec in Ponticum mare sex meatibus erumpat: septimum os paludibus hauritur.

[2] Ipsos Germanos indigenas crediderim minimeque aliarum gentium adventibus et hospitiis mixtos, quia nec terra olim, sed classibus advehebantur qui mutare sedes quaerebant, et inmensus ultra utque sic dixerim adversus Oceanus raris ab orbe nostro navibus aditur. Quis porro, praeter periculum horridi et ignoti maris, Asia aut Africa aut Italia relicta Germaniam peteret, informem terris, asperam caelo, tristem cultu adspectuque, nisi si patria sit?

Celebrant carminibus antiquis, quod unum apud illos memoriae et annalium genus est, Tuistonem deum terra editum. Ei filium Mannum, originem gentis conditoremque, Manno tris filios adsignant, e quorum nominibus proximi Oceano Ingaevones, medii Herminones, ceteri Istaevones vocentur. Quidam, ut in licentia vetustatis, pluris deo ortos plurisque gentis appellationes, Marsos Gambrivios Suebos Vandilios adfirmant, eaque vera et antiqua nomina. Ceterum Germaniae vocabulum recens et nuper additum, quoniam qui primi Rhenum transgressi Gallos expulerint ac nunc Tungri, tunc Germani vocati sint: ita nationis nomen, non gentis evaluisse paulatim, ut omnes primum a victore ob metum, mox etiam a se ipsis, invento nomine Germani vocarentur.

[3] Fuisse apud eos et Herculem memorant, primumque omnium virorum fortium ituri in proelia canunt. Sunt illis haec quoque carmina, quorum relatu, quem barditum vocant, accendunt animos futuraeque pugnae fortunam ipso cantu augurantur. Terrent enim trepidantve, prout sonuit acies, nec tam vocis ille quam virtutis concentus videtur. Adfectatur praecipue asperitas soni et fractum murmur, obiectis ad os scutis, quo plenior et gravior vox repercussu intumescat. Ceterum et Ulixen quidam opinantur longo illo et fabuloso errore in hunc Oceanum delatum

adisse Germaniae terras, Asciburgiumque, quod in ripa Rheni situm hodieque incolitur, ab illo constitutum nominatumque; aram quin etiam Ulixi consecratam, adiecto Laertae patris nomine, eodem loco olim repertam, monumentaque et tumulos quosdam Graecis litteris inscriptos in confinio Germaniae Raetiaeque adhuc exstare. Quae neque confirmare argumentis neque refellere in animo est: ex ingenio suo quisque demat vel addat fidem.

[4] Ipse eorum opinionibus accedo, qui Germaniae populos nullis aliis aliarum nationum conubiis infectos propriam et sinceram et tantum sui similem gentem exstitisse arbitrantur. Unde habitus quoque corporum, tamquam in tanto hominum numero, idem omnibus: truces et caerulei oculi, rutilae comae, magna corpora et tantum ad impetum valida: laboris atque operum non eadem patientia, minimeque sitim aestumque tolerare, frigora atque inediam caelo solove adsueverunt.

[5] Terra etsi aliquanto specie differt, in universum tamen aut silvis horrida aut paludibus foeda, umidior qua Gallias, ventosior qua Noricum ac Pannoniam adspicit; satis ferax, frugiferarum arborum inpatiens, pecorum fecunda, sed plerumque improcera. Ne armentis quidem suus honor aut gloria frontis: numero gaudent, eaeque solae et gratissimae opes sunt. Argentum et aurum propitiine an irati di negaverint dubito. Nec tamen adfirmaverim nullam Germaniae venam argentum aurumve gignere: quis enim scrutatus est? Possessione et usu haud perinde adficiuntur. Est videre apud illos argentea vasa, legatis et principibus eorum muneri data, non in alia vilitate quam quae humo finguntur; quamquam proximi ob usum commerciorum aurum et argentum in pretio habent formasque quasdam nostrae pecuniae adgnoscunt atque eligunt. Interiores simplicius et antiquius permutatione mercium utuntur. Pecuniam probant veterem et diu notam, serratos bigatosque. Argentum quoque magis quam aurum sequuntur, nulla adfectione animi, sed quia numerus argenteorum facilior usui est promiscua ac vilia mercantibus.

[6] Ne ferrum quidem superest, sicut ex genere telorum colligitur. Rari gladiis aut maioribus lanceis utuntur: hastas vel ipsorum vocabulo frameas gerunt angusto et brevi ferro, sed ita acri et ad usum habili, ut eodem telo, prout ratio poscit, vel comminus vel eminus pugnent. Et eques quidem scuto frameaque contentus est; pedites et missilia spargunt, pluraque singuli, atque in inmensum vibrant, nudi aut sagulo leves. Nulla cultus iactatio; scuta tantum lectissimis coloribus distinguunt. Paucis loricae, vix uni alterive cassis aut galea. Equi non forma, non velocitate conspicui. Sed nec variare gyros in morem nostrum docentur: in rectum aut uno flexu dextros agunt, ita coniuncto orbe, ut nemo posterior sit. In universum aestimanti plus penes peditem roboris; eoque mixti proeliantur, apta et congruente ad equestrem pugnam velocitate peditum, quos ex omni iuventute delectos ante aciem locant. Definitur et numerus; centeni ex singulis pagis sunt, idque ipsum inter suos vocantur, et quod primo numerus fuit, iam nomen et honor est. Acies per cuneos componitur. Cedere loco, dummodo rursus instes, consilii

quam formidinis arbitrantur. Corpora suorum etiam in dubiis proeliis referunt. Scutum reliquisse praecipuum flagitium, nec aut sacris adesse aut concilium inire ignominioso fas; multique superstites bellorum infamiam laqueo finierunt.

[7] Reges ex nobilitate, duces ex virtute sumunt. Nec regibus infinita aut libera potestas, et duces exemplo potius quam imperio, si prompti, si conspicui, si ante aciem agant, admiratione praesunt. Ceterum neque animadvertere neque vincire, ne verberare quidem nisi sacerdotibus permissum, non quasi in poenam nec ducis iussu, sed velut deo imperante, quem adesse bellantibus credunt. Effigiesque et signa quaedam detracta lucis in proelium ferunt; quodque praecipuum fortitudinis incitamentum est, non casus, nec fortuita conglobatio turmam aut cuneum facit, sed familiae et propinquitates; et in proximo pignora, unde feminarum ululatus audiri, unde vagitus infantium. Hi cuique sanctissimi testes, hi maximi laudatores. Ad matres, ad coniuges vulnera ferunt; nec illae numerare aut exigere plagas pavent, cibosque et hortamina pugnantibus gestant.

[8] Memoriae proditur quasdam acies inclinatas iam et labantes a feminis restitutas constantia precum et obiectu pectorum et monstrata comminus captivitate, quam longe inpatientius feminarum suarum nomine timent, adeo ut efficacius obligentur animi civitatum, quibus inter obsides puellae quoque nobiles imperantur. Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant, nec aut consilia earum aspernantur aut responsa neglegunt. Vidimus sub divo Vespasiano Veledam diu apud plerosque numinis loco habitam; sed et olim Albrunam et compluris alias venerati sunt, non adulatione nec tamquam facerent deas.

[9] Deorum maxime Mercurium colunt, cui certis diebus humanis quoque hostiis litare fas habent. Herculem et Martem concessis animalibus placant. Pars Sueborum et Isidi sacrificat: unde causa et origo peregrino sacro, parum comperi, nisi quod signum ipsum in modum liburnae figuratum docet advectam religionem. Ceterum nec cohibere parietibus deos neque in ullam humani oris speciem adsimulare ex magnitudine caelestium arbitrantur: lucos ac nemora consecrant deorumque nominibus appellant secretum illud, quod sola reverentia vident.

[10] Auspicia sortesque ut qui maxime observant: sortium consuetudo simplex. Virgam frugiferae arbori decisam in surculos amputant eosque notis quibusdam discretos super candidam vestem temere ac fortuito spargunt. Mox, si publice consultetur, sacerdos civitatis, sin privatim, ipse pater familiae, precatus deos caelumque suspiciens ter singulos tollit, sublatos secundum impressam ante notam interpretatur. Si prohibuerunt, nulla de eadem re in eundem diem consultatio; sin permissum, auspiciorum adhuc fides exigitur. Et illud quidem etiam hic notum, avium voces volatusque interrogare; proprium gentis equorum quoque praesagia ac monitus experiri. Publice aluntur isdem nemoribus ac lucis, candidi et nullo mortali opere contacti; quos pressos sacro curru sacerdos ac rex

vel princeps civitatis comitantur hinnitusque ac fremitus observant. Nec ulli auspicio maior fides, non solum apud plebem, sed apud proceres, apud sacerdotes; se enim ministros deorum, illos conscios putant. Est et alia observatio auspiciorum, qua gravium bellorum eventus explorant. Eius gentis, cum qua bellum est, captivum quoquo modo interceptum cum electo popularium suorum, patriis quemque armis, committunt: victoria huius vel illius pro praeiudicio accipitur.

[11] De minoribus rebus principes consultant; de maioribus omnes, ita tamen, ut ea quoque, quorum penes plebem arbitrium est, apud principes pertractentur. Coeunt, nisi quid fortuitum et subitum incidit, certis diebus, cum aut incohatur luna aut impletur; nam agendis rebus hoc auspicatissimum initium credunt. Nec dierum numerum, ut nos, sed noctium computant. Sic constituunt, sic condicunt: nox ducere diem videtur. Illud ex libertate vitium, quod non simul nec ut iussi conveniunt, sed et alter et tertius dies cunctatione coeuntium absumitur. Ut turbae placuit, considunt armati. Silentium per sacerdotes, quibus tum et coercendi ius est, imperatur. Mox rex vel princeps, prout aetas cuique, prout nobilitas, prout decus bellorum, prout facundia est, audiuntur, auctoritate suadendi magis quam iubendi potestate. Si displicuit sententia, fremitu aspernantur; sin placuit, frameas concutiunt. Honoratissimum adsensus genus est armis laudare.

[12] Licet apud concilium accusare quoque et discrimen capitis intendere. Distinctio poenarum ex delicto. Proditores et transfugas arboribus suspendunt, ignavos et imbelles et corpore infames caeno ac palude, iniecta insuper crate, mergunt. Diversitas supplicii illuc respicit, tamquam scelera ostendi oporteat, dum puniuntur, flagitia abscondi. Sed et levioribus delictis pro modo poena: equorum pecorumque numero convicti multantur. Pars multae regi vel civitati, pars ipsi, qui vindicatur, vel propinquis eius exsolvitur. Eliguntur in isdem conciliis et principes, qui iura per pagos vicosque reddunt; centeni singulis ex plebe comites consilium simul et auctoritas adsunt.

[13] Nihil autem neque publicae neque privatae rei nisi armati agunt. Sed arma sumere non ante cuiquam moris, quam civitas suffecturum probaverit. Tum in ipso concilio vel principum aliquis vel pater vel propinqui scuto frameaque iuvenem ornant: haec apud illos toga, hic primus iuventae honos; ante hoc domus pars videntur, mox rei publicae. Insignis nobilitas aut magna patrum merita principis dignationem etiam adulescentulis adsignant: ceteris robustioribus ac iam pridem probatis adgregantur, nec rubor inter comites adspici. Gradus quin etiam ipse comitatus habet, iudicio eius quem sectantur; magnaque et comitum aemulatio, quibus primus apud principem suum locus, et principum, cui plurimi et acerrimi comites. Haec dignitas, hae vires, magno semper et electorum iuvenum globo circumdari, in pace decus, in bello praesidium. Nec solum in sua gente cuique, sed apud finitimas quoque civitates id nomen, ea gloria est, si numero ac virtute

comitatus emineat; expetuntur enim legationibus et muneribus ornantur et ipsa plerumque fama bella profligant.

[14] Cum ventum in aciem, turpe principi virtute vinci, turpe comitatui virtutem principis non adaequare. Iam vero infame in omnem vitam ac probrosum superstitem principi suo ex acie recessisse. Illum defendere, tueri, sua quoque fortia facta gloriae eius adsignare praecipuum sacramentum est. Principes pro victoria pugnant, comites pro principe. Si civitas, in qua orti sunt, longa pace et otio torpeat, plerique nobilium adulescentium petunt ultro eas nationes, quae tum bellum aliquod gerunt, quia et ingrata genti quies et facilius inter ancipitia clarescunt magnumque comitatum non nisi vi belloque tueare; exigunt enim principis sui liberalitate illum bellatorem equum, illam cruentam victricemque frameam. Nam epulae et quamquam incompti, largi tamen apparatus pro stipendio cedunt. Materia munificentiae per bella et raptus. Nec arare terram aut exspectare annum tam facile persuaseris quam vocare hostem et vulnera mereri. Pigrum quin immo et iners videtur sudore adquirere quod possis sanguine parare.

[15] Quotiens bella non ineunt, non multum venatibus, plus per otium transigunt, dediti somno ciboque, fortissimus quisque ac bellicosissimus nihil agens, delegata domus et penatium et agrorum cura feminis senibusque et infirmissimo cuique ex familia; ipsi hebent, mira diversitate naturae, cum idem homines sic ament inertiam et oderint quietem. Mos est civitatibus ultro ac viritim conferre principibus vel armentorum vel frugum, quod pro honore acceptum etiam necessitatibus subvenit. Gaudent praecipue finitimarum gentium donis, quae non modo a singulis, sed et publice mittuntur, electi equi, magna arma, phalerae torquesque; iam et pecuniam accipere docuimus.

[16] Nullas Germanorum populis urbes habitari satis notum est, ne pati quidem inter se iunctas sedes. Colunt discreti ac diversi, ut fons, ut campus, ut nemus placuit. Vicos locant non in nostrum morem conexis et cohaerentibus aedificiis: suam quisque domum spatio circumdat, sive adversus casus ignis remedium sive inscitia aedificandi. Ne caementorum quidem apud illos aut tegularum usus: materia ad omnia utuntur informi et citra speciem aut delectationem. Quaedam loca diligentius inlinunt terra ita pura ac splendente, ut picturam ac lineamenta colorum imitetur. Solent et subterraneos specus aperire eosque multo insuper fimo onerant, suffugium hiemis et receptaculum frugibus, quia rigorem frigorum eius modi loci molliunt, et si quando hostis advenit, aperta populatur, abdita autem et defossa aut ignorantur aut eo ipso fallunt, quod quaerenda sunt.

[17] Tegumen omnibus sagum fibula aut, si desit, spina consertum: cetera intecti totos dies iuxta focum atque ignem agunt. Locupletissimi veste distinguuntur, non fluitante, sicut Sarmatae ac Parthi, sed stricta et singulos artus exprimente. Gerunt et ferarum pelles, proximi ripae neglegenter, ulteriores exquisitius, ut quibus nullus per commercia cultus. Eligunt feras et detracta velamina spargunt maculis

pellibusque beluarum, quas exterior Oceanus atque ignotum mare gignit. Nec alius feminis quam viris habitus, nisi quod feminae saepius lineis amictibus velantur eosque purpura variant, partemque vestitus superioris in manicas non extendunt, nudae brachia ac lacertos; sed et proxima pars pectoris patet.

[18] Quamquam severa illic matrimonia, nec ullam morum partem magis laudaveris. Nam prope soli barbarorum singulis uxoribus contenti sunt, exceptis admodum paucis, qui non libidine, sed ob nobilitatem plurimis nuptiis ambiuntur. Dotem non uxor marito, sed uxori maritus offert. Intersunt parentes et propinqui ac munera probant, munera non ad delicias muliebres quaesita nec quibus nova nupta comatur, sed boves et frenatum equum et scutum cum framea gladioque. In haec munera uxor accipitur, atque in vicem ipsa armorum aliquid viro adfert: hoc maximum vinculum, haec arcana sacra, hos coniugales deos arbitrantur. Ne se mulier extra virtutum cogitationes extraque bellorum casus putet, ipsis incipientis matrimonii auspiciis admonetur venire se laborum periculorumque sociam, idem in pace, idem in proelio passuram ausuramque. Hoc iuncti boves, hoc paratus equus, hoc data arma denuntiant. Sic vivendum, sic pereundum: accipere se, quae liberis inviolata ac digna reddat, quae nurus accipiant, rursusque ad nepotes referantur.

[19] Ergo saepta pudicitia agunt, nullis spectaculorum inlecebris, nullis conviviorum inritationibus corruptae. Litterarum secreta viri pariter ac feminae ignorant. Paucissima in tam numerosa gente adulteria, quorum poena praesens et maritis permissa: abscisis crinibus nudatam coram propinquis expellit domo maritus ac per omnem vicum verbere agit; publicatae enim pudicitiae nulla venia: non forma, non aetate, non opibus maritum invenerit. Nemo enim illic vitia ridet, nec corrumpere et corrumpi saeculum vocatur. Melius quidem adhuc eae civitates, in quibus tantum virgines nubunt et cum spe votoque uxoris semel transigitur. Sic unum accipiunt maritum quo modo unum corpus unamque vitam, ne ulla cogitatio ultra, ne longior cupiditas, ne tamquam maritum, sed tamquam matrimonium ament. Numerum liberorum finire aut quemquam ex adgnatis necare flagitium habetur, plusque ibi boni mores valent quam alibi bonae leges.

[20] In omni domo nudi ac sordidi in hos artus, in haec corpora, quae miramur, excrescunt. Sua quemque mater uberibus alit, nec ancillis ac nutricibus delegantur. Dominum ac servum nullis educationis deliciis dignoscas: inter eadem pecora, in eadem humo degunt, donec aetas separet ingenuos, virtus adgnoscat. Sera iuvenum venus, eoque inexhausta pubertas. Nec virgines festinantur; eadem iuventa, similis proceritas: pares validaeque miscentur, ac robora parentum liberi referunt. Sororum filiis idem apud avunculum qui ad patrem honor. Quidam sanctiorem artioremque hunc nexum sanguinis arbitrantur et in accipiendis obsidibus magis exigunt, tamquam et animum firmius et domum latius teneant.

Heredes tamen successoresque sui cuique liberi, et nullum testamentum. Si liberi non sunt, proximus gradus in possessione fratres, patrui, avunculi. Quanto plus propinquorum, quanto maior adfinium numerus, tanto gratiosior senectus; nec ulla orbitatis pretia.

[21] Suscipere tam inimicitias seu patris seu propinqui quam amicitias necesse est; nec implacabiles durant: luitur enim etiam homicidium certo armentorum ac pecorum numero recipitque satisfactionem universa domus, utiliter in publicum, quia periculosiores sunt inimicitiae iuxta libertatem.

Convictibus et hospitiis non alia gens effusius indulget. Quemcumque mortalium arcere tecto nefas habetur; pro fortuna quisque apparatis epulis excipit. Cum defecere, qui modo hospes fuerat, monstrator hospitii et comes; proximam domum non invitati adeunt. Nec interest: pari humanitate accipiuntur. Notum ignotumque quantum ad ius hospitis nemo discernit. Abeunti, si quid poposcerit, concedere moris; et poscendi in vicem eadem facilitas. Gaudent muneribus, sed nec data imputant nec acceptis obligantur: victus inter hospites comis.

[22] Statim e somno, quem plerumque in diem extrahunt, lavantur, saepius calida, ut apud quos plurimum hiems occupat. Lauti cibum capiunt: separatae singulis sedes et sua cuique mensa. Tum ad negotia nec minus saepe ad convivia procedunt armati. Diem noctemque continuare potando nulli probrum. Crebrae, ut inter vinolentos, rixae raro conviciis, saepius caede et vulneribus transiguntur. Sed et de reconciliandis in vicem inimicis et iungendis adfinitatibus et adsciscendis principibus, de pace denique ac bello plerumque in conviviis consultant, tamquam nullo magis tempore aut ad simplices cogitationes pateat animus aut ad magnas incalescat. Gens non astuta nec callida aperit adhuc secreta pectoris licentia ioci; ergo detecta et nuda omnium mens. Postera die retractatur, et salva utriusque temporis ratio est: deliberant, dum fingere nesciunt, constituunt, dum errare non possunt.

[23] Potui umor ex hordeo aut frumento, in quandam similitudinem vini corruptus: proximi ripae et vinum mercantur. Cibi simplices, agrestia poma, recens fera aut lac concretum: sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem. Adversus sitim non eadem temperantia. Si indulseris ebrietati suggerendo quantum concupiscunt, haud minus facile vitiis quam armis vincentur.

[24] Genus spectaculorum unum atque in omni coetu idem. Nudi iuvenes, quibus id ludicrum est, inter gladios se atque infestas frameas saltu iaciunt. Exercitatio artem paravit, ars decorem, non in quaestum tamen aut mercedem: quamvis audacis lasciviae pretium est voluptas spectantium. Aleam, quod mirere, sobrii inter seria exercent, tanta lucrandi perdendive temeritate, ut, cum omnia defecerunt, extremo ac novissimo iactu de libertate ac de corpore contendant. Victus voluntariam servitutem adit: quamvis iuvenior, quamvis robustior adligari se ac venire patitur.

Ea est in re prava pervicacia; ipsi fidem vocant. Servos condicionis huius per commercia tradunt, ut se quoque pudore victoriae exsolvant.

[25] Ceteris servis non in nostrum morem, descriptis per familiam ministeriis, utuntur: suam quisque sedem, suos penates regit. Frumenti modum dominus aut pecoris aut vestis ut colono iniungit, et servus hactenus paret: cetera domus officia uxor ac liberi exsequuntur. Verberare servum ac vinculis et opere coercere rarum: occidere solent, non disciplina et severitate, sed impetu et ira, ut inimicum, nisi quod impune est. Liberti non multum supra servos sunt, raro aliquod momentum in domo, numquam in civitate, exceptis dumtaxat iis gentibus quae regnantur. Ibi enim et super ingenuos et super nobiles ascendunt: apud ceteros impares libertini libertatis argumentum sunt.

[26] Faenus agitare et in usuras extendere ignotum; ideoque magis servatur quam si vetitum esset. Agri pro numero cultorum ab universis in vices occupantur, quos mox inter se secundum dignationem partiuntur; facilitatem partiendi camporum spatia praestant, Arva per annos mutant, et superest ager. Nec enim cum ubertate et amplitudine soli labore contendunt, ut pomaria conserant et prata separent et hortos rigent: sola terrae seges imperatur. Unde annum quoque ipsum non in totidem digerunt species: hiems et ver et aestas intellectum ac vocabula habent, autumni perinde nomen ac bona ignorantur.

[27] Funerum nulla ambitio: id solum observatur, ut corpora clarorum virorum certis lignis crementur. Struem rogi nec vestibus nec odoribus cumulant: sua cuique arma, quorundam igni et equus adicitur. Sepulcrum caespes erigit: monumentorum arduum et operosum honorem ut gravem defunctis aspernantur. Lamenta ac lacrimas cito, dolorem et tristitiam tarde ponunt. Feminis lugere honestum est, viris meminisse.

Haec in commune de omnium Germanorum origine ac moribus accepimus: nunc singularum gentium instituta ritusque, quatenus differant, quae nationes e Germania in Gallias commigraverint, expediam.

[28] Validiores olim Gallorum res fuisse summus auctorum divus Iulius tradit; eoque credibile est etiam Gallos in Germaniam transgressos: quantulum enim amnis obstabat quo minus, ut quaeque gens evaluerat, occuparet permutaretque sedes promiscuas adhuc et nulla regnorum potentia divisas? Igitur inter

Hercyniam silvam Rhenumque et Moenum amnes Helvetii, ulteriora Boii, Gallica utraque gens, tenuere. Manet adhuc Boihaemi nomen significatque loci veterem memoriam quamvis mutatis cultoribus. Sed utrum Aravisci in Pannoniam ab Osis, Germanorum natione, an Osi ab Araviscis in Germaniam commigraverint, cum eodem adhuc sermone institutis moribus utantur, incertum est, quia pari olim inopia ac libertate eadem utriusque ripae bona malaque erant. Treveri et Nervii circa adfectationem Germanicae originis ultro ambitiosi sunt, tamquam per hanc gloriam sanguinis a similitudine et inertia Gallorum separentur. Ipsam Rheni ripam haud dubie Germanorum populi colunt, Vangiones, Triboci, Nemetes. Ne Ubii quidem, quamquam Romana colonia esse meruerint ac libentius Agrippinenses conditoris sui nomine vocentur, origine erubescunt, transgressi olim et experimento fidei super ipsam Rheni ripam conlocati, ut arcerent, non ut custodirentur.

[29] Omnium harum gentium virtute praecipui Batavi non multum ex ripa, sed insulam Rheni amnis colunt, Chattorum quondam populus et seditione domestica in eas sedes transgressus, in quibus pars Romani imperii fierent. Manet honos et antiquae societatis insigne; nam nec tributis contemnuntur nec publicanus atterit; exempti oneribus et conlationibus et tantum in usum proeliorum sepositi, velut tela atque arma, bellis reservantur. Est in eodem obsequio et Mattiacorum gens; protulit enim magnitudo populi Romani ultra Rhenum ultraque veteres terminos imperii reverentiam. Ita sede finibusque in sua ripa, mente animoque nobiscum agunt, cetera similes Batavis, nisi quod ipso adhuc terrae suae solo et caelo acrius animantur.

Non numeraverim inter Germaniae populos, quamquam trans Rhenum Danuviumque consederint, eos qui decumates agros exercent. Levissimus quisque Gallorum et inopia audax dubiae possessionis solum occupavere; mox limite acto promotisque praesidiis sinus imperii et pars provinciae habentur.

[30] Ultra hos Chatti initium sedis ab Hercynio saltu incohant, non ita effusis ac palustribus locis, ut ceterae civitates, in quas Germania patescit; durant siquidem colles, paulatim rarescunt, et Chattos suos saltus Hercynius prosequitur simul atque deponit. Duriora genti corpora, stricti artus, minax vultus et maior animi vigor. Multum, ut inter Germanos, rationis ac sollertiae: praeponere electos, audire praepositos, nosse ordines, intellegere occasiones, differre impetus, disponere diem, vallare noctem, fortunam inter dubia, virtutem inter certa numerare, quodque rarissimum nec nisi ratione disciplinae concessum, plus reponere in duce quam in exercitu. Omne robur in pedite, quem super arma ferramentis quoque et

copiis onerant: alios ad proelium ire videas, Chattos ad bellum. Rari excursus et fortuita pugna. Equestrium sane virium id proprium, cito parare victoriam, cito cedere: velocitas iuxta formidinem, cunctatio propior constantiae est.

[31] Et aliis Germanorum populis usurpatum raro et privata cuiusque audentia apud Chattos in consensum vertit, ut primum adoleverint, crinem barbamque submittere, nec nisi hoste caeso exuere votivum obligatumque virtuti oris habitum. Super sanguinem et spolia revelant frontem, seque tum demum pretia nascendi rettulisse dignosque patria ac parentibus ferunt: ignavis et imbellibus manet squalor. Fortissimus quisque ferreum insuper anulum (ignominiosum id genti) velut vinculum gestat, donec se caede hostis absolvat. Plurimis Chattorum hic placet habitus, iamque canent insignes et hostibus simul suisque monstrati. Omnium penes hos initia pugnarum; haec prima semper acies, visu nova; nam ne in pace quidem vultu mitiore mansuescunt. Nulli domus aut ager aut aliqua cura: prout ad quemque venere, aluntur, prodigi alieni, contemptores sui, donec exsanguis senectus tam durae virtuti impares faciat.

[32] Proximi Chattis certum iam alveo Rhenum, quique terminus esse sufficiat, Usipi ac Tencteri colunt. Tencteri super solitum bellorum decus equestris disciplinae arte praecellunt; nec maior apud Chattos peditum laus quam Tencteris equitum. Sic instituere maiores; posteri imitantur. Hi lusus infantium, haec iuvenum aemulatio: perseverant senes. Inter familiam et penates et iura successionum equi traduntur: excipit filius, non ut cetera, maximus natu, sed prout ferox bello et melior.

[33] Iuxta Tencteros Bructeri olim occurrebant: nunc Chamavos et Angrivarios inmigrasse narratur, pulsis Bructeris ac penitus excisis vicinarum consensu nationum, seu superbiae odio seu praedae dulcedine seu favore quodam erga nos deorum; nam ne spectaculo quidem proelii invidere. Super sexaginta milia non armis telisque Romanis, sed, quod magnificentius est, oblectationi oculisque ceciderunt. Maneat, quaeso, duretque gentibus, si non amor nostri, at certe odium sui, quando urgentibus imperii fatis nihil iam praestare fortuna maius potest quam hostium discordiam.

[34] Angrivarios et Chamavos a tergo Dulgubnii et Chasuarii cludunt, aliaeque gentes haud perinde memoratae, a fronte Frisii excipiunt. Maioribus minoribusque Frisiis vocabulum est ex modo virium. Utraeque nationes usque ad Oceanum Rheno praetexuntur, ambiuntque inmensos insuper lacus et Romanis classibus navigatos. Ipsum quin etiam Oceanum illa temptavimus: et superesse adhuc Herculis columnas fama vulgavit, sive adiit Hercules, seu quidquid ubique

magnificum est, in claritatem eius referre consensimus. Nec defuit audentia Druso Germanico, sed obstitit Oceanus in se simul atque in Herculem inquiri. Mox nemo temptavit, sanctiusque ac reverentius visum de actis deorum credere quam scire.

[35] Hactenus in occidentem Germaniam novimus; in septentrionem ingenti flexu redit. Ac primo statim Chaucorum gens, quamquam incipiat a Frisiis ac partem litoris occupet, omnium quas exposui gentium lateribus obtenditur, donec in Chattos usque sinuetur. Tam inmensum terrarum spatium non tenent tantum Chauci, sed et implent, populus inter Germanos nobilissimus, quique magnitudinem suam malit iustitia tueri. Sine cupiditate, sine impotentia, quieti secretique nulla provocant bella, nullis raptibus aut latrociniis populantur. Id praecipuum virtutis ac virium argumentum est, quod, ut superiores agant, non per iniurias adsequuntur; prompta tamen omnibus arma ac, si res poscat, exercitus, plurimum virorum equorumque; et quiescentibus eadem fama.

[36] In latere Chaucorum Chattorumque Cherusci nimiam ac marcentem diu pacem inlacessiti nutrierunt: idque iucundius quam tutius fuit, quia inter impotentes et validos falso quiescas: ubi manu agitur, modestia ac probitas nomina superioris sunt. Ita qui olim boni aequique Cherusci, nunc inertes ac stulti vocantur: Chattis victoribus fortuna in sapientiam cessit. Tracti ruina Cheruscorum et Fosi, contermina gens. Adversarum rerum ex aequo socii sunt, cum in secundis minores fuissent.

[37] Eundem Germaniae sinum proximi Oceano Cimbri tenent, parva nunc civitas, sed gloria ingens. Veterisque famae lata vestigia manent, utraque ripa castra ac spatia, quorum ambitu nunc quoque metiaris molem manusque gentis et tam magni exitus fidem. Sescentesimum et quadragesimum annum urbs nostra agebat, cum primum Cimbrorum audita sunt arma, Caecilio Metello et Papirio Carbone consulibus. Ex quo si ad alterum imperatoris Traiani consulatum computemus, ducenti ferme et decem anni colliguntur: tam diu Germania vincitur. Medio tam longi aevi spatio multa in vicem damna. Non Samnis, non Poeni, non Hispaniae Galliaeve, ne Parthi quidem saepius admonuere: quippe regno Arsacis acrior est Germanorum libertas. Quid enim aliud nobis quam caedem Crassi, amisso et ipse Pacoro, infra Ventidium deiectus Oriens obiecerit? At Germani Carbone et Cassio et Scauro Aurelio et Servilio Caepione Gnaeoque Mallio fusis vel captis quinque simul consularis exercitus populo Romano, Varum trisque cum eo legiones etiam Caesari abstulerunt; nec impune C. Marius in Italia, divus Iulius in Gallia, Drusus ac Nero et Germanicus in suis eos sedibus perculerunt. Mox ingentes Gai Caesaris minae in ludibrium versae. Inde otium, donec occasione discordiae nostrae et civilium armorum expugnatis legionum hibernis etiam Gallias adfectavere; ac rursus inde pulsi proximis temporibus triumphati magis quam victi sunt.

[38] Nunc de Suebis dicendum est, quorum non una, ut Chattorum Tencterorumve, gens; maiorem enim Germaniae partem obtinent, propriis adhuc nationibus

nominibusque discreti, quamquam in commune Suebi vocentur. Insigne gentis obliquare crinem nodoque substringere: sic Suebi a ceteris Germanis, sic Sueborum ingenui a servis separantur. In aliis gentibus seu cognatione aliqua Sueborum seu, quod saepe accidit, imitatione, rarum et intra iuventae spatium; apud Suebos usque ad canitiem horrentem capillum retro sequuntur. Ac saepe in ipso vertice religatur; principes et ornatiorem habent. Ea cura formae, sed innoxia; neque enim ut ament amenturve, in altitudinem quandam et terrorem adituri bella compti, ut hostium oculis, armantur.

[39] Vetustissimos se nobilissimosque Sueborum Semnones memorant; fides antiquitatis religione firmatur. Stato tempore in silvam auguriis patrum et prisca formidine sacram omnes eiusdem sanguinis populi legationibus coeunt caesoque publice homine celebrant barbari ritus horrenda primordia. Est et alia luco reverentia: nemo nisi vinculo ligatus ingreditur, ut minor et potestatem numinis prae se ferens. Si forte prolapsus est, attolli et insurgere haud licitum: per humum evolvuntur. Eoque omnis superstitio respicit, tamquam inde initia gentis, ibi regnator omnium deus, cetera subiecta atque parentia. Adicit auctoritatem fortuna Semnonum: centum pagi iis habitantur magnoque corpore efficitur ut se Sueborum caput credant.

[40] Contra Langobardos paucitas nobilitat: plurimis ac valentissimis nationibus cincti non per obsequium, sed proeliis ac periclitando tuti sunt. Reudigni deinde et Aviones et Anglii et Varini et Eudoses et Suardones et Nuithones fluminibus aut silvis muniuntur. Nec quicquam notabile in singulis, nisi quod in commune Nerthum, id est Terram matrem, colunt eamque intervenire rebus hominum, invehi populis arbitrantur. Est in insula Oceani castum nemus, dicatumque in eo vehiculum, veste contectum; attingere uni sacerdoti concessum. Is adesse penetrali deam intellegit vectamque bubus feminis multa cum veneratione prosequitur. Laeti tunc dies, festa loca, quaecumque adventu hospitioque dignatur. Non bella ineunt, non arma sumunt; clausum omne ferrum; pax et quies tunc tantum nota, tunc tantum amata, donec idem sacerdos satiatam conversatione mortalium deam templo reddat. Mox vehiculum et vestes et, si credere velis, numen ipsum secreto lacu abluitur. Servi ministrant, quos statim idem lacus haurit. Arcanus hinc terror sanctaque ignorantia, quid sit illud, quod tantum perituri vident.

[41] Et haec quidem pars Sueborum in secretiora Germaniae porrigitur. Propior, ut, quo modo paulo ante Rhenum, sic nunc Danuvium sequar, Hermundurorum civitas, fida Romanis; eoque solis Germanorum non in ripa commercium, sed penitus atque in splendidissima Raetiae provinciae colonia. Passim et sine custode transeunt; et cum ceteris gentibus arma modo castraque nostra ostendamus, his domos villasque patefecimus non concupiscentibus. In Hermunduris Albis oritur, flumen inclutum et notum olim; nunc tantum auditur.

[42] Iuxta Hermunduros Naristi ac deinde Marcomani et Quadi agunt. Praecipua Marcomanorum gloria viresque, atque ipsa etiam sedes pulsis olim Boiis virtute parta. Nec Naristi Quadive degenerant. Eaque Germaniae velut frons est, quatenus Danuvio peragitur. Marcomanis Quadisque usque ad nostram memoriam reges mansere ex gente ipsorum, nobile Marobodui et Tudri genus: iam et externos patiuntur, sed vis et potentia regibus ex auctoritate Romana. Raro armis nostris, saepius pecunia iuvantur, nec minus valent.

[43] Retro Marsigni, Cotini, Osi, Buri terga Marcomanorum Quadorumque claudunt. E quibus Marsigni et Buri sermone cultuque Suebos referunt: Cotinos Gallica, Osos Pannonica língua coarguit non esse Germanos, et quod tributa patiuntur. Partem tributorum Sarmatae, partem Quadi ut alienigenis imponunt: Cotini, quo magis pudeat, et ferrum effodiunt. Omnesque hi populi pauca campestrium, ceterum saltus et vertices montium iugumque insederunt. Dirimit enim scinditque Suebiam continuum montium iugum, ultra quod plurimae gentes agunt, ex quibus latissime patet Lygiorum nomen in plures civitates diffusum. Valentissimas nominasse sufficiet, Harios, Helveconas, Manimos, Helisios, Nahanarvalos. Apud Nahanarvalos antiquae religionis lucus ostenditur. Praesidet sacerdos muliebri ornatu, sed deos interpretatione Romana Castorem Pollucemque memorant. Ea vis numini, nomen Alcis. Nulla simulacra, nullum peregrinae superstitionis vestigium; ut fratres tamen, ut iuvenes venerantur. Ceterum Harii super vires, quibus enumeratos paulo ante populos antecedunt, truces insitae feritati arte ac tempore lenocinantur: nigra scuta, tincta corpora; atras ad proelia noctes legunt ipsaque formidine atque umbra feralis exercitus terrorem inferunt, nullo hostium sustinente novum ac velut infernum adspectum; nam primi in omnibus proeliis oculi vincuntur.

[44] Trans Lygios Gotones regnantur, paulo iam adductius quam ceterae Germanorum gentes, nondum tamen supra libertatem. Protinus deinde ab Oceano Rugii et Lemovii; omniumque harum gentium insigne rotunda scuta, breves gladii et erga reges obsequium.

Suionum hinc civitates ipso in Oceano praeter viros armaque classibus valent. Forma navium eo differt, quod utrimque prora paratam semper adpulsui frontem agit. Nec velis ministrantur nec remos in ordinem lateribus adiungunt: solutum, ut in quibusdam fluminum, et mutabile, ut res poscit, hinc vel illinc remigium. Est apud illos et opibus honos, eoque unus imperitat, nullis iam exceptionibus, non precario iure parendi. Nec arma, ut apud ceteros Germanos, in promiscuo, sed clausa sub custode, et quidem servo, quia subitos hostium incursus prohibet Oceanus, otiosae porro armatorum manus facile lasciviunt. Enimvero neque nobilem neque ingenuum, ne libertinum quidem armis praeponere regia utilitas est.

[45] Trans Suionas aliud mare, pigrum ac prope inmotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides, quod extremus cadentis iam solis fulgor in ortus edurat

adeo clarus, ut sidera hebetet; sonum insuper emergentis audiri formasque equorum et radios capitis adspici persuasio adicit. Illuc usque (et fama vera) tantum natura. Ergo iam dextro Suebici maris litore Aestiorum gentes adluuntur, quibus ritus habitusque Sueborum, língua Britannicae propior. Matrem deum venerantur. Insigne superstitionis formas aprorum gestant: id pro armis omniumque tutela securum deae cultorem etiam inter hostis praestat. Rarus ferri, frequens fustium usus. Frumenta ceterosque fructus patientius quam pro solita Germanorum inertia laborant. Sed et mare scrutantur, ac soli omnium sucinum, quod ipsi glesum vocant, inter vada atque in ipso litore legunt. Nec quae natura, quaeve ratio gignat, ut barbaris, quaesitum compertumve; diu quin etiam inter cetera eiectamenta maris iacebat, donec luxuria nostra dedit nomen. Ipsis in nullo usu; rude legitur, informe profertur, pretiumque mirantes accipiunt. Sucum tamen arborum esse intellegas, quia terrena quaedam atque etiam volucria animalia plerumque interlucent, quae implicata umore mox durescente materia cluduntur. Fecundiora igitur nemora lucosque sicut Orientis secretis, ubi tura balsamaque sudantur, ita Occidentis insulis terrisque inesse crediderim, quae vicini solis radiis expressa atque liquentia in proximum mare labuntur ac vi tempestatum in adversa litora exundant. Si naturam sucini admoto igni temptes, in modum taedae accenditur alitque flammam pinguem et olentem; mox ut in picem resinamve lentescit. Suionibus Sitonum gentes continuantur. Cetera similes uno differunt, quod femina dominatur; in tantum non modo a libertate sed etiam a servitute degenerant.

[46] Hic Suebiae finis. Peucinorum Venedorumque et Fennorum nationes Germanis an Sarmatis adscribam dubito, quamquam Peucini, quos quidam Bastarnas vocant, sermone, cultu, sede ac domiciliis ut Germani agunt. Sordes omnium ac torpor procerum; conubiis mixtis nonnihil in Sarmatarum habitum foedantur. Venedi multum ex moribus traxerunt; nam quidquid inter Peucinos Fennosque silvarum ac montium erigitur latrociniis pererrant. Hi tamen inter Germanos potius referuntur, quia et domos figunt et scuta gestant et pedum usu ac pernicitate gaudent: quae omnia diversa Sarmatis sunt in plaustro equoque viventibus. Fennis mira feritas, foeda paupertas: non arma, non equi, non penates; victui herba, vestitui pelles, cubile humus: solae in sagittis spes, quas inopia ferri ossibus asperant. Idemque venatus viros pariter ac feminas alit; passim enim comitantur partemque praedae petunt. Nec aliud infantibus ferarum imbriumque suffugium quam ut in aliquo ramorum nexu contegantur: huc redeunt iuvenes, hoc senum receptaculum. Sed beatius arbitrantur quam ingemere agris, inlaborare domibus, suas alienasque fortunas spe metuque versare: securi adversus homines, securi adversus deos rem difficillimam adsecuti sunt, ut illis ne voto quidem opus esset. Cetera iam fabulosa: Hellusios et Oxionas ora hominum voltusque, corpora atque artus ferarum gerere: quod ego ut incompertum in medio relinquam. Tacitus The Latin Library The Classics Page

PART THREE

ENGLISH TRANSLATION OF GERMANIA

A TREATISE ON THE SITUATION, MANNERS AND INHABITANTS OF GERMANY

A TREATISE ON THE SITUATION, MANNERS AND INHABITANTS OF GERMANY

By John Aikin. 1823

https://archive.org/details/atreatiseonsitu00aikigoog

C. CORN. TACITUS. DE SITU, MORIBUS ET POPULIS GERMANIAE

I. Germany is separated from Gaul, Rhaetia, and Pannonia, by the rivers Rhine and Danube; from Sarmatia and Dacia, by mountains and mutual dread. The rest is surrounded by an ocean, embracing broad promontories and vast insular tracts, in which our military expeditions have lately discovered various nations and kingdoms. The Rhine, issuing from the inaccessible and precipitous summit of the Rhaetic Alps, bends gently to the west, and falls into the Northern Ocean. The Danube, poured from the easy and gently raised ridge of Mount Abnoba, visits several nations in its course, till at length it bursts out by six channels into the Pontic sea; a seventh is lost in marshes.

II. The people of Germany appear to me indigenous, and free from intermixture with foreigners, either as settlers or casual visitants. For the emigrants of former ages performed their expeditions not by land, but by water; and that immense, and, if I may so call it, hostile ocean, is rarely navigated by ships from our world. Then, besides the danger of a boisterous and unknown sea, who would relinquish

Asia, Africa, or Italy, for Germany, a land rude in its surface, rigorous in its climate, cheerless to every beholder and cultivator, except a native? In their ancient songs, which are their only records or annals, they celebrate the god Tuisto, sprung from the earth, and his son Mannus, as the fathers and founders of their race. To Mannus they ascribe three sons, from whose names the people bordering on the ocean are called Ingaevones; those inhabiting the central parts, Herminones; the rest, Istaevones. Some, however, assuming the licence of antiquity, affirm that there were more descendants of the god, from whom more appellations were derived; as those of the Marsi, Gambrivii, Suevi, and Vandali; and that these are the genuine and original names. That of Germany, on the other hand, they assert to be a modern addition; for that the people who first crossed the Rhine, and expelled the Gauls, and are now called Tungri, were then named Germans; which appellation of a particular tribe, not of a whole people, gradually prevailed; so that the title of Germans, first assumed by the victors in order to excite terror, was afterwards adopted by the nation in general. They have likewise the tradition of a Hercules of their country, whose praises they sing before those of all other heroes as they advance to battle.

III. A peculiar kind of verses is also current among them, by the recital of which, termed "barding," they stimulate their courage; while the sound itself serves as an augury of the event of the impending combat. For, according to the nature of the cry proceeding from the line, terror is inspired or felt: nor does it seem so much an articulate song, as the wild chorus of valor. A harsh, piercing note, and a broken roar, are the favorite tones; which they render more full and sonorous by applying their mouths to their shields. Some conjecture that Ulysses, in the course of his long and fabulous wanderings, was driven into this ocean, and landed in Germany; and that Asciburgium, a place situated on the Rhine, and at this day inhabited, was founded by him, and named Askipurgion. They pretend that an altar was formerly discovered here, consecrated to Ulysses, with the name of his father Laertes subjoined; and that certain monuments and tombs, inscribed with Greek characters, are still extant upon the confines of Germany and Rhaetia. These allegations I shall neither attempt to confirm nor to refute: let every one believe concerning them as he is disposed.

IV. I concur in opinion with those who deem the Germans never to have intermarried with other nations; but to be a race, pure, unmixed, and stamped with a distinct character. Hence a family likeness pervades the whole, though their numbers are so great: eyes stern and blue; ruddy hair; large bodies, powerful in sudden exertions, but impatient of toil and labor, least of all capable of sustaining thirst and heat. Cold and hunger they are accustomed by their climate and soil to endure.

V. The land, though varied to a considerable extent in its aspect, is yet universally shagged with forests, or deformed by marshes: moister on the side of Gaul, more

bleak on the side of Norieum and Pannonia. It is productive of grain, but unkindly to fruit-trees. It abounds in flocks and herds, but in general of a small breed. Even the beeve kind are destitute of their usual stateliness and dignity of head: they are, however, numerous, and form the most esteemed, and, indeed, the only species of wealth. Silver and gold the gods, I know not whether in their favor or anger, have denied to this country. Not that I would assert that no veins of these metals are generated in Germany; for who has made the search? The possession of them is not coveted by these people as it is by us. Vessels of silver are indeed to be seen among them, which have been presented to their ambassadors and chiefs; but they are held in no higher estimation than earthenware. The borderers, however, set a value on gold and silver for the purpose of commerce, and have learned to distinguish several kinds of our coin, some of which they prefer to others: the remoter inhabitants continue the more simple and ancient usage of bartering commodities. The money preferred by the Germans is the old and well-known species, such as the Serrati and Bigati. They are also better pleased with silver than gold; not on account of any fondness for that metal, but because the smaller money is more convenient in their common and petty merchandise.

VI. Even iron is not plentiful among them; as may be inferred from the nature of their weapons. Swords or broad lances are seldom used; but they generally carry a spear, (called in their language framea,) which has an iron blade, short and narrow, but so sharp and manageable, that, as occasion requires, they employ it either in close or distant fighting. This spear and a shield are all the armor of the cavalry. The foot have, besides, missile weapons, several to each man, which they hurl to an immense distance. They are either naked, or lightly covered with a small mantle; and have no pride in equipage: their shields only are ornamented with the choicest colors. Few are provided with a coat of mail; and scarcely here and there one with a casque or helmet. Their horses are neither remarkable for beauty nor swiftness, nor are they taught the various evolutions practised with us. The cavalry either bear down straight forwards, or wheel once to the right, in so compact a body that none is left behind the rest. Their principal strength, on the whole, consists in their infantry: hence in an engagement these are intermixed with the cavalry; so Well accordant with the nature of equestrian combats is the agility of those foot soldiers, whom they select from the whole body of their youth, and place in the front of the line. Their number, too, is determined; a hundred from each canton: and they are distinguished at home by a name expressive of this circumstance; so that what at first was only an appellation of number, becomes thenceforth a title of honor. Their line of battle is disposed in wedges. To give ground, provided they rally again, is considered rather as a prudent strategem, than cowardice. They carry off their slain even while the battle remains undecided. The greatest disgrace that can befall them is to have abandoned their shields. A person branded with this ignominy is not permitted to join in their religious rites, or enter their assemblies; so that many, after escaping from battle, have put an end to their infamy by the halter.

VII. In the election of kings they have regard to birth; in that of generals, to valor. Their kings have not an absolute or unlimited power; and their generals command less through the force of authority, than of example. If they are daring, adventurous, and conspicuous in action, they procure obedience from the admiration they inspire. None, however, but the priests are permitted to judge offenders, to inflict bonds or stripes; so that chastisement appears not as an act of military discipline, but as the instigation of the god whom they suppose present with warriors. They also carry with them to battle certain images and standards taken from the sacred groves. It is a principal incentive to their courage, that their squadrons and battalions are not formed by men fortuitously collected, but by the assemblage of families and clans. Their pledges also are near at hand; they have within hearing the yells of their women, and the cries of their children. These, too, are the most revered witnesses of each man's conduct, these his most liberal applauders. To their mothers and their wives they bring their wounds for relief, nor do these dread to count or to search out the gashes. The women also administer food and encouragement to those who are fighting.

VIII. Tradition relates, that armies beginning to give way have been rallied by the females, through the earnestness of their supplications, the interposition of their bodies, and the pictures they have drawn of impending slavery, a calamity which these people bear with more impatience for their women than themselves; so that those states who have been obliged to give among their hostages the daughters of noble families, are the most effectually bound to fidelity. They even suppose somewhat of sanctity and prescience to be inherent in the female sex; and therefore neither despise their counsels, nor disregard their responses. We have beheld, in the reign of Vespasian, Veleda, long reverenced by many as a deity. Aurima, moreover, and several others, were formerly held in equal veneration, but not with a servile flattery, nor as though they made them goddesses.

IX. Of the gods, Mercury is the principal object of their adoration; whom, on certain days, they think it lawful to propitiate even with human victims. To Hercules and Mars they offer the animals usually allotted for sacrifice. Some of the Suevi also perform sacred rites to Isis. What was the cause and origin of this foreign worship, I have not been able to discover; further than that her being represented with the symbol of a galley, seems to indicate an imported religion. They conceive it unworthy the grandeur of celestial beings to confine their deities within walls, or to represent them under a human similitude: woods and groves are their temples; and they affix names of divinity to that secret power, which they behold with the eye of adoration alone.

X. No people are more addicted to divination by omens and lots. The latter is performed in the following simple manner. They cut a twig from a fruit-tree, and divide it into small pieces, which, distinguished by certain marks, are thrown promiscuously upon a white garment. Then, the priest of the canton, if the occasion

be public; if private, the master of the family; after an invocation of the gods, with his eyes lifted up to heaven, thrice takes out each piece, and, as they come up, interprets their signification according to the marks fixed upon them. If the result prove unfavorable, there is no more consultation on the same affair that day; if propitious, a confirmation by omens is still required. In common with other nations, the Germans are acquainted with the practice of auguring from the notes and flight of birds; but it is peculiar to them to derive admonitions and presages from horses also. Certain of these animals, milk-white, and untouched by earthly labor, are pastured at the public expense in the sacred woods and groves. These, yoked to a consecrated chariot, are accompanied by the priest, and king, or chief person of the community, who attentively observe their manner of neighing and snorting; and no kind of augury is more credited, not only among the populace, but among the nobles and priests. For the latter consider themselves as the ministers of the gods, and the horses, as privy to the divine will. Another kind of divination, by which they explore the event of momentous wars, is to oblige a prisoner, taken by any means whatsoever from the nation with whom they are at variance, to fight with a picked man of their own, each with his own country's arms; and, according as the victory falls, they presage success to the one or to the other party.

XI. On affairs of smaller moment, the chiefs consult; on those of greater importance, the whole community; yet with this circumstance, that what is referred to the decision of the people, is first maturely discussed by the chiefs. They assemble, unless upon some sudden emergency, on stated days, either at the new or full moon, which they account the most auspicious season for beginning any enterprise. Nor do they, in their computation of time, reckon, like us, by the number of days, but of nights. In this way they arrange their business; in this way they fix their appointments; so that, with them, the night seems to lead the day. An inconvenience produced by their liberty is, that they do not all assemble at a stated time, as if it were in obedience to a command; but two or three days are lost in the delays of convening. When they all think fit, they sit down armed. Silence is proclaimed by the priests, who have on this occasion a coercive power. Then the king, or chief, and such others as are conspicuous for age, birth, military renown, or eloquence, are heard; and gain attention rather from their ability to persuade, than their authority to command. If a proposal displease, the assembly reject it by an inarticulate murmur; if it prove agreeable, they clash their javelins; for the most honorable expression of assent among them is the sound of arms.

XII. Before this council, it is likewise allowed to exhibit accusations, and to prosecute capital offences. Punishments are varied according to the nature of the crime. Traitors and deserters are hung upon trees: cowards, dastards, and those guilty of unnatural practices, are suffocated in mud under a hurdle. This difference of punishment has in view the principle, that villainy should be exposed while it is punished, but turpitude concealed. The penalties annexed to slighter offences are also proportioned to the delinquency. The convicts are fined in horses

and cattle: part of the mulct goes to the king or state; part to the injured person, or his relations. In the same assemblies chiefs are also elected, to administer justice through the cantons and districts. A hundred companions, chosen from the people, attended upon each of them, to assist them as well with their advice as their authority.

XIII. The Germans transact no business, public or private, without being armed: but it is not customary for any person to assume arms till the state has approved his ability to use them. Then, in the midst of the assembly, either one of the chiefs, or the father, or a relation, equips the youth with a shield and javelin. These are to them the manly gown; this is the first honor conferred on youth: before this they are considered as part of a household; afterwards, of the state. The dignity of chieftain is bestowed even on mere lads, whose descent is eminently illustrious, or whose fathers have performed signal services to the public; they are associated, however, with those of mature strength, who have already been declared capable of service; nor do they blush to be seen in the rank of companions. For the state of companionship itself has its several degrees, determined by the judgment of him whom they follow; and there is a great emulation among the companions, which shall possess the highest place in the favor of their chief; and among the chiefs, which shall excel in the number and valor of his companions. It is their dignity, their strength, to be always surrounded with a large body of select youth, an ornament in peace, a bulwark in war. And not in his own country alone, but among the neighboring states, the fame and glory of each chief consists in being distinguished for the number and bravery of his companions. Such chiefs are courted by embassies; distinguished by presents; and often by their reputation alone decide a war.

XIV. In the field of battle, it is disgraceful for the chief to be surpassed in valor; it is disgraceful for the companions not to equal their chief; but it is reproach and infamy during a whole succeeding life to retreat from the field surviving him. To aid, to protect him; to place their own gallant actions to the account of his glory, is their first and most sacred engagement. The chiefs fight for victory; the companions for their chief. If their native country be long sunk in peace and inaction, many of the young nobles repair to some other state then engaged in war. For, besides that repose is unwelcome to their race, and toils and perils afford them a better opportunity of distinguishing themselves; they are unable, without war and violence, to maintain a large train of followers. The companion requires from the liberality of his chief, the warlike steed, the bloody and conquering spear: and in place of pay, he expects to be supplied with a table, homely indeed, but plentiful. The funds for this munificence must be found in war and rapine; nor are they so easily persuaded to cultivate the earth, and await the produce of the seasons, as to challenge the foe, and expose themselves to wounds; nay, they even think it base and spiritless to earn by sweat what they might purchase with blood.

XV. During the intervals of war, they pass their time less in hunting than in a sluggish repose, divided between sleep and the table. All the bravest of the warriors, committing the care of the house, the family affairs, and the lands, to the women, old men, and weaker part of the domestics, stupefy themselves in inaction: so wonderful is the contrast presented by nature, that the same persons love indolence, and hate tranquillity! It is customary for the several states to present, by voluntary and individual contributions, cattle or grain to their chiefs; which are accepted as honorary gifts, while they serve as necessary supplies. They are peculiarly pleased with presents from neighboring nations, offered not only by individuals, but by the community at large; such as fine horses, heavy armor, rich housings, and gold chains. We have now taught them also to accept of money.

XVI. It is well known that none of the German nations inhabit cities; or even admit of contiguous settlements. They dwell scattered and separate, as a spring, a meadow, or a grove may chance to invite them. Their villages are laid out, not like ours in rows of adjoining buildings; but every one surrounds his house with a vacant space, either by way of security against fire, or through ignorance of the art of building. For, indeed, they are unacquainted with the use of mortar and tiles; and for every purpose employ rude unshapen timber, fashioned with no regard to pleasing the eye. They bestow more than ordinary pains in coating certain parts of their buildings with a kind of earth, so pure and shining that it gives the appearance of painting. They also dig subterraneous caves, and cover them over with a great quantity of dung. These they use as winter-retreats, and granaries; for they preserve a moderate temperature; and upon an invasion, when the open country is plundered, these recesses remain unviolated, either because the enemy is ignorant of them, or because he will not trouble himself with the search.

XVII. The clothing common to all is a sagum fastened by a clasp, or, in want of that, a thorn. With no other covering, they pass whole days on the hearth, before the fire. The more wealthy are distinguished by a vest, not flowing loose, like those of the Sarmatians and Parthians, but girt close, and exhibiting the shape of every limb. They also wear the skins of beasts, which the people near the borders are less curious in selecting or preparing than the more remote inhabitants, who cannot by commerce procure other clothing. These make choice of particular skins, which they variegate with spots, and strips of the furs of marine animals, the produce of the exterior ocean, and seas to us unknown. The dress of the women does not differ from that of the men; except that they more frequently wear linen, which they stain with purple; and do not lengthen their upper garment into sleeves, but leave exposed the whole arm, and part of the breast.

XVIII. The matrimonial bond is, nevertheless, strict and severe among them; nor is there anything in their manners more commendable than this. Almost singly among the barbarians, they content themselves with one wife; a very few of them excepted, who, not through incontinence, but because their alliance is solicited on

account of their rank, practise polygamy. The wife does not bring a dowry to her husband, but receives one from him. The parents and relations assemble, and pass their approbation on the presents—presents not adapted to please a female taste, or decorate the bride; but oxen, a caparisoned steed, a shield, spear, and sword. By virtue of these, the wife is espoused; and she in her turn makes a present of some arms to her husband. This they consider as the firmest bond of union; these, the sacred mysteries, the conjugal deities. That the woman may not think herself excused from exertions of fortitude, or exempt from the casualties of war, she is admonished by the very ceremonial of her marriage, that she comes to her husband as a partner in toils and dangers; to suffer and to dare equally with him, in peace and in war: this is indicated by the yoked oxen, the harnessed steed, the offered arms. Thus she is to live; thus to die. She receives what she is to return inviolate and honored to her children; what her daughters-in-law are to receive, and again transmit to her grandchildren.

XIX. They live, therefore, fenced around with chastity; corrupted by no seductive spectacles, no convivial incitements. Men and women are alike unacquainted with clandestine correspondence. Adultery is extremely rare among so numerous a people. Its punishment is instant, and at the pleasure of the husband. He cuts off the hair of the offender, strips her, and in presence of her relations expels her from his house, and pursues her with stripes through the whole village. Nor is any indulgence shown to a prostitute. Neither beauty, youth, nor riches can procure her a husband: for none there looks on vice with a smile, or calls mutual seduction the way of the world. Still more exemplary is the practice of those states in which none but virgins marry, and the expectations and wishes of a wife are at once brought to a period. Thus, they take one husband as one body and one life; that no thought, no desire, may extend beyond him; and he may be loved not only as their husband, but as their marriage. To limit the increase of children, or put to death any of the later progeny is accounted infamous: and good habits have there more influence than good laws elsewhere.

XX. In every house the children grow up, thinly and meanly clad, to that bulk of body and limb which we behold with wonder. Every mother suckles her own children, and does not deliver them into the hands of servants and nurses. No indulgence distinguishes the young master from the slave. They lie together amidst the same cattle, upon the same ground, till age separates, and valor marks out, the free-born. The youths partake late of the pleasures of love, and hence pass the age of puberty unexhausted: nor are the virgins hurried into marriage; the same maturity, the same full growth is required: the sexes unite equally matched and robust; and the children inherit the vigor of their parents. Children are regarded with equal affection by their maternal uncles as by their fathers: some even consider this as the more sacred bond of consanguinity, and prefer it in the requisition of hostages, as if it held the mind by a firmer tie, and the family by a more extensive obligation. A person's own children, however, are his heirs and

successors; and no wills are made. If there be no children, the next in order of inheritance are brothers, paternal and maternal uncles. The more numerous are a man's relations and kinsmen, the more comfortable is his old age; nor is it here any advantage to be childless.

XXI. It is an indispensable duty to adopt the enmities of a father or relation, as well as their friendships: these, however, are not irreconcilable or perpetual. Even homicide is atoned by a certain fine in cattle and sheep; and the whole family accepts the satisfaction, to the advantage of the public weal, since quarrels are most dangerous in a free state. No people are more addicted to social entertainments, or more liberal in the exercise of hospitality. To refuse any person whatever admittance under their roof, is accounted flagitious. Every one according to his ability feasts his guest: when his provisions are exhausted, he who was late the host, is now the guide and companion to another hospitable board. They enter the next house uninvited, and are received with equal cordiality. No one makes a distinction with respect to the rights of hospitality, between a stranger and an acquaintance. The departing guest is presented with whatever he may ask for; and with the same freedom a boon is desired in return. They are pleased with presents; but think no obligation incurred either when they give or receive.

XXII. [Their manner of living with their guest is easy and affable] As soon as they arise from sleep, which they generally protract till late in the day, they bathe, usually in warm water, as cold weather chiefly prevails there. After bathing they take their meal, each on a distinct seat, and a a separate table. Then they proceed, armed, to business, and not less frequently to convivial parties, in which it is no disgrace to pass days and nights, without intermission, in drinking. The frequent quarrels that arise amongst them, when intoxicated, seldom terminate in abusive language, but more frequently in blood. In their feasts, they generally deliberate on the reconcilement of enemies, on family alliances, on the appointment of chiefs, and finally on peace and war; conceiving that at no time the soul is more opened to sincerity, or warmed to heroism. These people, naturally void of artifice or disguise, disclose the most secret emotions of their hearts in the freedom of festivity. The minds of all being thus displayed without reserve, the subjects of their deliberation are again canvassed the next day; and each time has its advantages. They consult when unable to dissemble; they determine when not liable to mistake.

XXIII. Their drink is a liquor prepared from barley or wheat brought by fermentation to a certain resemblance of wine. Those who border on the Rhine also purchase wine. Their food is simple; wild fruits, fresh venison, or coagulated milk. They satisfy hunger without seeking the elegances and delicacies of the table. Their thirst for liquor is not quenched with equal moderation. If their propensity to drunkenness be gratified to the extent of their wishes, intemperance proves as effectual in subduing them as the force of arms.

XXIV. They have only one kind of public spectacle, which is exhibited in every company. Young men, who make it their diversion, dance naked amidst drawn swords and presented spears. Practice has conferred skill at this exercise; and skill has given grace; but they do not exhibit for hire or gain: the only reward of this pastime, though a hazardous one, is the pleasure of the spectators. What is extraordinary, they play at dice, when sober, as a serious business: and that with such a desperate venture of gain or loss, that, when everything else is gone, they set their liberties and persons on the last throw. The loser goes into voluntary servitude; and, though the youngest and strongest, patiently suffers himself to be bound and sold. Such is their obstinacy in a bad practice—they themselves call it honor. The slaves thus acquired are exchanged away in commerce, that the winner may get rid of the scandal of his victory.

XXV. The rest of their slaves have not, like ours, particular employments in the family allotted them. Each is the master of a habitation and household of his own. The lord requires from him a certain quantity of grain, cattle, or cloth, as from a tenant; and so far only the subjection of the slave extends. His domestic offices are performed by his own wife and children. It is usual to scourge a slave, or punish him with chains or hard labor. They are sometimes killed by their masters; not through severity of chastisement, but in the heat of passion, like an enemy; with this difference, that it is done with impunity. Freedmen are little superior to slaves; seldom filling any important office in the family; never in the state, except in those tribes which are under regal government. There, they rise above the free-born, and even the nobles: in the rest, the subordinate condition of the freedmen is a proof of freedom.

XXVI. Lending money upon interest, and increasing it by usury, is unknown amongst them: and this ignorance more effectually prevents the practice than a prohibition would do. The lands are occupied by townships, in allotments proportional to the number of cultivators; and are afterwards parcelled out among the individuals of the district, in shares according to the rank and condition of each person. The wide extent of plain facilitates this partition. The arable lands are annually changed, and a part left fallow; nor do they attempt to make the most of the fertility and plenty of the soil, by their own industry in planting orchards, inclosing meadows, and watering gardens. Corn is the only product required from the earth: hence their year is not divided into so many seasons as ours; for, while they know and distinguish by name Winter, Spring, and Summer, they are unacquainted equally with the appellation and bounty of Autumn.

XXVII. Their funerals are without parade. The only circumstance to which they attend, is to burn the bodies of eminent persons with some particular kinds of wood. Neither vestments nor perfumes are heaped upon the pile: the arms of the deceased, and sometimes his horse, are given to the flames. The tomb is a mound of turf. They contemn the elaborate and costly honours of monumental structures,

as mere burthens to the dead. They soon dismiss tears and lamentations; slowly, sorrow and regret. They think it the women's part to bewail their friends, the men's to remember them.

XXVIII. This is the sum of what I have been able to learn concerning the origin and manners of the Germans in general. I now proceed to mention those particulars in which they differ from each other; and likewise to relate what nations have migrated from Germany into Gaul. That great writer, the deified Julius, asserts that the Gauls were formerly the superior people; whence it is probable that some Gallic colonies passed over into Germany: for how small an obstacle would a river be to prevent any nation, as it increased in strength, from occupying or changing settlements as yet lying in common, and unappropriated by the power of monarchies! Accordingly, the tract betwixt the Hercynian forest and the rivers Rhine and Mayne was possessed by the Helvetii: and that beyond, by the Boii; both Gallic tribes. The name of Boiemum still remains, a memorial of the ancient settlement, though its inhabitants are now changed. But whether the Aravisci migrated into Pannonia from the Osi, a German nation; or the Osi into Germany from the Aravisci; the language, institutions, and manners of both being still the same, is a matter of uncertainty; for, in their pristine state of equal indigence and equal liberty, the same advantages and disadvantages were common to both sides of the river. The Treveri and Nervii are ambitious of being thought of German origin; as if the reputation of this descent would distinguish them from the Gauls, whom they resemble in person and effeminacy. The Vangiones, Triboci, and Nemetes, who inhabit the bank of the Rhine, are without doubt German tribes. Nor do the Ubii, although they have been thought worthy of being made a Roman colony, and are pleased in bearing the name of Agrippinenses from their founder, blush to acknowledge their origin from Germany; from whence they formerly migrated, and for their approved fidelity were settled on the bank of the Rhine, not that they might be guarded themselves, but that they might serve as a guard against invaders.

XXIX. Of all these people, the most famed for valor are the Batavi; whose territories comprise but a small part of the banks of the Rhine, but consist chiefly of an island within it. These were formerly a tribe of the Catti, who, on account of an intestine division, removed to their present settlements, in order to become a part of the Roman empire. They still retain this honor, together with a memorial of their ancient alliance; for they are neither insulted by taxes, nor oppressed by farmers of the revenue. Exempt from fiscal burthens and extraordinary contributions, and kept apart for military use alone, they are reserved, like a magazine of arms, for the purposes of war. The nation of the Mattiaci is under a degree of subjection of the same kind: for the greatness of the Roman people has carried a reverence for the empire beyond the Rhine and the ancient limits. The Mattiaci, therefore, though occupying a settlement and borders on the opposite side of the river, from sentiment and attachment act with us; resembling the Batavi in every respect,

except that they are animated with a more vigorous spirit by the soil and air of their own country. I do not reckon among the people of Germany those who occupy the Decumate lands, although inhabiting between the Rhine and Danube. Some of the most fickle of the Gauls, rendered daring through indigence, seized upon this district of uncertain property. Afterwards, our boundary line being advanced, and a chain of fortified posts established, it became a skirt of the empire, and part of the Roman province.

XXX. Beyond these dwell the Catti, whose settlements, beginning from the Hercynian forest, are in a tract of country less open and marshy than those which overspread the other states of Germany; for it consists of a continued range of hills, which gradually become more scattered; and the Hercynian forest both accompanies and leaves behind, its Catti. This nation is distinguished by hardier frames, compactness of limb, fierceness of countenance, and superior vigor of mind. For Germans, they have a considerable share of understanding and sagacity; they choose able persons to command, and obey them when chosen; keep their ranks; seize opportunities; restrain impetuous motions; distribute properly the business of the day; intrench themselves against the night; account fortune dubious, and valor only certain; and, what is extremely rare, and only a consequence of discipline, depend more upon the general than the army. Their force consists entirely in infantry; who, besides their arms, are obliged to carry tools and provisions. Other nations appear to go to a battle; the Catti, to war. Excursions and casual encounters are rare amongst them. It is, indeed, peculiar to cavalry soon to obtain, and soon to yield, the victory. Speed borders upon timidity; slow movements are more akin to steady valor.

XXXI. A custom followed among the other German nations only by a few individuals, of more daring spirit than the rest, is adopted by general consent among the Catti. From the time they arrive at years of maturity they let their hair and beard grow; and do not divest themselves of this votive badge, the promise of valor, till they have slain an enemy. Over blood and spoils they unveil the countenance, and proclaim that they have at length paid the debt of existence, and have proved themselves worthy of their country and parents. The cowardly and effeminate continue in their squalid disguise. The bravest among them wear also an iron ring (a mark of ignominy in that nation) as a kind of chain, till they have released themselves by the slaughter of a foe. Many of the Catti assume this distinction, and grow hoary under the mark, conspicuous both to foes and friends. By these, in every engagement, the attack is begun: they compose the front line, presenting a new spectacle of terror. Even in peace they do not relax the sternness of their aspect. They have no house, land, or domestic cares: they are maintained by whomsoever they visit: lavish of another's property, regardless of their own; till the debility of age renders them unequal to such a rigid course of military virtue.

XXXII. Next to the Catti, on the banks of the Rhine, where, now settled in its channel, it is become a sufficient boundary, dwell the Usipii and Tencteri. The latter people, in addition to the usual military reputation, are famed for the discipline of their cavalry; nor is the infantry of the Catti in higher estimation than the horse of the Tencteri. Their ancestors established it, and are imitated by posterity. Horsemanship is the sport of their children, the point of emulation of their youth, and the exercise in which they persevere to old age. Horses are bequeathed along with the domestics, the household gods, and the rights of inheritance: they do not, however, like other things, go to the eldest son, but to the bravest and most warlike.

XXXIII. Contiguous to the Tencteri were formerly the Bructeri; but report now says that the Chamavi and Angrivarii, migrating into their country, have expelled and entirely extirpated them, with the concurrence of the neighboring nations, induced either by hatred of their arrogance, love of plunder, or the favor of the gods towards the Romans. For they even gratified us with the spectacle of a battle, in which above sixty thousand Germans were slain, not by Roman arms, but, what was still grander, by mutual hostilities, as it were for our pleasure and entertainment. May the nations retain and perpetuate, if not an affection for us, at least an animosity against each other! since, while the fate of the empire is thus urgent, fortune can bestow no higher benefit upon us, than the discord of our enemies.

XXXIV. Contiguous to the Angrivarii and Chamavi backwards lie the Dulgibini, Chasauri, and other nations less known. In front, the Frisii succeed; who are distinguished by the appellations of Greater and Lesser, from their proportional power. The settlements of both stretch along the border of the Rhine to the ocean; and include, besides, vast lakes, which have been navigated by Roman fleets. We have even explored the ocean itself on that side; and fame reports that columns of Hercules are still remaining on that coast; whether it be that Hercules was ever there in reality, or that whatever great and magnificent is anywhere met with is, by common consent, ascribed to his renowned name. The attempt of Drusus Germanicus to make discoveries in these parts was sufficiently daring; but the ocean opposed any further inquiry into itself and Hercules. After a while no one renewed the attempt; and it was thought more pious and reverential to believe the actions of the gods, than to investigate them.

XXXV. Hitherto we have traced the western side of Germany. It turns from thence with a vast sweep to the north: and first occurs the country of the Chauci, which, though it begins immediately from Frisia, and occupies part of the seashore, yet stretches so far as to border on all the nations before mentioned, till it winds round so as to meet the territories of the Catti. This immense tract is not only possessed, but filled by the Chauci; a people the noblest of the Germans, who choose to maintain their greatness by justice rather than violence. Without ambition, without ungoverned desires, quiet and retired, they provoke no wars, they are guilty of no

rapine or plunder; and it is a principal proof of their power and bravery, that the superiority they possess has not been acquired by unjust means. Yet all have arms in readiness; and, if necessary, an army is soon raised: for they abound in men and horses, and maintain their military reputation even in inaction.

XXXVI. Bordering on the Chauci and Catti are the Cherusci; who, for want of an enemy, long cherished a too lasting and enfeebling peace: a state more flattering than secure; since the repose enjoyed amidst ambitious and powerful neighbors is treacherous; and when an appeal is made to the sword, moderation and probity are names appropriated by the victors. Thus, the Cherusci, who formerly bore the titles of just and upright, are now charged with cowardice and folly; and the good fortune of the Catti, who subdued them, has grown into wisdom. The ruin of the Cherusci involved that of the Fosi, a neighboring tribe, equal partakers of their adversity, although they had enjoyed an inferior share of their prosperity.

XXXVII. In the same quarter of Germany, adjacent to the ocean, dwell the Cimbri; a small state at present, but great in renown. Of their past grandeur extensive vestiges still remain, in encampments and lines on either shore, from the compass of which the strength and numbers of the nation may still be computed, and credit derived to the account of so prodigious an army. It was in the th year of Rome that the arms of the Cimbri were first heard of, under the consulate of Caecilius Metellus and Papirius Carbo; from which era to the second consulate of the emperor Trajan is a period of nearly years. So long has Germany withstood the arms of Rome. During this long interval many mutual wounds have been inflicted. Not the Samnite, the Carthaginian, Spain, Gaul, or Parthia, have given more frequent alarms; for the liberty of the Germans is more vigorous than the monarchy of the Arsacidae. What has the East, which has itself lost Pacorus, and suffered an overthrow from Ventidius, to boast against us, but the slaughter of Crassus? But the Germans, by the defeat or capture of Carbo, Cassius, Scaurus Aurelius, Servilius Caepio, and Cneius Manlius, deprived the Roman people of five consular armies; and afterwards took from Augustus himself Varus with three legions. Nor did Caius Marius in Italy, the deified Julius in Gaul, or Drusus, Nero, or Germanicus in their own country, defeat then without loss. The subsequent mighty threats of Caligula terminated in ridicule. Then succeeded tranquillity; till, seizing the occasion of our discords and civil wars, they forced the winter-quarters of the legions, and even aimed at the possession of Gaul; and, again expelled thence, they have in latter times been rather triumphed over than vanquished.

XXXVIII. We have now to speak of the Suevi; who do not compose a single state, like the Catti or Tencteri, but occupy the greatest part of Germany, and are still distributed into different names and nations, although all hearing the common appellation of Suevi. It is a characteristic of this people to turn their hair sideways, and tie it beneath the poll in a knot. By this mark the Suevi are distinguished from the rest of the Germans; and the freemen of the Suevi from the slaves. Among

other nations, this mode, either on account of some relationship with the Suevi, or from the usual propensity to imitation, is sometimes adopted; but rarely, and only during the period of youth. The Suevi, even till they are hoary, continue to have their hair growing stiffly backwards, and often it is fastened on the very crown of the head. The chiefs dress it with still greater care: and in this respect they study ornament, though of an undebasing kind. For their design is not to make love, or inspire it; they decorate themselves in this manner as they proceed to war, in order to seem taller and more terrible; and dress for the eyes of their enemies.

XXXIX. The Semnones assert themselves to be the most ancient and noble of the Suevi; and their pretensions are confirmed by religion. At a stated time, all the people of the same lineage assemble by their delegates in a wood, consecrated by the auguries of their forefathers and ancient terror, and there by the public slaughter of a human victim celebrate the horrid origin of their barbarous rites. Another kind of reverence is paid to the grove. No person enters it without being bound with a chain, as an acknowledgment of his inferior nature, and the power of the deity residing there. If he accidentally fall, it is not lawful for him to be lifted or to rise up; they roll themselves out along the ground. The whole of their superstition has this import: that from this spot the nation derives its origin; that here is the residence of the Deity, the Governor of all, and that everything else is subject and subordinate to him. These opinions receive additional authority from the power of the Semnones, who inhabit a hundred cantons, and, from the great body they compose, consider themselves as the head of the Suevi.

XL. The Langobardi, on the other hand, are ennobled by, the smallness of their numbers; since though surrounded by many powerful nations, they derive security, not from obsequiousness, but from their martial enterprise. The neighboring Reudigni, and the Avions, Angli, Varini, Eudoses, Suardones, and Nuithones, are defended by rivers or forests. Nothing remarkable occurs in any of these; except that they unite in the worship of Hertha, or Mother Earth; and suppose her to interfere in the affairs of men, and to visit the different nations. In an island of the ocean stands a sacred and unviolated grove, in which is a consecrated chariot, covered with a veil, which the priest alone is permitted to touch. He becomes conscious of the entrance of the goddess into this secret recess; and with profound veneration attends the vehicle, which is drawn by yoked cows. At this season, all is joy; and every place which the goddess deigns to visit is a scene of festivity. No wars are undertaken; arms are untouched; and every hostile weapon is shut up. Peace abroad and at home are then only known; then only loved; till at length the same priest reconducts the goddess, satiated with mortal intercourse, to her temple. The chariot, with its curtain, and, if we may believe it, the goddess herself, then undergo ablution in a secret lake. This office is performed by slaves, whom the same lake instantly swallows up. Hence proceeds a mysterious horror; and a holy ignorance of what that can be, which is beheld only by those who are about to

perish. This part of the Suevian nation extends to the most remote recesses of Germany.

XLI. If we now follow the course of the Danube, as we before did that of the Rhine, we first meet with the Hermunduri; a people faithful to the Romans, and on that account the only Germans who are admitted to commerce, not on the bank alone, but within our territories, and in the flourishing colony established in the province of Rhaetia. They pass and repass at pleasure, without being attended by a guard; and while we exhibit to other nations our arms and camps alone, to these we lay open our houses and country seats, which they behold without coveting. In the country of the Hermunduri rises the Elbe; a river formerly celebrated and known among us, now only heard of by name.

XLII. Contiguous to the Hermunduri are the Narisci; and next to them, the Marcomanni and Quadi. Of these, the Marcomanni are the most powerful and renowned; and have even acquired the country which they inhabit, by their valor in expelling the Boii. Nor are the Narisci and Quadi inferior in bravery; and this is, as it were, the van of Germany as far as it is bordered by the Danube. Within our memory the Marcomanni and Quadi were governed by kings of their own nation, of the noble line of Maroboduus and Tudrus. They now submit even to foreigners; but all the power of their kings depends upon the authority of the Romans. We seldom assist them with our arms, but frequently with our money; nor are they the less potent on that account.

XLIII. Behind these are the Marsigni, Gothini, Osi, and Burrii, who close the rear of the Marcomanni and Quadi. Of these, the Marsigni and Burrii in language and dress resemble the Suevi. The Gothini and Osi prove themselves not to be Germans; the first, by their use of the Gallic, the second, of the Pannonian tongue; and both, by their submitting to pay tribute: which is levied on them, as aliens, partly by the Sarmatians, partly by the Quadi. The Gothini, to their additional disgrace, work iron mines. All these people inhabit but a small proportion of champaign country; their settlements are chiefly amongst forests, and on the sides and summits of mountains; for a continued ridge of mountains separates Suevia from various remoter tribes. Of these, the Lygian is the most extensive, and diffuses its name through several communities. It will be sufficient to name the most powerful of them—the Arii, Helvecones, Manimi, Elysii, and Naharvali. In the country of the latter is a grove, consecrated to religious rites of great antiquity. A priest presides over them, dressed in woman's apparel; but the gods worshipped there are said, according to the Roman interpretation, to be Castor and Pollux. Their attributes are the same; their name, Alcis. No images, indeed, or vestiges of foreign superstition, appear in their worship; but they are revered under the character of young men and brothers. The Arii, fierce beyond the superiority of strength they possess over the other just enumerated people, improve their natural ferocity of aspect by artificial helps. Their shields are black; their bodies

painted: they choose the darkest nights for an attack; and strike terror by the funereal gloom of their sable bands—no enemy being able to sustain their singular, and, as it were, infernal appearance; since in every combat the eyes are the first part subdued. Beyond the Lygii are the Gothones, who live under a monarchy, somewhat more strict than that of the other German nations, yet not to a degree incompatible with liberty. Adjoining to these are the Rugii and Lemovii, situated on the sea-coast—all these tribes are distinguished by round shields, short swords, and submission to regal authority.

XLIV. Next occur the communities of the Suiones, seated in the very Ocean, who, besides their strength in men and arms, also possess a naval force. The form of their vessels differs from ours in having a prow at each end, so that they are always ready to advance. They make no use of sails, nor have regular benches of oars at the sides: they row, as is practised in some rivers, without order, sometimes on one side, sometimes on the other, as occasion requires. These people honor wealth; for which reason they are subject to monarchical government, without any limitations, or precarious conditions of allegiance. Nor are arms allowed to be kept promiscuously, as among the other German nations: but are committed to the charge of a keeper, and he, too, a slave. The pretext is, that the Ocean defends them from any sudden incursions; and men unemployed, with arms in their hands, readily become licentious. In fact, it is for the king's interest not to entrust a noble, a freeman, or even an emancipated slave, with the custody of arms.

LXV. Beyond the Suiones is another sea, sluggish and almost stagnant, by which the whole globe is imagined to be girt and enclosed, from this circumstance, that the last light of the setting sun continues so vivid till its rising, as to obscure the stars. Popular belief adds, that the sound of his emerging from the ocean is also heard; and the forms of deities, with the rays beaming from his head, are beheld. Only thus far, report says truly, does nature extend. On the right shore of the Suevic sea dwell the tribes of the Aestii, whose dress and customs are the same with those of the Suevi, but their language more resembles the British. They worship the mother of the gods; and as the symbol of their superstition, they carry about them the figures of wild boars. This serves them in place of armor and every other defence: it renders the votary of the goddess safe even in the midst of foes. Their weapons are chiefly clubs, iron being little used among them. They cultivate corn and other fruits of the earth with more industry than German indolence commonly exerts. They even explore the sea; and are the only people who gather amber, which by them is called Glese, and is collected among the shallows and upon the shore. With the usual indifference of barbarians, they have not inquired or ascertained from what natural object or by what means it is produced. It long lay disregarded amidst other things thrown up by the sea, till our luxury gave it a name. Useless to them, they gather it in the rough; bring it unwrought; and wonder at the price they receive. It would appear, however, to be an exudation from certain trees; since reptiles, and even winged animals, are often seen shining

through it, which, entangled in it while in a liquid state, became enclosed as it hardened. I should therefore imagine that, as the luxuriant woods and groves in the secret recesses of the East exude frankincense and balsam, so there are the same in the islands and continents of the West; which, acted upon by the near rays of the sun, drop their liquid juices into the subjacent sea, whence, by the force of tempests, they are thrown out upon the opposite coasts. If the nature of amber be examined by the application of fire, it kindles like a torch, with a thick and odorous flame; and presently resolves into a glutinous matter resembling pitch or resin. The several communities of the Sitones succeed those of the Suiones; to whom they are similar in other respects, but differ in submitting to a female reign; so far have they degenerated, not only from liberty, but even from slavery. Here Suevia terminates.

XLVI. I am in doubt whether to reckon the Peucini, Venedi, and Fenni among the Germans or Sarmatians; although the Peucini, who are by some called Bastarnae, agree with the Germans in language, apparel, and habitations. All of them live in filth and laziness. The intermarriages of their chiefs with the Sarmatians have debased them by a mixture of the manners of that people. The Venedi have drawn much from this source; for they overrun in their predatory excursions all the woody and mountainous tracts between the Peucini and Fenni. Yet even these are rather to be referred to the Germans, since they build houses, carry shields, and travel with speed on foot; in all which particulars they totally differ from the Sarmatians, who pass their time in wagons and on horseback. The Fenni live in a state of amazing savageness and squalid poverty. They are destitute of arms, horses, and settled abodes: their food is herbs; their clothing, skins; their bed, the ground. Their only dependence is on their arrows, which, for want of iron, are headed with bone; and the chase is the support of the women as well as the men; the former accompany the latter in the pursuit, and claim a share of the prey. Nor do they provide any other shelter for their infants from wild beasts and storms, than a covering of branches twisted together. This is the resort of youth; this is the receptacle of old age. Yet even this way of life is in their estimation happier than groaning over the plough; toiling in the erection of houses; subjecting their own fortunes and those of others to the agitations of alternate hope and fear. Secure against men, secure against the gods, they have attained the most difficult point, not to need even a wish.

All our further accounts are intermixed with fable; as, that the Hellusii and Oxionae have human faces, with the bodies and limbs of wild beasts. These unauthenticated reports I shall leave untouched.

PART FOUR

FRENCH TRANSLATION OF GERMANIA

Tacite - Œuvres complètes, traduction Burnouf, 1863

CORNELI TACITI GERMANIA. LIBER DE ORIGINE ET SITU GERMANORUM

http://remacle.org/bloodwolf/historiens/tacite/germains.htm

CORNELI TACITI GERMANIA. LIBER DE ORIGINE ET SITU GERMANORUM .

I La Germanie est séparée des Gaules, de la Rhétie et de la Pannonie par le Rhin et le Danube, des Sarmates et des Daces par une crainte mutuelle ou des chaînes de montagnes. Le reste est environné de l'Océan, dont les rivages forment de grandes sinuosités, et qui enferme des îles spacieuses , séjour nouvellement découvert de nations et de rois que la guerre nous a révélés. Le Rhin, tombant d'un sommet rapide et inaccessible des Alpes rhétiques, fait un léger détour vers l'occident, puis va se mêler à l'océan Septentrional. Le Danube, versé par la pente doucement inclinée du mont Abnoba , visite un plus grand nombre de peuples, et se décharge enfin par six bouches dans la mer du Pont : un septième bras se perd dans des marais.

II. Quant à la population, je suis porté à la croire indigène et moins mélangée qu'ailleurs par l'établissement ou le passage de races étrangères. Ce n'était pas en effet par terre, mais par mer que se faisaient les anciennes migrations, et rarement des vaisseaux de nos contrées remontent pour ainsi dire cet immense et lointain Océan. Aussi bien, sans compter les périls d'une mer orageuse et inconnue, qui voudrait quitter l'Asie, l'Afrique ou l'Italie, pour le pays affreux des Germains, leur ciel âpre, leur sol enfin, dont la culture et l'aspect attristent les regards, à moins que ce ne soit la patrie ? D'anciennes poésies, leurs seuls monuments historiques, célèbrent le dieu Tuiston, né de la Terre, et son fils Mannus, comme les pères et les fondateurs de la nation. Ils donnent à Mannus trois fils, dont les noms firent appeler Ingévones les plus voisins de l'Océan, Herminones ceux de l'intérieur, et les autres Istévones . Plusieurs, usant du privilége que donne l'éloignement des temps, multiplient les enfants du dieu et les peuples dont la nation se compose, et qu'ils appellent Marses, Gambriviens, Suèves, Vandales. Ce sont même là selon eux les anciens et véritables noms ; celui de Germanie est moderne et ajouté depuis peu. Les premiers qui passèrent le Rhin et chassèrent les Gaulois, et qui maintenant se nomment Tongres, se nommèrent alors Germains. Ce nom, borné d'abord à une simple tribu, s'étendit peu à peu, et, créé par la victoire pour inspirer plus de crainte, il fut bientôt adopté par la nation tout entière. On prétend aussi qu'ils ont eu leur Hercule, et de tous les héros c'est le premier qu'ils chantent avant d'aller au combat.

III. Ils ont un autre chant, appelé bardit, par lequel ils excitent leur courage, et d'où ils augurent quel succès aura la bataille ; car ils tremblent ou font trembler, selon la manière dont l'armée a entonné le bardit. Et ce chant semble moins une suite de paroles que le bruyant concert de l'enthousiasme guerrier. On s'attache à le former des plus rudes accents, de sons rauques et brisés, en serrant le bouclier contre la bouche, afin que la voix répercutée s'échappe plus forte et plus retentissante. Quelques-uns prétendent que, dans

le cours de ses longues et merveilleuses aventures, Ulysse, porté jusque sur cet océan, aborda aux terres de Germanie, et que la ville d'Asciburgium , située sur le Rhin et qui subsiste encore, lui doit son origine et son nom. On ajoute qu'un autel consacré à Ulysse, et sur lequel on lit aussi le nom de Laerte, fut trouvé jadis au même lieu, et que des monuments et des tombeaux, avec des inscriptions en caractères grecs, existent encore aujourd'hui sur les confins des Germains et des Rhètes. Je n ai dessein ni d'appuyer ni de combattre ces assertions ; chacun peut à son gré les rejeter ou les croire.

IV. Du reste je me range à l'avis de ceux qui pensent que le sang des Germains ne fut jamais altéré par des mariages étrangers, que c'est une race pure, sans mélange, et qui ne ressemble qu'à elle-même. De là cet air de famille qu'on remarque dans cette immense multitude d'hommes : des yeux bleus et farouches ; des cheveux roux ; des corps d'une haute stature et vigoureux pour un premier effort, mais peu capables de travail et de fatigues, et, par un double effet du sol et du climat, résistant aussi mal à la soif et à la chaleur qu'ils supportent facilement le froid et la faim.

V. Le pays, quoique offrant des aspects divers, est en général hérissé de forêts ou noyé de marécages, plus humide vers les Gaules, plus battu des vents du côté de la Norique et de la Pannonie. Favorable aux grains, il repousse les arbres à fruits. Le bétail y abonde, mais l'espèce en est petite ; les boeufs même y semblent dégénérés, et leur front est privé de sa parure. On aime le grand nombre des troupeaux ; c'est la seule richesse des Germains, le bien qu'ils estiment le plus. Les dieux dirai-je irrités ou propices ? leur ont dénié l'or et l'argent. Je n'affirmerais pas cependant qu'aucune veine de leur terre ne recèle ces métaux : qui pensa jamais à les y chercher ? Ces peuples sont loin d'attacher à leur usage et à leur possession les mêmes idées que nous. On voit chez eux des vases d'argent donnés en présent à leurs ambassadeurs et à leurs chefs : ils les prisent aussi peu que si c'était de l'argile. Toutefois les plus voisins de nous tiennent compte de l'argent et de l'or, comme utiles au commerce. Ils connaissent et distinguent quelques-unes de nos monnaies. Ceux de l'intérieur, plus fidèles à l'antique simplicité, trafiquent par échange. Les espèces préférées sont les pièces anciennes et depuis longtemps connues, comme les serrati et les bigati . L'argent est aussi plus recherché que l'or ; et le goût n'est pour rien dans cette préférence : elle vient de ce que la monnaie d'argent est plus commode pour des hommes qui n'achètent que des objets communs et de peu de valeur.

VI. Le fer même n'abonde pas chez eux, si l'on en juge par leurs armes. Peu font usage de l'épée ou de la grande lance. Ils portent des piques, ou, comme ils les appellent, des framées à fer étroit et court. Cette arme est fort acérée et si maniable qu'ils s'en servent, suivant l'occasion, de près comme de loin. Les cavaliers se contentent du bouclier et de la framée ; les gens de pied ont de plus des javelots ; chaque homme en lance plusieurs et à d'immenses distances. Ils sont nus ou couverts d'un léger sayon : ils ne font point leur gloire de la parure ; seulement ils peignent leurs boucliers de couleurs variées et choisies. On voit peu de cuirasses dans leurs armées, à peine un ou deux casques. Leurs chevaux ne sont remarquables ni par la beauté ni par la vitesse. On ne les dresse pas même comme chez nous aux évolutions : ils les poussent en avant, ou, pour toute manoeuvre ils les font tourner à droite, mais avec tant d'ensemble, que pas un ne reste en arrière. En général, c'est l'infanterie qui fait leur force ; aussi dans les combats en mêlent-ils avec la cavalerie. Des hommes capables de suivre à pied la rapidité des chevaux sont choisis pour ce service dans toute la jeunesse, et placés à la première ligne. Le nombre en est fixé ; il est de cent

par canton. On les appelle même les cent ; et, de simple expression d'un nombre, ce mot est devenu un nom et un titre d'honneur. Leur ordre de bataille est le coin. Reculer, pourvu qu'on revienne à la charge, leur semble prudence plutôt que lâcheté. Même dans les défaites, ils emportent leurs morts. Le comble du déshonneur est d'avoir quitté son bouclier : l'homme souillé de cette tache ne peut assister aux sacrifices, ni entrer au conseil public ; et souvent on en vit, sauvés du combat, s'étrangler eux-meures pour finir leur opprobre.

VII. Dans le choix des rois, ils ont égard à la naissance ; dans celui des généraux, à la valeur : et les rois n'ont point une puissance illimitée ni arbitraire ; les généraux commandent par l'exemple plus que par l'autorité. S'ils sont actifs, toujours en vue, toujours au premier rang, l'admiration leur assure l'obéissance. Du reste, punir, emprisonner, frapper même n'est permis qu'aux prêtres ; ainsi les châtiments perdent leur amertume, et ils semblent ordonnés, non par le chef, mais par le dieu que ces peuples croient présider aux batailles. Ils ont des images et des étendards qu'ils tirent de leurs bois sacrés et portent dans les combats. Mais le principal aiguillon de leur courage, c'est qu'au lieu d'être un assemblage formé par le hasard, chaque bande d'hommes à cheval, chaque triangle d'infanterie, est composé de guerriers unis par les liens du sang et de la famille. Et les objets de leur tendresse sont près d'eux ; ils peuvent entendre les hurlements plaintifs de leurs femmes, les cris de leurs enfants : ce sont là pour chacun les témoins les plus respectables, les plus dignes panégyristes. On rapporte ses blessures à une mère, à une épouse ; et celles-ci ne craignent pas de compter les plaies, d'en mesurer la grandeur. Dans la mêlée, elles portent aux combattants de la nourriture et des exhortations.

VIII. On a vu, dit-on, des armées chancelantes et à demi rompues, que des femmes ont ramenées à la charge par l'obstination de leurs prières, en présentant le sein aux fuyards, en leur montrant devant elles la captivité, que les Germains redoutent bien plus vivement pour leurs femmes que pour eux-mêmes. Ce sentiment est tel, que les cités dont la foi est le mieux assurée sont celles dont on a exigé, parmi les otages, quelques filles de distinction. Ils croient même qu'il y a dans ce sexe quelque chose de divin et de prophétique : aussi ne dédaignent-ils pas ses conseils, et font-ils grand cas de ses prédictions. Nous avons vu, sous Vespasien, Véléda honorée de la plupart comme une divinité. Plus anciennement, Aurinie et beaucoup d'autres reçurent leurs adorations; et ce n'était point flatterie : ils ne s'imaginaient pas faire des déesses.

IX. Parmi les dieux, le principal objet de leur culte est Mercure, auquel ils croient devoir à certains jours immoler des victimes humaines. Ils apaisent Hercule et Mars par des offrandes moins barbares. Une partie des Suèves sacrifie aussi à Isis. Je ne trouve ni la cause ni l'origine de ce culte étranger. Seulement la figure d'un vaisseau, qui en est le symbole, annonce qu'il leur est venu d'outre-mer. Emprisonner les dieux dans des murailles, ou les représenter sous une forme humaine, semble aux Germains trop peu digne de la grandeur céleste. Ils consacrent des bois touffus, de sombres forêts ; et, sous les noms de divinités, leur respect adore dans ces mystérieuses solitudes ce que leurs yeux: ne voient pas.

X. Il n'est pas de pays où les auspices et la divination soient plus en crédit. Leur manière de consulter le sort est très simple : ils coupent une baguette à un arbre fruitier, et la divisent en plusieurs morceaux qu'ils marquent de différents signes, et qu'ensuite ils jettent pêle-

mêle sur une étoffe blanche. Le prêtre de la cité, si c'est l'État qui consulte, le père de famille lui-même, si ce sont des particuliers, invoque les dieux, et, regardant le ciel, il lève trois fois chaque morceau, et fait son pronostic d'après le signe dont il est empreint. Si le sort veut qu'on s'abstienne, on ne consulte plus de tout le jour sur la même affaire ; s'il permet d'agir, on exige encore que les auspices confirment sa réponse : car on sait aussi, chez ces peuples, interroger le chant et le vol des oiseaux. Un usage qui leur est particulier, c'est de demander même aux chevaux des présages et des révélations. L'État nourrit, dans les bocages et les forêts dont j'ai parlé, des chevaux blancs que n'avilit jamais aucun travail profane. On les attelle au char sacré, et le prêtre, avec le roi ou le chef de la cité, les accompagne en observant leurs hennissements et le bruit de leurs naseaux. Il n'est pas d'augure plus décisif, non seulement pour le peuple, mais pour les grands, mais pour les prêtres, qui croient que ces animaux sont les confidents des dieux, dont eux ne sont que les ministres. Ils emploient encore une autre espèce de divination, quand ils veulent connaître quel sera le succès d'une grande guerre. Ils se procurent, de quelque manière que ce soit, un prisonnier de la nation ennemie, et, le mettant aux prises avec un guerrier choisi parmi eux, ils les font battre chacun avec les armes de son pays. La victoire de l'un ou de l'autre est regardée comme un pronostic.

XI. Les petites affaires sont soumises à la délibération des chefs ; les grandes à celle de tous. Et cependant celles mêmes dont la décision est réservée au peuple sont auparavant discutées par les chefs. On se rassemble, à moins d'un événement subit et imprévu, à des jours marqués, quand la lune est nouvelle, ou quand elle est dans son plein ; ils croient qu'on ne saurait traiter les affaires sous une influence plus heureuse. Ce n'est pas, comme chez nous, par jours, mais par nuits, qu'ils calculent le temps ; ils donnent ainsi les rendez-vous, les assignations : la nuit leur paraît marcher avant le jour. Un abus naît de leur indépendance ; c'est qu'au lieu de se rassembler tous à la fois, comme s'ils obéissaient à un ordre, ils perdent deux ou trois jours à se réunir. Quand l'assemblée paraît assez nombreuse, ils prennent séance tout armés. Les prêtres, à qui est remis le pouvoir d'empêcher le désordre, commandent le silence. Ensuite le roi, ou celui des chefs que distingue le plus son âge, ou sa noblesse, ou ses exploits, ou son éloquence, prend la parole et se fait écouter par l'ascendant de la persuasion, plutôt que par l'autorité du commandement. Si l'avis déplaît, on le repousse par des murmures ; s'il est approuvé, on agite les framées. Ce suffrage des armes est le signe le plus honorable de leur assentiment.

XII. On peut aussi accuser devant le conseil public ; et y poursuivre des affaires capitales. Les peines varient suivant les délits. On pend à un arbre les traîtres et les transfuges ; les lâches, ceux qui fuient les combats ou qui dégradent leur sexe, sont plongés dans la fange d'un bourbier, et noyés sous une claie. Cette diversité de supplices tient à l'opinion qu'il faut, en punissant, montrer le crime et cacher l'infamie. Il y a, pour les fautes plus légères, des châtiments proportionnés. Le coupable paye une amende en chevaux ou en bétail ; une partie est livrée au roi ou à la cité, le reste à l'offensé ou à sa famille. On choisit dans ces mêmes assemblées des chefs qui rendent la justice dans les cantons et les villages. Ils ont chacun cent assesseurs tirés du peuple, qui leur servent de conseil et ajoutent à l'autorité de leurs jugements.

XIII. Ils ne traitent aucune affaire publique ni particulière sans être armés ; mais nul Germain ne porte les armes, que la cité ne l'en ait reconnu capable. Alors un des chefs, ou le père du jeune homme, ou un de ses parents, le décore, en pleine assemblée, de la framée

et du bouclier. C'est là sa robe virile ; ce sont là ses premiers honneurs : auparavant il était membre d'une famille, il devient membre de l'État. Une naissance illustre, ou les services éclatants d'un père, donnent à quelques-uns le rang de prince dès la plus tendre jeunesse ; les autres s'attachent à des chefs dans la force de l'âge et dès longtemps éprouvés ; et ce rôle de compagnon n'a rien dont on rougisse. Il a même ses distinctions, réglées sur l'estime du prince dont on forme la suite. Il existe entre les compagnons une émulation singulière à qui tiendra la première place auprès de son prince ; entre les princes, à qui aura le plus de compagnons et les plus courageux. C'est la dignité, c'est la puissance, d'être toujours entouré d'une jeunesse nombreuse et choisie ; c'est un ornement dans la paix, un rempart dans la guerre. Et celui qui se distingue par le nombre et la bravoure de son escorte devient glorieux et renommé non seulement dans sa patrie, mais encore dans les cités voisines. On le recherche par des ambassades ; on lui envoie des présents ; souvent son nom seul fait le succès d'une guerre.

XIV. Sur le champ de bataille, il est honteux au prince d'être surpassé en courage ; il est honteux à la troupe de ne pas égaler le courage de son prince. Mais un opprobre dont la flétrissure ne s'efface jamais, c'est de lui survivre et de revenir sans lui du combat. Le défendre, le couvrir de son corps, rapporter à sa gloire ce qu'on fait soi-même de beau, voilà le premier serment de cette milice. Les princes combattent pour la victoire, les compagnons pour le prince. Si la cité qui les vit naître languit dans l'oisiveté d'une longue paix, ces chefs de la jeunesse vont chercher la guerre chez quelque peuple étranger : tant cette nation hait le repos ! d'ailleurs on s'illustre plus facilement dans les hasards, et l'on a besoin du règne de la force et des armes pour entretenir de nombreux compagnons. Car ce cheval de bataille, cette sanglante et victorieuse framée, sont un tribut levé sur la générosité du prince. Sa table, d'une somptuosité grossière, mais dispendieuse, tient lieu de solde. La source de sa munificence est dans le pillage et les guerres. Vous leur persuaderiez bien moins de labourer la terre et d'attendre l'année, que d'appeler des ennemis et de chercher des blessures. C'est à leurs yeux paresse et lâcheté que d'acquérir par la sueur ce qu'ils peuvent se procurer par le sang.

XV. Le temps qu'ils ne donnent pas à la guerre, ils en passent un peu à chasser, beaucoup à manger et à dormir, sans s'occuper de rien. On voit les plus braves et les plus belliqueux, abandonnant à des femmes, à des vieillards, aux plus faibles de la famille, le soin de la maison, des pénates et des champs, languir eux-mêmes oisifs et désoeuvrés : étrange contradiction de caractère, que les mêmes hommes puissent à ce point aimer l'inaction et haïr le repos ! Il est d'usage que les cités offrent à leurs chefs un don en troupeaux et en grains, auquel on contribue par tête, et qui, reçu comme un honneur, subvient aussi à leurs dépenses. Mais rien ne flatte plus ces chefs que les présents qui leur sont envoyés des pays voisins par les particuliers ou par l'État, comme des coursiers choisis, des armes d'une grande dimension, des harnais, des colliers. Nous leur avons même appris à recevoir de l'argent.

XVI. On sait assez que les Germains ne bâtissent point de villes ; ils ne souffrent pas même d'habitations réunies. Leurs demeures sont éparses, isolées, selon qu'une fontaine, un champ, un bocage, ont déterminé leur choix. Leurs villages ne sont pas, comme les nôtres, formés d'édifices contigus : chacun laisse un espace vide autour de sa maison, soit pour prévenir le danger des incendies, soit par ignorance dans l'art de bâtir. Ils n'emploient ni pierres ni tuiles ; ils se servent uniquement de bois brut, sans penser à la décoration ni à

l'agrément. Toutefois ils enduisent certaines parties d'une terre fine et luisante, dont les veines nuancées imitent la peinture. Ils se creusent aussi des souterrains, qu'ils chargent en dessus d'une épaisse couche de fumier. C'est là qu'ils se retirent l'hiver, et qu'ils déposent leurs grains. Ils y sentent moins la rigueur du froid ; et, si l'ennemi fait une incursion, il pille les lieux découverts, tandis que cette proie cachée sous la terre reste ignorée de lui, ou le déroute par les recherches mêmes qu'il fait pour la trouver.

XVII. Ils ont tous pour vêtement un sayon qu'ils attachent avec une agrafe, ou, à défaut d'agrafe, avec une épine. A cela près ils sont nus, et passent les journées entières auprès de leur foyer. Les plus riches se distinguent par un habillement, non pas flottant comme chez les Sarmates et les Parthes, mais serré et qui marque toutes les formes. Ils portent aussi des peaux de bêtes, plus grossières vers le Rhin, plus recherchées dans l'intérieur, où le commerce ne fournit point d'autre parure. Là on choisit les animaux, et, pour embellir leur dépouille, on la parsème de taches et on la bigarre avec la peau des monstres que nourrissent les plages inconnues du plus lointain Océan. L'habillement des femmes ne diffère pas de celui des hommes, excepté qu'elles se couvrent le plus ordinairement de tissus de lin relevés par un mélange de pourpre, et que la partie supérieure de leur vêtement ne s'étend point pour former des manches : elles ont les bras nus jusqu'à l'épaule ; leur sein même est en partie découvert.

XVIII. Toutefois en ce pays les mariages sont chastes, et il n'est pas de trait dans leurs moeurs qui mérite plus d'éloges. Presque seuls entre les barbares ils se contentent d'une femme, hormis un très petit nombre de grands qui en prennent plusieurs, non par esprit de débauche, mais parce que plusieurs familles ambitionnent leur alliance. Ce n'est pas la femme, c'est le mari qui apporte la dot. Le père et la mère, ainsi que les proches, assistent à l'entrevue et agréent les présents. Ces présents ne sont point de ces frivolités qui charment les femmes, ni rien dont puisse se parer la nouvelle épouse. Ce sont des boeufs, un cheval tout bridé, un bouclier avec la framée et le glaive. En présentant ces dons, on reçoit une épouse. Elle, de son côté, donne aussi à l'époux quelques armes. C'est là le lien sacré de leur union, leurs symboles mystérieux, leurs divinités conjugales. Pour que la femme ne se croie pas dispensée des nobles sentiments et sans intérêt dans les hasards de la guerre, les auspices mêmes qui président à son hymen l'avertissent qu'elle vient partager des travaux et des périls, et que sa loi, en paix comme dans les combats, est de souffrir et d'oser autant que son époux. C'est là ce que lui annoncent les boeufs attelés, le cheval équipé, les armes qu'on lui donne. Elle apprend comment il faut vivre, comment il faut mourir. Ce dépôt qu'elle accepte, elle devra le rendre pur et honorable à ses enfants, de qui ses brus le recevront pour le transmettre à ses petits-fils.

XIX. Aussi vivent-elles sous la garde de la chasteté, loin des spectacles qui corrompent les moeurs, loin des festins qui allument les passions. Hommes et femmes ignorent également les mystérieuses correspondances. Très peu d'adultères se commettent dans une nation si nombreuse, et le châtiment, qui suit de près la faute, est abandonné au mari. On rase la coupable, on la dépouille, et, en présence des parents, le mari la chasse de sa maison, et la poursuit à coups de verges par toute la bourgade. Quant à celle qui prostitue publiquement son honneur, point de pardon pour elle : ni beauté, ni âge, ni richesses ne lui feraient trouver un époux. Dans ce pays on ne rit pas des vices ; corrompre et céder à la corruption ne s'appelle pas vivre selon le siècle. Quelques cités, encore plus sages, ne marient que des vierges. La limite est posée une fois pour toutes à l'espérance et au voeu

de l'épouse ; elle prend un seul époux, comme elle a un seul corps, une seule vie, afin que sa pensée ne voie rien au delà, que son coeur ne soit tenté d'aucun désir nouveau, qu'elle aime son mariage et non pas un mari. Borner le nombre de ses enfants, ou tuer quelqu'un des nouveau-nés, est flétri comme un crime : et les bonnes moeurs ont là plus d'empire que n'en ont ailleurs les bonnes lois.

XX. L'enfance se ressemble dans toutes les maisons ; et c'est au milieu d'une sale nudité que grandissent ces corps et ces membres dont la vue nous étonne. Chaque mère allaite ellemême ses enfants, et ne s'en décharge point sur des servantes et des nourrices. Le maître n'est pas élevé plus délicatement que l'esclave ; ils vivent au milieu des mêmes troupeaux, couchent sur la même terre, jusqu'à ce que l'âge mette l'homme libre à sa place, et que la vertu reconnaisse les siens. Une longue ignorance de la volupté assure aux garçons une jeunesse inépuisable. On ne hâte pas non plus le mariage des filles : elles ont, comme leurs époux, la vigueur de l'âge, la hauteur de la taille; et d'un couple assorti et robuste naissent des enfants également vigoureux. Le fils d'une soeur est aussi cher à son oncle qu'à son père ; quelques-uns pensent même que le premier de ces liens est le plus saint et le plus étroit ; et, en recevant des otages, ils préfèrent des neveux, comme inspirant un attachement plus fort, et intéressant la famille par plus d'endroits. Toutefois on a pour héritiers et successeurs ses propres enfants, et l'on ne fait pas de testament. Si l'on n'a pas d'enfants, les premiers droits à l'héritage appartiennent aux frères, aux oncles paternels, aux oncles maternels. Plus un Germain compte de proches et d'alliés, plus sa vieillesse est entourée de respect : on ne gagne rien à être sans famille.

XXI. On est tenu d'embrasser les haines aussi bien que les amitiés d'un père ou d'un parent. Du reste, ces haines ne sont pas inexpiables. On rachète même l'homicide par une certaine quantité de gros et de menu bétail, et la satisfaction est acceptée par la maison tout entière : politique d'autant plus sage, que les inimitiés sont plus dangereuses dans l'état de liberté. Les Germains aiment à donner des festins, et aucune nation n'exerce l'hospitalité d'un coeur plus généreux. Fermer sa porte à un homme, quel qu'il soit, semblerait un crime. Chacun offre à l'étranger une table aussi bien servie que le permet sa fortune. Quand ses provisions sont épuisées, le premier hôte en montre un second dans la maison voisine, et s'y rend de compagnie : les arrivants n'étaient pas invités ; peu importe, ils n'en sont pas reçus avec moins d'égards. Connus ou inconnus ont les mêmes droits à l'hospitalité. Si l'hôte, en partant, demande quelque chose, l'usage est de l'accorder ; on ne craint pas d'ailleurs de demander à son tour. Ces présents font plaisir, mais on n'en exige pas de reconnaissance, non plus qu'on ne croit en devoir. C'est un échange désintéressé de politesse.

XXII. Au sortir du sommeil, qu'ils prolongent souvent jusque dans le jour, ils se baignent, ordinairement à l'eau chaude, l'hiver régnant chez eux une grande partie de l'année. Après le bain, ils prennent un repas ; chacun a son siège séparé et sa table particulière. Ensuite viennent les affaires, souvent aussi les festins, et ils y vont en armes. Boire des journées et des nuits entières n'est une honte pour personne. L'ivresse produit des querelles fréquentes, qui se bornent rarement aux injures ; presque toujours elles finissent par des blessures et des meurtres. D'un autre côté, la réconciliation des ennemis, l'alliance des familles, le choix des chefs, la paix, la guerre, se traitent communément dans les festins sans doute parce qu'il n'est pas de moment où les âmes soient plus ouvertes aux inspirations de la franchise ou à l'enthousiasme de la gloire. Cette nation simple et sans

artifice découvre dans la libre gaîté de la table les secrets que le coeur renfermait encore ; la pensée de chacun, ainsi révélé et mise à nu, est discutée de nouveau le lendemain, et l'un et l'autre temps justifie également son emploi : on délibère lorsqu'on ne saurait feindre ; on décide quand on ne peut se tromper.

XXIII. Leur boisson est une liqueur faite d'orge ou de froment , à laquelle la fermentation donne quelque ressemblance avec le vin. Les plus voisins du fleuve ont aussi du vin, que leur procure le commerce. Leurs aliments sont simples : des fruits sauvages, de la venaison fraîche, du lait caillé. Ils apaisent leur faim sans nul apprêt, sans raffinements délicats. Quant à la soif, ils sont moins tempérants ; si vous encouragez l'ivresse en leur fournissant tout ce qu'ils voudront boire, leurs vices les vaincront aussi facilement que vos armes.

XXIV. Ils n'ont qu'un genre de spectacle, uniforme dans toutes leurs réunions. Des jeunes gens, qui ont l'habitude de ce jeu, sautent nus à travers les pointes menaçantes de glaives et de framées. L'exercice a produit l'adresse, et de l'adresse est née la grâce. Et ici, nul espoir de récompense :

l'unique salaire de ce périlleux divertissement, c'est le plaisir des spectateurs. Ils connaissent les jeux de hasard, et chose étonnante ils s'en font, même à jeun, la plus sérieuse occupation ; si follement acharnés au gain ou à la perte, que, quand ils n'ont plus rien, ils jouent encore, dans un dernier coup de dés, leur personne et leur liberté. Le vaincu va lui-même se livrer à la servitude. Fût-il le plus jeune, fût-il le plus robuste, il se laisse enchaîner et vendre. Tel est, dans un engagement contre nature, leur fanatique résignation : eux l'appellent loyauté. On se défait, par le commerce, des esclaves de cette espèce, pour se délivrer en même temps de la honte d'une telle victoire.

XXV. Les autres esclaves ne sont pas classés comme chez nous, et attachés aux différents emplois du service domestique. Chacun a son habitation, ses pénates, qu'il régit à son gré. Le maître leur impose, comme à des fermiers, une certaine redevance en blé, en bétail, en vêtements ; là se borne la servitude. Les soins intérieurs de la maison appartiennent à la femme et aux enfants. Frapper ses esclaves, ou les punir par les fers ou un travail forcé, est chose rare. On les tue quelquefois, non par esprit de discipline et de sévérité, mais dans un mouvement de colère, comme on tue un ennemi, à cela près que c'est impunément. Les affranchis ne sont pas beaucoup au-dessus des esclaves. Rarement ils ont de l'influence dans la maison ; jamais ils n'en ont dans l'État. J'excepte les nations soumises à des rois ; là ils s'élèvent au-dessus des hommes nés libres, au-dessus même des nobles. Ailleurs, l'abaissement des affranchis est une preuve de liberté.

XXVI. Exercer l'usure et l'appliquer à son produit même, est une pratique ignorée des Germains, et cette ignorance vaut mieux qu'une défense expresse. Chaque tribu en masse occupe tour à tour le terrain qu'elle peut cultiver, et le partage selon les rangs. L'étendue des campagnes facilite cette répartition. Ils changent de terres tous les ans, et ils n'en manquent jamais. C'est que l'homme ne s'évertue pas à épuiser le sol et à rétrécir l'espace, pour le plaisir de planter des vergers, d'enclore des prairies, d'arroser des jardins : ils ne demandent à la terre que des moissons. Aussi l'année même n'est-elle pas divisée en autant de saisons que chez nous. L'hiver, le printemps, l'été, ont un sens pour eux, et sont nommés dans leur langue. Quant à l'automne, ils en ignorent également le nom et les présents.

XXVII. Nul faste dans leurs funérailles : seulement on observe de brûler avec un bois particulier le corps des hommes illustres. On n'entasse sur le bûcher ni étoffes ni parfums ; on n'y met que les armes du mort ; quelquefois le cheval est brûlé avec son maître. On dresse pour tombeau un tertre de gazon : ces pompeux monuments que l'orgueil élève à grands frais leur sembleraient peser sur la cendre des morts. Ils donnent peu de temps aux lamentations et aux larmes, beaucoup à la douleur et aux regrets : ils croient que c'est aux femmes de pleurer, aux hommes de se souvenir. Voilà ce que j'ai appris sur l'origine et les moeurs des Germains en général. Je vais parler maintenant des institutions et des coutumes particulières aux différentes nations, et dire quels peuples sont passés de la Germanie dans les Gaules.

XXVIII. Le meilleur de tous les garants, Jules César, témoigne que les Gaules eurent leur époque de supériorité, et l'on peut croire que des Gaulois passèrent aussi en Germanie. Une simple rivière eût-elle empêché la nation dominante de changer de demeures et d'aller occuper des terres ouvertes, où aucun royaume n'avait encore affermi sa puissance et tracé ses limites ? C'est ainsi qu'entre la forêt Hercynienne, le Rhin et le Mein, s'établirent les Helvétiens et plus loin les Boïens, sortis comme eux de la Gaule. Le nom de Bohème subsiste encore, comme un vieux souvenir de leur séjour, quoique le pays ait changé d'habitants. Mais les Aravisques de Pannonie sont-ils une colonie d'Oses , peuple germanique, ou les Oses sont-ils des Aravisques transplantés en Germanie ? la conformité de langage, d'institutions, de moeurs, laisse la chose en doute ; d'autant plus que, également pauvres, également libres, ils trouvaient des deux côtés du Danube mêmes biens et mêmes maux. Les Trévires et les Nerviens sont les premiers à se dire issus des Germains, et à s'en faire honneur, comme d'une origine dont la gloire les sépare des Gaulois et les absout de la lâcheté reprochée à ceux-ci. Quant à la rive même du Rhin ; elle est habitée par des peuples évidemment germains, les Vangions, les Triboques, les Némètes . Les Ubiens le sont aussi ; et, quoique ayant mérité d'être colonie romaine, quoique aimant à s'appeler Agrippiniens, du nom de leur fondatrice , ils ne rougissent pas de cette origine. Ils passèrent anciennement le Rhin, et, sur la preuve acquise de leur fidélité, ils furent placés au bord même du fleuve, comme défenseurs et non comme prisonniers.

XXIX. La plus intrépide de toutes ces nations, les Bataves , sans tenir beaucoup de place sur la rive du fleuve, en occupent une île. Ce fut jadis une tribu de Cattes, qui, chassée par une sédition domestique, se réfugia dans ce pays, où elle devait un jour faire partie de notre empire. Un beau privilège atteste et honore leur ancienne alliance : ils ne sont ni flétris par des impôts, ni écrasés par des publicains. Exempts de charges et de contributions, uniquement destinés aux combats, on les garde, comme on garde du fer et des armes, pour s'en servir à la guerre. Les Mattiaques nous obéissent au même titre ; car la grandeur du peuple romain a étendu jusqu'au delà du Rhin et de ses frontières anciennes le respect de ses lois. Les demeures et le territoire des Mattiaques sont sur l'autre rive, leurs âmes et leurs coeurs sont avec nous : du reste, ils ressemblent aux Bataves si ce n'est que l'énergie du sol et du climat natal leur donne un esprit plus belliqueux. Je ne compterai pas au nombre des peuples germains, quoiqu'ils habitent au delà du Rhin et du Danube, ceux qui exploitent les terres Décumates . Des aventuriers gaulois, animés de l'audace qu'inspire la misère, s'établirent sur ce terrain d'une propriété indécise. Bientôt une barrière fut élevée,

nos postes furent portés en avant ; et ce pays, enclos dans nos limites, fait aujourd'hui partie d'une province.

XXX. Au delà sont les Cattes , qui commencent aux hauteurs de la forêt Hercynienne, et habitent des campagnes moins ouvertes et moins marécageuses que les autres contrées de la Germanie. Les collines se prolongent en effet, en s'abaissant insensiblement, et la forêt elle-même suit fidèlement les Cattes, et ne les abandonne qu'à leurs frontières. Ils ont, plus que d'autres, le corps robuste, les membres nerveux, le visage menaçant, une grande vigueur d'âme. Leur intelligence et leur finesse étonnent dans des Germains. Ils savent se choisir des chefs, écouter ceux qu'ils ont choisis, garder leurs rangs, comprendre les occasions, différer une attaque, profiter du jour, se retrancher la nuit, se défier de la fortune, attendre tout de la valeur, et, ce qui est très rare et ne peut être que le fruit de la discipline, compter sur le général plus que sur l'armée. Toute leur force est dans l'infanterie, qu'ils chargent, outre ses armes, d'outils en fer et de provisions. Les autres barbares vont au combat ; les Cattes vont à la guerre. Ils font peu d'excursions, évitent les rencontres fortuites. Ce n'est guère en effet qu'à des troupes à cheval qu'il appartient de brusquer la victoire et de précipiter la retraite : trop de vitesse ressemble à de la peur; une lenteur circonspecte est plus près du courage.

XXXI. Un usage adopté quelquefois chez les autres Germains par la bravoure individuelle, est devenu chez les Cattes une loi générale : ils se laissent croître, dés l'âge de puberté, la barbe et les cheveux, et ne dépouillent cet aspect sauvage qu'après s'être déliés, en tuant un ennemi, du voeu qu'ils ont fait à la vertu guerrière de le garder jusque-là. C'est sur le sang et les dépouilles qu'ils se découvrent le front ; alors seulement ils croient avoir acquitté le prix de leur naissance, et se présentent à la patrie, à un père, comme leurs dignes enfants. Le lâche qui fuit la guerre conserve cet extérieur hideux. Il est des braves qui prennent en outre un anneau de fer signe d'ignominie chez cette nation, et le portent comme une chaîne, jusqu'à ce qu'ils se rachètent par la mort d'un ennemi. La plupart des Cattes aiment à paraître avec ce symbole. Ils blanchissent sous d'illustres fers, qui les signalent également aux ennemis et à leurs frères. Ils ont le privilège de commencer tous les combats ; c'est d'eux qu'est toujours formée la première ligne, dont le coup d'oeil étonne ; car ces visages farouches ne s'adoucissent même pas dans la paix. Aucun de ces guerriers n'a ni maison, ni terre, ni souci de chose au monde. Ils se rendent chez le premier venu et s'y font nourrir, prodigues du bien d'autrui, indifférents au leur, jusqu'à ce que la vieillesse glacée leur interdise une si rude vertu.

XXXII. Tout près des Cattes, les Usipiens et les Tenctères habitent sur le Rhin , qui à cet endroit coule encore dans un lit assez fixe pour servir de limite. Aux autres mérites des guerriers, les Tenctères unissent, par excellence, l'art de combattre à cheval, et l'infanterie des Cattes n'est pas plus renommée que la cavalerie des Tenctères. Les ancêtres ont donné l'exemple ; les descendants s'y conforment. Monter à cheval est l'amusement de l'enfance ; c'est toute l'émulation des jeunes gens ; c'est encore l'exercice des vieillards. Les chevaux sont une propriété qui se transmet ainsi que les esclaves, les pénates, les droits de la succession ; un des fils en hérite, non le plus âgé, comme des autres biens, mais le plus intrépide à la guerre et le meilleur cavalier.

XXXIII. Après les Tenctères se trouvaient les Bructères , remplacés maintenant par les Chamaves et les Angrivariens : car les Bructères, viennent, dit-on, d'être chassés et

anéantis par une ligue des nations voisines, qu'a soulevée contre eux la haine de leur orgueil, ou l'appât du butin, ou peut-être une faveur particulière des dieux envers nous. Et le ciel ne nous a pas même envié le spectacle du combat : soixante mille hommes sont tombés, non sous le fer et les coups des Romains, mais, ce qui est plus admirable, devant leurs yeux et pour leur amusement. Puissent, ah ! puissent les nations, à défaut d'amour pour nous, persévérer dans cette haine d'elles-mêmes, puisque, au point où les destins ont amené l'empire, la fortune n'a désormais rien de plus à nous offrir que les discordes de l'ennemi.

XXXIV. Les Angrivariens et les Chamaves ont derrière eux les Dulgibins, les Chasuares et d'autres nations peu connues ; par devant ils s'appuient sur les Frisons . On divise les Frisons en grands et petits, selon la force de leurs cités. Leur pays est bordé par le Rhin et va jusqu'à la mer, embrassant des lacs immenses, où naviguèrent aussi des flottes romaines. Nous avons même tenté par cet endroit les routes de l'Océan, et la renommée a publié qu'il existait dans ces régions d'autres colonnes d'Hercule ; soit qu'en effet Hercule ait visité ces lieux, ou que nous soyons convenus de rapporter à sa gloire tout ce que le monde enferme de merveilles. L'audace ne manqua pas à Drusus Germanicus ; mais l'Océan protégea les secrets d'Hercule et les siens. Depuis, nul n'a tenté ces recherches : on a jugé plus discret et plus respectueux de croire aux rouvres des dieux que de les approfondir.

XXXV. Nous venons de voir la Germanie à l'occident : ici par un grand détour elle remonte vers le nord. La première nation qu'on rencontre est celle des Cauques . Quoiqu'elle commence aux Frisons et occupe une partie du rivage, elle borde néanmoins toutes celles que j'ai nommées, et atteint, en se repliant, jusqu'aux frontières des Cattes. Et cet espace immense, les Cauques ne le possèdent pas seulement, ils le remplissent. C'est la plus noble des nations germaniques, la seule qui fasse de la justice le soutien de sa grandeur. Exempts de cupidité et d'ambition, tranquilles et renfermés chez eux, ils ne provoquent aucune guerre, n'exercent ni rapines ni brigandages. La meilleure preuve de leur courage et de leurs forces, c'est que, pour jouir de la prééminence, ils n'ont pas besoin d'injustices. Chacun a cependant ses armes toujours prêtes, et au besoin des armées se rassemblent. Ils abondent en hommes et en chevaux ; et le repos n'ôte rien à leur renommée.

XXXVI. A côté des Cauques et des Cattes, les Chérusques nourrirent longtemps la molle et indolente oisiveté d'une paix que personne ne troublait : calme plus doux qu'il n'était sûr ! car, auprès de voisins ambitieux et puissants, le repos est trompeur. Vienne l'heure des combats; modération, probité, sont les vertus de qui sera le plus fort. Aussi parlait-on jadis des bons, des équitables Chérusques ; et on les traite maintenant d'insensés et de lâches : pour les Cattes victorieux le bonheur est devenu sagesse. La ruine des Chérusques a entraîné les Foses , nation limitrophe, qui partage avec égalité leur mauvaise fortune, quoiqu'elle ne fût pas leur égale dans la bonne.

XXXVII. Du même côté de la Germanie, au bord de l'Océan, habitent les Cimbres , cité maintenant peu nombreuse, mais dont la gloire est immense. Il reste de leur ancienne renommée des traces largement empreintes : ce sont, en deçà comme au delà du Rhin, des camps dont le vaste contour permet encore aujourd'hui de mesurer la masse et les forces de la nation, et rend croyable la multitude infinie de ses guerriers. Rome comptait sa six cent quarantième année, quand retentirent pour la première fois les armes des Cimbres,

sous le consulat de Cécilius Métellus et de Papirius Carbo. Si l'on suppute depuis cette époque jusqu'au deuxième consulat de Trajan on trouve à peu près deux cent dix ans : que de temps passé à vaincre la Germanie ! et, pendant cette longue période, que de pertes mutuelles ! Ni les Samnites, ni les Carthaginois, ni les Espagnes, ni les Gaules, ni les Parthes eux-mêmes ne nous donnèrent plus souvent de sérieux avertissements. C'est que la liberté des Germains est plus redoutable que la monarchie d'Arsace . Que peut en effet nous reprocher l'Orient, si ce n'est Crassus massacré ? Mais Pacorus périt à son tour ; mais un Ventidius mit l'Orient sous ses pieds. Cependant les Germains, par la défaite ou la prise de Carbon, de Cassius, de Scaurus, de Cépion, de Manlius, enlevèrent au peuple romain cinq armées consulaires ; ils enlevèrent à l'empereur Auguste Varus avec trois légions : et ce ne fut pas impunément que Marius leur porta de si rudes coups en Italie, Jules César en Gaule, Drusus, Tibère et Germanicus dans leurs propres foyers. Vinrent ensuite les prodigieuses menaces de Caïus et leur issue ridicule ; puis un repos qui dura jusqu'au moment où, profitant de nos discordes et de nos guerres civiles, ces peuples forcèrent les camps de nos légions, et entreprirent jusque sur les Gaules. Ils en furent repoussés ; et dans ces derniers temps on a triomphé d'eux plutôt qu'on ne les a vaincus.

XXXVIII. Il faut parler maintenant des Suèves , qui ne sont pas, comme les Cattes ou les Tenctères, une seule et unique peuplade. Ils occupent la plus grande partie de la Germanie, et sont divisés en plusieurs nations, dont chacune a conservé son nom, quoiqu'elles reçoivent toutes le nom commun de Suèves. Une coutume particulière à ces peuples, c'est de retrousser leurs cheveux et de les attacher avec un noeud : ainsi se distinguent les Suèves des autres Germains, et, parmi les autres Suèves, l'homme libre de l'esclave. Si des liaisons de famille avec eux, et souvent le seul esprit d'imitation, ont propagé cet usage dans les autres cités, il y est rare et cesse avec la jeunesse. Chez les Suèves, on continue jusqu'à la vieillesse de ramener cette chevelure hérissée, que souvent on lie tout entière au sommet de la tête. Les chefs y mettent quelque recherche ; c'est la seule qu'ils connaissent, et celle-la est innocente ; leur pensée n'est point d'aimer ou d'être aimés ; ils ne veulent que se donner une taille plus haute et un air plus terrible : avant d'aller en guerre, ils se parent comme pour les yeux de l'ennemi.

XXXIX. Les Semnones se disent les plus anciens et les plus nobles des Suèves. La religion du pays fait foi de leur antiquité. Ils ont une forêt consacrée dès longtemps par les augures de leurs pères et une pieuse terreur ; c'est là qu'à des époques marquées tous les peuples du même sang se réunissent par députations, et ouvrent, en immolant un homme, les horribles cérémonies d'un culte barbare. Une autre pratique atteste encore leur vénération pour ce bois. Personne n'y entre sans être attaché par un lien, symbole de sa dépendance et hommage public à la puissance du dieu. S'il arrive que l'on tombe, il n'est pas permis de se relever ; on sort en se roulant par terre. Tout, dans les superstitions dont ce lieu est l'objet, se rapporte à l'idée que c'est le berceau de la nation, que là réside la divinité souveraine, que hors de là tout est subordonné et fait pour obéir. La fortune des Semnones donne de l'autorité à cette prétention : ils occupent cent cantons, et cette masse de forces leur persuade qu'ils sont la tête de la nation des Suèves.

XL. Le titre des Lombards , c'est leur petit nombre, d'autant qu'environnés d'une multitude de cités puissantes ils trouvent leur sûreté, non dans la soumission, mais dans les combats et l'audace. Viennent ensuite les Reudignes, les Aviones, les Angles, les Marins, les Eudoses, les Suardones et les Nuithones , tous protégés par des fleuves ou par des forêts. Ces

peuples, pris séparément, n'offrent rien de remarquable : un usage commun à tous, c'est l'adoration d'Ertha, c'est-à-dire la Terre Mère. Ils croient qu'elle intervient dans les affaires des hommes, et qu'elle se promène quelquefois au milieu des nations. Dans une île de l'Océan est un bois consacré, et, dans ce bois, un char couvert, dédié à la déesse. Le prêtre seul a le droit d'y toucher ; il connaît le moment où la déesse est présente dans ce sanctuaire ; elle part traînée par des génisses, et il la suit avec une profonde vénération. Ce sont alors des jours d'allégresse ; c'est une fête pour tous les lieux qu'elle daigne visiter et honorer de sa présence. Les guerres sont suspendues ; on ne prend point les armes ; tout fer est soigneusement enfermé. Ce temps est le seul où ces barbares connaissent, le seul où ils aiment la paix et le repos ; il dure jusqu'à ce que, la déesse étant rassasiée du commerce des mortels, le même prêtre la rende à son temple. Alors le char,et les voiles qui le couvrent, et, si on les en croit, la divinité elle même, sont baignés dans un lac solitaire. Des esclaves s'acquittent de cet office, et aussitôt après le lac les engloutit. De là une religieuse terreur et une sainte ignorance sur cet objet mystérieux qu'on ne peut voir sans périr.

XLI. Cette partie des Suèves s'étend vers le fond de la Germanie. Plus près afin de suivre le Danube comme nous avons suivi le Rhin se trouve la cité des Hermondures fidèle à notre empire, et, à ce titre, admise à trafiquer, non sur la rive seule, comme les autres Germains, mais à l'intérieur, et jusque dans la colonie la plus florissante de la Rhétie . Ils passent librement et sans gardes partout où ils veulent ; et, tandis que nous ne montrons aux autres peuples que nos armes et nos camps, nous ouvrons à celui-ci nos maisons de ville et de campagne, qui n'excitent pas ses désirs. Chez les Hermondures est la source de l'Elbe, fleuve célèbre et jadis connu de nos légions ; on ne fait maintenant qu'en entendre parler.

XLII. Près des Hermondures habitent les Narisques, ensuite les Marcomans et les Quades . Les Marcomans sont les pre miers par la gloire et les forces ; le pays même qu'ils occupent, enlevé jadis aux Boïens, est une conquête de leur valeur. Les Quades et les Narisques ne sont pas indignes d'eux. C'est là comme le front de la Germaine en descendant le Danube. Les Marcomans et les Quades ont eu jusqu'à nos jours des rois de leur nation, issus des nobles familles de Maroboduus et de Tuder : ils commencent à en souffrir d'étrangers. Du reste, ces rois doivent à la protection de Rome leur force et leur grandeur : nous les aidons rarement de nos armes, plus souvent de notre or, et ils n'en sont pas moins puissants. Les Narisques occupaient la partie de la Bavière qui est entre la Bohême et le Danube ; les Marcomans, la Bohême, d'où ils avaient chassé les Boiëns ; les Quades, la Moravie et une portion de l'Autriche entre le Danube et la Moravie.

XLIII. Plus loin les Marsignes, les Gothins, les Oses, les Buriens , forment par derrière la limite des Marcomans et des Quades. Par le langage et la coiffure, les Marsignes et les Buriens annoncent des Suèves. Les Gothins parlent gaulois, et les Oses pannonien ; c'est dire assez qu'ils ne sont pas Germains : ajoutons qu'ils se soumettent à des tributs ; une partie leur est imposée par les Sarmates, l'autre partie par les Quades, qui les traitent comme étrangers. Les Gothins, pour surcroît de honte, tirent le fer des mines. Tous ces peuples s'étendent peu dans la plaine ; ils habitent en général dans des gorges, sur le sommet et le penchant des montagnes. Car une longue chaîne partage et coupe en deux la Suévie. Au delà de cette chaîne sont un grand nombre de nations, dont la plus considérable est celle des Lygiens , divisée elle-même en beaucoup de cités. Il suffira de nommer les

plus puissantes, les Aries, les Helvécones, les Manimes, les Élysiens, les Naharvales. Chez les Naharvales on montre un bois consacré dés longtemps par la religion. Le soin du culte est remis à un prêtre en habit de femme. Ce culte s'adresse à des dieux qui, dans l'Olympe romain, sont, dit-on, Castor et Pollux ; ils en possèdent les attributs : leur nom est Alci. Du reste, point de statue, nulle trace d'une origine étrangère ; mais ce sont bien deux frères, tous deus jeunes, qu'on adore. Les Aries surpassent en forces les peuples que j'ai nommés avec eux. Ces hommes farouches, pour enchérir encore sur leur sauvage nature, empruntent le secours de l'art et du temps : ils noircissent leurs boucliers, se teignent la peau, choisissent pour combattre la nuit la plus obscure. L'horreur seule, et l'ombre qui enveloppe cette lugubre armée, répandent l'épouvante : il n'est pas d'ennemi qui soutienne cet aspect nouveau et pour ainsi dire infernal ; car dans tout combat les yeux sont les premiers vaincus. Au delà des Lygiens, habitent les Gothons , soumis à des rois dont la main se fait déjà plus sentir que chez les autres nations germaniques, sans que la liberté cependant soit encore opprimée. Plus loin, au bord de l'Océan, sont les Rugiens et les Lémoves. Toutes ces nations ont pour signe distinctif le bouclier rond, l'épée courte, et leur respect pour la royauté.

XLIV. On trouve ensuite dans l'Océan môme les cités des Suiones , aussi puissantes par leurs flottes qu'abondantes en armes et en guerriers. Leurs vaisseaux diffèrent des nôtres en ce que, les deux extrémités se terminant en proue, ils se présentent toujours dans une direction commode pour toucher le rivage. Ce ne sont pas des voiles qui donnent le mouvement, et les rames ne sont pas attachées par rangs aux deux flancs du navire ; elles sont libres comme sur certains fleuves, et se transportent au besoin de l'un à l'autre bord. Les richesses sont en honneur chez ce peuple : aussi est-il soumis au pouvoir d'un seul ; et ici le pouvoir ne connaît plus de limites, ce n'est plus à titre précaire qu'il se fait obéir. Les armes ne sont pas, comme chez les autres Germains, à la disposition de tous : on les garde enfermées, et le gardien est un esclave. C'est que l'Océan garantit le pays des invasions subites, et que des mains oisives pourraient facilement abuser des armes : or, en confier le dépôt à un noble, à un homme libre, à un affranchi même, serait contraire à l'intérêt monarchique.

XLV. Au delà des Suiones est une autre mer , dormante et presque immobile. On croit que c'est la ceinture et la borne du monde, parce que les dernières clartés du soleil couchant y durent jusqu'au lever de cet astre, et jettent assez de lumière pour effacer les étoiles. La crédulité ajoute qu'on entend même le bruit qu'il fait en sortant de l'onde, qu'on aperçoit la forme de ses chevaux, les rayons de sa tète. La vérité est que la nature finit en ces lieux. En revenant donc à la mer suévique, on trouve sur le rivage à droite les tribus des Estyens . Ils ont les usages et l'habillement des Suèves ; leur langue ressemble davantage à celle des Bretons. Ils adorent la Mère des dieux. Pour symbole de ce culte, on porte l'image d'un sanglier : elle tient lieu d'armes et de sauvegarde ; elle donne à l'adorateur de la déesse, fût-il entouré d'ennemis, une pleine sécurité. Les Estyens combattent peu avec le fer, souvent avec des bâtons. Ils cultivent le blé et les autres fruits de la terre avec plus de patience que n'en promet la paresse habituelle des Germains. Ils fouillent même la mer, et seuls de tous les peuples ils recueillent le succin, qu'ils appellent gless : ils le trouvent entre les rochers et quelquefois sur le rivage. Quelle en est la nature et comment il se forme, c'est ce que des barbares n'ont ni cherché ni découvert. Longtemps même il resta confondu parmi les viles matières que rejette l'Océan, et c'est notre luxe qui l'a mis en

réputation. Les gens du pays n'en font aucun usage ; ils le recueillent brut, nous l'apportent dans son état informe, et s'étonnent du prix qu'ils en reçoivent. Le succin doit être la gomme de certains arbres : souvent en effet sa transparence y laisse apercevoir des animaux terrestres et même des insectes ailés, qui s'embarrassent dans cette subtance encore fluide, et finissent, quand elle durcit, par y rester emprisonnés. Il serait donc vrai que, s'il est au fond de l'Orient des végétaux qui distillent le baume et l'encens, il existe aussi, dans les îles et les terres de l'Occident, des forêts et des arbres d'une fécondité inconnue, dont le suc, exprimé par les rayons d'un soleil si rapproché de ces climats, s'écoule et tombe dans la mer voisine, et vient, apporté par les vents et les flots, se décharger sur les côtes opposées. Si l'on éprouve la nature du succin en l'approchant du feu, il s'allume comme un flambeau et jette une flamme grasse et odorante ; bientôt il s'amollit comme la poix ou la résine. Après les Suiones viennent immédiatement les Sitones. Semblables en tout le reste, ils diffèrent d'eux en un point ; c'est qu'ils obéissent à une femme : tant ils sont tombés au-dessous, je ne dirai pas de la liberté, mais de la servitude elle-même. Là finit la Suévie.

XLVI. Les Peucins, les Vénèdes et les Fennes , sont-ils des nations germaniques ou sarmates ? je ne saurais le dire. Toutefois les Peucins, que quelques-uns nomment Bastarnes, ont le langage, l'habillement, les habitations fixes des Germains. Tous végètent dans l'inertie et la malpropreté ; les principaux, en se mêlant par le mariage avec les Sarmates , ont contracté quelque chose de leurs formes hideuses. Les Vénèdes ont pris beaucoup de leurs moeurs. En effet, tout ce qui s'élève de montagnes et de forêts entre les Peucins et les Fermes, les Vénèdes l'infestent de leurs brigandages. On incline cependant à les compter parmi les Germains, parce qu'ils se construisent des cabanes, portent des boucliers, aiment à se servir de leurs pieds et même se piquent de vitesse, différents en tout cela des Sarmates, qui passent leur vie à cheval ou en chariot. Quant aux Fennes, ils étonnent par leur état sauvage et leur affreuse pauvreté. Chez eux point d'armes, ni de chevaux, ni de foyer domestique. Ils ont pour nourriture de l'herbe, des peaux pour vêtement, la terre pour lit. Toute leur ressource est dans leurs flèches, qu'ils arment, n'ayant pas de fer, avec des os pointus. La même chasse nourrit également les hommes et les femmes : car celles-ci accompagnent partout leur maris, et réclament la moitié de la proie. Les enfants n'ont d'autre abri contre la pluie et les bêtes féroces que les branches entrelacées de quelque arbre, où leurs mères les cachent. C'est là que les jeunes gens se rallient, que se retirent les vieillards. Ils trouvent cette condition plus heureuse que de peiner à cultiver les champs, d'élever laborieusement des maisons, d'être occupés sans cesse à trembler pour leur fortune et à convoiter celle d'autrui. Ne redoutant rien des hommes, ne redoutant rien des dieux, ils sont arrivés à ce point si difficile de n'avoir pas même besoin de former un voeu. Tout ce qu'on ajoute encore tient de la fable, par exemple, que les Helluses et les Osiones ont la tête et le visage de l'homme, le corps et les membres de la bête. Je laisserai dans leur incertitude ces faits mal éclaircis.

PART FIVE

GERMANIA DES TACITUS. DEUTSCHE UEBERSETZUNG VON DR. ANTON BAUMSTARK 1876.



V- I GERMAN TRANSLATION OF GERMANIA

Germania Des Tacitus. Deutsche Uebersetzung Von Dr. Anton Baumstark 1876.

Das ganze Germanien wird von den Galliern und Rhätiern und von den Pannoniern durch die Ströme Rhein und Donau, von den Sarmaten und Daken durch gegenseitige Furcht oder Berge getrennt; um das Uebrige geht der Ocean, welcher weite Busen und unermeßliche Inselräume umfaßt, wo wir vor einiger Zeit gewisse Völker und Könige kennen lernten, die uns der Krieg entdeckte. Der Rhein, auf einem unerstiegenen und steilen Firn der rhätischen Alpen entsprungen, mischt sich, nachdem ihn eine mäßige Beugung gen Westen gewendet, mit dem nördlichen Weltmeer. Die Donau, von einem sanften und mild erhobenen Rücken des Gebirges Abnoba ausfließend, berührt mehr Völker, bis sie durch sechs Läufe in das pontische Meer hinausbricht; ein siebenter Ausfluß wird von Sümpfen verschlungen.

2.

Die Germanen selbst mag ich für Kinder des Landes halten und gar nicht durch andrer Völker Eindringen und Einkehren vermischt, weil in der Vorzeit nicht zu Lande, sondern auf Flotten heranfuhren, die ihre Sitze zu wechseln suchten, und weil der unermeßliche jenseitige und, daß ich [8] so sage, anderweitige Ocean von wenig Schiffen aus unserer Welt berührt wird. Ferner, wer sollte, neben der Gefahr eines schauervollen und unbekannten Meeres, Asien oder Afrika oder Italien verlassen und nach Germanien streben, unschön in den Landschaften, rauh durch seinen Himmel, unerfreulich zum Wohnen und für den Anblick, außer wenn es das Vaterland ist? Sie preisen in alten Liedern, bei ihnen die einzige Art der Ueberlieferung und der Geschichte, den Gott Tuisko, der Erde Sprößling, und seinen Sohn Mannus als Ursprung und Gründer ihres Volkes. Dem Mannus verleihen sie drei Söhne, nach deren Namen die Nächsten am Meere Ingävonen, die in der Mitte Herminonen, die Uebrigen Istävonen genannt würden. Einige, wie eben im freien Spiel des grauen Alterthums, behaupten mehr Söhne des Gottes und mehr Sonder-Benennungen des ganzen Volkes: Marser, Gambrivier, Sueven, Vandalier; und dieß sind wirkliche und alte Namen. Uebrigens sei das Wort Germania neu und erst vor einiger Zeit hinzugethan, weil jene, die zuerst den Rhein überschreitend die Gallier vertrieben und nun Tungren heißen, damals Germanen genannt worden. Also sei, was der Name eines Stammes, nicht der des Volkes gewesen, allmälig emporgekommen, daß Alle, zuerst vom Sieger zur Furcht,

bald auch durch sich selbst mit der so erhaltenen Benennung Germanen geheißen wurden.

3.

Daß auch Herkules bei ihnen gewesen, erwähnt man, und ihn als den ersten aller tapferen Männer besingen, die in die Treffen gehen. Auch jene Lieder haben sie, [9] durch deren Vortrag, bei ihnen Bardit genannt, sie die Herzen entflammen und der bevorstehenden Schlacht Geschick schon im Gesange ahnen. Denn sie schrecken oder zittern, wie je die Heerreihe geschallt, und nicht so Stimmen, als der Tapferkeit Einklang scheint dieß zu sein. Vorzüglich Rauhheit des Tones wird erstrebt und ein gebrochenes Gebrumm, indem sie die Schilde vor den Mund halten, auf daß die Stimme durch den Widerprall desto voller und tiefer anschwelle. Uebrigens meinen Einige, auch Ulixes habe, auf jener langen und sagenreichen Irrfahrt in den Ocean dort gerathen, die Länder Germaniens berührt, und Asciburgium, welches, am Ufer des Rheins gelegen, noch heute bewohnt ist, sei von ihm gegründet und benamt; ja selbst ein Altar, dem Ulixes geheiligt, mit beigefügtem Namen seines Vaters Laertes, sei eben dort vor Zeiten entdeckt worden; und noch seien Denkmale und gewisse Grabhügel, mit griechischen Buchstaben beschrieben, wo sich Germanien und Rhätien berühren, vorhanden; was weder zu erhärten durch Beweise, noch zu verwerfen in meiner Absicht ist; nach seiner eigenen Richtung mag ein Jeder Glauben entziehen oder gewähren.

4.

Ich selbst trete den Ansichten Derer bei, welche glauben, daß Germaniens Völker, durch keine fremden Ehemischungen aus anderen Nationen unrein, ein eigenthümliches, naturächtes und nur sich ähnliches Geschlecht seien. Daher auch die Beschaffenheit der Körper, obgleich in einer so großen Zahl von Menschen, die nämliche bei Allen: trotzig wilde und blaue Augen, röthliche Haare, große Körper und nur [10] zum Anstürmen stark; nicht gleich groß ihre Ausdauer in Mühe und Arbeit, und am wenigsten ertragen sie Durst und Hitze; an Kälte und Hunger sind sie durch ihren Himmel oder Boden gewöhnt.

5.

Das Land, obgleich in der besondern Erscheinung etwas verschieden, ist doch im Allgemeinen entweder durch Wälder schauerlich oder durch Sümpfe wüst; mehr feucht, wo es gen Gallien schaut, mehr windig, wo nach Noricum und Pannonien; für Getreide ergiebig, Fruchtbäumen widerstrebend, reich an Heerdethieren. Doch sind sie meist gering; nicht einmal das Rind hat die ihm eigene Auszeichnung oder der Stirne Schmuck. An der Zahl freut man sich, und das ist ihr einziger und liebster Besitz. Silber und Gold ob gnädig oder ergrimmt die Götter versagten, entscheid' ich nicht; doch möchte ich nimmer behaupten, daß gar keine Ader Germaniens Silber oder Gold zeuge, denn wer hat durchsucht? Besitz und

Gebrauch regt sie nicht sonderlich an; silberne Gefäße, ihren Gesandten und Häuptern zum Geschenke gegeben, kann man bei ihnen in ganz gleich geringem Werthe sehen, wie die man aus Thon fertigt. Doch halten die an der Grenze, ob des Bedürfnisses beim Handel, Gold und Silber in Werth und erkennen mit Auswahl gewisse römische Münzarten an; die im Innern halten sich mehr einfach und hergebracht an den Austausch von Waaren. Das alte Geld und lang bekanntes ist ihnen recht, so die Stücke mit gezahntem Rande und einem Zweigespann. Ueberdieß suchen sie mehr das Silber als das Gold, nicht aus innerer Leidenschaft, sondern weil [11] eine Anzahl Silbermünzen bequemer ist für den Gebrauch, wenn man mit Allerlei und Geringem Handel treibt.

6.

Nicht einmal Eisen erübrigt, wie aus der allgemeinen Art ihrer Waffen hervorgeht. Wenige haben Schwerter oder größere Lanzen; sie führen Speere oder, nach ihrer eigenen Benennung, Framen mit einem knappen und kurzen Eisen, das aber so scharf und für den Gebrauch handlich ist, daß sie mit der nämlichen Waffe, wie es eben das Verhältniß fordert, entweder im Handgemenge oder aus der Ferne kämpfen. Der Reiter nun hat wirklich an seinem Schilde und seiner Frame genug; das Fußvolk wirft auch kleinere Geschosse, ein Mann mehre, die sie in’s Unermeßliche schleudern, nackt oder im kleinen Mantel leicht umhüllt. Kein Prunk im Aeußern; nur zeichnen sie die Schilde mit den gewähltesten Farben; Wenige haben Harnische, kaum Einer oder der Andere Helm oder Sturmhauben. Ihre Pferde sind nicht durch Gestalt, nicht durch Hurtigkeit ausgezeichnet; aber sie werden freilich auch nicht nach unsrer Art, in verschiedenen Wendungen Kreise zu laufen, gelehrt; geradeaus treibt man sie oder in der einen Schwenkung rechtsum bei so enggeschlossener Rundung, daß Niemand hinten bleibt. Schätzt man in’s Allgemeine, so ist mehr Stärke beim Fußvolk, und darum kämpfen sie gemischt, so daß zu dem Kampfe der Reiter die Hurtigkeit der Fußgänger paßt und zutrifft, die man aus der ganzen streitbaren Mannschaft erlesen vor die Linie stellt. Auch ist deren Zahl bestimmt; aus jedem Gau sind es hundert und gerade so heißen sie auch unter den Ihrigen; [12] was also Anfangs Zahl war, ist nun wirklicher Name und Auszeichnung. Ihre Schlacht wird aus Keilen zusammengesetzt. Von seiner Stelle weichen, wenn man nur wieder andringt, gilt mehr für Ueberlegung, als für Furcht. Die Körper der Ihrigen tragen sie auch in nicht glücklichen Treffen zurück. Den Schild verlieren, ist ganz besondere Schande; bei den Opfern zu erscheinen oder in die Volksversammlung zu treten, bleibt so Schandbeladenen verwehrt; daher haben viele, die Kriege überlebend, solcher Ehrlosigkeit durch den Strick ein Ende gemacht.

7.

Könige wählen sie nach dem Adel der Abkunft, Heerführer nach der Tüchtigkeit. Doch haben die Könige keine unbegrenzte oder freie Gewalt, und die Führer stehen

an der Spitze mehr durch Musterhaftigkeit als durch Machtvollkommenheit, bewundert, wenn sie kampfgewandt, wenn sie hervorleuchtend sind, wenn sie vor der Schlachtlinie walten. Uebrigens ist weder hinrichten noch fesseln, nicht einmal schlagen erlaubt, außer den Priestern: nicht eigentlich zur Strafe, noch aus Befehl des Führers, sondern weil gleichsam die Gottheit es gebietet, die sie unter den Kriegenden gegenwärtig glauben; und daher tragen sie Bilder und gewisse heilige Zeichen, aus den Hainen geholt, in die Schlacht. Ferner, was eine vornehmliche Anregung der Tapferkeit ist, nicht Zufall, nicht Zusammenschaarung durch Ungefähr macht den Trupp oder Keil, sondern die Familien und Verwandtschaften; und die geliebten Pfänder ganz in der Nähe, von wo der Weiber Geheul zu hören, von wo das Schreien der Kinder. Diese sind Jedem die [13] heiligsten Zeugen, diese die höchsten Lobesspender. Zu den Müttern, zu den Frauen tragen sie die blutenden Leiber, und Jene zittern nicht, die Wunden zu zählen oder zu vergleichen, und bringen fortan den im Kampfe Stehenden Speise und Ermunterung.

8.

Das geschichtliche Andenken weiß, daß einige Schlachten, schon sinkend und wankend, von den Weibern wieder hergestellt wurden durch Beharrlichkeit der Bitten, durch das Entgegenhalten ihrer Brüste, und durch das Hinzeigen auf die ganz nahe Gefangenschaft, welche der Germane im Hinblick auf sein Weib weit unüberstehlicher fürchtet, so sehr, daß die Stimmung solcher Staaten wirksamer gebunden wird, denen unter den Geiseln auch edelbürtige Mädchen abverlangt werden. Ja, daß selbst ein heiliges und prophetisches Wesen denselben inwohne, glauben sie, und man weist ihren Rath nicht ab oder vernachlässigt ihre Aussprüche. Wir selbst haben unter Vespasianus (nun bei den Göttern) die Veleda gesehen, welche lange bei den Meisten für ein Gottwesen galt. Aber auch in älterer Zeit verehrten sie göttlich eine Albruna und mehrere Andre, nicht aus Kriecherei, noch als ob man sie zu Göttinnen machte.

9.

Von Göttern verehren sie am meisten Mercurius, dem sie an bestimmten Tagen auch Menschenopfer zu bringen für frommes Recht halten. Den Herkules und Mars besänftigen sie durch erlaubte Thieropfer. Ein Theil der [14] Sueven opfert auch der Isis. Von wo Grund und Ursprung diesem fremden Dienste ward, habe ich nicht ganz ergründet, nur daß selbst der Gottheit heiliges Zeichen, wie ein Liburnerschiff gestaltet, eine über Meer eingebrachte Religion zeigt. Im Uebrigen halten sie der Größe der Himmlischen nicht für gemäß, die Götter inner Wänden zu bannen oder irgend einer Erscheinung des menschlichen Antlitzes ähnlich zu bilden. Haine und Wälder heiligen sie, und nennen mit den Namen persönlicher Gottheiten jenes Geheimnißvolle, das sie allein durch fromme Anbetung schauen.

10.

Götterzeichen und Loose beobachten sie wie nur immer Andere. Der Loosung fest gewohnte Art ist einfach. Einen Zweig, von einem Fruchtbaume abgehauen, schneidet man in kleine Stäbchen, unterscheidet diese durch gewisse Zeichen, und streut sie über ein weißes Tuch blindlings und auf's Ungefähr. Alsbald hebt, wenn in Staatssachen Befragung geschehen wird, der Priester der Gemeinde, wenn in häuslichen, bloß das Haupt der Familie, zu den Göttern flehend und gegen den Himmel aufblickend, dreimal ein Stäbchen auf, und deutet die aufgehobenen nach dem vorher eingedrückten Zeichen. Wehrten sie, so ist für denselben Tag über dieselbe Sache keine Befragung mehr; ward aber Statt gegeben, so ist noch Bestärkung durch Götterzeichen erforderlich. Und wirklich ist auch hier jener Brauch bekannt, der Vögel Stimmen und Flug zu befragen: dem Volke eigenthümlich ist, auch der Rosse ahnendes Wittern und Mahnen zu versuchen. Für die Gemeinde [15] werden sie in den nämlichen Wäldern und Hainen genährt, ganz weiß und von keinem irdischen Dienste unrein berührt; sie, mit dem heiligen Wagen beschwert, begleitet der Priester und König oder Häuptling des Staates und beobachtet ihr Wiehern und schnaubendes Knirren. Und keine andere Weissagung hat größeren Glauben nicht bloß bei dem Gemeinvolk, sondern bei den Vornehmen, bei den Priestern, denn sich halten diese für Diener der Götter, jene für deren Wissende. Noch eine andere Beobachtung von Anzeichen gibt es, durch welche sie schwerer Kriege Auslauf erforschen. Einen Gefangenen des Volkes, mit welchem Krieg ist, irgendwie aufgegriffen, bringen sie in den Kampf mit einem Auserlesenen ihrer Landsleute, jeden in den heimischen Waffen. Der Sieg von Diesem oder Jenem wird für Vorentscheidung angenommen.

11.

Ueber kleinere Dinge berathen die Hohen, über größere Alle, doch so, daß auch Dasjenige, dessen Entscheidung beim Volke ist, bei den Hohen durchgearbeitet wird. Die Gemeinde versammelt sich, wenn nicht etwas Unerwartetes und Plötzliches einfällt, zu bestimmten Fristen, da der Mond anfängt oder voll wird; denn zur Behandlung aller Angelegenheiten halten sie dieß für den glückbringendsten Anfang. Uebrigens rechnen sie nicht wie wir die Zahl der Tage, sondern der Nächte; so geben sie Bestimmung, so Zusage; die Nacht scheint dem Tage vorauszugehen. Das ist ein Fehler aus der Freiheit, daß sie nicht auf einmal noch wie auf Befehl zusammen kommen, sondern ein zweiter und dritter Tag durch Säumniß der Zusammentretenden [16] hingeht. Wie es der Masse gefällt, faßt man Platz, in Waffen. Stillschweigen wird durch die Priester geboten, welchen dann auch das Recht der Bestrafung zusteht. Hierauf wird der König oder das Volkshaupt, wie jeweils dessen Alter ist, wie der Adel seines Geschlechtes, wie sein Ruhm aus Kriegen, wie die Wohlredenheit, angehört, mehr mit der Geltung eines Zuspruchs, als durch die Amtsgewalt des Befehlens. Mißfällt der Antrag, so verwerfen sie ihn durch Gemurr; gefällt er aber, dann schlagen sie die geschwungenen Framen zusammen: die geehrteste Art des Beifalls ist, mit den Waffen zu loben.

12.

Es ist gestattet, bei der versammelten Gemeinde auch anzuklagen und Verfolgung auf Leben und Tod zu richten. Die Unterscheidung der Strafen geht nach dem Verbrechen: Verräther und Ueberläufer hängen sie an Bäumen auf, Feiglinge und Kriegsflüchtige und am Körper Geschändete senken sie in Koth und Sumpf, darüber eine Flechte geworfen. Die Verschiedenheit der Todesstrafe zielt dahin, als müsse man die Verbrechen aufzeigen, wenn man sie bestraft, die Schandthaten verbergen. Doch auch bei leichteren Verschulden büßen nach Verhältnis der Strafen die Ueberführten mit einer Anzahl Pferden und Heerdethieren. Ein Theil der Buße wird dem König oder der Gemeinde entrichtet, ein Theil demjenigen selbst, der gesühnt wird, oder seinen Verwandten. In den nämlichen Versammlungen werden auch die Hohen auserwählt, welche durch Gau und Mark das Recht handhaben; Jedem stehen [17] hundert Gefährten aus dem Volke zur Seite, Rath zugleich und Bewährung.

13.

Aber Nichts, weder von Gemeindesachen noch der Einzelnen, thun sie anders als in Waffen. Doch das Waffenführen gestattet Keinem die Sitte früher, als die Gemeinde ihn dafür genügend erkannt. Dann schmückt gerade in der Versammlung des Volkes entweder der Hohen Einer oder der Vater oder nahe Verwandte den jungen Mann mit Schild und Frame. Dieß ist bei ihnen die Toga, dieß die erste Auszeichnung der thatkräftigen Jugend: bis dahin erscheinen sie als Theil des Hauses, nun des Gemeinwesens. Ausgezeichneter Adel des Geschlechtes oder der Väter große Verdienste führen auch zarten Jünglingen die Auszeichnung des Häuptlings zu: den übrigen, mehr erstarkten und schon längst erprobten, werden sie angereiht, und es ist ihnen keine Beschämung, im Gefolge erblickt zu werden. Ja, Rangstufen sogar hat die eigentliche Geleitschaft, durch den Ausspruch Dessen, dem sie folgen; und groß ist nicht bloß der Begleiter Wetteifer, wem der erste Platz an ihres Führers Seite, sondern auch der Führer, wem die meisten und tapfersten Begleiter. Dieß ist Würde, dieß Kraft und Macht, stets von einem großen Haufen auserlesener Krieger umgeben zu sein: im Frieden Zierde, im Kriege Schutz; und nicht bloß beim eigenen Volke, sondern auch bei den nahen Gemeinden bringt das Jedwedem Name, bringt das Ruhm, wenn durch Zahl und Tapferkeit sein Gefolge hervorragt; denn durch Gesandtschaften werden sie dann ernstlich gesucht und mit [18] Geschenken geehrt; und gar oft schlagen sie durch ihren großen Ruf allein die Kriege nieder.

14.

Wann es zur Schlacht kam, ist es schimpflich für den Häuptling, in der Tapferkeit nachzustehen, schimpflich für das Gefolge, der Tapferkeit des Hauptes nicht gleichzukommen. Aber ehrlos gar für das ganze Leben und schmachvoll ist es, seinen Führer überlebend aus dem Kampfe zu kehren. Ihn vertheidigen, ihn

schützen, sogar die eigenen Heldenthaten seinem Ruhme zuweisen, ist allererste heilige Pflicht. Die Häuptlinge kämpfen für den Sieg, die Begleiter für den Häuptling. Wenn der Staat, in dem sie geboren, in langem Frieden und Ruhe starret, so ziehen gar Manche der adeligen Jünglinge aus eignem Triebe zu den Stämmen, welche jetzt gerade irgend einen Krieg führen, theils weil der Nation die Ruhe unwillkommen ist, theils weil man unter scharfer Gefahr leichter zu Ruhm gelangt, ein großes Gefolge aber nur durch Gewalt und Krieg halten kann. Denn man verlangt von seines Häuptlings Freigebigkeit jenes kampfmuthige Roß, jene blutige und siegreiche Frame; Schmäuse nämlich, und die reichlichen, wenn gleich schmucklosen Bewirthungen vertreten die Stelle des Soldes. Der Stoff für reiche Güte kommt durch Kriege und Raub. Und man mag nicht so leicht sie dahin stimmen, die Erde zu pflügen oder das Jahr abzuwarten, als den Feind zu fordern und Wunden zu gewinnen; ja, faul im Gegentheil und träge scheint es, mit Schweiß zu erarbeiten, was man mit Blut erreichen kann.

[19]

15.

So oft sie nicht in Kriege ziehen, bringen sie keinen großen Theil der Zeit mit Jagden hin, mehr in Nichtsthun, dem Schlafe ergeben und der Speise: die tapfersten und kampfmuthigsten Alle thun gar nichts, die Sorge für Haus, Hausleben und Feld ist den Weibern, Greisen und allen Unkräftigsten der Hausgenossen überlassen. Sie selbst sind starr unthätig, ein wunderbarer Widerspruch der Natur, da die nämlichen Menschen so sehr die Trägheit lieben und die Ruhe hassen. Es ist Sitte in den Staaten, frei und nach Jedes Kräften den Häuptern entweder an Thieren oder an Früchten beizusteuern, was, als Ehrengabe gern empfangen, zugleich den Bedürfnissen nachhilft. Vornehmliche Freude haben sie an Geschenken aus den Nachbarvölkern, nicht bloß von Einzelnen geschickt, sondern vom Staate: erlesene Pferde, große Waffen, Brustschmuck und Halsketten. Bereits auch das Geldannehmen haben wir sie gelehrt.

16.

Daß von den Völkern der Germanen keine Städte bewohnt werden, ist bekannt genug, ja, daß sie auch von keinen unter sich verbundenen Sitzen wissen wollen. Sie wohnen gesondert und auseinander, wie Quelle, wie Feld, wie Wald gefiel. Die Dörfer legen sie nicht nach unsrer Weise an, durch verbundene und fest zusammenhängende Gebäude: mit einem freien Raume umgibt Jeder sein Haus, entweder als Mittel gegen Feuerunglück oder aus Ungeschicktheit im Bauen. Nicht einmal der Bruchsteine oder [20] Ziegel Verwendung ist bei ihnen: durchweg nehmen sie Holz dazu, formlos, unansehnlich und ungefällig. Einzelne Stellen überstreichen sie recht sorgfältig mit so reiner und glänzender Erde, daß es der Malerei und Farbenzeichnung nahe kommt. Sie pflegen auch unter dem Boden Höhlen zu öffnen und belasten sie mit vielem Mist darüber, Zuflucht für den Winter

und Behältniß für die Früchte. Durch Gelasse der Art lindern sie die Strenge der Kälte, und wenn einmal der Feind einbricht, verheert er das Offene, das Versteckte aber und Vergrabene weiß man nicht, oder es entgeht schon darum, weil es zu suchen ist.

17.

Decke ist Allen ein Mantel, mit einer Heftel oder, wenn diese fehlt, mit einem Dorn zusammengeknüpft; im Uebrigen unbedeckt, verbringen sie ganze Tage neben dem Heerde und Feuer. Die Begütertsten unterscheidet ein Leibkleid, nicht bauschig, wie die Sarmaten und Parther es haben, sondern anliegend und jedes einzelne Glied darstellend. Auch Wildpelze tragen sie, die zunächst im Uferland gleichgültig, die weiter im Innern mehr ausgesucht; denn zu ihnen dringt kein Putz durch Handel. Man liest aus unter dem Wild und sprenkelt die abgezogenen Hüllen mit Flecken und mit Fellen von Thieren, die der äußere Ocean zeugt und das unbekannte Meer. Auch die Weiber haben keine andere Tracht, als die Männer, außer daß die Weiber sich öfter in leinene Gewänder hüllen, welche man durch Hochroth bunt macht, und den oberen Theil des Leibkleides nicht in Aermel verlängern, nackt [21] am Unter- und Oberarm; aber auch der nächste Theil der Brust ist blos.

18.

Indessen sind dort die Ehen streng, und gar keinen Theil der Sitten darf man mehr loben. Denn fast nur sie allein unter den Barbaren sind mit Einer Frau zufrieden, ganz wenige ausgenommen, welche nicht der Wollust zuliebe, sondern ob ihres hohen Adels mit gar vielen Heirathen umworben werden. Ehegabe bietet nicht die Frau dem Manne, sondern der Frau der Mann. Gegenwärtig sind dabei die Eltern und Blutsfreunde und prüfen die Geschenke: Geschenke nicht nach Weiber-Tändelei gesucht, noch um damit die Neuvermählte zu putzen, sondern Rinder und ein aufgezäumtes Pferd, dann Schild nebst Frame und Schwert. Auf solche Geschenke nimmt man sein Weib, und ihrerseits bringt auch die Gattin dem Manne etwas Waffen. Dieß, glauben sie, ist das größte Band, dieß die geheime Heiligung, dieß des Ehebundes Götterschutz. Daß sich die Frau nicht außer den Gedanken nach Tugenden wähne, nicht außer den Unfällen der Kriege, wird sie schon durch der beginnenden Ehe eigentliche Weihe erinnert, sie komme als Gefährtin der Mühen und Gefahren, bestimmt das Gleiche im Frieden, das Gleiche in den Schlachten zu tragen und zu wagen. Dieß künden die gejochten Rinder an, dieß das gerüstete Pferd, dieß die gereichten Waffen; so müsse gelebt sein, so gestorben; sie erhalte, was sie ohne Makel und gleich würdig ihren Kindern wiedergeben, was die Schwiegertöchter [22] wiederum empfangen sollen, was auf die Enkel kommen müsse.

19.

Also im sichern Schutze der Keuschheit leben sie, durch keine Schauspiel-Lockungen verdorben, durch keine Reizungen der Gelage; der Schrift Geheimwege kennen Männer und Weiber gleichmäßig nicht. Aeußerst selten ist in dem so zahlreichen Volke der Ehebruch, dessen Bestrafung augenblicklich und dem Manne überlassen ist. Abgeschnittenen Haares und entblößt jagt dieser sie vor den Augen der nahen Verwandten aus dem Hause und treibt sie mit der Peitsche durch das ganze Dorf, denn preisgegebene Scham hat kein Verzeihen: nicht durch Schönheit, nicht durch Jugend, nicht durch Habe findet sie einen Mann. Lacht doch Niemand dort über das Laster, und verführen oder verführt werden, heißt nicht Welt. Besser freilich noch die Staaten, in welchen nur Jungfrauen heirathen, wo Hoffnung und Wunsch der Gattin bloß einmal erledigt wird. Also empfangen sie nur einen Gemahl, wie nur einen Körper und ein Leben, damit kein weiterer Gedanken, daß keine fernere Begierde lebe, daß nicht gleichsam den Ehemann sie lieben, sondern gleichsam den Ehebund. Die Zahl der Kinder beschränken oder gar eines der nachgeborenen tödten, gilt als Schandthat, und mehr vermögen da die guten Sitten, als anderswo gute Gesetze.

20.

In jedem Hause wachsen sie in Blöße und Aermlichkeit zu diesen Gliedern herauf, herauf zu diesen Körpern, [23] die wir bewundern. Jeden nähret die eigene Mutter an der Brust, und nicht den Mägden und Ammen fallen sie anheim. Den Herren oder Knecht vermag man in keiner Tändelei der Erziehung zu unterscheiden: bei den nämlichen Heerden, auf dem nämlichen Boden treiben sie sich, bis den Freien die Jahre scheiden, die Mannhaftigkeit anerkennt. Ganz spät ist der jungen Männer Liebesgenuß und darob unerschöpflich ihre Zeugungskraft. Auch die Jungfrauen werden nicht beeilt: dieselbe Jugendfülle, ähnlich hohe Gestalt; entsprechenden Alters und kraftvoll werden sie Frau: und die Kinder sind der Eltern Ebenbild in Stärke. Die Söhne der Schwester haben beim mütterlichen Oheim die nämliche Achtung wie an der Seite ihres Vaters. Manche halten jenes Band des Blutes für unverletzlicher und enger, und dringen beim Empfang von Geiseln mehr auf solche, überzeugt, daß diese die Stimmung fester und die Familie weiter beherrschen. Erben indeß und Nachfolger sind Jedwedem die eigenen Kinder, und ein Testament gibt es nicht. Fehlen Kinder, so sind die nächste Linie in der Ergreifung des Besitzes die Brüder, Vaterbrüder, Mutterbrüder. Je mehr Verwandte des Blutes, je größer die Zahl der Verschwägerten, desto reicher an Ergebenheit ist das hohe Alter; Kinderlosigkeit hat keinen Preis.

21.

Sowohl die Feindschaften sei es des Vaters, sei es des Blutsverwandten, als wie die Freundschaften auf sich zu nehmen, ist Nöthigung. Jene dauern aber doch nicht unversöhnlich; denn selbst der Mord wird mit einer [24] gewissen Zahl Rinder und andrer Thiere gesühnt, und die gesammte Sippe nimmt die Genugthuung bindend

an, zum Frommen für das Allgemeine, weil Feindschaften, wo Freiheit ist, von größerer Gefahr sind. Den geselligen Mahlen und gastlichen Bewirthungen hängt kein anderes Volk ausschweifender nach. Irgend Einem der Sterblichen das Dach wehren, gilt als Frevel; Jeder empfängt ihn mit einem nach der Habe bereiteten Essen. Wenn das ausgeht, ziehen sie, der eben Wirth war nun als Zeiger einer gastlichen Stätte und als Begleiter, zum nächsten Hause ungeladen. Und dieß thut nichts; mit gleicher Freundlichkeit empfängt man sie. Niemand unterscheidet, was das Recht des Fremden betrifft, den Bekannten von dem Unbekannten. Dem Scheidenden, wenn er etwas verlangt, zu willfahren ist Sitte, und auf der andern Seite die nämliche Unbefangenheit im Verlangen. Sie haben ihre Freude an Geschenken; doch rechnen sie die gewährten nicht auf, und binden sich nicht durch die empfangenen. Das ganze Verhalten zwischen Gastfreunden ist gefällig.

22.

Gleich nach dem Schlafe, den sie meist in den Tag hineinziehen, baden sie, häufiger in warmem Wasser, wie ja bei ihnen das Meiste der Winter einnimmt. Nach dem Bade genießen sie Speise; Jeder hat seinen getrennten Sitz und eigenen Tisch. Hierauf schreiten sie zu Geschäften und nicht weniger oft zu Gelagen, in den Waffen. Den Tag und die Nacht durch Saufen zu verhängen, bringt Keinem Schimpf. Die, wie eben unter Trunkenen, häufigen Zwiste werden selten mit Schimpfreden abgethan, [25] häufiger mit Mord und Wunden. Indessen auch über gegenseitige Aussöhnung der Feinde und Schließung von Schwägerschaften, über den Anschluß an Häuptlinge, über Frieden endlich und Krieg berathen sie meist bei Gelagen, wie wenn zu keiner Zeit mehr das Herz für wahre Gedanken sich öffne oder für große erglühe. Dieses Volk, nicht listig und durchtrieben, erschließt annoch die Geheimnisse des Herzens in der Ungebundenheit der Lust. Daher wird der enthüllte und offene Sinn Aller am nächsten Tage noch einmal behandelt. Und beider Zeit Verfahren ist wohlgehalten: sie besprechen, während sie nicht zu heucheln wissen; sie beschließen, während sie nicht irren können.

23.

Als Getränk dient eine Flüssigkeit aus Gerste oder Weizen, in eine gewisse Aehnlichkeit mit Wein umgefälscht; die Nächsten im Uferland erhandeln sich auch Wein. Ihre Speisen sind einfach: Feldobst, frisches Wildfleisch, oder geronnene Milch. Ohne künstliche Zubereitung, ohne Leckereien vertreiben sie den Hunger; gegen den Durst nicht dieselbe Mäßigung. Wenn man der Trunkenheit willfährt und herbeischafft so viel sie gierig wünschen, werden sie nicht weniger leicht dem Laster unterliegen, als unsern Waffen.

24.

Die Art ihrer Schauvergnügung ist nur eine und in jeglicher Lustversammlung die nämliche. Entkleidete Jünglinge, deren Eigen dieß Spielergötzen ist, tummeln sich

in Sprüngen unter Schwertern und feindlich drohenden Framen [26] umher. Die Uebung bereitet Kunst, Kunst Schönheit. Nicht zum Erwerb jedoch oder für Lohn: des noch so verwegenen Muthwillens Preis ist das Ergötzen der Schauenden. Das Würfelspiel, man muß sich wundern, üben sie unbetrunken als etwas Ernstes mit solcher Unvernunft für Gewinnen und Verlieren, daß, wenn Alles dahin ist, sie im äußersten und letzten Wurfe die Freiheit und den Körper daran setzen. Der Besiegte tritt in freiwillige Knechtschaft; obgleich jugendkräftiger, obgleich stärker, läßt er geduldig sich binden und verkaufen. So groß ist die Hartnäckigkeit in der fehlerhaften Sache; sie selbst nennen es treue Ehrlichkeit. Sklaven dieses Looses geben sie im Handel weiter, um auch sich vom Schamgefühl des Sieges loszumachen.

25.

Die andern Knechte brauchen sie nicht nach unsrer Art zu Diensten, dem Gesinde der Reihe nach genau angewiesen; Jeder führt seinen Sondersitz, sein Haus und seinen Hof. Der Herr legt ihm ein Gewisses an Frucht oder Vieh oder Kleidungsstoff auf wie einem Pflanzer, und der Knecht ist soweit unterworfen. Die Verrichtungen für das Haus im Uebrigen besorgen Frau und Kinder. Einen Sklaven peitschen und mit Kerker und Strafarbeit züchtigen, ist selten; ihn zu tödten, pflegen sie, doch nicht aus Zucht und Strenge, sondern im Sturm und Zorn, wie einen Feind, nur daß es straflos ist. Die Freigelassenen stehen nicht viel über den Sklaven; ihrer ist selten eine Bedeutung im Hause, niemals im Staate, bloß die Völker ausgenommen, welche in Königsherrschaft stehen, [27] denn dort steigen sie über die Freien, steigen sie über den Adel. Bei den Uebrigen sind die tief gestellten Freigelassenen ein Beweis der Freiheit.

26.

Wucher treiben und ihn über die Zinsen erstrecken, ist unbekannt, und deßhalb mehr gemieden, als wenn es verboten wäre. Die Aecker werden entsprechend der Zahl der Pflanzer zu wechselnder Benutzung von Allen zusammen besetzt, um sie alsbald unter die Einzelnen nach würdigendem Ermessen zu vertheilen. Leichtigkeit des Vertheilens gewahren der Felder weite Flächen. Das Saatland wechselt man alljährlich, und es bleiben Aecker übrig. Denn sie wetteifern nicht mit der Fruchtbarkeit und dem weiten Umfang ihres Bodens durch Müh’ und Arbeit, um Obstpflanzungen anzulegen, Wiesen abzugrenzen und Gärten zu wässern: nur Getreide wird der Erde abverlangt. Daher scheiden sie auch das Jahr selbst nicht in gleich viel Theile: Winter und Frühling und Sommer haben Sinn und Benennung; des Herbstes Namen und Güter sind ihnen gleich unbekannt.

27.

Bei den Leichen kein eitles Gepränge. Nur darauf wird gehalten, daß die Leichname berühmter Männer mit bestimmten Arten Holz verbrannt werden. Die Aufschicht

des Scheiterstoßes überhäufen sie nicht mit Gewändern und Wohlgerüchen: Jedem werden seine Waffen mitgegeben, dem Feuer Dieses oder Jenes auch sein Pferd. Das Grabmal erheben Rasen; der Denkmäler steile und arbeitsvolle [28] Ehre verschmähen sie als schwer für die Verlebten. Jammer und Thränen legen sie schnell ab, Schmerz und Betrübniß langsam. Den Weibern ist trauern schön, den Männern eingedenk sein.

Dieß in's Allgemeine haben wir von aller Germanen Ursprung und Sitten vernommen. Der einzelnen Völker Einrichtungen und Gebräuche, wie weit diese abweichen, welche Stämme aus Germanien nach Gallien übersiedelten, das will ich nun darlegen.

28.

Daß einst der Gallier Sachen stärker waren, sagt der hohe Gewährsmann, nun unter den Göttern, Julius; und darob ist es glaublich, daß auch Gallier nach Germanien hinübergingen. Denn wie wenig stand der Fluß im Weg, daß jedes Volk, wie es zu Kraft gekommen, Sitze nahm und Sitze tauschte, die bis dort herrenlos waren und durch keine Macht der Königsherrschaft abgesondert. Also hatten, was zwischen dem Waldgebirg Hercynia und den Flüssen Rhein und Main liegt, die Helvetier inne, das Jenseitige die Bojer, Beides ein gallisches Volk. Noch dauert der Name Bohem und bezeichnet des Landes uralte Geschichte, obgleich die Bewohner geändert sind. Unsicher ist es dagegen, ob die Aravisker nach Pannonien von den Osen hinwegwanderten, einer Nation unter den Germanen, oder die Osen von den Araviskern hinweg nach Germanien, da sie bis heute die nämliche Sprache, Einrichtungen, Sitten haben: waren doch einst bei gleicher Armuth und Freiheit beider Ufer Güter und Uebel dieselben. Die Treverer und Nervier sind in Behauptung ihres germanischen [29] Ursprungs recht eigentlich eitel, wie wenn sie durch solchen Blutesruhm von der Aehnlichkeit der Gallier und deren Erbärmlichkeit gesondert würden. Unmittelbar am linken Rheinufer wohnen unzweifelhaft germanische Völker, die Vangionen, Triboken, Nemeter. Nicht einmal die Ubier, obgleich sie eine römische Pflanzstadt zu sein erdienten und lieber nach ihres Begründers Namen Agrippiner heißen, erröthen ob ihres Ursprungs, einst herübergekommen und bei Erprobung ihrer Treue knapp über das Ufer des Rheins gesiedelt, auf daß sie wehrten, nicht daß sie bewacht seien.

29.

Unter diesen Völkern allen sind in der Tapferkeit die vornehmsten die Bataver. Nicht viel vom Ufer, sondern die Insel des Rheines bewohnen sie, einst ein Stamm der Chatten und ob eines heimathlichen Zwiespaltes übergetreten in jene Sitze, wo sie ein Theil der römischen Herrschaft werden mußten. Es dauert die Ehre und Auszeichnung der alten Gemeinschaft; denn keine Auflagen entwürdigen sie, kein Zöllner drückt sie aus: von Lasten freigehalten und von Steuern, nur für Verwendung in den Schlachten zur Seite gestellt wie Wehr und Waffen, werden sie

zum Kriege aufbewahrt. In dem nämlichen Gehorsam steht auch der Mattiaken Stamm; denn die Größe des römischen Volkes hat über den Rhein und über die alten Marken die Ehrfurcht der Oberherrschaft vorgerückt. So leben sie nach Sitz und Gebiet am eigenen Ufer, nach Geist und Herz bei uns, im Uebrigen den Batavern ähnlich, nur daß sie annoch durch des eigenen Landes Boden selbst und [30] dessen Himmel schärferer Stimmung sind. Nicht zu Germaniens Völkern zähle ich, obgleich jenseits des Rheins und der Donau gesiedelt, Jene, so die Zehntlande bauen. Allerleichteste der Gallier und durch Noth verwegen haben diesen Boden zweifelhaften Besitzes eingenommen. Seit dann der Grenzwall gezogen ward und die Schutzwerke vorgeschoben, gelten sie als ein Vorland des Reichs und als Provinztheil.

30.

Ueber diesen hinaus beginnen die Chatten den Anfang ihrer Sitze von dem Hercynischen Walde her, in nicht so hingebreiteter und sumpfiger Landschaft, wie die übrigen Staaten, in welche Germanien sich öffnet; denn Hügel dauern fort, werden allmälig seltener, und seine Chatten begleitet zugleich der Hercynische Wald und setzt sie ab. Das Volk hat härtere Körper, straffe Glieder, drohende Miene und größere Lebendigkeit des Geistes. Sie haben, für Germanen, viel Berechnung und Geschick: Erlesene an die Spitze stellen, auf die Vorgesetzten hören, Reih' und Glied halten, die Gunst des Augenblicks erkennen, den Sturm aufschieben, des Tages verfügen, die Nacht umwallend sichern, das Glück unter Zweifelhaftes zählen, die Tapferkeit unter das Sichere, und, was das Seltenste und nur bei Berechnung wahrer Kriegsordnung möglich, mehr auf den Führer geben, als auf das Heer. Ihre ganze Stärke ist im Fußvolk, welches außer den Waffen auch mit Eisengeräth und Mundvorrath belastet wird. Andere sieht, man in's Treffen ziehen, die Chatten zum Kriege: selten sind Streifzüge und zufälliges Gefecht. Den [31] Reiterstreitkräften allerdings ist das eigen, rasch den Sieg gewinnen, rasch zu weichen; doch steht die Hurtigkeit neben der Furcht, das Zaudern naher bei der Festigkeit.

32.

Was auch andern Völkern der Germanen bei seltener und besonderer Muthigkeit des Einzelnen im Gebrauche ist, das ward den Chatten zur Uebereinstimmung: sobald sie Jünglinge sind, Haupthaar und Bart wachsen zu lassen, und erst, wenn ein Feind erschlagen, die angelobte und der Tapferkeit verpflichtete Kopftracht abzulegen. Ueber Blut und Todesbeute gestellt, lichten sie die Stirne, und dann erst, meint man, haben sie den Lohn für die Geburt entrichtet, würdig des Vaterlandes und der Eltern. Feigen und Unkriegerischen bleibt der Wust. Die Allertapfersten tragen überdieß einen eisernen Ring (weil dieß etwas Schimpfliches ist in des Volkes Augen), gleichsam eine Fessel, bis man sich durch eines Feindes Tödtung davon befreit. Vielen der Chatten gefällt für immer diese Tracht, und selbst grau

sind sie also gezeichnet, den Feinden zugleich und den Ihrigen gewiesen. Bei diesen steht der Anfang aller Schlachten; dieß stets das Vordertreffen, erschütternd für den Blick. Denn nicht einmal im Frieden werden sie milderen Antlitzes zahm. Keiner hat Haus oder Feld oder irgend ein Geschäft; wie sie eben zu Andern kommen, werden sie ernährt, reich lebend von Fremdem, des Eigens Verächter, bis greisen Alters Erschöpfung sie für solch' harte Mannhaftigkeit unfähig macht.

[32]

32.

Zunächst den Chatten wohnen am Rhein, der, in seinem Bette nun schon sicher, Grenzwehr zu sein vermag, die Usipier und Tencterer. Die Tencterer thun sich, über den gewohnten Ruhm der Kriege, durch Kunst der Reiter-Kriegsordnung hervor, und des Fußvolkes Lob bei den Chatten ist nicht größer, als bei den Tencterern das der Reiter. So haben es die Alten eingeführt, die Spätem thun es ihnen nach; das sind der Kinder Spiele, dieß der jungen Männer Wettstreit, als Greise bleiben sie dabei. Neben dem Gesinde, Haus und den Nachfolgerechten werden die Rosse vererbt; es überkommt sie der Sohn, nicht, wie die übrige Erbschaft, der Erstgeborene, sondern welcher eben wildtapfer im Kriege ist und der Tüchtigere.

33.

Neben den Tencterern traten ehemals die Bructerer hervor; nun, sagt man, sind die Chamaven und Angrivarier eingewandert, nachdem die Bructerer geschlagen und durch der Nachbarstämme Zusammenhalten gänzlich ausgerottet wurden, entweder aus Haß ihrer Tyrannei, oder aus Lockung der Beute, oder durch besondere Gunst der Götter gegen uns. Denn nicht einmal den Schaugenuß des Treffens haben diese uns mißgönnt; über 60,000 fielen, nicht den römischen Waffen und Geschossen, sondern, was herrlicher ist, der Ergötzung und den Augen. So bleibe denn, ich bitte, und daure fort bei den Völkern, wenn nicht die Liebe zu uns, doch wenigstens der Haß gegen sich selbst, weil ja in drängendem Geschicke des Reiches [33] das Glück nichts Größeres mehr gewähren kann, als der Feinde Zwiespalt.

34.

Die Angrivarier und Chamaven schließen im Rücken die Dulgibnier und Chasuarier ab und noch andere Stämme, nicht sehr genannt. Auf der Vorderseite reihen sich die Frisier an. Große und kleine Frisier ist ihre Benennung nach dem Maß der Stärke. Beide Nationen ziehen sich bis zum Ocean am Rheine hin, und gehen überdieß um unermeßliche Seen, die auch von römischen Flotten beschifft sind. Haben wir doch den Ocean dort selbst versucht. Und daß noch Herkules-Säulen übrig seien, hat die Sage verbreitet, sei es, daß Herkules wirklich hinkam, sei es,

daß wir, was immer aller Orten großartig ist, auf seine Ruhmesherrlichkeit zu rechnen einstimmig sind. Es fehlte keineswegs dem Drusus Germanicus der kühne Muth; doch wehrte sich der Ocean, daß man in ihn zugleich und nach Herkules forsche. Hierauf hat Niemand mehr den Versuch gemacht, und es schien frommer und ehrfurchtvoller, der Götter Walten zu glauben als zu wissen.

35.

Bis hierher gen Westen kennen wir Germanien. Nach Norden läuft es in gar großer Biegung hinaus. Und gleich zuerst lehnt sich der Chauken Volk, obgleich es von den Frisiern beginnt und einen Theil der Küste inne hat, an sämmtlicher bis jetzt erwähnter Völker Seiten, bis es in die Chatten endlich einwärts läuft. Den so ungeheuern Länderraum besitzen die Chauken nicht bloß, sondern füllen [34] ihn auch: unter den Germanen ein edelstes Volk und bestrebt, seine Größe vor Allem durch Gerechtigkeit zu wahren. Frei von Gier, frei von blinder Leidenschaft, ruhig und geschieden, fordern sie keine Kriege heraus, verheeren nicht in Räubereien oder Beutezügen. Das ist ihrer Tüchtigkeit und Kraft vornehmlicher Beweis, daß sie, um als Obere zu walten, nicht durch Ungerechtigkeit erreichen. Doch sind Allen die Waffen bereit, und verlangt es die Lage, ganze Heere, eine Masse Männer und Pferde; und mitten in der Ruhe gleich groß ihr Ruf.

36.

An die Chauken und Chatten grenzend, haben die Cherusker, weil nicht herausgefordert, einen zu großen und morschen Frieden lange genährt; und das war behaglicher, als sicher, weil man zwischen Gewaltigen und Starken fälschlich ruhet: wo mit der Faust entschieden wird, da sind Mäßigung und Tugend des Siegers Ehrennamen. Also werden, einst gut und billig geheißen, die Cherusker nun Erbärmliche und Thoren genannt: den Chatten, ihren Siegern, hat das Glück der Weisheit Namen eingebracht. Von der Cherusker Sturz ebenfalls mitgerissen sind die Fosen, ein Angrenzervolk, der schlimmen Lage in gleichem Maaße Vollgenossen, nachdem sie in des Glückes Tagen die Nachgestellten waren.

37.

In dem nämlichen Auslaufe Germaniens wohnen unmittelbar am Ocean die Cimbern, jetzt ein kleiner Staat, [35] aber an Ruhm gar groß. Es dauern auch des alten Rufes weite Spuren, an beiden Ufern Lager und eingeschlossene Räume, nach deren Umfang man noch jetzt die Masse und die Kriegerschaaren des Volkes berechnen kann und die Glaubwürdigkeit so großer Wanderung. Unsere Stadt lebte das Jahr 640, als zum ersten Male die Waffen der Cimbern gehört wurden, da Cäcilius Metellus und Papirius Carbo Consuln waren, so daß, wenn wir bis zu des Kaisers Trajanus zweitem Consulate rechnen, gerade 210 Jahre zusammen kommen. So lange schon wird Germanien besiegt. Im Verlaufe einer so großen Zeit viele Verluste beiderseits. Nicht der Samnier, nicht die Punier, nicht Spanien oder

Gallien, selbst nicht die Parther haben öfter an sich erinnert. Schärfer freilich als Arsaces' königliche Macht, ist die Freiheit der Germanen. Denn was kann uns anderes als Crassus' Ermordung das unter Ventidius gebeugte Morgenland vorhalten, das ja ebenso den Pacorus verlor? Die Germanen hingegen, welche den Carbo und Scaurus Aurelius und Servilius Cäpio, auch M. Manlius schlugen oder zu Gefangenen machten, haben fünf consularische Heere dem römischen Volke zugleich, den Varus und unter ihm drei Legionen selbst dem Cäsar entrissen. Und nicht ungebüßt hat Marius sie in Italien, Julius, den Göttern eingereiht, in Gallien, Drusus und Nero und Germanicus in ihren Heimathsitzen selbst erschüttert. Hierauf sind Cajus Cäsars gewaltige Drohungen zum vollen Spott geworden. Dann folgte Ruhe, bis sie, auf Anlaß unseres Zwiespaltes und Bürgerkriegs, der Legionen Standlager erstürmten und selbst nach Gallien griffen; von dort allerdings zurückgedrängt, sind [36] sie in der nächsten Zeit mehr vom Triumph besiegt als in der Schlacht.

38.

Nun muß von den Sueven gesprochen werden, die nicht bloß ein Volk haben, wie z. B. die Chatten und Tencterer. Denn den größten Theil Germaniens behaupten sie, in besondere Nationen und Namen überdieß geschieden, obwohl sie gemeinsam Sueven heißen. Kennzeichen dieses Volkes ist's, das Haupthaar seitwärts zu richten und in einem Knoten knapp zu unterbinden; so trennen sich die Sueven von den übrigen Germanen, so der Sueven Freie von den Knechten. Was bei den andern Völkern wegen gewisser Verwandtschaft mit den Sueven oder (wie oft eintritt) aus Nachahmung selten ist und auf die Zeit des blühenden Mannesalters eingeschränkt, – bei den Sueven streift man bis zur Grauheit das aufgesträubte Haar zurück und bindet es oft gerade auf der bloßen Scheitel. Die Hohen tragen es auch noch mehr geziert. Dieß ist ihre Sorge für Schönheit, aber für eine unschuldige; denn, nicht um zu lieben oder geliebt zu werden, – zu einer gewissen Hoheit und Schrecklichkeit geputzt schmücken sie, dem Krieg gewidmete Männer, so recht sich für der Feinde Augen.

39.

Als die ältesten und edelsten der Sueven nennen sich die Semnonen. Die Glaubwürdigkeit dieses Alters wird durch ihre Religion bekräftigt. Zu bestimmter Zeit treten alle Stämme desselben Blutes durch Gesandte in einen Wald zusammen, ehrwürdig durch der Vorfahren Heiligung [37] und uralte Gottesfurcht; dann wird in des Ganzen Namen ein Mensch geopfert, und so barbarischen Dienstes schauerlicher Uranfang gefeiert. Dieser Hain hat auch noch eine andere heilige Scheu: Niemand tritt in ihn, außer mit einer Fessel gebunden, als Unterwürfiger und offen die Macht der Gottheit bekennend. Fällt er etwa, so ist aufgehoben werden und aufstehen unerlaubt: über den Boden hin schieben sie sich hinaus. Und dieser ganze Dienst geht darauf, daß nach ihrem Glauben von hier aus des

Volkes Ursprung komme, hier ihr Gott, der Herrscher-König Aller, sei, das Uebrige unterthan und dienstbar. Ansehen gibt weiter der Semnonen ganze Lage: in hundert Gauen wohnen sie und durch die Größe solcher Körperschaft wird bewirkt, daß sie sich als das Haupt der Sueven glauben.

40.

Die Langobarden dagegen adelt ihre kleine Zahl: von recht vielen und gar starken Nationen umschlossen, sind sie nicht durch Unterwürfigkeit geschützt, sondern durch Schlachten und durch das Bestehen der Gefahren. Die Reudigner hierauf, und die Avionen, die Anglier und Variner, die Eudosen, Suardonen und Nuitonen sind durch Flüsse und Wälder verwahrt. Nichts ist bemerkenswerth an all' den Einzelnen, als daß sie vereint die Nerthus verehren, d. i. die Mutter Erde, des Glaubens, daß diese eingreife in der Menschen Leben und in der Völker Mitte fahre. Es ist auf einer Insel im Ocean ein heiligreiner Hain und in demselben ein geweihter, mit einem Gewand bedeckter Wagen, zu berühren nur dem Priester gestattet. Dieser weiß genau, wenn die Göttin im Heiligthum gegenwärtig [38] ist, und begleitet sie, von weiblichen Rindern gezogen, mit tiefer Verehrung. Freudenvoll sind dann die Tage, festlich all' die Orte, welche die Göttin ihres Besuches und Eintretens würdigt; keine Kriege beginnen sie, keine Waffen ergreifen sie; verschlossen ist jedes Eisen; Friede und Ruhe sind dann allein bekannt, sind dann allein geliebt, bis die des Umgangs mit den Sterblichen satte Göttin der nämliche Priester dem Heiligthume zurückgibt. Hierauf wird der Wagen nebst den Gewändern, und, wenn man glauben will, das Gotteswesen selbst in geheimem Teiche gebadet. Sklaven sind da die Diener, welche sogleich der nämliche See verschlingt. Daher geheimnißvoller Schauer und heiligfromme Unwissenheit, was jenes Wesen sei, das nur dem Untergang Geweihte sehen.

41.

Und dieser Theil nun von den Sueven läuft in Germaniens entlegeneres Innere. Naher ist (damit ich, wie kurz vorher dem Rhein, so nun der Donau folge) der Hermunduren Staat, den Römern treu ergeben. Und darum haben sie allein unter den Germanen nicht bloß am Ufer Handelsverkehr, sondern ganz im Innern und in der prachtvollen Römerstadt der Provinz Rhätien: aller Orten gehen sie zu uns herüber und ohne Wächter. Während wir also den übrigen Völkern nur die Waffen zeigen und unsere Lager, öffneten wir diesen die Paläste und Landhäuser, ohne ihr besonderes Begehren. Bei den Hermunduren entspringt die Elbe, einst ein vielgenannter Strom und wohl bekannt; jetzt nur noch gehört.

[39]

42.

Neben den Hermunduren wohnen die Naristen, weiter die Markomannen und Quaden. Hervorragend ist der Markomannen Ruhm und Stärke, denn auch selbst

ihr Sitz ward, da sie die Bojer dort vertrieben, durch Tapferkeit erworben. Doch auch die Naristen und Quaden sind nicht entartet. Und das nun ist gleichsam Germaniens Stirne, soweit sie durch die Donau vollzogen wird. Den Markomannen und Quaden verblieben bis in unsere Zeit Könige aus heimischem Stamme, Maroboduus' und Tuders edles Geschlecht; jetzt dulden sie auch fremde. Doch Gewalt und Macht kommt diesen Königen durch römisches Ansehen; selten werden sie mit unsern Waffen unterstützt, häufiger durch unser Geld, und sind deßhalb nicht schwächer.

43.

Weiter zurück schließen den Rücken der Markomannen und Quaden die Marsigner und Buren, in Sprache und im ganzen Leben das wahre Bild der Sueven. Die Cotiner überweiset die gallische Sprache, die Osen die pannonische, daß sie nicht Germanen sind, und weil sie Auflagen dulden. Den einen Theil der Abgaben legen die Sarmaten auf, den andern Theil die Quaden als Leuten fremden Ursprungs. Die Cotiner, zur desto größeren Scham, graben auch nach Eisen. Alle diese Völker haben wenig flaches Land, sonst nur Rauhwälder inne und Gipfel und Höhen der Berge. Denn es trennt und zerreißt Suevien, ein fortlaufender Zug von Bergen, auf dessen anderer Seite gar viele Völker Hausen, unter denen am [40] weitesten der Lugier Namen reicht, in mehr Staaten weit geschieden. Als die mächtigsten genüge es zu nennen die Harier, Helväonen, Manimer, Elysier, Nahanarvalen. Bei den Nahanarvalen zeigt man einen Hain uralter Gottverehrung. Ihr steht ein Priester vor in geschmückter Weibertracht, doch nennt man als die Götter, römisch aufgefaßt, Castor und Pollux: dieß das Wesen der Gottheit, ihr Name Alcen. Keine Bilder, keine Spur fremden Dienstes; doch als Brüder, als Jünglinge gedacht verehrt man sie. Die Harier ferner, außer den Kräften, in welchen sie den eben genannten Völkern vorgehen, finstern Wesens, steigern die inwohnende Wildheit noch durch Kunst und Zeit: schwarze Schilde, gefärbte Leiber; für die Schlachten wählt man dunkle Nächte, und schon durch die Schauerlichkeit und das Schattenwesen solchen Heeres wie aus dem Todtenreiche flößen sie Schrecken ein, daß keiner der Feinde den schauerlichen und gleichsam höllischen Anblick aushält; denn zuerst werden in allen Schlachten die Augen besiegt. – Den Lugiern nördlich werden die Gothonen bereits straffer von Königen beherrscht, als die andern Völker der Germanen, doch noch nicht über die Freiheit. Unmittelbar hierauf folgen vom Ocean her die Rugier und Lemovier. All' dieser Völker Kennzeichen sind runde Schilde, kleine Schwerter, und Gehorsam gegen Könige.

44.

Hierauf der Suionen Staaten, für sich im Ocean, nebst Mannschaft und Waffen durch Flotten mächtig. Die Gestalt ihrer Schiffe ist dadurch eigen, daß ein Vordertheil [41] an beiden Enden die zur Landung stets bereite Stirne bietet. Sie werden nicht mit Segeln bedient und haben ihre Ruder nicht in einer Reihe den

Norden angefügt: ein loses Ruderwerk, wie auf manchen Flüssen, und nach Erforderniß von beiden Seiten wechselbar. Bei ihnen hat auch das Vermögen Ehre, und darum ist nur Einer Herr, mit durchaus keinen Ausnahmen, bei unwiderruflichem Rechte auf Gehorsam, Auch sind die Waffen nicht, wie bei den andern Germanen, in Jedes Hand, sondern verschlossen unter einem Wächter und zwar einem Sklaven, weil plötzlichen Einbruch des Feindes der Ocean wehrt, ruhende Hände der Bewaffneten überdieß leicht ausgelassen sind. Und in der That, weder Adelige noch Freigeborene noch Freigelassene über die Waffen zu setzen, ist eines Königs vortheilhafte Rechnung.

45.

Ueber die Suionen hinaus ist ein anderes Meer, träge und fast bewegungslos, welches den Erdkreis umgibt und umschließt, wie daraus glaubwürdig ist, daß dort der letzte Glanz der eben sinkenden Sonne bis zum Aufgang anhält, so hell, daß er die Sterne bleicht. Daß überdieß ein Schall der emportauchenden gehört, Göttergestalten und ein Strahlenhaupt erblickt werden, fügt der feste Glaube bei. Bis dorthin nur (und wahr ist die Sage) reicht die Natur. – Weiter nun werden an der rechten Küste des Suevenmeeres der Aestier Völkerschaften bespült, deren Gebräuche und ganzes Aeußere wie der Sueven sind, die Sprache näher der britannischen. Sie verehren die Göttermutter. Als Abzeichen dieses Glaubens tragen sie Eberbilder; [42] dieß, statt Waffen und Schutz von Allen, stellt den Anbeter der Göttin auch mitten unter Feinden sorglos sicher. Selten ist des Eisens, häufig der Knüttel Gebrauch. Getreide und die andern Feldfrüchte bauen sie mit einer für die gewohnte Trägheit der Germanen großen Geduld. Indessen auch das Meer durchsuchen sie und sammeln, unter allen die Einzigen, zwischen Untiefen und am Strande selbst, den Bernstein, bei ihnen Gläsum genannt. Doch was dessen Natur sei oder welcher Art er entstehe, das haben sie als Barbaren nicht untersucht oder ergründet; lange sogar lag er unter dem andern Auswurf des Meeres, bis unsre Prachtsucht ihm Berühmtheit gab. Bei ihnen ist er in keinem Verbrauch: roh wird er aufgelesen, formlos zugebracht, und staunend empfangen sie den Preis. Daß er aber der Saft von Bäumen ist, mag man daraus klar ersehen, weil Erde- und selbst Flügelthiere gar oft durchscheinen, die, von der Feuchtigkeit umwickelt, hierauf, wenn der Stoff sich härtet, eingeschlossen werden. Recht gesegnete Wälder und Haine, glaub' ich also, müssen, wie im Innern des Morgenlandes, wo der Weihrauch und Balsam ausschwitzt, ebenso in den Inseln und Ländern des Westens sein, wo solche Stoffe durch der Nachbar-Sonne Strahlen ausgeschieden und flüssig in das ganz nahe Meer gleiten und durch der Stürme Gewalt an den Gegenstrand ausfluthen. Prüft man des Bernsteins Natur durch nahe gebrachtes Feuer, so entzündet er sich wie der Kien und nähret eine fette, riechende Flamme; hierauf wird er zäh wie zu Pech oder Harz. – Der Suionen Fortsetzung sind die Stämme der Sitonen; im Uebrigen ähnlich, unterscheiden sie sich nur durch das Eine, daß da ein Weib [43] Herr ist; bis so weit sind sie nicht

bloß von der Freiheit, sondern auch von der Knechtschaft abgeartet. Hier ist Suevenlandes Ende.

46.

Ob ich die Nationen der Peuciner, der Veneden und der Fennen den Germanen zuzählen soll oder den Sarmaten, entscheid' ich nicht.

Die Peuciner allerdings, von Manchen Bastarner genannt, haben Sprache, Leben, Wohnsitze und Häuser, wie die Germanen: unreine Aermlichkeit beherrscht die Masse, starre Faulheit die Hohen. Durch der Wechselheirathen Vermengung sind sie annähernd zur Beschaffenheit der Sarmaten häßlich, die Veneden haben viel von deren Sitten an sich. Denn was an Wald und Berg zwischen den Peucinern und Fennen sich erhebt, das durchschweifen sie als Räuber. Diese zählt man indessen besser noch zu den Germanen, weil sie feste Häuser haben, Schilde tragen, und sich des Gebrauches und der Behendigkeit der Füße freuen, was Alles ganz anders bei den Sarmaten ist, die auf dem Wagen und dem Pferde leben. Bei den Fennen herrscht unglaubliche Wildheit, widerliche Armuth: keine Waffen, keine Pferde, kein Haus; zum Essen Kräuter, zur Kleidung Felle, zum Lager der Boden. Ihre einzige Hoffnung ist in den Pfeilen, die sie, des Eisens baar, aus Knochen bespitzen. Die nämliche Jagd nährt gleichmäßig Mann und Frau; denn die Weiber gehen gewöhnlich mit und nehmen ihren Theil der Beute. Die jungen Kinder haben gegen Wild und Regen keine andere Zuflucht, als daß man sie in irgend einer Aeste-Verschlingung birgt; dahin [44] kehren die rüstigen Männer, dieß ist der Greisen Aufenthalt. Dennoch dünkt ihnen dieß ein seligeres Leben, als auf Aeckern seufzen, in Häusern Mühe haben, und eigenes wie fremdes Gut in Furcht und Hoffnung betreiben. Ohne Sorge gegen Menschen, gegen Götter ohne Sorge, haben sie das schwerste Ziel erreicht, daß ihnen nicht einmal des Wunsches Bedürfniß ward. – Alles Weitere von da ist ganz märchenhaft: so, daß Hellusier und Oxionen Kopf und Gesicht der Menschen haben, den Leib aber und die Glieder von wilden Thieren; was ich, als nicht ergründet, verzichtend in das Unentschiedene stelle.

V-II DIE GERMANIA. C. CORNELIUS TACITUS. TRANSLATOR ADOLF BACMEISTER (1868)





PART FIVE V-II GERMAN PARALLEL TRANSLATION OF TACITUS' GERMANIA

DIE GERMANIA. C. CORNELIUS TACITUS. TRANSLATOR ADOLF BACMEISTER (1868). CREATED IN 2009 12 05 BY GERD.BOUILLON.

http://gutenberg.spiegel.de/buch/die-germania-137/2

Die Germania. C. Cornelius Tacitus. Translator Adolf Bacmeister (1868). Apud Gerd.Bouillon

Grenzen. Hauptflüsse.	**Caput I**
Germanien, als Ganzes genommen, ist von Gallien, Rätien und Pannonien durch Rhein und Donau, von Sarmaten und Daken theils durch das gegenseitige Bewußtsein gefährlicher Nachbarschaft, theils durch die natürliche Grenze der Gebirge geschieden. Im übrigen ist es vom Ozean bespült, welcher weit gedehnte Halbinseln und gewaltige Inselgebiete umfaßt, wie man ja erst in neuerer Zeit dort ganze Völkerschaften und Könige kennen lernte, zu welchen der Krieg uns die Bahn erschlossen. Der Rhein, auf unzugänglichem schroffem Kamme der rätischen Alpen entspringend, macht eine leichte Wendung nach Westen und mündet im nördlichen Ozean. Die Donau, von den gemach und sanft ansteigenden Höhen der Abnoba sich ergießend, strömt an einer Reihe von Völkern vorüber, um endlich in sechs Mündungen sich in das Pontische Meer zu stürzen; ein siebenter Arm verliert sich in Sumpfland.	Germania omnis a Gallis Raetisque et Pannoniis Rheno et Danubio fluminibus, a Sarmatis Dacisque mutuo metu aut montibus separatur; cetera Oceanus ambit latos sinus et insularum immensa spatia complectens, nuper cognitis quibusdam gentibus ac regibus, quos bellum aperuit. Rhenus Raeticarum Alpium inaccesso ac praecipiti vertice ortus modico flexu in occidentem versus septentrionali Oceano miscetur; Danubius molli et clementer edito montis Abnobae iugo effusus plures populos adit, donec in Ponticum mare sex meatibus erumpat; septimum os paludibus hauritur.
Die Urzeit. Die Germanen möchte ich für die ureingeborenen Bewohner dieses Landes halten, für ein Volk das sich wohl kaum mit später zugezogenen fremden Rassen versippt hat. Völker der Urzeit, welche ihre Wohnsitze zu wechseln den Drang fühlten, pflegten nicht den Landweg, sondern den Seeweg zu wählen, und der Ozean, welcher dort oben in endloser, wahrhaft feindseliger Unwirthlichkeit sich ausdehnt, wird doch nur selten von einem Schiffe aus unserer Zone besucht. Aber auch abgesehen von den Gefahren eines wilden unbekannten Meeres, wen konnte es gelüsten, einem Asien, Afrika, Italien den Rücken zu wenden, um gen Germanien zu wandern, in diese wüsten Landschaften, unter rauhem Himmel, culturlos, düster, unheimlich einem jeden, dem sie nicht eben das Vaterland sind! In alten Liedern – unter diesem Volke das einzige Hülfsmittel geschichtlicher Erinnerung – singen sie von einem erdgeborenen Gotte Tuisto und seinem Sohne Mannus, den Urahnen und Gründern ihres Geschlechts. Mannus hatte drei Söhne, nach welchen die nördlich, zunächst dem Ozean wohnenden Germanen sich Ingävonen, die mittleren Herminonen, die übrigen Istävonen nennen sollen. Andere dagegen – die Urzeit gibt ja weiten Spielraum – behaupten, es seien mehr Göttersöhne gewesen und mehr Stämme nach ihnen benannt, die Marsen, Gambrivier, Sueven, Vandalier, und das allein seien die echten alten Namen; das Gesammtwort Germanien selbst sei jünger und erst in neuerer Zeit aufgekommen, indem der Stamm, welcher zuerst den Rhein überschritten und die Gallier zurückgedrängt habe, die heutigen Tungern, damals Germanen genannt worden seien; zuerst hätten die siegreichen Eindringlinge ihr ganzes Volk mit dem Schreckensworte Germanen bezeichnet, dann sei das Volk selbst auf die Erfindung eingegangen und so habe sich mit der Zeit statt eines eigentlichen Volksnamens der Name eines einzelnen Stammes Geltung verschafft.	**Caput II.** Ipsos Germanos indigenas crediderim, minimeque aliarum gentium adventibus et hospitiis mixtos, quia nec terra olim sed classibus advehebantur qui mutare sedes quaerebant, et immensus ultra utque sic dixerim adversus Oceanus raris ab orbe nostro navibus aditur; quis porro praeter periculum horridi et ignoti maris Asia et Africa aut Italia relicta Germaniam peteret, informem terris, asperam caelo, tristem cultu adspectuque, nisi si patria sit? Celebrant carminibus antiquis, quod unum apud illos memoriae et annalium genus est, Tuistonem deum terra editum et filium Mannum, originem gentis conditoresque. Manno tris filios assignant, e quorum nominibus proximi Oceano Ingaevones, medii Herminones, ceteri Istaevones vocentur. Quidam, ut in licentia vetustatis, plures deo ortos pluresque gentis appellationes, Marsos, Gambrivios, Suevos, Vandalios affirmant, eaque vera et antiqua nomina; ceterum Germaniae vocabulum recens et nuper additum, quoniam qui primi Rhenum transgressi Gallos expulerint ac nunc Tungri tunc Germani vocati sint; ita nationis nomen, non gentis, evaluisse paulatim, ut omnes primum a victore ob metum, mox a se ipsis invento nomine Germani vocarentur.
Volkssagen.	**Caput III.**

Auch unser Herkules, meldet ihre Sage, habe unter den Germanen geweilt, und allen Heldennamen voran wird im Schlachtgesang der seine genannt, wenn es zum Kampfe geht. Uebrigens haben sie noch eine andere Art von Kriegsgesang, dessen Vortrag, Baritus genannt, sie zum Kampfe begeistert und dessen bloßer Klang schon als Wahrzeichen für den Ausgang der Schlacht gilt; ein Schrecken dem Feind oder ihnen, je nachdem es durch die Schlachtreihen dröhnte. Es ist als ob sie nicht Menschenstimmen, sondern die Geister des Krieges selbst in diesem Klange vernähmen. Die Hauptsache ist schauerliche Wildheit und dumpf dröhnender Widerhall, und diesen erzeugen sie, indem sie die Schilde vor den Mund halten, so daß der Ton in der Wölbung sich brechend mit verdoppelter Kraft und Tiefe zurückhallt.

Auch Ulisses, glauben manche, habe auf jener langen, märchenhaften Irrfahrt in das Nordmeer verschlagen das germanische Festland betreten; Asciburg, noch heutzutage eine Stadt am Rhein, verdanke ihm Gründung und Namen; ebendort sei vor Zeiten sogar ein dem Ulisses geweihter Altar mit dem Namen seines Vaters Laertes gefunden worden, und Grabhügel und andere Denkmäler mit griechischen Inschriften sollen heute noch auf der rätisch-germanischen Grenzmark stehen. Lauter Vermuthungen, die ich mit eigenen Gründen weder zu stützen noch zu widerlegen gedenke; mag das jeder nach persönlichem Urtheil für Wahrheit oder Dichtung nehmen.

Fuisse apud eos et Herculem memorant primumque omnium virorum fortium ituri in praelia canunt. Sunt illis haec quoque carmina, quorum relatu, quem baritum vocant, accendunt animos, futuraeque pugnae fortunam ipso cantu augurantur; terrent enim trepidantve, prout sonuit acies, nec tam vocis ille quam virtutis concentus videtur. Affectatur praecipue asperitas soni et fractum murmur obiectis ad os scutis, quo plenior et gravior vox repercussu intumescat. Ceterum et Ulixem quidam opinantur longo illo et fabuloso errore in hunc Oceanum delatum adisse Germaniae terras, Asciburgiumque, quod in ripa Rheni situm hodieque incolitur, ab illo constitutum nominatumque; aram quin etiam Ulixi consecratam adiecto Laertae patris nomine eodem loco olim repertam, monimentaque et tumulos quosdam Graecis literis inscriptos in confinio Germaniae Raetiaeque adhuc extare. Quae neque confirmare argumentis neque refellere in animo est; ex ingenio suo quisque demat vel addat fidem.

Körperbeschaffenheit.

Einverstanden dagegen bin ich mit der Annahme, welche die Bevölkerung Germaniens als eine nicht mit fremden Stämmen verquickte betrachtet, sondern als eine eigene, reine, nur sich selbst gleiche Rasse. Daher auch ein und derselbe Körperschlag durch diese ganze, doch so zahlreiche Menschenmasse: das blaue, trotzige Auge, das rothblonde Haar, der gewaltige Wuchs. Eine Kraft allerdings nur zum stürmenden Angriff geschaffen; der anhaltenden Anstrengung, der Arbeit ist sie nicht in gleichem Maße gewachsen. Am allerwenigsten hat den Germanen sein Boden und Klima gegen Durst und Hitze, wohl aber hat er ihn gegen Frost und Hunger gestählt.

Caput IV.

Ipse eorum opinionibus accedo, qui Germaniae populos nullis aliis aliarum nationum conubiis infectos propriam et sinceram et tantum sui similem gentem extitisse arbitrantur. Unde habitus quoque corporum, quamquam in tanto hominum numero, idem omnibus, truces et caerulei oculi, rutilae comae, magna corpora et tantum ad impetum valida; laboris atque operum non eadem patientia; minimeque sitim aestumque tolerare, frigora atque mediam caelo solove assueverunt.

Charakter und Produkte des Landes.

Das Land bietet im einzelnen verschiedene Gestaltungen, aber der allgemeine Charakter ist schauriger Urwald und düsterer Moorgrund. Gegen Gallien hin ist das Klima mehr feucht, gegen Noricum und Pannonien vorherrschend windig. Der Boden ziemlich ergiebig. Obstbäume gedeihen nicht. Das Land ist reich an Vieh, dieses aber meist von kleinem Schlag. Selbst dem Hornvieh fehlt das gewohnte stattliche Wesen und der Stolz des Hauptes. Eine zahlreiche Herde – das ist die Freude des Germanen, das Vieh sein einziger und geliebtester Reichthum.

Ist es der Götter Huld oder Zorn, was ihm Gold und Silber geweigert hat? Und doch möchte ich nicht behaupten, daß Germanien nicht eine Ader Silbers oder Goldes berge; wer hat je darnach gesucht? Aus Besitz oder Gebrauch jener Metalle machen sie sich jedenfalls nicht viel. Man kann silberne Gefässe bei ihnen sehen,

Caput V.

Terra etsi aliquanto specie differt, in universum tamen aut silvis horrida aut paludibus foeda, humidior qua Gallias, ventosior qua Noricum ac Pannoniam aspicit; satis ferax, frugiferarum arborum impatiens, pecorum fecunda, sed plerumque improcera. Ne armentis quidem suus honor aut gloria frontis; numero gaudent, eaeque solae et gratissimae opes sunt. Argentum et aurum propitiine an irati di negaverint dubito. Nec tamen affirmaverim nullam Germaniae venam argentum aurumve gignere; quis enim scrutatus est? Possessione et usu haud perinde afficiuntur: est videre apud illos argentea vasa legatis et principibus

Geschenke des Auslands an ihre Gesandten und Fürsten, welche gerade so verwendet werden wie gemeines Thongeschirr. Nur unsere nächsten Grenznachbarn wissen in Folge des Handelsverkehrs Gold und Silber zu schätzen, kennen und bevorzugen auch diese oder jene unserer Münzsorten. Tiefer im Innern herrscht noch der einfache alte Tauschhandel. Von unserem Gelde sind nur alte und längst bekannte Sorten, Serraten und Bigaten, beliebt. Silber nehmen sie lieber als Gold, nicht aus besonderer Liebhaberei, sondern weil für Leute, die alle möglichen unbedeutenden Dinge kaufen, der Verkehr in Silbermünze bequemer ist.

eorum muneri data, non in alia vilitate quam quae humo finguritur; quamquam proximi ob usum commerciorum aurum et argentum in pretio habent formasque quasdam nostrae pecuniae agnoscunt atque eligunt; – interiores simplicius et antiquius permutatione mercium utuntur. Pecuniam probant veterem et diu notam, serratos bigatosque. Argentum quoque magis quam aurum sequuntur, nulla affectione animi, sed quia numerus argenteorum facilior usui est promiscua ac vilia mercantibus.

Waffen. Pferde. Kriegswesen.

Sogar an Eisen ist kein Ueberfluß, wie sich aus dem Material der Waffen ergibt. Nur wenige führen Schwerter oder größere Lanzen. Ein Speer, in germanischer Sprache eine Frame, ist die allgemeine Waffe; das Eisen schmal und kurz, aber so scharf, und das Ganze so handlich, daß es, je nach Bedürfniß, als Stoß- oder Wurfwaffe dient. Der Reiter begnügt sich mit Schild und Frame, die Fußgänger führen noch andere Wurfgeschosse; jeder hat deren einen Vorrath, und halbnackt, wie sie sind, oder höchstens noch einen leichten Mantel um die Schultern, schleudern sie ihre Waffen auf gewaltige Entfernungen. Von prunkendem Schmucke weiß man nichts; nur den Schild bemalen sie mit einer Auswahl der buntesten Farben. Einen Panzer tragen die wenigsten; kaum ein und der andere Helm oder Haube.

Die Pferde zeichnen sich weder durch Schönheit noch durch Schnelligkeit aus, sind aber auch nicht wie die unsrigen auf kunstvolle Wendungen dressirt; gradaus geht es oder mit einer einzigen Schwenkung etwa nach rechts, in so festgeschlossener Linie, daß keiner hinter dem andern zurückbleibt. Im allgemeinen ist das Fußvolk die Hauptstärke und wird daher auch mitten im Reitergefecht verwendet. Zu einem solchen eignet sich ganz vortrefflich die Schnelligkeit dieser Fußgänger, eines erlesenen Kernes aus der gesammten Kriegsmannschaft, welcher in die vorderste Linie gestellt wird. Auch die Zahl ist bestimmt – hundert aus jedem Gau. Ein Hundert nennen sie selbst diese Mannschaft und was ursprünglich eine abstracte Ziffer war, ist jetzt ein concretes Wort und ein ehrenvoller Name.

Der germanischen Schlachtordnung liegt die Keilform zu Grund. Zurückweichen, wenn man nur wieder vordringt, gilt eher als List denn als Furcht. Die Gefallenen bringt man auch bei ungünstigem Kampf in Sicherheit. Die größte Schmach aber ist das Preisgeben des Schildes; wer es thut ist ehrlos und aus der religiösen und politischen Gemeinschaft verbannt, und schon mancher, den die Schlacht verschonte, hat einem schmachvollen Dasein durch den Strick ein Ende gemacht.

Caput VI.

Ne ferrum quidem superest, sicut ex genere telorum colligitur. Rari gladiis aut maioribus lanceis utuntur; hastas vel ipsorum vocabulo frameas gerunt, angusto et brevi ferro, sed ita acri et ad usum habili, ut eodem telo, prout ratio poscit, vel comminus vel eminus pugnent. Et eques quidem scuto frameaque contentus est; pedites et missilia spargunt, plura singuli, atque in immensum vibrant nudi aut sagulo leves. Nulla cultus iactatio; scuta tantum lectissimis coloribus distinguunt. Paucis loricae, vix uni alterive cassis aut galea. Equi non forma, non velocitate conspicui; sed nec variare gyros in morem nostrum docentur; in rectum aut uno flexu dextros agunt, ita coniuncto orbe, ut nemo posterior sit. In universum aestimanti plus penes peditem roboris; eoque mixti praeliantur, apta et congruente ad equestrem pugnam velocitate peditum, quos ex onmi iuventute delectos ante aciem locant. Definitur et numerus; centeni ex singulis pagis sunt idque ipsum inter suos vocantur, et quod primo numerus fuit, iam nomen et honor est. Acies per cuneos componitur. Cedere loco, dummodo rursus instes, consilii quam formidinis arbitrantur. Corpora suorum etiam in dubiis praeliis referunt. Scutum reliquisse praecipuum flagitium; nec aut sacris adesse aut concilium inire ignominioso fas; multique superstites bellorum infamiam laqueo finierunt.

König und Feldherr.

Zum König adelt die Geburt, zum Heerführer die Tapferkeit. Aber die königliche Gewalt ist nicht ein schrankenloses Belieben, und auch der Führer im Feld ist das nicht sowohl durch seine Stellung an sich als durch sein Beispiel. Immer auf dem Platz, immer ein Vorbild, immer voran im Kampf – so gehorcht man ihm, weil man

Caput VII.

Reges ex nobilitate, duces ex virtute sumunt. Neo regibus infinita aut libera potestas, et duces, exemplo potius quam imperio, si prompti, si conspicui, si ante aciem agant, admiratione praesunt; ceterum neque

ihn achtet. Ueber Leben und Tod richten darf er nicht, auch keinen fesseln, ja nicht einmal schlagen lassen. Nur der Priester darf dies, und auch dieser vollzieht dann nicht sowohl eine Strafe oder einen Befehl des Führers, sondern das Gebot des Gottes, welcher über der Walstatt waltet; denn das ist germanischer Glaube und darum nehmen sie auch gewisse Bilder und Feldzeichen aus ihren heiligen Hainen in die Schlacht mit.

Der wirksamste Sporn des Heldenmuths aber liegt darin, daß nicht aus Zufall, nicht aus einem beliebigen Zusammenwürfeln heraus die Keile, die Geschwader sich bilden, sondern aus den Familien und Sippschaften. Und diesen in nächster Nähe weilen ihre theuersten Häupter, der Kämpfer hört das Wehrufen seines Weibes, das Weinen seiner Kinder, ihre Zeugschaft ist den Männern die heiligste, ihr Beifall der höchste; zur Mutter, zur Gattin schleppt der Mann seine Wunden und jene zählen und untersuchen sie ihm ohne Zittern und bringen den Kämpfenden Nahrung und Zuspruch ins Gefecht.

animadvertere neque vincire, ne verberare quidem nisi sacordotibus permissum, non quasi in poenam nec ducis iussu, sed velut deo imperante, quem adesse bellantibus credunt. Effigiesque et signa quaedam detracta lucis in praelium ferunt. Quodque praecipuum fortitudinis incitamentum est, non casus nec fortuita conglobatio turmam aut cuneum facit, sed familiae et propinquitates; et in proximo pignora, unde feminarum ululatus audiri, unde vagitus infantium. Hi cuique sanctissimi testes, hi maximi laudatores; ad matres, ad coniuges volnera ferunt; nec illae numerare aut exigere plagas pavent, cibosque et hortamina pugnantibus gestant.

Das Weib.

Von mehr als einer Schlacht erzählt die Geschichte, wo die wankenden und weichenden Reihen von den Frauen zum Stehen gebracht wurden, durch ihr ausdauerndes Bitten und Flehen, und indem sie mit entblößter Brust sich vor die Männer warfen und ihnen das Loos eines gefangenen Weibes vor das Auge stellten. Dieser Gedanke aber ist dem Germanen weit unerträglicher als die eigene Gefangenschaft; und dieses Gefühl ist so stark, daß man selbst ganze Stämme politisch fester bindet, wenn man sie unter andern Geiseln einige Jungfrauen aus dem Adel stellen läßt. Ja den Germanen sind die Frauen geradezu eine Art heiliger und prophetisch begabter Wesen; ihr Rath bleibt nicht unbeachtet, ihr Spruch wird nicht überhört. Wir selbst haben unter dem verewigten Vespasian jene Veleda gesehen, welche lange Zeit und weithin als ein göttliches Wesen gegolten hat. Auch früher schon standen eine Aurinia und andere Frauen in ähnlicher Verehrung. Aber kriechende Schmeichelei war das nicht, so wenig als Vergötterung.

Caput VIII.

Memoriae proditur quasdam acies inclinatas iam et labantes a feminis restitutas constantia precum et obiectu pectorum et monstrata comminus captivitate, quam longe impatientius feminarum suarum nomine timent, adeo ut efficacius obligentur animi civitatum, quibus inter obsides puellae quoque nobiles imperantur. Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant, nec aut consilia earum aspernantur aut responsa negligunt. Vidimus sub divo Vespasiano Veledam diu apud plerosque numinis loco habitam; sed et olim Auriniam et compluris alias venerati sunt, non adulatione nec tanquam facerent deas.

Religion.

An der Spitze der germanischen Götter steht Merkur; ihm dürfen an bestimmten Tagen sogar Menschenopfer fallen. Ihrem Mars und Herkules huldigen sie nur mit dem Blute von Thieren. Ein Theil der Sueven opfert auch der Isis. Grund und Ursprung dieser Verehrung einer fremden Gottheit ist mir räthselhaft geblieben; auf einen vom Ausland eingedrungenen Cultus deutet jedoch die bildliche Darstellung der Göttin durch eine Liburne. Die Götter zwischen vier Wänden einzusperren oder in beliebiger Menschengestalt darzustellen, entspricht im übrigen nicht der germanischen Anschauung von der Erhabenheit himmlischer Wesen. Wälder und Haine sind ihre Tempel und in die Namen ihrer Götter hüllt sich jene geheimnißvolle Macht, welche einzig in der Andacht des frommen Gedankens sich ihnen offenbart.

Caput IX.

Deorum maxime Mercurium colunt, cui certis diebus humanis quoque hostiis litare fas habent; Herculem ae Martem concessis animalibus placant. Pars Suevorum et Isidi sacrificat; unde causa et origo peregrino sacro, parum comperi, nisi quod signum ipsum in modum liburnae figuratum docet advectam religionem. Ceterum nec cohibere parietibus deos neque in ullam humani oris speciem assimilare ex magnitudine caelestium arbitrantur; lucos ac nemora consecrant, deorumque nominibus appellant secretum illud, quod sola reverentia vident.

Weissagung.

Zeichendeutung und Loos spielt auch bei den Germanen eine große Rolle. Das Verfahren beim Loosen ist einfach. Man schneidet einen Zweig von einem Fruchtbaum in kleine Stücke, ritzt auf jedes gewisse Zeichen ein und wirft

Caput X.

Auspicia sortesque ut qui maxime observant. Sortium consuetudo simplex: virgam frugiferae arbori decisam in surculos amputant, eosque

sie aufs gerathewohl über ein weißes Tuch hin; ist es eine öffentliche Sache, so hebt der Priester, in Privatangelegenheiten der Familienvater unter Gebet und Aufblick zum Himmel drei Späne nach einander auf und gibt sodann aus den eingeschriebenen Zeichen seine Deutung. Sind sie verneinend, so erfolgt an dem laufenden Tage keine zweite Befragung; wenn bejahend, so bedürfen sie immer noch der Bestätigung durch die Auspicien. Von letzteren sind Flug und Stimme der Vögel auch den Germanen bekannt; eigenthümlich aber ist ihnen die Weissagung und Berathung durch das Pferd. In den obenerwähnten Hainen und Gehölzen werden von Gemeindewegen Rosse gehalten, schneeweiß und nie durch einen irdischen Dienst entweiht. Diese werden an den heiligen Wagen geschirrt und der Priester mit dem König oder dem sonstigen Staatsoberhaupt geht nebenher und beobachtet das Wiehern und Schnauben der Thiere. Ein Vertrauen wie dieses genießt keine andere Art von Zeichen, und zwar nicht nur bei der Menge, sondern auch bei den Häuptlingen und Priestern; die beiden letztern betrachten jene Thiere als Eingeweihte der Götter, sich selbst als Vermittler. Noch besteht eine dritte Art der prophetischen Deutung durch welche auf den Erfolg eines ernsten Krieges voraus gerathen wird. Man sucht sich aus dem feindlichen Stamm auf irgend eine Weise einen Gefangenen zu verschaffen und stellt ihn einem erlesenen Kämpen des eigenen Volkes gegenüber, jeden in seiner heimischen Rüstung. Der Sieg des einen oder des andern gilt als Vorbedeutung für den ganzen Krieg.	notis quibusdam discretos super candidam vestem temere ac fortuito spargunt; mox, si publice consuletur, sacerdos civitatis, sin privatim, ipse pater familiae, precatus deos caelumque suspiciens, ter singulos tollit, sublatos secundum impressam ante notam interpretatur; si prohibuerunt, nulla de eadem re in eundem diem consultatio; sin permissum, auspiciorum adhuc fides exigitur. Et illud quidem etiam hic noturm avium voces volatusque interrogare; proprium gentis equorum quoque praesagia ac monitus experiri. Publice aluntur isdem nemoribus ac lucis candidi ac nullo mortali opere contacti; quos pressos sacro curru sacerdos ac rex vel princeps civitatis comitantur, hinnitusque ac fremitus observant; nec ulli auspicio maior fides, non solum apud plebem, sed apud proceres, apud sacerdotes; se enim ministros deorum, illos conscios putant. Est et alia observatio auspiciorum, qua gravium bellorum eventus explorant; eius gentis, cum qua bellum est, captivum quoquo modo interceptum cum electo popularium suorum, patriis quemque armis, committunt; victoria huius vel illius pro praeiudicio accipitur.
Volksversammlung. Ueber minder bedeutende Angelegenheiten berathen die Häuptlinge, über die wichtigeren die Gesammtheit. Indessen auch wo dem Volke die Entscheidung zusteht, wird die Sache von den Häuptlingen durchgesprochen. Für diese Berathungen haben sie, wenn kein unerwarteter Zufall eintritt, ihre festen Tage, und zwar gelten Neumond oder Vollmond als günstigste Zeit für die Staatsgeschäfte. Der Germane rechnet aber nicht wie wir nach Tagen, sondern nach Nächten; so wird beraumt, so wird berufen; Herrscherin ist die Nacht; in ihrem Gefolge der Tag. Eine Schattenseite germanischer Freiheit ist es, daß die Versammlungen nicht gleichzeitig, nicht zur gebotenen Frist zusammentreten und oft zwei und drei Tage mit Warten verloren gehen. Im Rathe selbst setzt sich jeder nach Belieben, und zwar in Wehr und Waffen. Der Priester gebietet Schweigen; ihm steht hier auch das Recht der Ahndung zu. Sodann ergreift der König, der Häuptling das Wort, jeder überhaupt welchen Alter, Geburt, Kriegsruhm, Beredsamkeit befähigen; und jeder mehr auf das Gewicht seiner Meinung als auf die Gewalt seines Machtspruchs gestützt. Findet eine Ansicht keinen Beifall, so geht ein verneinendes Murren, gefällt sie, so tönt das Klirren der Speere durch die Versammlung. Waffenklang ist das ehrenvollste Zeichen des Beifalls.	**Caput XI.** De minoribus rebus principes consultant, de maioribus omnes, ita tamen ut ea quoque, quorum penes plebem arbitrium est, apud principes pertractentur. Coeunt, nisi quid fortuitum et subitum incidit, certis diebus, cum aut inchoatur luna aut impletur; nam agendis robus hoc auspicatissimum initium credunt. Nec dierum numerum, ut nos, sed noctium computant; sic constituunt, sic condicunt; nox ducere diem videtur. Illud ex libertate vitium, quod non simul nec ut iussi conveniunt, sed et alter et tertius dies cunctatione coeuntium absumitur. Ut turbae placuit, considunt armati; silentium per sacerdotes, quibus tum et coercendi ius est, imperatur; mox rex vel princeps, prout aetas cuique, prout nobilitas, prout decus bellorum, prout facundia est, audiuntur, auctoritate suadendi magis quam iubendi potestate. Si displicuit sententia, fremitu aspernantur; sin placuit, frameas concutiunt; honoratissimum assensus genus est armis laudare.
Strafen und Gericht.	**Caput XII.**

Diese Versammlungen sind auch offen für Klage und peinliches Gericht. Die Art der Strafe wird aus dem Wesen des Vergehens entnommen. Verräther und Ueberläufer hängt man an einem Baum auf; Feigheit, Fahnenflucht und widernatürliche Wollust wird geahndet, indem man den Schuldigen in Schlamm und Sumpf wirft und unter darüber geworfenem Flechtwerk erstickt. Dieser Anwendung zweier entgegengesetzter Todesarten liegt das Gefühl zu Grunde, daß ein *Verbrechen* gleichzeitig mit seiner Bestrafung vor die Oeffentlichkeit gestellt, eine *Schändlichkeit* ihr entzogen werden müsse.

Aber auch bei leichteren Vergehen findet Abstufung der Strafen statt. Letztere bestehen in einer Buße an Pferden und Vieh; eine Hälfte derselben fällt dem König oder der Volksgemeinde zu, die andere dem Geschädigten oder seinen Angehörigen.

Endlich werden in jenen Versammlungen die Häuptlinge gewählt welche in den einzelnen Gauen und Marken die Rechtspflege zu üben haben. Jedem Gewählten stehen hundert Männer aus dem Volke als Rath und zugleich als Behörde zur Seite.

Licet apud concilium accusare quoque et discrimen capitis intendere. Distinctio poenarum ex delicto: proditores et transfugas arboribus suspendunt, ignavos et imbelles et corpore infames coeno ac palude iniecta insuper crate mergunt. Diversitas supplicii illuc respicit, tanquam scelera ostendi oporteat, dum puniuntur, flagitia abscondi. Sed et levioribus delictis pro modo poena: equorum pecorumque numero convicti multantur; pars multae regi vel civitati, pars ipsi qui vindicatur vel propinquis eius exsolvitur. Eliguntur in isdem conciliis et principes, qui iura per pagos vicosque reddunt; centeni singulis ex plebe comites, consilium simul et auctoritas, assunt

Wehrhaftmachung. Gefolgschaft.

Niemals aber, es sei in gemeinsamer oder eigener Sache, erscheint der Germane anders als in Wehr und Waffen. Diese jedoch darf keiner eher anlegen als bis ihn die Gemeinde für wehrfähig erklärt hat. Dies geschieht, indem ein Häuptling oder der Vater oder ein Verwandter in öffentlicher Versammlung den Jüngling mit Schild und Frame bewehrt. Das ist ihre Toga, das ist der Jugend erster Ehrenschmuck; bis dahin war der Jüngling ein Glied der Familie, fortan gehört er dem Staate. Edles Blut jedoch oder hohes Verdienst des Vaters verleiht schon dem Unerwachsenen die adeliche Würde; er darf sich den stärkeren und längst wehrhaften zugesellen und braucht nicht zu erröthen, wenn er im Gefolg eines andern erscheint.

Ihre Rangstufen hat ja sogar die Gefolgschaft selbst, nemlich in dem Urtheil dessen um den sie sich schart. Und ein mächtiger Wetteifer herrscht daher unter Gefolgsleuten und Führern; bei jenen gilt es, wer seinem Häuptling am nächsten komme, bei diesen, wer das größte und tüchtigste Gefolge zähle. Das heißt Ehre, heißt Stärke; stets von einer zahlreichen Schar erlesener Degen umdrängt zu sein – im Frieden des Häuptlings Stolz, im Kriege sein Schirm und Schutz. Und nicht nur im eigenen Volke gilt, auch in die Nachbarstaaten dringt Ruhm und Name des Mannes der durch Zahl und Tüchtigkeit seines Gefolges hervorragt. Gesandtschaften suchen ihn auf, ehrende Geschenke werden ihm gebracht und er allein schlägt oft einen ganzen Krieg durch den Klang seines Namens nieder.

Caput XIII.

Nihil autem neque publicae neque privatae rei nisi armati agunt; sed arma sumere non ante cuiquam moris quam civitas suffecturum probaverit. Tum in ipso concilio vel principum aliquis vel pater vel propinquus scuto frameaque iuvenem ornant; – haec apud illos toga, hic primus iuventae honos – ante hoc domus pars videntur, mox reipublicae. Insignis nobilitas aut magna patrum merita principis dignationem etiam adulescentulis assignant; ceteris robustioribus ac iam pridem probatis aggregantur. Nec rubor inter comites aspici; gradus quin etiam ipse comitatus habet iudicio eius quem sectantur, magnaque et comitum aemulatio, quibus primus apud principem suum locus, et principum, cui plurimi et acerrimi comites. Haec dignitas, hae vires; magno semper electorum iuvenum globo circumdari, in pace decus, in bello praesidium. Nec solum in sua gente cuique, sed apud finitimas quoque civitates id nomen, ea gloria est, si numero ac virtute comitatus emineat; expetuntur enim legationibus et muneribus ornantur et ipsa plerumque fama bella profligant.

Im Krieg.

Einmal aber im Gemenge der Schlacht ist es eine Schmach für den Führer, sich an Tapferkeit übertreffen zu lassen, eine Schmach dem Gefolge, hinter des Führers Tapferkeit zurückzubleiben; vollends aber fürs ganze Leben entehrende Schande, wenn einer, dem der Führer gefallen, lebend aus dem Kampfe weicht. Den Herrn zu schirmen und zu wahren, ja die eigene Heldenthat der Verherrlichung des Häuptlings zu opfern – das ist erste

Caput XIV.

Cum ventum in aciem, turpe principi virtute vinci, turpe comitatui virtutem principis non adaequare; iam vero infame in omnem vitam ac probrosum superstitem principi suo ex acie recessisse. Illum defendere, tueri, sua quoque fortia facta gloriae eius assignare praecipuum

heilige Kriegerpflicht. Der Herr kämpft um den Sieg, die Mannen um ihren Herrn.

Wenn das eigene Heimatland in allzulangem Frieden brach und müßig liegt, so zieht gar oft die adeliche Jugend hinaus nach einem fremden Lande dessen Volk gerade Krieg führt. Ein ruhiges Leben behagt dem Germanen nicht, der Ruhm gedeiht besser unter Kampf und Gefahr, und auch jene großen Gefolgschaften kann nur Gewalt und Krieg zusammenhalten. Die Freigebigkeit des Häuptlings ist es, welche jene germanischen Schlachtrosse, jene blutigen siegreichen Speere ins Feld treibt.

Den Sold nemlich ersetzen diesen Gefolgschaften Schmausereien und reiche, wenn auch ungeschlachte Gelage, und zu solchem Aufwand muß Krieg und Raub die Mittel schaffen. Seinen Boden zu pflügen, den Ertrag des Jahres abzuwarten – dazu möchte der Germane sich schwerer entschließen als den Feind zu fordern und sich Wunden zu holen. Faulheit, ja Feigheit heißt es bei ihm, wer im Schweiß seines Angesichtes sich erwirbt, was er mit seinem Blute gewinnen kann.

sacramentum est; principes pro victoria pugnant, comites pro principe. Si civitas in qua orti sunt longa pace et otio torpeat, plerique nobilium adulescentium petunt ultro eas nationes, quae tum bellum aliquod gerunt, quia et ingrata genti quies, et facilius inter ancipitia clarescunt, magnumque comitatum non nisi vi belloque tueare. Exigunt enim principis sui liberalitate illum bellatorem equum, illam cruentam victricemque frameam. Nam epulae et, quamquam incompti, largi tamen apparatus pro stipendio cedunt; materia munificentiae per bella et raptus. Nec arare terram aut expectare annum tam facile persuaseris quam vocare hostem et volnera mereri; pigrum quin immo et iners videtur sudore acquirere, quod possis sanguine parare.

Im Frieden.

Liegt er nicht zu Feld, so gehören seine Tage dem Waidwerk, noch mehr aber dem geliebten Nichtsthun, dem Schlafen, Essen und Trinken. In thatenloser Ruhe liegen diese tapfern kriegerischen Leute, die Sorge für Haus und Herd und Feld ist den Weibern und Alten und jedem Schwächling der Familie überlassen, die Männer sehen müßig zu. Wundersamer Widerspruch der Natur, welche in diesen Menschen den Widerwillen gegen die Unthätigkeit mit der Leidenschaft des Nichtsthuns vereint hat!

Nach Landessitte bringt jeder Bürger seinem Häuptling eine freiwillige Steuer in Vieh oder Frucht; was dieser als Ehrengabe entgegennimmt, dient zugleich zur Bestreitung seines Aufwandes. Vor allem willkommen sind Geschenke benachbarter Staaten, wie solche nicht nur von Einzelnen, sondern auch im Namen der Gesammtheit überreicht werden – edle Rosse, gewaltige Waffenstücke, Pferdegeschirr und Halsketten. Neuerdings haben sie von uns gelernt auch Geld anzunehmen.

Caput XV.

Quoties bella non ineunt, multum venatibus, plus per otium transigunt dediti somno ciboque; fortissimus quisque ac bellicosissimus nihil agens, delegata domus et penatium et agrorum cura feminis senibusque et infirmissimo cuique ex familia: ipsi hebent, mira diversitate naturae, cum iidem homines sic ament inertiam et oderint quietem. Mos est civitatibus ultro ac viritim conferre principibus vel armentorum vel frugum, quod pro honore acceptum etiam necessitatibus subvenit. Gaudent praecipue finitimarum gentium donis, quae non modo a singulis sed publice mittuntur, electi equi magna arma, phalerae torquesque: iam et pecuniam accipere docuimus.

Wohnung.

Daß die Völker germanischen Stammes keine Städte haben, ja überhaupt zusammenhängenden Wohnsitzen abhold sind, ist allbekannt. Jeder wohnt für sich und von den Nachbarn entfernt, wie gerade ein Quell, ein Feld, ein Gehölz zur Siedlung ladet. Der germanische Weiler bildet nicht die geschlossenen Häuserreihen des römischen Dorfes; jeder stellt sein Haus nach allen Seiten frei, vielleicht zum Schutz gegen Feuersgefahr, vielleicht weil man es überhaupt nicht besser versteht. Sogar Steinbau und Ziegeldach sind unbekannt; alles ist von Holz, plump und ohne Rücksicht auf Auge und Schönheit. Nur werden einzelne Theile des Baus mit einer feinen glänzenden Lehmart übertüncht und erinnern so einigermaßen an Malerei und Farbenornamentik.

Auch unterirdische Höhlen graben sie sich, belasten die Wölbung noch mit einer dichten Dungschichte und schaffen sich so eine Zuflucht für den Winter und einen Bergungsort für Lebensmittel. Ein solcher Bau macht die Strenge der Winterkälte erträglicher. Fällt aber der Feind

Caput XVI.

Nullas Germanorum populis urbes habitari satis notum est; ne pati quidem inter se iunctas sedes; colunt discreti ac diversi, ut fons, ut campus, ut nemus placuit. Vicos locant, non in nostrum morem connexis et cohaerentibus aedificiis; suam quisque domum spatio circumdat, sive adversus casus ignis remedium sive inscitia aedificandi. Ne caementorum quidem apud illos aut tegularum usus; materia ad omnia utuntur, informi et citra speciem aut delectationem; quaedam loca diligentius illinunt terra ita pura ac splendente, ut picturam ac lineamenta colorum imitetur. Solent et subterraneos specus aperire, eosque multo insuper fimo onerant,

ins Land, so plündert er doch nur was offen da liegt, jene in der Tiefe verborgenen Schätze kennt er entweder nicht oder sie entgehen ihm, weil er sie vorher suchen müßte.	suffugium hiemi et receptaculum frugibus, quia rigorem frigorum eiusmodi locis molliunt, et si quando hostis advenit, aperta populatur, abdita autem et defossa aut ignorantur aut eo ipso fallunt, quod quaerenda sunt.

Kleidung.	**Caput XVII.**
Allgemeine Volkstracht ist eine Art Mantel, den eine Spange, in deren Ermanglung ein Dorn zusammenhält. So liegen sie, ohne weitere Gewandung, tagelang am Herdfeuer. Nur sehr Wohlhabende zeichnen sich durch eine eigentliche Kleidung aus, die aber nicht, wie die sarmatische und persische, weitfaltig, sondern im Gegentheil enganschließend ist und jedes Glied hervortreten läßt. Auch Thierfelle werden getragen; in der Nähe des Rheins ohne viel Umstände, weiter im Innern mit mehr Sorgfalt, weil kein Handelsverkehr sonstige Putzwaren dorthin führt. Der Binnenländer ist daher mit den verschiedenen Thierarten wählerisch und verbrämt deren Felle noch mit dem Buntwerk gewisser Thiere, das vom nordöstlichen Ozean und unbekannten Gestaden kommt. Die weibliche Tracht unterscheidet sich von der männlichen nur in sofern als bei den Frauen leinene, durch Purpurroth gehobene Gewänder häufiger sind. Diese Kleider haben keine Aermel, Unter- und Oberarm sind bloß und auch ein Theil der Brust bleibt unbedeckt.	Tegumen omnibus sagum fibula aut, si desit, spina consertum; cetera intecti totos dies iuxta focum atque ignem agunt. Locupletissimi veste distinguuntur non fluitante, sicut Sarmatae ac Parthi, sed stricta et singulos artus exprimente. Gerunt et ferarum pelles, proximi ripae neglegenter, ulteriores exquisitius, ut quibus nullus per commercia cultus; eligunt feras et detracta velamina spargunt maculis pellibusque beluarum, quas exterior Oceanus atque ignotum mare gignit. Nec alius feminis quam viris habitus, nisi quod feminae saepius lineis amictibus velantur eosque purpura variant partemque vestitus superioris in manicas non extendunt, nudae brachia ac lacertos; sed et proxima pars pectoris patet.
Die Ehe.	**Caput XVIII.**
Aber – die eheliche Sitte ist streng und *sie* bildet wohl die achtungswertheste Seite germanischer Zustände. Die Germanen sind fast das einzige Barbarenvolk welches sich mit Einem Weibe begnügt. Ausnahmen sind sehr selten und auch dann liegt nicht die Sinnlichkeit zu Grunde, sondern es ist die hohe Stellung eines Mannes welche ihn zum Gegenstand mehrfältiger Werbung macht. Die Morgengabe bringt nicht das Weib dem Manne, sondern dem Weibe der Mann. Bei der Ueberreichung finden sich Eltern und Verwandte ein und mustern die Geschenke. Geschenke – aber nicht weibliche Luxusdinge oder Schmucksachen für die Neuvermählte, sondern Rinder und ein gezäumtes Roß und ein Schild mit Schwert und Speer. Gegen diese Gaben wird die Frau dem Manne zutheil, dem sie selbst ihrerseits einige Waffen zubringt. Diese Dinge gelten als das festeste Band, als das heilige Geheimniß, als die Schirmgötter der Ehe. Das Weib soll nicht wähnen, daß sie außerhalb der männlichen Gedankenwelt, außerhalb der kriegerischen Ereignisse stehe. Darum wird sie schon auf der Schwelle des Ehestands belehrt, daß sie eintritt als Genossin von Mühsal und Gefahr, im Frieden und im Kriege mit dem Manne zu dulden und zu wagen. Also verkünden ihr die gejochten Rinder, das gezäumte Roß, die dargebrachten Wagen; so muß sie leben, so muß sie sterben; was sie heut empfängt, das soll sie unentweiht und in Ehren dereinst ihren Söhnen übergeben, von diesen sollen es ihre Schwiegertöchter entgegennehmen, ihre Enkel es erben.	Quanquam severa illic matrimonia, nec ullam morum partem magis laudaveris; nam prope soli barbarorum singulis uxoribus contenti sunt, exceptis admodum paucis, qui non libidine sed ob nobilitatem plurimis nuptiis ambiuntur. Dotem non uxor marito, sed uxori maritus offert; intersunt parentes et propinqui ac munera probant; munera non ad delicias muliebres quaesita, nec quibus nova nupta comatur, sed boves et frenatum equum et scutum cum framea gladioque. In haec munera uxor accipitur, atque in vicem ipsa armorum aliquid viro affert; hoc maximum vinculum, haec arcana sacra, hos coniugales deos arbitrantur. Ne se mulier extra virtutum cogitationes extraque bellorum casus putet, ipsis incipientis matrimonii auspiciis admonetur venire se laborum periculorumque sociam, idem in pace, idem in praelio passuram ausuramque; hoc iuncti boves, hoc paratus equus, hoc data arma denuntiant; sic vivendum, sic pereundum; accipere se quae liberis inviolata ac digna reddat, quae nurus

	accipiant rursus, quae ad nepotes referantur
So lebt die Frau im Kreise keuscher Sitte dahin, nicht verderbt vom Sinnenreiz eines Theaters, vom Taumel der Gelage. Von den Heimlichkeiten eines brieflichen Verkehrs weiß weder Mann noch Weib. Ehebruch ist unter diesem doch so zahlreichen Volke ein äußerst seltener Fall, und die Strafe, dem Mann überlassen, folgt dem Vergehen auf dem Fuß. Mit abgeschnittenen Haaren, kleiderlos, in Gegenwart der Verwandtschaft jagt der Gatte die Schuldige zum Hause hinaus und peitscht sie das ganze Dorf entlang. Für entweihte Keuschheit gibt es keine Gnade; nicht Schönheit noch Jugend noch Reichthum schafft ihr einen Gatten. Da freilich lacht man nicht über das Laster und mit den Schlechten schlecht zu sein heißt man nicht den Geist der Zeit. Besser wenigstens steht es bis jetzt noch mit einem Lande wo nur die Jungfrau sich vermählt, wo mit der Hoffnung und dem Gelübde der Gattin das Leben für immer abgeschlossen liegt. Einmal nur, gleichwie sie Leib und Leben nur einmal empfieng, so hat sie den Gatten empfangen, auf daß über ihn hinaus fortan kein Gedanke gehe, kein Gelüste sich verirre, auf daß sie gleichsam in dem Gatten nicht den Gatten, sondern die Ehe liebe. Der Kinderzahl eine willkürliche Schranke zu setzen oder ein nachgeborenes zu tödten gilt als Verruchtheit, und die gute Sitte wirkt dort mehr als anderswo gute Gesetze.	Caput XIX. Ergo septa pudicitia agunt, nullis spectaculorum illecebris, nullis conviviorum irritationibus corruptae. Literarum secreta viri pariter ac feminae ignorant. Paucissima in tam numerosa gente adulteria; quorum poena praesens et maritis permissa: accisis crinibus, nudatam coram propinquis expellit domo maritus, ac per omnem vicum verbere agit. Publicatae enim pudicitiae nulla venia; non forma, non aetate, non opibus maritum invenerit; nemo enim illic vitia ridet, nec corrumpere et corrumpi saeculum vocatur. Melius quidem adhuc eae civitates, in quibus tantum virgines nubunt et cum spe votoque uxoris semel transigitur; sic unum accipiunt maritum, quomodo unum corpus unamque vitam, ne ulla cogitatio ultra, ne longior cupiditas, ne tanquam maritum sed tanquam matrimonium ament. Numerum liberorum finire aut quemquam ex agnatis necare flagitrum habetur; plusque ibi boni mores valent quam alibi bonae leges.
Die Familie. So wächst, Haus für Haus, nackt und dürftig die Jugend heran zu jenem Gliederbau, zu jenen Riesengestalten, an denen wir staunend hinaufschauen. Seiner eigenen Mutter Brust hat jeden ernährt, keiner Magd- und Ammenwirthschaft verfällt das Kind. Das edelgeborene sondert keine feinere Pflege vom unedlen; auf dem gleichen Boden kriechen beide zwischen den Thieren des Hauses umher, bis das Alter den Freigeborenen scheidet, der männliche Werth ihn adelt. Spät erst kostet der Jüngling die Liebe, und darum auch seine unerschöpfliche Manneskraft. Auch mit den Mädchen übereilt man sich nicht. Ihre Jugend ist die gleiche, und fast auch ihr Wuchs. In ebenbürtiger Kraft finden sich Jüngling und Jungfrau, und die Stärke der Eltern spiegelt sich in den Kindern. Die Söhne der Schwester stehen dem Oheim so nahe wie ihrem eigenen Vater. Manche halten sogar dieses Band der Verwandtschaft für das heiligere und engere und nehmen daher lieber den Neffen zum Geisel; ein solcher, glauben sie, sei eine festere Bürgschaft für die Gewissen und eine umfassendere für den Kreis der betroffenen Familie. Erben und Nachfolger jedoch bleiben die eigenen Kinder und ein Testament bedarf es nicht. Sind keine Kinder da, so folgen als die nächsten im Besitzrecht die Brüder und die Oheime von väterlicher und mütterlicher Seite. Je größer die Verwandtschaft, je weiter der Kreis der Verschwägerung, desto freundlicher gestaltet sich das Alter; die Kinderlosigkeit hat ihren Lohn dahin.	Caput XX. In omni domo nudi ac sordidi in hos artus, in haeo corpora, quae miramur, excrescunt. Sua quemque mater uberibus alit, nec ancillis ac nutricibus delegantur. Dominum ac servum nullis educationis deliciis dignoscas: inter eadem pecora, in eadem humo degunt, donec aetas separet ingenuos, virtus agnoscat. Sera iuvenum venus, eoque inexhausta pubertas. Nec virgines festinantur; eadem iuventa, similis proceritas; pares validaeque miscentur, ac robora parentum liberi referunt. Sororum filiis idem apud avunculum qui ad patrem honor; quidam sanctiorem artioremque hunc nexum sanguinis arbitrantur, et in accipiendis obsidibus magis exigunt, tanquam ii et animum firmius et domum latius teneant. Heredes tamen successoresque sui cuique liberi, et nullum testamentum; si liberi non sunt, proximus gradus in possessione fratres, patrui, avunculi. Quanto plus propinquorum, quo maior affinium numerus, tanto gratiosior senectus, nec ulla orbitatis pretia.
Fehden. Gastfreundschaft.	Caput XXI.

Auch in die Fehden seines Vaters oder eines Verwandten muß der Nachfolger als Erbe eintreten, so gut wie in die freundschaftlichen Verbindungen. Doch brauchen die ersteren nicht unversöhnlich fortzuerben; selbst Todtschlag kann durch eine bestimmte Anzahl großen oder kleinen Viehs gesühnt werden, und die Buße gilt für das ganze Haus des Geschädigten. Dem Gemeinwesen kommt diese Sitte zu gut, denn Privatfehden sind bei solcher Freiheit doppelt gefährlich. Für gesellige Gelage und gastliches Leben hegt kein anderes Volk so unbeschränkte Leidenschaft. Einen Menschen, er sei wer er wolle, von seiner Schwelle zu weisen, wäre Missethat. Je nach Vermögen tischt jeder dem Fremden sein Bestes auf. Ist der Vorrath zu Ende, so macht der Wirth den Wegweiser zu einer neuen Herberge; er geht selbst mit und ungeladen treten beide in das Nachbarhaus, unterschiedslos werden beide mit der gleichen Freundlichkeit begrüßt; ob bekannt oder unbekannt, darnach fragt in Sachen des Gastrechts kein Mensch. Beim Abschiede gehört es sich, dem Gaste zu bewilligen was er etwa sich ausbittet, und der Wirth macht seinerseits ebensowenig Umstände; solche Geschenke machen ihnen Vergnügen. Aber was einer gibt, das rechnet er nicht an, was er empfängt, das verpflichtet ihn nicht. Das ganze Verhältniß zwischen Wirthen und Gästen ist ein herzliches.	Suscipere tam inimicitias seu patris seu propinqui quam amicitias necesse est. Nec implacabiles durant; luitur enim etiam homicidium certo armentorum ac pecorum numero, recipitque satisfactionem universa domus, utiliter in publicum, quia periculosiores sunt inimicitiae iuxta libertatem. Convictibus et hospitiis non alia gens effusius indulget. Quemcunque mortalium arcere tecto nefas habetur; pro fortuna quisque apparatis epulis excipit; cum defecere, qui modo hospes fuerat, monstrator hospitii et comes; proximam domum non invitati adeunt; nec interest, pari humanitate accipiuntur; notum ignotumque, quantum ad ius hospitis, nemo discernit. Abeunti, si quid poposcerit, concedere moris; et poscendi in vicem eadem facilitas; gaudent muneribus, sed nec data imputant nec acceptis obligantur. Victus inter hospites comis.
Lebensweise. Gelage. Nahrung. Vom Schlaf weg, der gewöhnlich tief in den Tag hinein dauert, wird gebadet; meist warm, wie natürlich in einem so vorherrschend winterlichen Klima. Auf das Bad folgt ein Imbiß; jeder hat seinen besonderen Sitz und seinen eigenen Tisch. Sodann geht es an die Geschäfte oder auch, ebenso häufig, zum Gelage, stets mit den Waffen. Tage und Nächte durchzuzechen hat durchaus nichts Anstößiges. Natürliche Folge solcher Trunksucht sind häufige Händel, und selten bleibt es bei Worten, meistens endet es mit Todtschlag und Wunden. Aber auch Versöhnung von Feindschaften, Anknüpfung verwandtschaftlicher Bande, Wahl der Häuptlinge, sogar Krieg und Friede werden gewöhnlich beim Trunke berathen, als sei, möchte man meinen, nur zu solcher Stunde die Seele fähig sich einem einfachen Gedanken zu erschließen, für einen großen sich zu erwärmen. Da ist noch ein Volk ohne Arglist und Verschlagenheit, das in ungezwungenem Scherze die Geheimnisse seiner Brust erschließt. So liegt denn eines jeden Meinung heute nackt und offen, morgen wird sie noch einmal durchgeprüft, und beides, das Gestern und das Heute, kommt zu seinem Rechte: sie berathen wo sie nicht zu heucheln vermögen, sie beschließen, wo sie nicht irren können.	Caput XXII. Statim e somno, quem plerumque in diem extrahunt, lavantur, saepius calida, ut apud quos plurimum hiems occupat; lauti cibum capiunt. Separatae singulis sedes et sua cuique mensa. Tum ad negotia nec minus saepe ad convivia procedunt, armati; diem noctemque continuare potando nulli probrum. Crebrae ut inter vinolentos rixae raro conviciis, saepius caede et volneribus transiguntur. Sed et de reconciliandis in vicem inimicis et iungendis affinitatibus et asciscendis principibus, de pace denique ac bello plerumque in conviviis consultant, tanquam nullo magis tempore aut ad simplices cogitationes pateat animus aut ad magnas incalescat; gens non astuta nec callida aperit adhuc secreta pectoris licentia ioci. Ergo detecta et nuda omnium mens postera die retractatur, et salva utriusque temporis ratio est: deliberant, dum fingere nesciunt, constituunt, dum errave non possunt.
Ihr Getränke bereiten sie aus Gerste oder Weizen, ein Gebräu das einigermaßen Aehnlichkeit mit geringem Weine hat. Die nächsten Anwohner des Rheins kaufen auch den Wein selbst. Die Speisen sind einfach, wildes Obst, frisches Wildbret oder saure Milch; ohne Aufwand, ohne Leckerbissen begnügen sie sich den Hunger zu stillen. Dem Durste gegenüber bleibt ihre Mäßigkeit nicht die gleiche; wer hier den Germanen an seiner Schwäche faßt, ihm zu trinken schafft soviel sein Herz begehrt, der wird ihn künftig ebenso leicht durch seine eigenen Laster	Caput XXIII. Potui humor ex hordeo aut frumento in quandam similitudinem vini corruptus: proximi ripae et vinum mercantur. Cibi simplices; agrestia poma, recens fera aut lac concretum; sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem: adversus sitim non eadem

als durch Waffengewalt überwinden.	temperantia; si indulseris ebrietati, suggerendo quantum concupiscunt, haud minus facile vitiis quam armis vincentur.
Spiel und Spielwuth. Von theatralischen Darstellungen ist nur eine einzige bekannt die sich bei jeder geselligen Vereinigung gleich bleibt. Junge Leute, denen die Sache Freude macht, tummeln sich nackt zwischen Schwertern und drohenden Speeren umher. Uebung führt zur Gewandtheit, die Gewandtheit zur Anmuth. Von Gewerb oder Bezahlung ist keine Rede, es wäre denn das Vergnügen der Zuschauer, welches die verwegenen Springer lohnt. Wohl aber mag ihr Würfelspielen auffallen. Bei nüchternem Kopf, in geschäftsmäßigem Ernst treiben sie es mit solch toller Leidenschaft für Gewinn und Verlust, daß, wenn alles verloren ist, Freiheit und Person auf den letzten verzweifelten Wurf gesetzt wird. Der Verlierende fügt sich freiwillig der Knechtschaft; er selbst vielleicht der Jüngere, Stärkere läßt sich geduldig binden und verkaufen. Das ist Charakterfestigkeit in verwerflicher Sache; sie selbst nennen es Ehre. Einen also gewonnenen Sklaven schafft übrigens sein Herr selbst auf dem Verkaufswege fort, um der Beschämung über seinen Sieg ledig zu werden.	**Caput XXIV.** Genus spoctaculorum unum atque in omni coetu idem: nudi iuvenes, quibus id ludicrum est, inter gladios se atque infestas frameas saltu iaciunt, – exercitatio artem paravit, ars decorem – non in quaestum tamen aut mercedem, quamvis audacis lasciviae pretium est voluptas spectantium. Aleam, quod mirere, sobrii inter seria exercent, tanta lucrandi perdendive temeritate, ut, cum omnia defecerunt, extremo ac novissimo iactu de libertate ac de corpore contendant. Victus voluntariam servitutem adit; quamvis iuvenior, quamvis robustior, alligari se ac venire patitur; ea est in re prava pervicacia; ipsi fidem vocant. Servos condicionis huius per commercia tradunt, ut se quoque pudore victoriae exsolvant.
Sklaven und Freigelassene. Im übrigen ist die Stellung der Sklaven eine andere als bei uns, wo die einzelnen Geschäfte unter das Gesinde förmlich vertheilt sind. Dort sitzt jeder auf seinem besonderen Heimwesen, am eigenen Herde. Der Herr legt ihm nur, wie in unserem Pachtverhältniß, eine bestimmte Leistung an Getreide, Vieh oder Gewand auf und daraus beschränkt sich die Pflicht des Hörigen. Die sonstigen Geschäfte des Herrenhauses besorgen Weib und Kinder. Daß der Sklave gepeitscht, in Fesseln gelegt, mit Zwangsarbeiten bestraft wird, ist ein seltener Fall; häufiger ist Tödtung durch den Herrn, nicht als Strafe oder Maßregel der Strenge, sondern als eine That der Leidenschaft und des Jähzorns; wie man etwa seinen Feind erschlägt, mit dem Unterschiede, daß auf ersterem keine Strafe steht. Der Freigelassene steht nicht viel höher als der Sklave; selten übt er einigen Einfluß im Hause, niemals im öffentlichen Leben. Einzige Ausnahme bilden die monarchisch regierten Staaten, wo der Freigelassene über den Freigeborenen und sogar über den Adelichen sich erheben kann. Bei den anderen Stämmen gibt die untergeordnete Stellung des Freigelassenen Zeugniß von der freien Volksverfassung.	**Caput XXV.** Ceteris servis non in nostrum morem descriptis per familiam ministeriis utuntur; suam quisque sedem, suos penates regit; frumenti modum dominus aut pecoris aut vestis ut colono iniungit. Et servus hactenus paret; cetera domus officia uxor ac liberi exsequuntur. Verberare servum ac vinculis et opere coercere rarum: occidere solent, non disciplina et severitate, sed impetu et ira, ut inimicum, nisi quod impune est. Liberti non multum supra servos sunt, raro aliquod momentum in domo, nunquam in civitate, exceptis duntaxat iis gentibus quae regnantur; ibi enim et super ingenuos et super nobiles ascendunt; apud ceteros impares libertini libertatis argumentum sunt.
Ackerbau. Geldgeschäft und Wucherzins sind unbekannte Dinge, und darum gewissenhafter gemieden, als wenn sie gesetzlich verboten wären. Die Feldmarkung, je nach der Anzahl der Bebauer größer oder kleiner, gehört der ganzen Gemeinde als Gesammtbesitz und diese vertheilt die Grundstücke unter ihre Mitglieder nach Maßgabe des Ranges. Die Möglichkeit dieses Verfahrens liegt in der großen Ausdehnung der Markungen. In der Bebauung wechselt man alljährlich das	**Caput XXVI.** Fenus agitare et in usuras extendere ignotum, ideoque magis servatur, quam si vetitum esset. Agri pro numero cultorum ab universis vicis occupantur, quos mox inter se securidum dignationem partiuntur; facilitatem partiendi camporum spatia praestant. Arva per annos mutant. Et superest ager; nec enim cum ubertate et amplitudine soli

Geld, wobei immer noch ein Theil desselben frei bleibt. In den Wettkampf mit der Ertragfähigkeit und Ausdehnung des Bodens seine Arbeit einzusetzen, Obstpflanzungen anzulegen, Wiesland auszuscheiden, einen Garten zu bewässern, versteht der Germane nicht; nur seine Aussaat an Getreide soll ihm die Erde leisten. Daher theilt sich ihm auch das Jahr nicht in unsere vier Zeiten; von Winter, Frühling und Sommer hat er einen Begriff und hat die Worte dafür, vom Herbste kennt er einen Namen so wenig als seinen Segen.

labore contendunt, ut pomaria conserant et prata separent et hortos rigent; sola terrae seges imperatur. Unde annum quoque ipsum non in totidem digerunt species: hiems et ver et aestas intellectum ac vocabula habent; autumni perinde nomen ac bona ignorantur.

Begräbniß.

Von dem eitlen Prunk der Leichenbegängnisse weiß man nichts; nur bei hervorragenden Männern verlangt die Sitte bestimmte Holzarten für die Verbrennung der Leiche. Teppiche und Rauchwerk werden nicht an den Holzstoß verschwendet; nur die Waffenrüstung, zuweilen auch das Streitroß wird mit verbrannt. Ueber dem Grabe wölbt sich ein Rasenhügel; in dem kunst- und mühevollen Stolz der Monumente sieht der Germane nur eine Last für den Todten. Den Thränen und der Klage gönnt er kurze, dem Schmerz und der Wehmuth eine lange Frist. Dem Weibe geziemt die Trauer, dem Manne die Erinnerung.

Das ist es, was ich im allgemeinen über Ursprung und Zustände des germanischen Gesammtvolkes gefunden. Im nachfolgenden sollen Brauch und Sitte der einzelnen Stämme in ihren unterscheidenden Zügen, sowie die germanischen Einwanderungen nach Gallien dargestellt werden.

Caput XXVII.

Funerum nulla ambitio; id solum observatur, ut corpora clarorum virorum certis lignis crementur. Struem rogi nec vestibus nec odoribus cumulant; sua cuique arma, quorundam igni et equus adiicitur. Sepulcrum caespes erigit; monumentorum arduum et operosum honorem ut gravem defunctis aspernantur. Lamenta ac lacrimas cito, dolorem et tristitiam tarde ponunt; feminis lugere honestum est, viris meminisse.

Haec in commune de omnium Germanorum origine ac moribus accepimus; nunc singularum gentium institutaritusque quatenus differant, quae nationes e Germania in Gallias commigraverint, expediam.

II. Die einzelnen Völkerschaften Gemaniens.

Einwanderungen.

Daß *Gallien* vor Zeiten ein mächtigerer Staat gewesen, sagt uns der beste Gewährsmann, der erlauchte Julius, und darum ist es wohl glaublich, daß auch gallische Wanderungen nach Germanien stattgefunden haben. Denn welch schwache Schranke bot ein Strom, wenn der oder jener Stamm auf der Höhe seiner Machtentfaltung erobernd seine Heimat wechseln wollte, wo die Lande noch herrenlos und durch keine monarchischen Mächte geregelt lagen? Demgemäß haben sich denn wirklich zwischen dem hercynischen Walde, dem Rhein und dem Main *die Helvetier*, weiter ostwärts die *Bojer* niedergelassen, beides gallische Stämme. Noch heute lebt der Name Bohemum und redet von der einstigen Geschichte des Landes, obgleich dieses seine Bewohner gewechselt hat.

Ob aber die *Aravisker* von den *Osen* als einem germanischen Volk aus in Pannonien eingewandert, oder die Osen von den Araviskern aus in Germanien, beide Völker in Sprache, Brauch und Sitte noch heute gleich – dies bleibt darum unentschieden, weil beide dereinst auch an Armut und Freiheit gleich auf beiden Ufern der Donau dieselben Vortheile wie Nachtheile finden mußten. Der *Treverer* und *Nervier* macht seinen Anspruch auf germanische Rasse sogar mit Eifersucht geltend, als sollte der Ruhm dieser Blutsverwandtschaft seine Aehnlichkeit mit dem schlaffen Gallier aufheben.

Dem eigentlichen Rheinufer entlang wohnen zweifellos germanische Völker, die *Vangionen*, *Triboken* und *Nemeter*. Selbst die *Ubier*, obwohl sie zur römischen Colonie sich aufgeschwungen und sich lieber nach dem Namen ihrer Stifterin Agrippina nennen hören. schämen sich nicht ihres Ursprungs als germanischer Stamm, der schon vor Alters den Rhein überschritt und zum Lohn erprobter Treue unmittelbar am Strome sich ansiedeln durfte, als

Caput XXVIII.

Validiores olim Gallorum res fuisse summus auctorum divus Julius tradit; eoque credibile est etiam Gallos in Germaniam transgressos: quantulum enim amnis obstabat quo minus, ut quaeque gens evaluerat, occuparet permutaretque sedes promiscuas adhuc et nulla regnorum potentia divisas? Igitur inter Hercyniam silvam Rhenumque et Moenum amnes Helvetii, ulteriora Boii, Gallica utraque gens, tenuere. Manet adhuc Bohemi nomen, signatque loci veterem memoriam, quamvis mutatis cultoribus. Sed utrum Aravisci in Pannoniam ab Osis Germanorum natione, an Osi ab Araviscis in Germaniam commigraverint, cum eodem adhuc sermone, institutis, moribus utantur, incertum est, quia pari olim inopia ac libertate eadem utriusque ripae bona malaque erant. Treveri et Nervii circa affectationem Germanicae originis ultro ambitiosi sunt, tanquam per hanc gloriam sanguinis a similitudine et inertia Gallorum separentur. Ipsam Rheni ripam haud dubie Germanorum populi colunt, Vangiones, Triboci, Nemetes. Ne Ubii quidem, quanquam Romana colonia esse meruerint ac libentius Agrippinenses conditoris sui nomine vocentur, origine erubescunt, transgressi olim et experimento fidei super ipsam Rheni

Grenzwächter, nicht als Bewachter.

ripam collocati, ut arcerent, non ut custodirentur.

Chatten.

Weiter nördlich wohnen die Chatten. Ihre Heimat zieht sich vom hercynischen Gebirg aus, nicht so flach und sumpfig wie andere Länder der germanischen Ebene; die Höhen verlieren sich nur allmählich und das hercynische Gebirge gibt seinen Chatten das Geleite bis in die Niederung herab.

Ein abgehärteter Menschenschlag, gedrungener Gliederbau, ein drohender Blick, energischer Muth und ein für germanisches Wesen nicht gewöhnlicher klug berechnender Sinn. Der Chatte weiß die rechten Männer als Führer zu wählen und diesen Führern zu gehorchen; er kennt Reihen und Glieder, versteht den Augenblick zu erspähen, mit einem Angriff zurückzuhalten, am Tage Disciplin zu beobachten, in der Nacht sich zu verschanzen; er kennt des Glückes Unbestand, den sichern Werth der Tapferkeit, und – das seltenste von allem, sonst nur als Vorrecht römischer Kriegsbildung anerkannt – der Heerführer gilt ihm mehr als das Heer. Die ganze Stärke liegt im Fußvolk und dieses trägt außer den Waffen auch Schanzzeug und Lebensmittel. Andere Stämme sieht man zur Schlacht ausziehen, die Chatten in den Krieg; bloßer Streifzug und planloses Gefecht ist seltene Ausnahme. Eine Reitermacht freilich hat den Vortheil entweder der raschen siegenden Entscheidung oder des ebenso raschen Rückzugs; Schnelligkeit ist die Schwester der Furcht, langsames Handeln hängt zusammen mit ernster Besonnenheit.

Caput XXX.

Ultra hos Chatti initium sedis ab Hercynio saltu inchoant, non ita effusis ac palustribus locis, ut ceterae civitates in quas Germania patescit, durant; siquidem colles paulatim rarescunt, et Chattos suos saltus Hercynius prosequitur simul atque deponit. Duriora genti corpora, stricti artus, minax vultus et maior animi vigor, multum ut inter Germanos rationis ac solertiae: praeponere electos, audire praepositos, nosse ordines, intellegere occasiones, differre impetus, disponere diem, vallare noctem, fortunam inter dubia, virtutem inter certa numerare, quodque rarissimum nec nisi Romanae disciplinae concessum, plus reponere in duce quam in exercitu. Omne robur in pedite, quem super arma ferramentis quoque et copiis onerant; alios ad praelium ire videas, Chattos ad bellum. Rari excursus et fortuita pugna; equestrium sane virium id proprium, cito parare victoriam, cito cedere; velocitas iuxta formidinem, cunctatio propior constantiae est.

Ein Brauch, welcher bei andern Völkern Germaniens nur als vereinzelter Ausdruck persönlichen Thatendrangs sich zeigt, ist bei den Chatten zur förmlichen Volkssitte geworden. Mit dem Eintritt in die Mannbarkeit läßt der Chatte Haupt- und Barthaar wachsen und erst die Erlegung eines Feindes befreit sein Antlitz von diesem dem Dienste des Heldenthums geweihten Symbole. Ueber Feindesblut und erbeuteten Waffen enthüllt er die Stirn und jetzt erst glaubt er die Schuld des Daseins bezahlt und sich selbst des Vaterlandes und der Eltern würdig. Dem Thatlosen, dem Unkriegerischen bleibt sein struppiges Haar.

Auch einen eisernen Ring, sonst ein entehrendes Tragen, legt der chattische Kriegsheld an, gleichsam eine Fessel, aus welcher er sich durch Erlegung eines Feindes lösen muß. Gar mancher gefällt sich in solchem Aufzug und ist grau darin geworden, ein gefeierter Held auf welchen der Feind und der Landsmann mit Fingern weist. Diese Männer sind es, welche jede Schlacht eröffnen, stets in dem ersten Gliede stehen, ein wundersames Schauspiel; denn auch der Friede sänftigt diese Gestalten nicht zu milderer Erscheinung. Keiner hat Haus und Hof noch sonstigen Beruf; wo er eintritt, da wird er bewirthet; ein Vergeuder von fremdem, ein Verächter von eigenem Gut, bis die Schwäche des Alters solch ehernes Heldenthum zur Entsagung zwingt.

Caput XXXI.

Et aliis Germanorum populis usurpatum, raro et privata cuiusque audentia, apud Chattos in consensum vertit: ut primum adoleverint, crinem barbamque submittere, nec nisi hoste caeso exuere votivum obligatumque virtuti oris habitum. Super sanguinem et spolia revelant frontem, seque tum demum pretia nascendi retulisse dignosque patria ac parentibus ferunt; ignavis et imbellibus manet squalor. Fortissimus quisque ferreum insuper annulum – ignominiosum id genti – velut vinculum gestat, donec se caede hostis absolvat. Plurimis Chattorum hic placet habitus iamque canent, insignes et hostibus simul suisque monstrati; omnium penes hos initia pugnarum; haec prima semper acies, visu nova. Nam ne in pace quidem cultu mitiore mansuescunt; nam nulli domus aut ager aut aliqua cura; prout ad quemque venere, aluntur, prodigi alieni, contemptores sui, donec exsanguis senectus tam durae virtuti impares faciat.

Usipier. Tenkterer.

Den Chatten zunächst wohnen die *Usipier* und *Tenkterer* am Rheinstrom, welcher dort schon in festbestimmtem Bette fließend eine genügende natürliche Grenze bietet. Bei dem Tenkterer tritt zu der gewöhnlichen Kriegstüchtigkeit des Germanen eine hervorragende Reiterkunst und der Ruhm des Chattischen Fußvolkes steht nicht über dem der Tenkterischen Reiterei. So war es Brauch der Väter und die Enkel bleiben ihm treu; die

Caput XXXII.

Proximi Chattis certum iam alveo Rhenum, quique terminus esse sufficiat, Usipii et Tencteri colunt. Tencteri super solitum bellorum decus equestris disciplinae arte praecellunt; nec maior apud Chattos peditum laus quam Tencteris equitum. Sic instituere maiores,

Reitkunst ist das Spiel der Kinder, der Ehrgeiz der Jünglinge, und noch die Greise sitzen im Sattel. Neben Gesinde, Haus und Hof und was sonst dem Erbrecht verfällt, gehen die Rosse ihren besonderen Erbgang; denn sie erhält nicht wie das übrige Gut der älteste, sondern der kriegsmuthigste und tüchtigste Sohn.	posteri imitantur; hi lusus infantium, haec iuvenum aemulatio, perseverant senes. Inter familiam et penates et iura successionum equi traduntur; excipit filius non ut cetera maximus natu, sed prout ferox bello et melior.
Brukterer. Chamaver. Angrivarier. Zur Seite der Tenkterer hatten in früherer Zeit die *Brukterer* ihre Stelle; jetzt haben sich, wie berichtet wird, die *Chamaver* und *Angrivarier* dort niedergelassen. Die Brukterer wurden verdrängt und vollständig aufgerieben in Folge einer Verbindung der Nachbarstämme, sei es daß die Erbitterung über brukterschen Uebermuth oder der Reiz der Beute diese zusammengeführt, oder vielleicht auch ein uns freundlicher Wille der Götter; haben diese ja sogar das Schauspiel der Vernichtungsschlacht uns nicht mißgönnt. Ueber 60,000 sind gefallen, nicht durch des Römers Schwert und Speer, sondern, was herrlicher klingt, ihm zur Wonne und zur Augenweide. O möge doch diesen Völkern bleiben, möge dauernd ihnen bleiben, wenn nicht die Freundschaft für uns, so doch der Haß unter sich, weil ja doch einmal jetzt, wo des Reiches Verhängniß hereindrängt, das Schicksal uns nichts höheres mehr zu geben vermag als die Zwietracht unserer Feinde!	Caput XXXIII. Iuxta Tencteros Bructeri olim occurrebant; nunc Chamavos et Angrivarios immigrasse narratur, pulsis Bructeris ac penitus excisis vicinarum consensu nationum, seu superbiae odio seu praedae dulcedine seu favore quodam erga nos deorum; nam ne spectaculo quidem praelii invidere. Super sexaginta milia non armis telisque Romanis, sed, quod magnificentius est, oblectationi oculisque ceciderunt. Maneat, quaeso, duretque gentibus, si non amor nostri, at certe odium sui, quando inurgentibus imperii fatis nihil iam praestare fortuna maius potest quam hostium discordiam.
Friesen u. a. Im Rücken der Angrivarier und Chamaver schließen sich die *Dulgibiner* und *Chasuaren* an, sowie andere minder häufig genannte Völker. Vorn setzen die *Friesen* die Reihe fort, nach Maßgabe ihrer Macht als Groß- und Kleinfriesen unterschieden. Für beide Stämme bildet der Rheinlauf die Grenze bis zum Ozean; überdies umfaßt ihr Gebiet gewaltige Seen, die auch von römischen Flotten schon befahren worden sind. Haben wir uns dort ja mit dem Ozean selbst versucht. Auch geht eine Sage, daß in jener Gegend noch Herkulessäulen stehen; sei es daß Herkules wirklich dorthin gekommen, oder daß ein gemeinsames Gefühl uns alles, was irgendwo großes erscheint, auf jenen Heldennamen zurückführen läßt. An unternehmendem Muthe hat es dem Drusus Germaniens nicht gefehlt; der Ozean selbst hat auf die vereinten Fragen nach seinen und nach des Herkules Räthseln die Antwort geweigert. Später hat niemand mehr einen Versuch gemacht; in göttlichen Dingen schien der Glaube frommer und ehrfurchtsvoller als das Wissen.	Caput XXXIV. Angrivarios et Chamavos a tergo Dulgibini et Chasuarii cludunt aliaeque gentes haud perinde memoratae; a fronte Frisii excipiunt. Maioribus minoribusque Frisiis vocabulum est ex modo virium. Utraeque nationes usque ad Oceanum Rheno praetexuntur, ambiuntque immensos insuper lacus et Romanis classibus navigatos; ipsum quin etiam Oceanum illa tentavimus; et superesse adhuc Herculis columnas fama volgavit, sive adiit Hercules, seu quicquid ubique magnificum est in claritatem eius referre consensimus. Nec defuit audentia Druso Germanico, sed obstitit Oceanus in se simul atque in Herculem inquiri; mox nemo tentavit, sanctiusque ac reverentius visum de actis deorum credere quam scire.
Chauken. Bis hierher kennen wir Germanien in westlicher Ausdehnung. Im gewaltigem Bogen wölbt es sich nun nach Norden hinauf. Gleich im Anfang erscheint hier das Volk der *Chauken*. Obgleich es an die Friesen sich anschließt und noch einen Theil der Meeresküste innehat, so zieht es doch den Grenzen aller bisher genannten Stämme sich entlang, um endlich sogar in das Gebiet der Chatten sich einzubuchten. Und diese ganze gewaltige Ländermasse nennt der Chauke nicht nur sein, sondern er füllt sie auch aus; ein Volk, das in hohem Ansehen unter den Germanen steht und es vorzieht, seine Macht auf Gerechtigkeit zu stützen. Frei von begehrlicher Leidenschaft, von vermessener Herrschgier lebt es in stiller	Caput XXXV. Hactenus in occidentem Germaniam novimus. In septentrionem ingenti flexu redit; ac primo statim Chaucorum gens, quanquam incipiat a Frisiis ac partem litoris occupet, omnium quas exposui gentium lateribus obtenditur, donec in Chattos usque sinuetur. Tam immensum terrarum spatium non tenent tantum Chauci sed et implent, populus inter Germanos nobilissimus, quique magnitudinem suam malit iustitia tueri. Sine cupiditate, sine

Abgeschlossenheit dahin, kein fremdes Volk zum Kriege reizend, keines mit Raub und Plünderung bedrängend. Und das eben ist das höchste Zeugniß für des Volkes Tüchtigkeit und Kraft, daß es seine überlegene Stellung nicht der Gewaltthat verdankt. Aber rasch ist jedem die Waffe zur Hand, und wenn die Stunde ruft, so steht das Heer bereit, Roß und Mann in gewaltiger Zahl; und auch im Frieden lebt ihr großer Name fort.

impotentia, quieti secretique nulla provocant bella, nullis raptibus aut latrociniis populantur. Id praecipuum virtutis ac virium argumentum est, quod ut superiores agant non per iniurias assequuntur. Prompta tamen omnibus arma, plurimum virorum equorumque ac, si res poscat, exercitus; et quiescentibus eadem fama.

Cherusker.

An Chauken und Chatten anstoßend haben die *Cherusker* einen allzutiefen langen Friedensschlaf unangefochten hingeträumt, ein Verhalten, das mehr Bequemlichkeit als Sicherheit schafft; denn der Schlaf zwischen Uebermuth und Gewaltthat ist ein böses Ding; wo das Faustrecht gilt, da sind Uneigennützigkeit und Biedersinn die Titel des Stärkeren. So heißen die Cherusker, dereinst die braven und gerechten genannt, heutzutage Thoren und Weichlinge; dem Chatten, ihrem Ueberwinder, wird sein gutes Glück als Weisheit angerechnet. Auch das Nachbarvolk der *Fosen* haben die Cherusker in ihrem Sturze nachgerissen; im Glücke hatten jene das kleinere Loos gezogen, das Unglück theilen beide zu gleichen Hälften.

Caput XXXVI.

In latere Chaucorum Chattorumque Cherusci nimiam ac marcentem diu pacem illacessiti nutrierunt, idque iucundius quam tutius fuit, quia inter impotentes et validos falso quiescas; ubi manu agitur, modestia ac probitas nomina superioris sunt. Ita qui olim boni aequique Cherusci, nunc inertes ac stulti vocantur; Chattis victoribus fortuna in sapientiam cessit. Tracti ruina Cheruscorum et Fosi, contermina gens; adversarum rerum ex aequo socii sunt, cum in secundis minores fuissent.

Cimbern.

In der obengenannten Ausbuchtung Germaniens wohnen noch, unmittelbar am Ozean, die *Cimbern*, heutzutag ein unbedeutender Staat, aber reich an großen Erinnerungen. Noch reichen weithin auf beiden Rheinufern die Spuren einer ruhmvollen Vorzeit, jene riesigen Lagerplätze, deren Umfang noch heute den Maßstab gibt für jene Volksmassen und Kriegshorden, und ein Zeugniß für ihren gewaltigen Auszug.

Das Jahr 640 der Stadt Rom schrieb man, als unter den Consuln Cäcilius Metellus und Papirius Carbo zum erstenmale die cimbrischen Waffen erklangen. Rechnen wir von da bis zum zweiten Consulat des Kaisers Tiberius, so ergeben sich etwa 210 Jahre.

So lange siegen wir an Germanien; in so langem Zeitraum so mancher Schlag und Widerschlag. Nicht der Samnite, nicht der Pöner, nicht Hispanien noch Gallien, selbst der Parther nicht, hat uns so oft gemahnt. Denn schneidiger als eines Arsaces Monarchenthum ist germanische Freiheit. Oder was anderes als die Leiche des Crassus, und selbst diese mit des Pacorus Blut bezahlt, hat der Orient uns aufzuweisen wie er zu den Füßen eines Ventidius liegt!

Die Germanen aber haben den Carbo und Cassius, den Scaurus Aurelius und den Servilius Cäpio, sie haben den Cn. Manlius geschlagen oder gefangen, haben fünf consularische Heere dem römischen Volke, haben den Varus und mit ihm drei Legionen selbst unserem Cäsar geraubt; und nicht ungestraft hat C. Marius in Italien, hat der göttliche Julius in Gallien, hat Drusus und Nero und Germanicus auf seinem eigenen Boden den Germanen getroffen.

Zuletzt noch des Cäsars Caligula gewaltiges Pochen in Hohngelächter geendet! Von dort an ward Ruhe, bis sie

Caput XXXVII.

Eundem Germaniae sinum proximi Oceano Cimbri tenent, parva nunc civitas, sed gloria ingens. Veterisque famae lata vestigia manent, utraque ripa castra ac spatia, quorum ambitu nunc quoque metiaris molem manusque gentis et tam magni exitus fidem. Sexcentesimum et quadragesimum annum urbs nostra agebat, cum primum Cimbrorum audita sunt arma Caecilio Metello ac Papirio Carbone consulibus; ex quo si ad alterum imperatoris Traiani consulatum computemus, ducenti ferme et decem anni colliguntur; tam diu Germania vincitur. Medio tam longi aevi spatio multa in vicem damna; non Samnis, non Poeni, non Hispaniae Galliaeve, ne Parthi quidem saepius admonuere; quippe regno Arsacis acrior est Germanorum libertas. Quid enim aliud nobis quam caedem Crassi, amisso et ipse Pacoro infra Ventidium deiectus Oriens obiecerit? At Germani Carbone et Cassio et Scauro Aurelio et Servilio Caepione, Gnaeo quoque Manlio fusis vel captis, quinque simul consularis exercitus populo Romano, Varum tresque cum eo legiones etiam Caesari abstulerunt. Nec impune Gaius Marius in Italia, divus Julius in Gallia, Drusus ac Nero et Germanicus in suis eos sedibus perculerunt. Mox ingentes Gai Caesaris minae in ludibrium versae. Inde otium, donec occasione discordiae nostrae et civilium

unsre eignen Händel und inneren Kriege benützend die Winterlager der Legionen erstürmten und selbst nach Gallien sich gelüsten ließen; sie wurden zurückgeschlagen, aber die neueste Zeit hat mehr Triumphe als Siege über sie gefeiert.	armorum expugnatis legionum hibernis etiam Gallias affectavere; ac rursus pulsi inde proximis temporibus triumphati magis quam victi sunt.
Die Sueven. Nun zu den *Sueven*; ein Name welcher nicht wie der der Chatten oder Tenkterer ein einheitliches Volk bezeichnet. Sie haben die größere Hälfte Germaniens inne und sondern sich in verschiedene selbständige und eigens benannte Stämme, obwohl der Gesammtname Sueven ist. Eine Eigenthümlichkeit dieser Völkergruppe ist das zurückgekämmte und in einen Knoten geschlungene Haar. Dies unterscheidet den Sueven von den andern Germanen, den suevischen Freien vom suevischen Knecht. Auch bei andern Völkerschaften, vielleicht auf Grund einer Stammesverwandtschaft, vielleicht, wie so oft, nur die nachahmende Mode, erscheint jener Brauch, jedoch nur selten und auf die Jugend beschränkt. Der Sueve aber zwängt noch als Graukopf das widerspenstige Haar zurück und selbst auf kahlem Scheitel wird oft noch dieser Schopf gebunden. Noch sorgfältiger erscheint dieser Kopfputz bei fürstlichen Personen. Es ist Eitelkeit, aber eine unschuldige; denn nicht um Minnedienst und Minnesold handelt es sich, sondern riesengroß und furchtbar in die Schlacht zu schreiten; ein Modeschmuck ist es für das Auge des Todfeinds.	Caput XXXVIII. Nunc de Suevis dicendum est, quorum non una ut Chattorum Teneterorumve gens; maiorem enim Germaniae partem obtinent, propriis adhuc nationibus nominibusque discreti, quanquam in commune Suevi vocentur. Insigne gentis obliquare crinem nodoque substringere; sic Suevi a ceteris Grermanis, sic Suevorum ingenui a servis separantur. In aliis gentibus, seu cognatione aliqua Suevorum seu, quod saepe accidit, imitatione, rarum et intra iuventae spatium, apud Suevos usque ad canitiem horrentem capillum retro sequuntur, ac saepe in ipso solo vertice religant; principes et ornatiorem habent. Ea cura formae, sed innoxia; neque enim compti ut ament amenturve, in altitudinem quandam et terrorem adituri bella ut hostium oculis ornantur.
Semnonen. Als ältesten und vornehmsten Stamm der Sueven rühmen sich die *Semnonen*. Der Anspruch auf hohes Alter findet seine Stütze in einem religiösen Gebrauch. Zu bestimmter Zeit vereinigen sich sämmtliche stammverwandte Völker in der Person von Abgeordneten in einem durch der Ahnen Weihe und die Schauer der Vorzeit geheiligten Wald und feiern da mit der öffentlichen Opferung eines Menschen das grauenhafte Vorspiel eines barbarischen Festes. Noch ein andres Zeichen der Ehrfurcht gilt jenem Haine: niemand betritt ihn anders als gefesselt; eine Huldigung, welche ein untergeordnetes Wesen der Macht der Gottheit bringt. Fällt einer zu Boden, so darf er nicht aufstehen oder sich aufheben lassen, auf der Erde muß er sich hinauswälzen. Durch dieses ganze Treiben geht die Anschauung, daß hier die Wiege des Volkes, hier der allbeherrschende Gott, alles andere untergeordnet und abhängig sei. Bestärkt wird diese Vorstellung durch die äußeren Verhältnisse der Semnonen; in hundert Gaue theilt sich ihr Gebiet und im Bewußtsein dieses gewaltigen Ganzen betrachten sie sich als Haupt des Suevischen Stammes.	Caput XXXIX. Vetustissimos se nobilissimosque Suevorum Semnones memorant. Fides antiquitatis religione firmatur; stato tempore in silvam auguriis patrum et prisca formidine sacram omnes eiusdem sanguinis populi legationibus coeunt, caesoque publice homine celebrant barbari ritus horrenda primordia. Est et alia luco reverentia: nemo nisi vinculo ligatus ingreditur, ut minor et potestatem numinis prae se ferens; si forte prolapsus est, attolli et insurgere haud licitum; per humum evolvuntur. Eoque omnis superstitio respicit, tanquam inde initia gentis, ibi regnator omnium deus, cetera subiecta atque parentia. Adiicit auctoritatem fortuna Semnonum: centum pagis habitantur, magnoque corpore efficitur, ut se Suevorum caput credant.
Longobarden u. a. Umgekehrt ist der Ruhm der *Longobarden* ihre geringe Volkszahl. Von vielen und mächtigen Stämmen umgürtet finden sie nicht in Unterthänigkeit, sondern in Kampf und Wagniß ihre Sicherheit. Es folgen die *Reudigner*, *Avionen*, *Angeln*, *Variner*, *Eudosen*, *Suardonen* und *Nuithonen*, sie alle durch Wälder oder Flüsse geschützt. Sonst bemerkenswerthes findet sich bei diesen Stämmen nichts als ihre gemeinschaftliche	Caput XL. Contra Longobardos paucitas nobilitat; plurimis ac valentissimis nationibus cincti non per obsequium, sed praeliis et periclitando tuti sunt. Reudigni deinde et Aviones et Angli et Varini et Eudoses et Suardones et Nuithones fluminibus aut silvis muniuntur; nec quicquam notabile in singulis, nisi quod in commune

Verehrung der Göttin Nerthus, d. h. der Mutter Erde, welche persönlich hier unten erscheinen und von Volk zu Volke fahren soll. Auf einem Eiland des Ozeans ist ein heiliger Hain und in ihm steht mit einem Tuche bedeckt ein geweihter Wagen. Nur der Priester darf ihn berühren; er auch erkennt, wenn die Göttin in ihrem Heiligthume weilt und geleitet andachtsvoll ihren von weiblichen Rindern gezogenen Wagen. Da ist dann fröhliche Zeit und Festlichkeit allerwärts wo die Göttin einzuziehen und zu verweilen geruht. Niemand zieht in den Krieg, niemand greift zum Schwert, alle Waffen sind geborgen; die einzige Zeit wo man Frieden und Ruhe kennt, die einzige wo man sie lieben lernt, bis die Göttin, des Verkehrs unter Sterblichen satt, von demselben Priester in ihr Heiligthum zurückgebracht wird. Dort werden Wagen und Gewand und – wer es glauben mag – die Göttin selbst in einem geheimen See gebadet. Die Gehülfen dabei sind Sklaven, welche alsbald jener See verschlingt. Darum schwebt geheimes Grauen und heiliges Dunkel um ein Wesen das der Mensch nur schauen darf um zu sterben.	Nerthum, id est terram matrem colunt, eamque intervenire rebus hominum, invehi populis arbitrantur. Est in insula Oceani castum nemus, dicatumque in eo vehiculum veste contectum; attingere uni sacerdoti concessum; is adesse penetrali deam intellegit, vectamque bubus feminis multa veneratione prosequitur. Laeti tunc dies, festa loca, quaecunque adventu hospitioque dignatur; non bella ineunt, non arma sumunt, clausum omne ferrum, pax et quies tunc tantum nota, tunc tantum amata, donec idem sacerdos satiatam conversatione mortalium deam templo reddat. Mox vehiculum et vestes et, si credere velis, numen ipsum secreto lacu abluitur; servi ministrant, quos statim idem lacus haurit. Arcanus hinc terror sanctaque ignorantia, quid sit illud quod tantum perituri vident.
Hermunduren. Die genannten Stämme des Suevenlandes verlieren sich freilich in die unbekannteren Gegenden Germaniens. Uns näher liegt – um, wie früher dem Rhein, so jetzt der Donau zu folgen – der Staat der *Hermunduren*, den Römern ergeben und darum das einzige germanische Volk, mit dem wir nicht bloß von Ufer zu Ufer, sondern mitten auf unsrem Boden und in der glänzendsten Colonie der rätischen Provinz Verkehr pflegen. Ueberall und unbeaufsichtigt kommen sie herüber und während wir andern Völkern nur unsre Waffen und Lager weisen, haben wir den Hermunduren ohne ihr Begehren unsre Häuser und Villen geöffnet. Auf ihrem Gebiet entspringt die Elbe, vorzeiten ein berühmter und wohlbekannter Strom, jetzt hört man nur noch den Namen.	**Caput XLI.** Et haec quidem pars Suevorum in secretiora Germaniae porrigitur. Propior – ut, quomodo paulo ante Rhenum, sic nunc Danubium sequar – Hermundurorum civitas, fida Romanis; eoque solis Germanorum non in ripa commercium, sed penitus atque in splendidissima Raetiae provinciae colonia. Passim et sine custode transeunt, et cum ceteris gentibus arma modo castraque nostra ostendamus, his domos villasque patefecimus non concupiscentibus. In Hermunduris Albis oritur, flumen inclitum et notum olim; nunc tantum auditur.
Narister. Markomanen. Quaden. An die Hermunduren schließen sich die *Narister* und weiterhin die *Markomanen* und *Quaden*, unter diesen allen die Markomanen hervorragend an Ruhm und Macht. Auch ihre jetzige Heimat selbst verdanken sie ihrer Tapferkeit, welche die Bojer, die ursprünglichen Einwohner, hinausgedrängt hat. Auch Narister und Quaden sind nicht aus der Art geschlagen und so bilden diese Stämme, soweit sie an der Donau sich hinziehen, eine Art Vorhut Germaniens. Den Markomanen und Quaden sind bis auf unsere Zeit herab Könige aus ihrem eigenen Stamm geblieben, das erlauchte Geschlecht des Marbod und Tudrus. Neuerdings fügen sie sich auch ausländischen Herrschern, aber Einfluß und Machtvollkommenheit dieser Könige hängt von römischer Oberhoheit ab. Selten ist es unser Schwert, öfters unser Geld auf das sie sich stützen, und das thut ihrer Macht keinen Eintrag.	**Caput XLII.** Iuxta Hermunduros Naristi ac deinde Marcomani et Quadi agunt. Praecipua Marcomanorum gloria viresque, atque ipsa etiam sedes pulsis olim Boiis virtute parta. Nec Naristi Quadive degenerant. Eaque Germaniae velut frons est, quatenus Danubio peragitur. Marcomanis Quadisque usque ad nostram memoriam reges manserunt ex gente ipsorum, nobile Marobodui et Tudri genus; iam et externos patiuntur. Sed vis et potentia regibus ex auctoritate Romana; raro armis nostris, saepius pecunia iuvantur; nec minus valent.
Der Nordosten. Auf der Rückseite schließen sich die *Marsigner*, *Gotinen*, *Osen* und *Buren* an die Markomanen und Quaden. Unter ihnen kennzeichnet Sprache und Sitte die Marsigner und Buren als	**Caput XLIII.** Retro Marsigni, Gotini, Osi, Buri terga Marcomanorum Quadorumque claudunt; e quibus Marsigni et Buri sermone

Sueven; die Gotinen verräth ihre gallische, die Osen ihre pannonische Mundart als ungermanisch; nicht minder die Tribute welche sie sich gefallen lassen. Solche haben sie, als fremde Stämme, theils den Sarmaten, theils den Quaden zu entrichten. Um die Schmach voll zu machen, betreiben die Gotinen Bergbau auf Eisen. All diese Stämme bewohnen ein Gebiet, das nur wenige Ebenen, sonst lauter Hochwald, Berggipfel und Höhenzüge bietet. Mitten durch das Suevenland nemlich zieht als ununterbrochene Scheidemauer ein Gebirgskamm, und in dessen Norden haust noch eine ganze Reihe von Völkern. Am weitesten unter diesen erstreckt sich das Volk der *Lygier*, ein Name der wieder mehrere Stämme umfaßt. Von letzteren mögen nur die bedeutendsten genannt sein, die *Harier*, *Helvekonen*, *Manimer*, *Elisier* und *Nahanarvaler*. Im Lande der Nahanarvaler wird ein altverehrter heiliger Hain gezeigt. Oberhaupt ist ein Priester in weiblicher Tracht, die Götter aber welche man nennt entsprechen den römischen Castor und Pollux. Damit ist das Wesen dieser Gottheit bezeichnet; ihr einheimischer Name ist Alci. Keine bildliche Darstellung, keine Spur von ausländischem Cultus, aber als Brüder, als Jünglinge werden sie verehrt. Die *Harier*, den eben aufgezählten Stämmen ohnehin überlegen, sind doppelt furchtbar, weil zur natürlichen Wildheit noch raffinirte Kunst und Berechnung tritt. Die Schilde schwarz, die Körper bemalt ersehen sie sich die dunkle Nacht zum Kampfe. Schon das Gespenstige und Schattenhafte dieser höllischen Heerschar wirft Entsetzen in den Feind und keiner vermag der überraschenden, wie aus der Unterwelt gestiegenen Erscheinung zu stehen; denn in der Schlacht ist es immer das Auge das zuerst sich überwältigen läßt. Ueber die Lygier hinaus wohnt das Volk der *Gothonen*, von Königen und zwar schon etwas straffer beherrscht als die andern germanischen Stämme, doch aber noch nicht außerhalb der Linie freier Verfassung. Weiterhin sodann, dem Ocean zu, die *Rugier* und *Lemovier*. Gemeinschaftliche Eigenthümlichkeit dieser Stämme ist der runde Schild, das kurze Schwert und – Gehorsam dem König.	cultuque Suevos referunt; Gotinos Gallica, Osos Pannonica língua coarguit non esse Germanos, et quod tributa patiuntur; partem tributorum Sarmatae, partem Quadi ut alienigenis imponunt. Gotini, quo magis pudeat, et ferrum effodiunt. Omnesque hi populi pauca campestrium, ceterum saltus et vertices montium iugumque insederunt; dirimit enim scinditque Sueviam continuum montium iugum. Ultra quod plurimae gentes agunt; ex quibus latissime patet Lygiorum nomen, in plures civitates diffusum. Valentissimas nominasse sufficiet, Harios, Helveconas, Manimos, Elisios, Nahanarvalos. Apud Nahanarvalos antiquae religionis lucus ostenditur; praesidet sacerdos muliebri ornatu; sed deos interpretatione Romana Castorem Pollucemque memorant; ea vis numini, nomen Alcis. Nulla simulacra, nullum peregrinae superstitionis vestigium; ut fratres tamen, ut iuvenes venerantur. Ceterum Harii super vires, quibus enumeratos paulo ante populos antecedunt, truces insitae feritati arte ac tempore lenocinantur: nigra scuta, tincta corpora, atras ad praelia noctes legunt, ipsaque formidine atque umbra feralis exercitus terrorem inferunt, nullo hostium sustinente novum ac velut infernum aspectum; nam primi in omnibus praeliis oculi vincuntur. Trans Lygios Gothones regnantur, paulo iam adductius quam ceterae Germanorum gentes; nondum tamen supra libertatem. Protinus deinde ab Oceano Rugii et Lemovii. Omniumque harum gentium insigne rotunda scuta, breves gladii, et erga reges obsequium.
Suionen. **Sodann die Stämme der *Suionen*, mitten im Ozean. Zur Macht an Mann und Waffe tritt bei ihnen die Flotte. Die Bauart der Schiffe ist nicht die unsere. Stern und Schnabel sind gleich und so bietet das landende Schiff immer die Vorderseite. Eine Leitung durch Segel gibt es nicht, auch nicht die geordneten Ruderreihen auf beiden Seiten; die Ruder sind, wie bei manchen Flußschiffen, frei und werden je nach Bedürfniß bald rechts, bald links eingesetzt.** **Bei diesem Volke steht auch der äußere Besitz in Ehren, und damit die monarchische Gewalt, vor welcher keine Ausnahme mehr, kein Anspruch auf bedingten Gehorsam gilt. Auch die Waffen sind nicht, wie bei den andern Germanen, in die Hand eines jeden gegeben, sondern liegen verschlossen, und zwar unter Obhut eines Sklaven. Denn gegen die Ueberraschung feindlicher Einfälle sichert der Ozean, und eine Waffe in müßiger Hand ist leicht dem Mißbrauch ausgesetzt. Keinen Adelichen oder Freien, ja selbst keinen Freigelassenen als Waffenmeister zu bestellen, ist dann freilich monarchisches Interesse.**	**Caput XLIV.** **Suionum hinc civitates, ipso in Oceano, praeter viros armaque classibus valent. Forma navium eo differt quod utrimque prora paratam semper appulsui frontem agit. Nec velis ministratur, nec remos in ordinem lateribus adiungunt; solutum ut in quibusdam fluminum et mutabile, ut res poscit, hinc vel illinc remigium. Est apud illos et opibus honos, eoque unus imperitat, non precario iure, nullis iam exceptionibus parendi. Nec arma ut apud ceteros Germanos in promiscuo, sed clausa sub custode, et quidem servo, quia subitos hostium incursus prohibet Oceanus, otiosae porro armatorum manus facile lasciviunt. Enimvero neque nobilem neque ingenuum, ne libertinum quidem armis praeponere regia utilitas est**
Aestier. Sitonen.	**Caput XLV.**

Jenseits des Suionenlandes liegt starr und fast bewegungslos noch ein anderes Meer als Saum und äußerste Zone des Erdkreises, was man darum glauben darf, weil der letzte Glanz der sinkenden Sonne sich bis zu ihrem Wiederaufgang erhält, so hell, daß er die Sterne verdunkelt. Der Volksglaube will ferner beim Auftauchen der Sonne einen Klang vernehmen, Göttergestalten und ein strahlenumgebenes Haupt erblicken. Dort steht, und die Sage hat Recht, der Grenzstein der Schöpfung.

Nun also an der Ostküste des suevischen Meeres hin, so schlägt es dort an die Gestade der *Aestischen* Stämme. Ihre Sitte und äußere Erscheinung ist suevisch, die Sprache steht der britannischen näher. Sie verehren eine Göttermutter; ein äußeres religiöses Zeichen sind die Figuren von Ebern, welche sie tragen. Ein solches Bild ist Schutz und Waffe gegen alles und schirmt den Diener der Göttin mitten im Feindesheer. Eiserne Waffen sind selten, das gewöhnliche ist eine Keule. Im Anbau von Korn und anderen Früchten zeigt der Aestier mehr ausdauerndn Fleiß als es der bequeme Germane sonst zu thun pflegt.

Aber auch das Meer durchwühlen sie, von allen die einzigen, welche den Bernstein, in der Landessprache Glesum, in den Untiefen des Strandes und auf diesem selbst sammeln. Das eigentliche Wesen oder die Entstehungsgesetze des Bernsteins haben diese Barbaren nie untersucht oder ergründet. Lange Zeit sogar blieb er mit andern Auswürfen der See liegen, bis römischer Luxus das Wort für die Sache fand. Die Eingeborenen wissen nichts damit anzufangen; im rohen Zustande sammeln sie ihn, unbearbeitet bringen sie ihn zu uns und staunend nehmen sie die Bezahlung an. Man erkennt indessen den Stoff doch als ein Baumharz, denn man sieht gewisse Arten von Landthierchen und sogar geflügelte Insekten durchschimmern, welche in der flüssigen Masse hängen und beim allmählichen Verhärten von ihr umschlossen bleiben. Wie in den fernen Gegenden des Morgenlandes wo Weihrauch und Balsam ausschwitzt, so gibt es also wohl auch auf den Inseln und in den Landschaften des Abendlands gesegnetere Wälder und Haine; von den Strahlen der nahen Sonne ausgepreßt und in Fluß gesetzt rinnt der Stoff in das nächste Meer und wird durch die Gewalt der Stürme an die gegenüberliegenden Gestade geschwemmt. Eine Untersuchung des Stoffes, welche den Bernstein dem Feuer aussetzt, ergibt, daß er entzündlich ist wie Kienholz und eine fettige, geruchverbreitende Flamme entwickelt; allmählich verdickt er sich wieder zu einer pech- oder harzähnlichen Masse.

An die Suionen schließen sich die Stämme der *Sitonen*; bei sonstiger Gleichheit in dem einen Punkte von jenen verschieden, daß ein Weib an ihrer Spitze steht; so tief sind sie nicht allein unter ein freies, nein selbst unter ein Sklavenvolk herabgesunken.

Trans Suionas aliud mare, pigrum ac prope immotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides, quod extremus cadentis iam solis fulgor in ortus edurat, adeo clarus ut sidera hebetet; et sonum insuper emergentis audiri formasque deorum et radios capitis aspici persuasio adiicit. Illuc usque, et fama vera, tantum natura. Ergo iam dextro Suevici maris litore Aestiorum gentes adluuntur, quibus ritus habitusque Suevorum, língua Britannicae propior. Matrem deum venerantur; insigne superstitionis formas aprorum gestant; id pro armis omniumque tutela securum deae cultorem etiam inter hostes praestat. Rarus ferri, frequens fustium usus. Frumenta ceterosque fructus patientius quam pro solita Germanorum inertia laborant. Sed et mare scrutantur, ac soli omnium succinum, quod ipsi glesum vocant, inter vada atque in ipso litore legunt. Nec quae natura quaeve ratio gignat, ut barbaris, quaesitum compertumve; diu quin etiam inter cetera eiectamenta maris iacebat, donec luxuria nostra dedit nomen. Ipsis in nullo usu; rude legitur, informe perfertur, pretiumque mirantes accipiunt. Succum tamen arborum esse intellegas, quia terrena quaedam atque etiam volucria animalia plerumque interlucent, quae implicata humore mox durescente materia cluduntur. Fecundiora igitur nemora lucosque, sicut Orientis secretis, ubi tura balsamaque sudantur, ita Occidentis insulis terrisque inesse crediderim; quae vicini solis radiis expressa atque liquentia in proximum mare labuntur, ac vi tempestatum in adversa litora exundant. Si naturam succini admoto igne tentes, in modum taedae accenditur, alitque flammam pinguem et olentem, mox ut in picem resinamve lentescit. Suionibus Sitonum gentes continuantur; cetera similes uno differunt, quod femina dominatur; in tantum non modo a libertate, sed etiam a servitute degenerant. Hio Sueviae finis.

Peuciner. Veneter. Fennen. Schluß.

Wir stehen an der Grenze des Suevenlandes. Ob ich die Stämme der Peuciner, Veneter und Fennen germanisch oder sarmatisch nennen soll, weiß ich nicht. Die *Peuciner* allerdings, von einigen auch *Bastarner* genannt, zeigen in Sprache und Sitte, in der Art zu wohnen und zu bauen germanisches Wesen. Allgemeiner Charakter aber ist Schmutz und Stumpfsinn; als Folge von Mischehen macht sich ein gewisser Abfall zu sarmatischen Mißgestalten bemerklich. Die *Veneter* ihrerseits haben in ihrer Lebensweise viel Sarmatisches angenommen, denn das ganze Wald- und Gebirgsland, das sich zwischen Peucinern und Fennen erhebt, durchstreifen sie als Räuberhorden. Dennoch betrachtet man sie besser als

Caput XLV.

Peucinorum Venetorumque et Fennorum nationes Germanis an Sarmatis ascribam dubito; quanquam Peucini, quos quidam Bastarnas vocant, sermone, cultu, sede ac domiciliis ut Germani agunt; sordes omnium ac torpor (procerum), conubiis mixtis nonnihil in Sarmatarum habitum foedantur. Veneti multum ex moribus traxerunt; nam quicquid inter Peucinos Fennosque silvarum ac montium erigitur, latrociniis pererrant. Hi tamen inter Germanos

Germanen, denn sie haben feste Wohnungen, tragen Schilde, sind Fußgänger und rüstige Läufer; alles im Gegensatz zu dem auf Roß und Wagen lebenden Sarmaten. Des *Fennen* Art ist außerordentliche Wildheit und wüste Dürftigkeit; er hat weder Waffe, noch Roß, noch heimischen Herd; seine Nahrung sind die Kräuter des Feldes, seine Kleidung ein Thierfell, sein Lager der Erdboden, seine einzige Hoffnung der Pfeil, dessen Spitze er in Ermanglung des Eisens aus Knochen fertigt. Ein und derselbe Jagdzug muß Mann und Weib ernähren; beide ziehen gemeinsam aus und jedes heischt seinen Beutetheil. Die Kinder bergen sie in Geflechten von Baumzweigen; das ist die einzige Zuflucht vor dem Raubthier und dem Regenguß; da kehrt auch der Erwachsene ein und birgt sich der Greis. Aber glücklicher dünkt sie dieses Loos, als hinter dem Pfluge zu keuchen, im Aufbau von Haus und Hof zu frohnen, eigenes und fremdes Gut in Furcht und Hoffnung umzutreiben. Sorglos vor den Menschen, sorglos vor den Göttern – so hat dieses Volk das Schwerste erreicht: sogar das Wünschen ist ihm kein Bedürfniß mehr. Weiter hinaus beginnt schon das Reich des Märchens, so die Sagen von den *Hellusiern* und *Oxionen*, welche Kopf und Antlitz von Menschen, Rumpf und Glieder von Thieren haben sollen; unverbürgte Angaben, welche ich als solche auf sich beruhen lasse.	potius referuntur, quia et domos figunt et scuta gestant et pedum usu ac pernicitate gaudent; quae omnia diversa Sarmatis sunt, in plaustro equoque viventibus. Fennis mira feritas, foeda paupertas: non arma, non equi, non penates; victui herba, vestitui pelles, cubile humus; sola in sagittis spes, quas inopia ferri ossibus asperant. Idemque venatus viros pariter ac feminas alit; passim enim comitantur partemque praedae petunt. Nec aliud infantibus ferarum imbriumque suffugium, quam ut in aliquo ramorum nexu contegantur; huc redeunt iuvenes, hoc senum receptaculum. Sed beatius arbitrantur quam ingemere agris, illaborare domibus, suas alienasque fortunas spe metuque versare; securi adversus homines, securi adversus deos rem difficillimam assecuti sunt, ut illis ne voto quidem opus esset. Cetera iam fabulosa: Hellusios et Oxionas ora hominum voltusque, et corpora atque artus ferarum gerere; quod ego ut incompertum in medium relinquam.

PART SIX

TEXTO EM ORDEM ANALÍTICA PARA TRADUÇÃO IMEDIATA JUSTALINEAR OU INTERLINEAR .

TACITUS' GERMANIA IN ANALYTICAL ORDER FOR JUXTALINEAR TRANSLATION







HOW TO USE THIS TEXT. This is the text of Tacitus ' Germania put in natural or analytical order by a group of French latinists, as part of a series of books in this format to facilitate the study of Latin. In this presentation Latin texts loose their hermetic character and become as simple to translate as any text in a neolatin language . It is presented in columns thus permiting a line by line independent translation of each word or phrase. The complete translation will be a word for word version of the Latin text that although perfectly intelligible may not be elegant enough in the languages used for the translations. This must be accepted as a normal result, because the objective of all interlinear or juxtalinear translations is just to get to the exact Latin vocabulary in its present context.The word for word translation

shall be used for future frequent retroversions. We supply no notes or critical observations as these are unnecessary and useless at this elementary stage of our Latin studies.

LES

AUTEURS LATINS

EXPLIQUÉS D'APRÈS UNE MÉTHODE NOUVELLE

PAR DEUX TRADUCTIONS FRANÇAISES

L'UNE LITTÉRALE ET JUXTALINÉAIRE PRÉSENTANT LE MOT A MOT FRANÇAIS
EN REGARD DES MOTS LATINS CORRESPONDANTS
L'AUTRE CORRECTE ET PRÉCÉDÉE DU TEXTE LATIN

avec des arguments et des notes

PAR UNE SOCIÉTÉ DE PROFESSEURS
ET DE LATINISTES

TACITE

LA GERMANIE

PARIS
LIBRAIRIE HACHETTE ET C^ie
79, BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 79

1911

I. Germania omnis separatur a Gallis Rhætisque et Pannoniis fluminibus Rheno et Danubio, a Sarmatis Dacisque metu mutuo aut montibus. Oceanus ambit cetera, complectens latos sinus et spatia immensa insularum, quibusdam gentibus ac regibus, quos bellum aperuit, cognitis nuper. Rhenus ortus vertice inaccesso ac præcipiti Alpium Rhæticorum, versus in occidentem flexu modico, miscetur Oceano septentrionali. Danubius effusus jugo molli et edito clementer montis Abnobæ, adit plures populos, donec erumpit in mare Ponticum sex meatibus: septimum enim os hauritur paludibus.	II. Crediderim Germanos ipsos indigenas minimeque mixtos adventibus et hospitiis aliarum gentium: quia et qui quærebant mutare sedes olim non advehebantur terra, sed classibus; et Oceanus immensus ultra, utque dixerim sic, adversus, aditur raris navibus ab nostro orbe. Quis porro, præter periculum maris horridi et ignoti, Asia aut Africa aut Italia relicta, peteret Germaniam, informem terris, asperam cœlo, tristem cultu adspectuque, nisi si sit patria? Celebrant carminibus antiquis (quod est unum genus memoriæ et annalium apud illos) deum Tuistonem, editum Terra, et filium Mannum, originem conditoresque gentis. Assignant tres filios Manno, e nominibus quorum proximi Oceano vocentur Ingævones, medii Herminones, ceteri Istævones. Quidam autem, licentia vetustatis, affirmant plures Deos ortos pluresque appellationes gentis,

Marsos, Gambrivios,
Suevos, Vandalios,
eaque nomina
vera et antiqua :
ceterum
vocabulum Germaniæ
recens et additum nuper;
quoniam qui primi
trangressi Rhenum
expulerint Gallos,
ac nunc Tungri,
tunc vocati sint Germani :
ita nomen
nationis, non gentis,
evaluisse paulatim,
ut omnes
vocarentur Germani,
nomine invento primum
a victore ob metum,
mox a se ipsis.
Memorant et Herculem
fuisse apud eos,
iturique in prœlia
canunt primum
omnium virorum fortium.

III. Sunt quoque illis
hæc carmina,
relatu quorum,
quem vocant *barditum*,
accendunt animos,
auguranturque cantu ipso
fortunam pugnæ futuræ :
terrent enim
trepidantve,
prout acies sonuit.
Et illæ videntur
non tam voces
quam concentus virtutis :
asperitas soni
et murmur fractum
affectatur præcipue,
scutis objectis ad os,
quo vox intumescat
plenior et gravior
repercussu.
Ceterum quidam
opinantur et Ulyssem,
delatum in hunc Oceanum
illo errore longo
et fabuloso,
adisse terras Germaniæ,
Asciburgiumque,
quod situm in ripa Rheni,
incoliturque hodie,
constitutum
nominatumque ab eo.
Quin etiam aram
consecratam Ulyssi,
nomine patris Laertæ
adjecto,
repertam olim eodem loco;
monumentaque,
et quosdam tumulos
inscriptos litteris Græcis,
exstare adhuc in confinio
Germaniæ Rhætiæque.
Quæ est in animo
neque confirmare
argumentis,
neque refellere :
quisque ex suo ingenio
demat vel addat fidem.

IV. Ipse
accedo opinionibus
eorum qui arbitrantur
populos Germaniæ [nubiis
infectos nullis aliis con-
aliarum nationum,
exstitisse gentem
propriam et sinceram
et similem tantum sui.
Unde habitus quoque
corporum,
quanquam
in tanto numero hominum,
idem omnibus;
oculi truces et cærulei,
comæ rutilæ,
corpora magna
et valida
tantum ad impetum;
patientia
laboris atque operum
non eadem;

GERMANIA CHAPTERS (II), III AND IV

assueveruntque minime
tolerare
sitim æstumque,
cœlo solove
frigora atque inediam.
V. Terra,
etsi differt aliquanto specie,
in universum tamen
aut horrida silvis,
aut fœda paludibus:
humidior
qua adspicit Gallias,
ventosior
qua Noricum
ac Pannoniam;
ferax satis;
impatiens
arborum frugiferarum;
fecunda pecorum,
sed plerumque
improcera;
suus honor
aut gloria frontis
ne armentis quidem:
gaudent numero,
eæque opes
sunt solæ et gratissimæ.
Dubito
propitii
an irati
dii negaverint
argentum et aurum.
Nec tamen affirmaverim
nullam venam Germaniæ
gignere
argentum aurumve:
quis enim scrutatus est?
haud afficiuntur
possessione et usu
perinde.
Est videre apud illos
vasa argentea
data muneri legatis
et principibus eorum,
in vilitate non alia
quam quæ finguntur humo;
quanquam proximi,
ob usum commerciorum,
habent in pretio
aurum et argentum,
agnoscuntque
atque eligunt
quasdam formas
nostræ pecuniæ;
interiores utuntur
simplicius et antiquius
permutatione mercium.
Probant pecuniam veterem
et notam diu,
serratos bigatosque.
Sequuntur quoque
argentum
magis quam aurum,
nulla affectione animi,
sed quia numerus
argenteorum
est facilior usui
mercantibus
promiscua
ac vilia.
VI. Ne ferrum quidem
superest,
sicut colligitur
ex genere telorum.
Rari utuntur gladiis
aut lanceis majoribus;
gerunt hastas,
vel frameas
vocabulo ipsorum,
ferro angusto et brevi,
sed ita acri
et habili ad usum,
ut eodem telo,
prout ratio poscit,
pugnent vel cominus
vel eminus.
Et eques quidem
est contentus
scuto frameaque;
pedites
spargunt et missilia,
singuli plura,
atque vibrant
in immensum:

GERMANIA CHAPTERS (IV), V AND VI

nudi
aut leves sagulo;
nulla jactatio cultus;
tantum distinguunt scuta
coloribus lectissimis;
loricæ paucis;
cassis aut galea
vix uni alterive.
Equi conspicui
non forma, non velocitate;
sed nec docentur
variare gyros
in nostrum morem:
agunt in rectum
aut dextros uno flexu,
orbe conjuncto ita
ut nemo sit posterior.
Æstimanti in universum,
plus roboris
penes peditem;
eoque præliantur mixti,
velocitate peditum
quos locant
ante aciem,
delectos ex omni juventute,
apta et congruente
ad pugnam equestrem.
Et numerus definitur:
sunt centeni
ex singulis pagis;
vocanturque inter suos
id ipsum,
et quod primo fuit numerus
est jam nomen
et honor.
Acies componitur
per cuneos.
Arbitrantur cedere loco,
dummodo instes rursus,
consilii
quam formidinis.
Referunt corpora suorum
etiam in prœliis dubiis,
Reliquisse scutum,
præcipuum flagitium,
nec fas ignominioso
aut adesse sacris,

LA GERMANIE.

aut inire concilium;
multique
superstites bellorum
finierunt infamiam
laqueo.
VII. Sumunt reges
ex nobilitate,
duces ex virtute.
Et potestas
non infinita aut libera
regibus;
et duces potius exemplo
quam imperio,
si prompti,
si conspicui,
si agant
ante aciem,
præsunt admiratione.
Neque animadvertere,
neque vincire,
ne verberare quidem,
permissum ceterum
nisi sacerdotibus:
non quasi in pœnam,
nec jussu ducis,
sed velut deo imperante,
quem credunt
adesse bellantibus.
Feruntque in prœlium
effigies et quædam signa,
detracta lucis.
Quodque est
præcipuum incitamentum
fortitudinis,
non casus
nec conglobatio fortuita
facit
turmam
aut cuneum,
sed familiæ,
et propinquitates;
et in proximo
pignora,
unde ululatus feminarum,
unde vagitus infantium
audiri:
hi testes sanctissimi,

GERMANIA CHAPTERS (VI), AND VII

hi laudatores maximi
cuique.
Ferunt vulnera
ad matres, ad conjuges;
nec illæ pavent
numerare
aut exigere plagas:
gestantque pugnantibus
cibos et hortamina.

VIII. Proditur memoriæ
quasdam acies,
jam inclinatas et labantes,
restitutas a feminis.
constantia precum
et objectu pectorum,
et captivitate
monstrata cominus,
quam timent
longe impatientius
nomine
suarum feminarum:
adeo ut animi civitatum,
quibus inter obsides
puellæ nobiles
imperantur quoque,
obligentur efficacius.
Quin etiam putant
aliquid sanctum
et providum inesse,
nec aut aspernantur
consilia earum
aut negligunt responsa.
Vidimus
sub divo Vespasiano
Veledam diu habitam
apud plerosque
loco numinis;
sed et olim
venerati sunt Auriniam
et complures alias,
non adulatione,
nec tanquam
facerent deas.

IX. Colunt Mercurium
maxime deorum,
cui, diebus certis,
habent fas litare
quoque hostiis humanis.
Placant
Herculem ac Martem
animalibus
concessis;
pars Suevorum
sacrificat et Isidi.
Parum comperi
unde causa et origo
sacro peregrino:
nisi quod signum ipsum,
figuratum
in modum liburnæ,
docet religionem
advectam.
Arbitrantur ceterum,
nec cohibere deos
parietibus,
neque assimulare
in ullam speciem
oris humani,
ex magnitudine
cœlestium:
consecrant lucos
ac nemora,
appellantque
nominibus deorum
illud secretum,
quod vident sola reverentia.

X. Observant auspicia
sortesque,
ut qui maxime.
Consuetudo sortium
simplex:
amputant in surculos
virgam
decisam arbori frugiferæ,
eosque spargunt
discretos quibusdam notis
temere ac fortuito
super vestem candidam;
mox sacerdos civitatis,
si consulatur publice,
paterfamiliæ ipse,
sin privatim,
precatus deos
suspiciensque cœlum,

tollit ter
singulos,
interpretatur sublatos
secundum notam
impressam ante.
Si prohibuerunt,
nulla consultatio
de eadem re
in eumdem diem;
sin permissum,
fides auspiciorum
exigitur adhuc.
Et illud quidem etiam
notum hic,
interrogare voces avium
volatusque.
Proprium gentis,
experiri quoque
præsagia ac monitus
equorum:
aluntur publice
iisdem nemoribus
ac lucis,
candidi et contacti
nullo opere mortali;
quos pressos curru sacro
sacerdos ac rex
vel princeps civitatis
comitantur,
observantque
hinnitus ac fremitus.
Nec fides major
ulli auspicio,
non solum apud plebem,
sed apud proceres,
apud sacerdotes:
putant enim
se ministros deorum,
illos conscios.
Est et alia observatio
auspiciorum,
qua explorant
eventus
bellorum gravium:
committunt captivum
interceptum quoquo modo
cum electo
suorum popularium,
quemque armis patriis:
victoria hujus vel illius
accipitur
pro præjudicio.

XI. De minoribus rebus
principes consultant,
de majoribus
omnes:
ita tamen
ut ea quoque,
quorum arbitrium
est penes plebem,
pertractentur
apud principes.
Coeunt,
nisi quid
fortuitum et subitum
inciderit,
diebus certis,
quum luna aut inchoatur
aut impletur:
nam credunt
hoc initium
auspicatissimum
rebus agendis.
Nec computant
numerum dierum, ut nos,
sed noctium.
Sic constituunt,
sic condicunt:
nox videtur
ducere diem.
Illud vitium
ex libertate,
quod conveniunt
non simul,
nec ut jussi,
sed et alter et tertius dies
absumitur cunctatione
coeuntium.
Ut turba placuit,
considunt armati.
Silentium imperatur
per sacerdotes,
quibus tum et jus est
coercendi.

GERMANIA CHAPTERS (X) AND XI

Mox rex, vel princeps,
prout ætas, prout nobilitas,
prout decus bellorum,
prout facundia
est cuique,
audiuntur,
magis auctoritate
suadendi
quam potestate jubendi.
Si sententia displicuit,
aspernantur fremitu;
sin placuit,
concutiunt frameas.
Laudare armis
est genus assensus
honoratissimum.
XII. Licet quoque
accusare apud concilium,
et intendere
discrimen capitis.
Distinctio pœnarum
ex delicto :
suspendunt arboribus
proditores et transfugas;
mergunt cœno
ac palude,
crate injecta insuper,
ignavos et imbelles
et infames corpore.
Diversitas supplicii
respicit illuc,
tanquam oporteat
scelera ostendi,
dum puniuntur,
flagitia abscondi.
Sed et pœna
pro modo
delictis levioribus :
convicti
mulctantur
numero
pecorum equorumque;
pars mulctæ exsolvitur
regi vel civitati,
pars ipsi
qui vindicatur,
vel propinquis ejus.

In iisdem conciliis
eliguntur et principes
qui reddant jura
per pagos vicosque.
Singulis
adsunt centeni comites
ex plebe,
consilium simul
et auctoritas.
XIII Agunt autem nihil
neque rei publicæ
neque privatæ,
nisi armati.
Sed sumere arma
non moris cuiquam,
ante quam
civitas probaverit
suffecturum.
Tum in concilio ipso
vel aliquis principum,
vel pater, vel propinquus,
ornant juvenem
scuto frameaque :
hæc toga apud illos,
hic primus honos juventæ;
ante hoc,
videntur
pars domus,
mox reipublicæ.
Nobilitas insignis
aut magna merita patrum
assignant
dignationem principis
etiam adolescentulis :
ceteri
aggregantur robustioribus
ac probatis jam pridem;
nec rubor
adspici inter comites.
Quin etiam
comitatus et ipse
habet gradus,
judicio
ejus quem sectantur :
magnaque æmulatio
et comitum,
quibus primus locus,

GERMANIA (XI), XII AND XIII

et principum,
qui plurimi comites,
et acerrimi.
Hæc dignitas, hæ vires
semper circumdari
magno globo
juvenum electorum;
decus in pace,
præsidium in bello.
Nec solum in sua gente,
sed quoque
apud civitates finitimas
id nomen,
ea gloria est cuique,
si emineat
numero et virtute
comitatus:
expetuntur enim
legationibus,
et ornantur muneribus,
et plerumque
profligant bella
fama ipsa.
XIV. Quum ventum
in aciem,
turpe principi
vinci virtute;
turpe comitatui
non adæquare
virtutem principis.
Jam vero infame
ac probrosum
in omnem vitam,
recessisse ex acie
superstitem suo principi.
Illum defendere, tueri,
assignare quoque
sua facta fortia
gloriæ ejus, [tum.
est præcipuum sacramen-
Principes pugnant
pro victoria,
comites pro principe.
Si civitas,
in qua orti sunt,
torpeat longa pace
et otio,

plerique
adolescentium nobilium
petunt ultro eas nationes,
quæ tum
gerunt aliquod bellum,
quia et
quies ingrata genti,
et
clarescunt facilius
inter ancipitia,
neque tueare
magnum comitatum
nisi vi belloque:
exigunt enim
liberalitate sui principis
illum equum bellatorem,
illam frameam cruentam
victricemque.
Nam epulæ et apparatus,
largi tamen
quanquam incompti,
cedunt pro stipendio:
materia munificentiæ
per bella et raptus.
Nec persuaseris
arare terram
aut exspectare annum,
tam facile
quam vocare hostes
et mereri vulnera:
quin imo
videtur pigrum et iners
acquirere sudore
quod possis parare
sanguine.
XV. Quoties
non ineunt bella,
transigunt
non multum venatibus,
plus per otium,
dediti somno ciboque.
Quisque fortissimus
ac bellicosissimus,
agens nihil.
cura domus et penatium
et agrorum
delegata feminis

TACITUS GERMANIA (XXIII), XIV, XV

senibusque
et cuique infirmissimo
ex familia,
hebent ipsi:
mira diversitate
naturæ,
quum iidem homines
ament sic inertiam
et oderint quietem.
Mos est civitatibus
conferre principibus
ultro ac viritim
vel armentorum,
vel frugum,
quod acceptum pro honore,
subvenit etiam
necessitatibus.
Gaudent præcipue
donis gentium finitimarum,
quæ mittuntur
non modo a singulis,
sed publice:
equi electi,
magna arma,
phaleræ torquesque.
Docuimus jam
accipere et pecuniam.

XVI. Est satis notum
nullas urbes habitari
populis Germanorum;
ne pati quidem
sedes junctas inter se.
Colunt discreti ac diversi,
ut fons, ut campus,
ut nemus placuit.
Locant vicos,
non in nostrum morem,
ædificiis connexis
et cohærentibus;
quisque circumdat spatio
suam domum,
sive remedium
adversus casus ignis,
sive inscitia ædificandi.
Ne usus quidem
cæmentorum
aut tegularum
apud illos:
utuntur ad omnia
materia informi,
et citra speciem
aut delectationem.
Illinunt diligentius
quædam loca
terra ita pura
ac splendente,
ut imitetur picturam
ac lineamenta colorum.
Solent et
aperire
specus subterraneos
eosque onerant insuper
multo fimo,
suffugium hiemi
et receptaculum frugibus:
quia molliunt
rigorem frigorum
locis ejusmodi,
et si quando hostis advenit,
populatur aperta;
abdita autem et defossa
aut ignorantur
aut fallunt eo ipso
quod sunt quærenda.

XVII. Tegumen omnibus
sagum
consertum fibula,
aut spina,
si desit;
intecti cetera,
agunt dies totos
juxta focum atque ignem.
Locupletissimi
distinguuntur veste,
non fluitante,
sicut Sarmatæ ac Parthi,
sed stricta
et exprimente
singulos artus.
Gerunt et pelles ferarum,
proximi ripæ
negligenter,
ulteriores
exquisitius, ut quibus

TACITUS GERMANIA (XV), XVI AND XVII

nullus cultus
per commercia.
Eligunt feras,
et spargunt
velamina detracta
maculis pellibusque
belluarum,
quas Oceanus exterior
atque mare ignotum
gignit.
Nec habitus alius
feminis quam viris,
nisi quod feminæ
velantur sæpius
amictibus lineis,
eosque variant purpura
nec extendunt in manicas
partem vestitus superioris,
nudæ brachia
et lacertos;
sed et pars pectoris
proxima
patet.

XVIII. Quanquam
matrimonia
severa illic,
nec laudaveris magis
ullam partem morum.
Nam prope soli
barbarorum
sunt contenti
singulis uxoribus,
admodum paucis exceptis,
qui non libidine,
sed ob nobilitatem,
ambiuntur
plurimis nuptiis.
Uxor non offert dotem
marito,
sed maritus uxori.
Parentes et propinqui
intersunt,
ac probant munera,
munera non quæsita
ad delicias muliebres,
nec quibus
nova nupta comatur,
sed boves,
et equum frenatum,
et scutum
cum framea gladioque.
In hæc munera
uxor accipitur:
atque invicem ipsa
affert aliquid armorum
viro:
arbitrantur
hoc vinculum maximum,
hæc arcana sacra,
hos deos conjugales.
Ne mulier se putet
extra cogitationes
virtutum,
extraque casus bellorum,
admonetur
auspiciis ipsis
matrimonii incipientis,
se venire sociam
laborum periculorumque,
passuram ausuramque
idem in pace,
idem in prœlio:
hoc denuntiant
boves juncti,
hoc equus paratus,
hoc arma data;
vivendum sic,
pereundum sic;
se accipere
quæ reddat liberis
inviolata ac digna,
quæ nurus accipiant,
rursusque referant
ad nepotes.

XIX. Agunt ergo
septæ pudicitia,
non corruptæ
ullis illecebris
spectaculorum,
nullis irritationibus
conviviorum.
Viri pariter ac feminæ
ignorant
secreta litterarum.

TACITUS GERMANIA (XVII), XVIII AND XIX

Adulteria paucissima
in gente tam numerosa,
quorum
pœna præsens
et permissa maritis.
Maritus expellit domo
nudatam
coram propinquis,
crinibus accisis,
ac agit verbere
per omnem vicum.
Nulla venia
pudicitiæ publicatæ;
non invenerit maritum
forma,
non ætate,
non opibus.
Illic enim nemo ridet vitia,
et corrumpere et corrumpi
non vocatur sæculum.
Eæ civitates quidem
adhuc melius,
in quibus
virgines tantum nubunt,
et transigitur semel
cum spe votoque uxoris.
Sic accipiunt
unum maritum,
quo modo unum corpus
unamque vitam,
ne ulla cogitatio ultra,
ne cupiditas longior,
ne ament tanquam maritum,
sed tanquam matrimonium.
Finire numerum liberorum
aut necare
quemquam ex agnatis
habetur flagitium;
ibique boni mores
valent
plus quam alibi bonæ leges.
XX. In omni domo
nudi ac sordidi,
excrescunt in hos artus,
in hæc corpora,
quæ miramur.
Sua mater alit quemque
uberibus,
nec delegantur
ancillis ac nutricibus.
Dignoscas
nullis deliciis educationis
dominum ac servum.
Degunt inter eadem pecora,
in eadem humo,
donec ætas
separet ingenuos,
virtus agnoscat
Venus
juvenum
sera,
eoque pubertas inexhausta;
nec virgines
festinantur;
eadem juventa,
similis proceritas,
miscentur
pares robustæque;
ac liberi
referunt robora parentum.
Idem honor filiis sororum
apud avunculum
qui apud patrem.
Quidam arbitrantur
hunc nexum sanguinis
sanctiorem arctioremque,
et in obsidibus accipiendis
exigunt magis,
tanquam ii
et teneant firmius animum
et latius domum.
Heredes tamen
et successores
cuique sui liberi;
et nullum testamentum.
Si liberi non sunt,
proximus gradus
in possessione
fratres,
patrui,
avunculi
Quanto plus
propinquorum,
quo major

TACITUS GERMANIA (XIX), XX

numerus affinium,
tanto senectus gratiosior;
nec ulla pretia
orbitatis.
XXI. Suscipere inimicitias
seu patris, seu propinqui,
tam quam amicitias,
est necesse;
nec durant
implacabiles.
Homicidium enim etiam
luitur numero certo
armentorum ac pecorum,
universaque domus
recipit satisfactionem:
utiliter in publicum,
quia inimicitiæ
sunt periculosiores
juxta libertatem.
Non alia gens
indulget effusius
convictibus et hospitiis.
Arcere tecto
quemcumque mortalium
habetur nefas:
quisque excipit
epulis apparatis
pro fortuna.
Quum defecere,
qui modo fuerat hospes,
monstrator hospitii
et comes,
adeunt domum proximam
non invitati;
nec interest:
accipiuntur
pari humanitate.
Nemo discernit,
quantum ad jus hospitii,
notum ignotumque.
Moris concedere abeunti,
si poposcerit quid;
et facilitas
poscendi invicem
eadem.
Gaudent muneribus;
sed nec imputant

LA GERMANIE

data,
nec obligantur
acceptis.
Victus comis
inter hospites.
XXII. Statim e sommo,
quem extrahunt plerumque
in diem,
lavantur
sæpius calida,
ut apud quos
hiems occupat plurimum.
Lauti capiunt cibum;
sedes separatæ singulis,
et sua mensa cuique.
Tum procedunt armati
ad negotia,
nec minus sæpe
ad convivia.
Continuare
diem noctemque potando
probrum nulli.
Rixæ crebræ,
ut inter vinolentos,
transiguntur
raro conviciis,
sæpius cæde et vulneribus.
Sed consultant
plerumque in conviviis,
et de inimicis
reconciliandis invicem,
et affinitatibus
jungendis,
et principibus
adsciscendis,
denique de pace
ac bello:
tanquam
nullo tempore magis
animus aut pateat
ad cogitationes simplices,
aut incalescat ad magnas.
Gens, non astuta
nec callida,
aperit adhuc
secreta pectoris
licentia joci.

TACITUS GERMANIA (XX), XXI AND XXII

Ergo mens omnium,
detecta et nuda,
retractatur die postera,
et ratio
utriusque temporis
est salva :
deliberant
dum nesciunt fingere ;
constituunt
dum non possunt errare.
XXIII. Humor potui
ex hordeo aut frumento,
corruptus
in quamdam similitudinem
vini.
Proximi ripæ
mercantur et vinum.
Cibi simplices :
poma agrestia,
fera recens
aut lac concretum.
Expellunt famem
sine apparatu,
sine blandimentis.
Temperantia non eadem
adversus sitim.
Si indulseris ebrietati
suggerendo
quantum concupiscunt,
vincentur vitiis
haud minus facile
quam armis.
XXIV. Unum genus
spectaculorum
atque idem in omni cœtu.
Juvenes nudi,
quibus id est ludicrum,
se jaciunt saltu
inter gladios
atque frameas infestas.
Exercitatio paravit artem,
ars decorem,
non tamen
in quæstum aut mercedem :
quamvis est pretium
lasciviæ audacis,
voluptas spectantium.
Sobrii exercent
inter seria
aleam,
quod mirere,
tanta temeritate
lucrandi perdendive,
ut quum omnia defecerunt,
jactu extremo ac novissimo,
contendant de libertate
et corpore.
Victus adit
servitutem voluntariam :
quamvis junior,
quamvis robustior,
patitur se alligari
ac venire.
Ea est pervicacia
in re prava :
ipsi vocant fidem.
Tradunt per commercia
servos hujus conditionis,
ut se exsolvant quoque
pudore victoriæ.
XXV. Utuntur
ceteris servis,
ministeriis
non descriptis per familiam
in nostrum morem.
Quisque regit suam sedem,
suos penates.
Dominus injungit
modum frumenti,
aut pecoris, aut vestis,
ut colono :
et servus
paret hactenus.
Uxor ac liberi
exsequuntur cetera officia
domus.
Verberare servum,
ac coercere vinculis
et opere,
rarum.
Solent
occidere,
non disciplina
et severitate.

TACITUS GERMANIA (XXII), XXIII , XXIV AND XXV

sed impetu et ira,
ut inimicum,
nisi quod impune.
Libertini
non sunt multum
supra servos,
raro aliquod momentum
in domo,
nunquam in civitate,
iis gentibus duntaxat
exceptis,
quæ regnantur.
Ibi enim
ascendunt
et super ingenuos
et super nobiles;
apud ceteros
libertini impares
sunt argumentum
libertatis.
XXVI. Agitare fœnus
et extendere in usuras,
ignotum.
ideoque
servatur magis
quam si esset vetitum.
Agri occupantur per vices
ab universis,
pro numero cultorum,
quos mox
partiuntur inter se
secundum dignationem:
spatia camporum
præstant facilitatem
partiendi.
Mutant arva per annos,
et ager superest:
nec enim contendunt
cum ubertate
et amplitudine soli,
ut conserant pomaria,
et separent prata,
et rigent hortos:
sola seges
imperatur terræ.
Unde
digerunt
annum quoque ipsum
non in totidem species:
hiems et ver et æstas
habent intellectum
et vocabula;
nomen ac bona autumni
ignorantur perinde.
XXVII. Nulla ambitio
funerum:
id solum observatur,
ut corpora
virorum clarorum
crementur lignis certis.
Cumulant struem rogi
nec vestibus nec odoribus:
sua arma cuique,
et equus quorundam
adjicitur igni.
Cespes erigit sepulcrum:
aspernantur honorem
arduum et operosum
monumentorum,
ut gravem defunctis.
Ponunt cito
lamenta ac lacrimas,
tarde dolorem ac tristitiam.
Feminis est honestum
lugere;
viris meminisse.
Accepimus hæc
in commune
de origine
omnium Germanorum;
expediam nunc
quatenus
instituta ritusque
singularum gentium
differant,
quæ nationes
commigraverint
e Germania in Gallias.
XXVIII. Summus
auctorum,
divus Julius
tradit res Gallorum
fuisse olim validiores:
eoque est credibile

TACITUS GERMANIA (XXV), XXVI, XXVII AND XXVIII

Gallos etiam
transgressos
in Germaniam.
Quantulum enim
amnis obstabat
quominus,
ut quæque gens evaluerat,
occuparet
permutaretque sedes
adhuc promiscuas
et divisas
nulla potentia regnorum?
Igitur
inter silvam Hercyniam,
amnesque Rhenum
et Mœnum,
Helvetii tenuere,
Boii ulteriora,
gens Gallica utraque
Nomen Boiemi
manet adhuc,
significatque
veterem memoriam loci,
quamvis cultoribus
mutatis.
Sed est incertum
utrum Aravisci
commigraverint
in Pannoniam
ab Osis,
natione Germanorum,
an Osi
in Germaniam
ab Araviscis,
quum utantur adhuc
eodem sermone,
institutis, moribus;
quia olim
pari inopia ac libertate,
bona malaque
utriusque ripæ
erant eadem.
Treveri ac Nervii
sunt ultro ambitiosi
circa affectationem
originis Germanicæ
tanquam separentu.

per hanc gloriam sanguinis
a similitudine
et inertia Gallorum.
Populi Germanorum
haud dubie
colunt ripam ipsam Rheni,
Vangiones,
Triboci, Nemetes.
Ubii quidem,
quanquam meruerint
esse colonia Romana,
ac vocentur libentius
Agrippinenses,
nomine sui conditoris,
non erubescunt
origine,
transgressi olim,
et collocati
experimento fidei
super ripam ipsam Rheni,
ut arcerent,
non ut custodirentur.

XXIX. Præcipui virtute
omnium harum gentium,
Batavi
colunt non multum ex ripa,
sed insulam amnis Rheni,
quondam populus
Cattorum
et transgressus
seditione domestica
in eas sedes,
in quibus fierent
pars imperii Romani.
Honos et insigne
antiquæ societatis
manet:
nam nec contemnuntur
tributis,
nec publicanus atterit;
exempti oneribus
et collationibus,
et sepositi tantum
in usum prœliorum,
reservantur bellis,
velut tela atque arma.
Et gens Mattiacorum

TACITUS GERMANIA (XXVIII), XXIX

est in eodem obsequio.
Magnitudo enim
populi Romani
protulit ultra Rhenum
ultraque veteres terminos
reverentiam imperii.
Ita sede finibusque
agunt in sua ripa,
mente animoque
nobiscum,
similes cetera Batavis,
nisi quod
animantur
adhuc acrius
solo ipso et cœlo
suæ terræ.
Non numeraverim
inter populos Germaniæ,
quanquam consederint
trans Rhenum
Danubiumque,
eos qui exercent
agros Decumates.
Quisque levissimus
Gallorum
et audax inopia,
occupavere solum
possessionis dubiæ.
Mox limite acto,
præsidiisque promotis,
habentur
sinus imperii
et pars provinciæ.

XXX. Ultra hos
Catti inchoant
initium sedis
ab saltu Hercynio,
locis non ita effusis
ac palustribus,
ut ceteræ civitates,
in quas
Germania patescit:
siquidem colles durant
rarescuntque paulatim;
et saltus Hercynius
prosequitur
atque deponit simul
suos Cattos.
Genti corpora duriora,
artus stricti,
vultus minax,
et major vigor animi.
Multum rationis et solertiæ
ut inter Germanos;
præponere electos,
audire præpositos,
nosse ordines,
intelligere occasiones,
differre impetus,
disponere diem,
vallare noctem,
numerare fortunam
inter dubia,
virtutem inter certa:
quodque rarissimum
nec concessum
nisi ratione disciplinæ,
reponere in duce
plus quam in exercitu.
Omne robur in pedite,
quem onerant super arma
ferramentis quoque
et copiis.
Videas alios
ire ad prœlium,
Catto ad bellum.
excursus rari
et pugna fortuita.
Sane id proprium
virium equestrium,
parare victoriam cito,
cedere cito.
Velocitas
juxta formidinem,
cunctatio est propior
constantiæ.

XXXI. Usurpatum
et aliis populis
Germanorum
audentia rara et privata
cujusque,
vertit in consensum
apud Cattos,
submittere crinem

TACITUS GERMANIA (XXIX), XXX AND XXXI

barbamque,
ut primum adoleverint,
nec exuere,
nisi hoste cæso,
habitum oris votivum
obligatumque virtuti.
Revelant frontem
super sanguinem et spolia,
feruntque
se retulisse tum demum
pretia nascendi,
dignosque patria
ac parentibus.
Squalor manet
ignavis et imbellibus.
Quisque fortissimus
gestat insuper
annulum ferreum
(id ignominiosum genti)
velut vinculum,
donec se absolvat
cæde hostis.
Hic habitus
placet plurimis Cattorum.
Jamque canent insignes
et monstrati hostibus
simul suisque :
initia omnium pugnarum
penes hos :
hæc acies semper prima,
nova visu;
nam ne in pace quidem
mansuescunt
vultu mitiore.
Domus, aut ager,
aut aliqua cura
nulli :
prout venere
ad quemque,
aluntur,
prodigi alieni,
contemptores sui,
donec senectus exsanguis
faciat impares
virtuti tam duræ.

XXXII. Proximi Cattis,
Usipii ac Tencteri
colunt Rhenum
jam certum alveo,
quique sufficiat
esse terminus.
Tencteri,
super decus solitum
bellorum,
præcellunt
arte disciplinæ equestris ;
nec laus peditum
major apud Cattos
quam equitum
Tencteris.
Sic instituere majores,
posteri imitantur.
Hic lu‹s›us infantium,
hæc æmulatio juvenum,
senes perseverant :
equi traduntur
inter familiam et penates
et jura successionum :
filius excipit,
non maximus natu,
ut cetera,
sed prout ferox bello
et melior.

XXXIII. Juxta Tencteros
occurrebant olim Bructeri :
nunc narratur
Chamavos et Angrivarios
immigrasse,
Bructeris pulsis
ac excisis penitus,
consensu
nationum vicinarum,
seu odio superbiæ,
seu dulcedine prædæ,
seu quodam favore deorum
erga nos ;
nam ne invidere quidem
spectaculo prœlii :
super sexaginta millia
ceciderunt
non armis
telisque Romanis,
sed,
quod est magnificentius,

oblectationi oculisque.
At certe odium sui,
si non amor nostri,
maneat, quæso,
duretque gentibus :
quando,
fatis imperii urgentibus,
fortuna potest jam
præstare nihil majus
quam discordiam hostium.

XXXIV. Dulgibini
et Chasuari
aliæque gentes
haud perinde memoratæ
cludunt a tergo
Angrivarios et Chamavos.
Frisii excipiunt a fronte.
Vocabulum est Frisiis
majoribus minoribusque,
ex modo virium :
utræque nationes
prætexuntur Rheno
usque ad Oceanum,
ambiuntque insuper
lacus immensos,
et navigatos
classibus Romanis.
Quin etiam tentavimus illa
Oceanum ipsum ;
et fama vulgavit
columnas Herculis
superesse adhuc,
sive Hercules adiit,
seu consensimus
referre in claritatem ejus
quidquid est magnificum
ubique.
Nec audentia defuit
Druso Germanico,
sed Oceanus obstitit
inquiri in se
simul atque in Herculem
Mox nemo tentavit;
visumque
sanctius ac reverentius
credere quam scire
de actis deorum.

XXXV. Novimus hactenus
Germaniam in occidentem.
Redit in septentrionem
ingenti flexu.
Et primo statim
gens Chaucorum,
quanquam incipiat
a Frisiis
ac occupet partem littoris,
obtenditur lateribus
omnium gentium
quas exposui,
donec sinuetur
usque in Cattos.
Chauci non tenent tantum,
sed et implent
spatium terrarum
tam immensum :
populus nobilissimus
inter Germanos,
quique malit
tueri suam magnitudinem
justitia;
sine cupiditate,
sine impotentia,
quieti secretique,
provocant nulla bella,
populantur nullis raptibus
aut latrociniis.
Idque argumentum
virtutis ac virium
est præcipuum,
quod non assequuntur
per injurias
ut agant superiores.
Tamen
arma prompta omnibus,
ac exercitus,
si res poscat ;
plurimum virorum
equorumque;
et eadem fama
quiescentibus.

XXXVI. In latere
Chaucorum Cattorumque,
Cherusci illacessiti
nutrierunt diu

TACITUS GERMANIA (XXXIII), XXXIV, XXXV AND XXXVI

pacem nimiam
ac marcentem;
idque fuit jucundius
quam tutius;
quia quiescas falso
inter impotentes ac validos;
ubi agitur manu,
modestia ac probitas
sunt nomina superioris.
Ita qui olim
boni æquique Cherusci,
nunc vocantur inertes
ac stulti:
fortuna
cessit in sapientiam
Cattis victoribus.
Et Fosi, gens contermina,
tracti ruina Cheruscorum,
socii ex æquo
rerum adversarum,
quum fuissent minores
in secundis.

XXXVII. Cimbri
tenent eumdem sinum
Germaniæ,
proximi Oceano,
nunc civitas parva,
sed ingens gloria:
lataque vestigia
veteris famæ
manent,
utraque ripa
castra ac spatia,
ambitu quorum
nunc quoque
metiaris molem
manusque gentis,
et fidem
exercitus tam magni.
Nostra urbs agebat
annum sexcentesimum
et quadragesimum,
quum arma Cimbrorum
audita sunt primum,
Cæcilio Metello
ac Papirio Carbone
consulibus.

Ex quo si computemus
ad alterum consulatum
imperatoris Trajani,
ferme ducenti et decem anni
colliguntur:
tamdiu
Germania vincitur.
Medio spatio
ævi tam longi,
multa damna invicem.
Non Samnis, non Pœni,
non Hispaniæ, Galliæve,
ne Parthi quidem
admonuere sæpius:
quippe libertas
Germanorum
est acrior
regno Arsacis.
Quid enim aliud
quam cædem Crassi
objecerit nobis Oriens ipse
dejectus infra Vintidium,
et Pacoro amisso?
At Germani,
Carbone, et Cassio,
et Scauro Aurelio,
et Servilio Cæpione,
Cn. Manlio quoque,
fusis vel captis,
abstulerunt simul
populo Romano [res,
quinque exercitus consula-
Varum etiam Cæsari
tresque legiones cum eo;
et Caius Marius in Italia,
divus Julius in Gallia,
Drusus ac Nero
et Germanicus
non eos perculerunt impune
in suis sedibus.
Mox ingentes minæ
Caii Cæsaris
versæ in ludibrium.
Inde otium:
donec
occasione nostræ discordiæ
et armorum civilium,

hibernis legionum
expugnatis,
affectavere etiam Gallias :
ac pulsi inde rursus,
proximis temporibus
triumphati sunt
magis quam victi.
XXXVIII. Nunc
est dicendum
de Suevis,
quorum gens non una,
ut Cattorum
Tencterorumve :
obtinent enim
majorem partem
Germaniæ,
discreti nationibus
nominibusque
adhuc propriis,
quanquam in commune
vocentur Suevi.
Insigne gentis
obliquare crinem
et substringere nodo.
Sic Suevi separantur
a ceteris Germanis,
sic ingenui Suevorum
a servis.
In aliis gentibus,
seu
aliqua cognatione
Suevorum,
seu imitatione,
quod accidit sæpe,
rarum
et intra spatium juventæ;
apud Suevos,
usque ad canitiem
sequuntur retro
capillum horrentem,
ac sæpe religant
in vertice solo;
principes
habent et ornatiorem :
ea cura formæ,
sed innoxia :
neque enim ut ament,
LA GERMANIE
amenturve;
adituri bella,
ornantur
in quamdam altitudinem
et terrorem,
compti ut oculis hostium.
XXXIX. Semnones
memorant se vetustissimos
nobilissimosque
Suevorum.
Fides antiquitatis
firmatur religione.
Omnes populi
ejusdem sanguinis
coeunt legationibus
tempore stato in silvam
sacram auguriis patrum
et prisca formidine,
homineque cæso publice,
celebrant
horrenda primordia
ritus barbari.
Alia reverentia est et luco.
Nemo ingreditur
nisi ligatus vinculo,
ut minor
et ferens præ se
potestatem numinis :
si forte prolapsus est,
haud licitum
attolli et insurgere;
evolvuntur per humum :
omnisque superstitio
respicit eo,
tanquam
initia gentis
inde,
Deus regnator omnium
ibi,
cetera subjecta
atque parentia.
Fortuna Semnonum
habitantium centum pagis
adjicit auctoritatem;
efficiturque magno corpore
ut se credant
caput Suevorum.

TACITUS GERMANIA (XXXVII) , XXXVIII AND XXIX

XL. Contra paucitas
nobilitat Longobardos,
quod cincti
nationibus plurimis
ac valentissimis,
sunt tuti
non per obsequium,
sed prœliis
et periclitando.
Deinde Reudigni,
et Aviones, et Angli,
et Varini, et Eudoses,
et Suardones, et Nuithones,
muniuntur fluminibus
aut silvis:
nec quidquam notabile
in singulis,
nisi quod in commune
colunt Hertham,
id est Terram Matrem,
arbitranturque
eam intervenire
rebus hominum,
invehi populis.
Est in insula Oceani
nemus castum,
inque eo
vehiculum dicatum,
contectum veste:
concessum uni sacerdoti
attingere.
Is intelligit
deam adesse penetrali,
prosequiturque
cum multa veneratione
vectam bobus feminis.
Tunc læti dies,
festa loca,
quæcunque dignatur
adventu hospitioque.
Non ineunt bella,
non sumunt arma,
omne ferrum clausum;
pax et quies
nota tunc tantum,
amata tunc tantum,
donec idem sacerdos
reddat templo
deam satiatam
conversatione mortalium:
mox vehiculum et vestes,
et, si velis credere,
numen ipsum
abluitur lacu secreto
Servi ministrant,
quos statim
idem lacus haurit.
Hinc terror arcanus,
sanctaque ignorantia
quid sit illud
quod tantum perituri
vident.

XLI. Et hæc quidem pars
Suevorum
porrigitur in secretiora
Germaniæ
Propior
(ut sequar nunc Danubium,
sic quomodo Rhenum)
paulo ante)
civitas Hermundurorum,
fida Romanis,
eoque commercium
solis Germanorum
non in ripa,
sed penitus atque in colonia
splendidissima
provinciæ Rhætiæ:
transeunt passim
et sine custode;
et quum ostendamus
ceteris gentibus
modo nostra arma
castraque,
patefecimus
domos
villasque
his non concupiscentibus.
In Hermunduris
Albis oritur,
flumen inclytum
et notum olim,
nunc
auditur tantum.

TACITUS GERMANIA XL AND XLI

XLII. Juxta
Hermunduros
agunt Narisci
ac deinde Marcomanni
et Quadi.
Præcipua gloria viresque
Marcomannorum,
atque sedes ipsa etiam
parta virtute,
Boiis pulsis olim.
Nec Narisci Quadive
degenerant.
Eaque est velut frons
Germaniæ,
quatenus pergitur
Danubio.
Reges manserunt
usque ad
nostram memoriam
Marcomannis Quadisque,
ex gente ipsorum,
genus nobile
Marobodui et Tudri:
jam patiuntur et
externos.
Sed vis et potentia
regibus
ex auctoritate Romana:
juvantur raro
nostris armis,
sæpius pecunia;
nec valent minus.
XLIII. Retro Marsigni,
Gothini,
Osi, Burii,
claudunt terga
Marcomannorum
Quadorumque,
e quibus Marsigni et Burii
referunt Suevos
sermone cultuque.
Lingua Gallica
coarguit Gothinos,
Pannonica
Osos
non esse Germanos,
et quod patiuntur tributa:
Sarmatæ
imponunt partem
tributorum,
Quadi partem,
ut alienigenis.
Gothini,
quo pudeat magis,
effodiunt et ferrum:
omnesque hi populi
insederunt
pauca campestrium,
ceterum saltus
et vertices montium
jugumque.
Jugum enim continuum
montium
dirimit
scinditque Sueviam,
ultra quod
plurimæ nationes agunt:
ex quibus
nomen Lygiorum,
diffusum
in plurimas civitates,
patet latissime.
Sufficiet
nominasse valentissimas,
Arios, Helveconas,
Manimos,
Elysios, Naharvalos.
Apud Naharvalos
lucus antiquæ religionis
ostenditur.
Sacerdos præsidet
ornatu muliebri;
sed memorant,
interpretatione Romana,
deos Castorem
Pollucemque.
Ea vis numini:
nomen Alcis:
nulla simulacra,
nullum vestigium
superstitionis peregrinæ;
venerantur tamen
ut fratres, ut juvenes.
Ceterum Arii,

super vires
quibus antecedunt populos
enumeratos paulo ante,
truces lenocinantur
arte ac tempore
feritati insitæ:
scuta nigra,
corpora tincta;
legunt noctes atras
ad prœlia:
inferuntque terrorem
formidine ipsa
atque umbra
feralis exercitus,
nullo hostium
sustinente adspectum
novum
ac velut infernum;
nam in omnibus prœliis
oculi vincuntur primi.
Trans Lygios
Gothones regnantur
jam paulo adductius
quam ceteræ civitates
Germanorum,
nondum tamen
supra libertatem.
Deinde protenus ab Oceano
Rugii et Lemovii;
insigneque
omnium harum gentium,
scuta rotunda,
gladii breves,
et obsequium erga reges.
XLIV. Hinc civitates
Suionum,
in Oceano ipso,
valent classibus
præter viros armaque:
forma navium differt
eo quod utrinque
prora agit frontem
semper paratam appulsui;
nec ministrant velis
nec adjungunt remos
in ordinem
lateribus.

Remigium solutum,
ut in quibusdam fluminum,
et mutabile hinc vel illinc,
ut res poscit.
Honos est apud illos
et opibus:
eoque unus imperitat,
exceptionibus jam nullis,
jure parendi
non precario.
Nec arma
in promiscuo,
ut apud ceteros Germanos,
sed clausa sub custode,
et quidem servo,
quia Oceanus
prohibet incursus subitos
hostium;
porro manus otiosæ
armatorum
lasciviunt facile:
enimvero præponere armis
neque nobilem,
neque ingenuum,
ne libertinum quidem,
est utilitas regia.
XLV. Trans Suionas
aliud mare,
pigrum ac prope immotum,
quo fides
orbem terrarum
cingi cludique,
hinc quod extremus fulgor
solis jam cadentis
edurat in ortus,
adeo clarus
ut hebetet sidera.
Persuasio adjicit
sonum se mergentis
insuper audiri,
formasque equorum
et radios capitis
adspici.
Natura tantum
(et fama vera)
usque illuc
Ergo jam

gentes Æstyorum
alluuntur littore dextro
maris Suevici:
quibus ritus habitusque
Suevorum,
lingua propior
Britanniæ.
Venerantur matrem deum:
gestant formas aprorum,
insigne superstitionis:
id pro armis
omnique tutela;
præstat cultorem deæ
securum etiam inter hostes.
Usus ferri rarus,
fustium frequens.
Laborant frumenta
ceterosque fructus
patientius
quam pro inertia solita
Germanorum.
Sed et scrutantur mare,
ac soli omnium
legunt inter vada
atque in littore ipso
succinum,
quod ipsi vocant glesum
Nec quæsitum
compertumve,
ut barbaris,
quæ natura
quæve ratio gignat.
Quin etiam jacebat diu
inter cetera ejectamenta
maris,
donec nostra luxuria
dedit nomen:
in nullo usu ipsis:
legitur rude,
perfertur informe,
accipiuntque pretium
mirantes.
Tamen intelligas
esse succum arborum,
quia quædam animalia
terrena
atque etiam volucria
interlucent plerumque,
quæ implicata humore,
mox cluduntur
materia durescente.
Crediderim igitur
nemora fecundiora
lucosque
inesse ita insulis
terrisque Occidentis,
sicut secretis Orientis,
ubi tura balsamaque
sudantur,
quæ,
expressa atque liquentia
radiis solis vicini,
labuntur
in mare proximum
et exundant
in littora adversa
vi tempestatum.
Si tentes naturam succini
igne admoto,
accenditur
in modum tædæ,
alitque flammam
pinguem et olentem;
mox lentescit
ut in picem resinamve.
Gentes Sitonum
continuantur Suionibus.
Similes cetera,
differunt uno,
quod femina dominatur:
in tantum
degenerant
non modo a liberta e,
sed etiam a servitute.
Hic finis Sueviæ.
XLVI. Dubito
adscribam
Germanis an Sarmatis
nationes Peucinorum
Venedorumque
et Fennorum;
quanquam Peucini,
quos
quidam vocant Bastarnas,

TACITUS GERMANIA (XLV) AND XLVI

agunt ut Germani,
sermone, cultu,
sede ac domiciliis :
sordes ac torpor
omnium ;
connubiis procerum
mixtis,
fœdantur nonnihil
in habitum Sarmatarum.
Venedi traxerunt multum
ex moribus.
Nam pererrant
latrociniis
quidquid erigitur
silvarum ac montium
inter Peucinos Fennosque :
hi tamen
referuntur potius
inter Germanos,
quia et fingunt domos,
et gestant scuta,
et gaudent usu
ac pernicitate pedum,
omnia
quæ sunt diversa Sarmatis,
viventibus in plaustro
equoque.
Feritas mira Fennis,
paupertas fœda :
non arma,
non equi, non penates :
herba victui,
pelles vestitui,
humus cubili ;
sola spes in sagittis,
quas asperant ossibus,
inopia ferri.
Idemque venatus alit viros
pariter ac feminas ;
comitantur enim passim,
petuntque partem prædæ.
Nec aliud suffugium
ferarum imbriumque
infantibus,
quam ut contegantur
in aliquo nexu ramorum :
juvenes redeunt huc,
hoc receptaculum senum.
Sed arbitrantur id beatius
quam ingemere agris,
illaborare domibus,
versare suas fortunas
alienasque spe
metuque.
Securi adversus homines,
securi adversus deos,
assecuti sunt
rem difficillimam,
ut opus sit illis
ne voto quidem.
Cetera jam fabulosa :
Hellusios et Oxionas
gerere
ora vultusque hominum,
corpora
atque artus ferarum ;
quod ego
relinquam in medium,
ut incompertum.

Oeuvres de Tacite in ordre analytique pour la traduction juxtalineaire ou interlineaire. Source : Collection des auteurs latins avec deux traduction françaises

FINIS OPERIS

HOW TO USE THIS TEXT. This is the text of Tacitus ' Germania put in natural or analytical order by a group of French latinists, as part of a series of books in this format to facilitate the study of Latin. In this presentation Latin texts loose their hermetic character and become as simple to translate as any text in a neolatin language . It is presented in columns thus permiting a line by line independent translation of each word or phrase. The complete translation will be a word for word version of the Latin text that although perfectly intelligible may not be elegant enough in the languages used for the translations. This must be accepted as a normal result, because the objective of all interlinear or juxtalinear translations is just to get to the exact Latin vocabulary in its present context.The word for word translation shall be used for future frequent retroversions. We supply no notes or critical observations as these are unnecessary and useless at this elementary stage of our Latin studies.

PART SEVEN





PORTUGUESE TRANSLATION OF GERMANIA. AUTHOR CAIUS CORNELIUS TACITUS

GERMÂNIA. TRADUÇÃO E NOTAS DE SADI GARIBALDI. RIO DE JANEIRO: EDITORA LIVRARIA PARA TODOS, 1943.

Ricardo Costa confrontou esta tradução com uma versão espanhola em ***Cayo Cornelio Tácito. Obras completas*** *(traducción, introducción y notas. Obra publicada bajo la dirección de Vicente Blanco Y García). Madrid: M. Aguilar Editor, 1946, p. 1011-1044.*

Source : http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/germania-98-d-c

I

Toda a Germânia está separada das Gálias, da Récia e da Panônia pelo Reno e Danúbio; da Sarmátia e da Dácia por alguns montes e por seus mútuos temores. O resto é circundado pelo Oceano, abrangendo golfos espaçosos e vastas ilhas, com habitantes e reis que a guerra nos fez descobrir recentemente. O Reno nasce de um despenhadeiro inacessível dos Alpes Récios, e depois de torcer um pouco para o poente desemboca no oceano setentrional. O Danúbio, espalhado de um monte pouco elevado e de acesso suave no monte Abnoba, passa por muitos povos até que se lança ao Ponto Euxino por seis bocas, a sétima some nos pântanos.

II

Creio que os germanos são naturais da própria terra e que jamais se mesclaram com a vinda

e hospedagem de outros povos; pois, antigamente, todos que emigravam não iam por terra senão por mar e são raros os navios que de nosso mundo se aventuram a penetrar no Oceano imenso e, por assim dizer, oposto ao nosso. Ainda sem o perigo e o horror de um mar desconhecido, quem abandonaria a Ásia, África ou Itália para dirigir-se a essa Germânia áspera, de clima duro e de aspecto tão ingrato, não sendo para seus naturais?

Entoam velhos cantos (que são sua única história e todo os seus anais) ao deus Tuistão, nascido da terra, e a seu filho Mano, como raízes e fundadores de sua nação. A Mano dão-lhe três filhos, dos quais tomaram nome os ingevões, que são os mais costeiros, os herminões, que ocupam o centro, e os istevões, que são os restantes. Alguns, porém, baseados em tal antigüidade, aumentam o número dos filhos do deus e aludem à denominação de mares, gambrívios, suevos e vândalos, afirmando que estes são seus verdadeiros e primitivos nomes e que o de Germania é novo e foi incorporado há pouco, pois os primeiros que passaram o Reno, desalojaram os galos, e agora se chamam tungros os que se chamavam germanos, de modo que um nome que era só de uma parte do povo foi prevalecendo até o ponto em que, desta denominação, tomada a princípio pelos vencedores para inspirar terror, e adotada depois por todo o povo, chegaram todos a chamar-se germanos. Também falam que houve entre eles um Hércules, a quem cantam como herói sem par quando se dirigem ao combate.

III
Possuem também outras canções que chamam bardito, cuja entoada anima-os ao combate e anunciam à boa ou má fortuna que vai ter lugar, segundo o efeito que lhes causa o som. Mais que harmonia de vozes, aquilo parece ser a expressão de seu valor, pois procuram sobretudo produzir um som áspero e um murmúrio entrecortado e colocam o escudo à boca para que a voz ressoe e fique mais cheia. Dizem alguns que Ulisses, ao chegar a esse Oceano em sua grande e fabulosa viagem, chegou à Germânia e fundou e deu nome a Arciburgio, cidade situada às margens do Reno e que ainda está habitada. Dizem que foi encontrado um altar consagrado a Ulisses com o nome de Laertes, seu pai, e que ainda existem nos confins da Germânia e da Récia alguns monumentos e tumbas com inscrições gregas. Não tenho intenção de confirmar nem de refutar com argumentos estas notícias; cada um pode dar-lhes crédito ou não segundo sua inclinação.

IV
Sou da opinião dos que crêem que os povos da Germânia não se alteraram por casamentos com nenhuma outra nação e que são uma raça singular, genuína e semelhante só a si mesma. Portanto, possuem uma perfeita analogia de figura entre eles, ainda que tão numerosos; são de olhos azuis e selvagens, de cabelos ruivos, corpo avantajado e forte só para o ataque violento, mas não suportam com resignação os trabalhos e as fadigas, metem-lhes medo o calor e a fadiga, todavia toleram a fome e o frio por afeitos à avareza e à inclemência do clima.

V
Este, se bem que desigual em algumas regiões, é universalmente sombrio pelos muitos bosques que o formam e desagradável pelos muitos pântanos que o encharcam. Para o lado das Gálias é mais úmido e mais exposto aos ventos para o lado da Nóvica e da Panônia. É fértil em grãos porém, não em árvores frutíferas. É fecundo em rebanhos, mas de proporções reduzidas. Os bois não apresentam pela conformatura e os adereços que lhes ornam a fronte são pobres no tamanho. Amam a abastança e são estas já citadas as suas únicas e mais gratas riquezas. Não sei se foi por mal ou por bem, o certo é que os deuses lhe negaram o ouro e a prata.

Contudo, não me atreveria a assegurar não existia alguma mina desses nobres metais. Quem, porventura, já o investigou? O fato é que eles não lhes emprestam o valor que lhes dão os demais povos. Entretanto, vêm-se ali vasos de prata que costumam presentear os seus embaixadores e príncipes. Porém, não os estimam mais do que se fossem de barro. Sem embargo, os que vivem em nossas fronteiras, tendo em vista o comércio, apreciam o ouro e a prata e, por isso, selecionam algumas espécies das nossas moedas. Os do interior, atendo-se à velha usança, permutam as mercadorias com a maior simplicidade, trocando umas coisas por outras. Preferem a moeda de cunho antigo e, por esta razão, mais conhecida como serratos e bigatos e se inclinam mais pela prata do que pelo ouro, não em virtude de pontos de vista particulares, mas porque as moedas de prata é dinheiro mais cômodo para os que mercadejam objetos comuns e baratos.

VI
Como se pode supor pelas suas armas, não há ali ferro em abundância. Pouco se servem de espadas ou de compridas lanças. Os dardos que manejam — “frâmeas” na língua indígena — são aparelhados de um ferro delgado e curto, porém tão agudo e de tão fácil prática que, de acordo com as necessidades, com eles pelejam de perto ou de longe. Os cavaleiros se contentam com o escudo e com uma frâmea. A infantaria está equipada também de armas de arremesso e cada soldado carrega muitas delas e as conseguem lançar a longas distâncias. Andam nus ou ligeiramente vestidos de um curto saião. Não há nenhum adorno em seus vestuários. Apenas os escudos são pintados de cores agradáveis. Poucos trazem lorigas e um ou outro, capacete de metal ou couro.

Os cavalos não primam pela elegância do porte nem pela agilidade e nem tampouco são treinados na variação dos movimentos (ou manobras) como é usual entre nós. Adestram-nos a avançar em frente ou a voltar à direita, em linha tão compacta que nenhum pode ficar para trás. Tudo bem considerado, conclui-se que sua força principal reside na infantaria e, por esse motivo, combatem de roldão, afinando, admiravelmente, o prélio eqüestre com a rapidez dos infantes, pois estes recrutados entre os jovens mais ágeis, são colocados na vanguarda. Há deles um número limitado: cada aldeia fornece “cem”. Daí o nome que lhes dão. Ficou-lhes como título de dignidade de honra o que a princípio não era senão um número (pois “cem”). O exército é formado em cunha. O retirar-se para depois tornar a ofensiva é considerado mais ardil e prudência do que medo. Por mais duvidosa que lhes pareça a batalha recolhem os corpos dos seus soldados tombados em campo. Consideram crime e opróbrio o perder o escudo no entrebate: ao soldado assim informado, não lhes permite assistir aos sacrifícios, nem tomar parte nas assembléias. Muitos destes, embora escapos à batalha, põem termo à ignomínia, enforcando-se.

VII
Os reis são eleitos conforme a sua nobreza, mas os capitães, escolhidos segundo a sua capacidade. O poder dos reis, entretanto, não é ilimitado ou absoluto e os chefes comandam mais pelo exemplo dos seus atos e pelo atrevimento das suas ações do que pela força da sua autoridade. Se se mostram ousados e destemidos e conseguem arrebatar a vitória, governam sob admiração dos povos. Entretanto a ninguém, a não ser aos sacerdotes, se consente o direito de açoitar, prender ou matar: a pena não é considerada como castigo ou execução das ordens de um comandante, mas imposta pelos deuses que, como crêem, presidem aos combates.

Por esse motivo levam ao campo de refrega certas imagens e simulacros retirando-os dos bosques sagrados. O que, porém, representa o principal sentido da sua valentia é o fato de que em lugar de constituírem um aglomerado de gentes as mais diversas, pelo contrário, cada turma de cavalaria e cada esquadrão de infantaria são formados de homens da mesma

família ou então por membros de nações aliadas. Ao se colocarem para o combate, postam perto de si tudo quanto mais amam: afim de que, assim, possam ouvir o vozerio das mulheres e a gritaria das crianças, fiéis testemunhas da sua coragem e cujos louvores são os de que mais prezam e mais gostam de ouvir. Toda vez que recebem ferimentos vão mostrá-los às mães e às esposas e não se atemorizam de contá-los e de examiná-los com cuidado: antes, muito embora tal situação, dedicam-se à exortar os companheiros e a provê-los de víveres.

VIII
Há memória que algumas hostes que estavam desmaiando e cedendo foram refeitas pelas mulheres que, pela insistência de seus rogos e seus seios desnudos, mostravam a eles a iminência de seu cativeiro, que eles temem com muito mais horror para suas mulheres que para si. Tanto é assim, que a melhor maneira de assegurar a lealdade das cidades é exigir-lhes donzelas nobres como reféns. Além disso, acreditam que o sexo feminino possui algo de divinatório e de profético, pois não desprezam seus conselhos nem deixam de cumprir seus pedidos. No tempo de Vespasiano, vimos Velada ser honrada em muitos lugares como divindade. Em outro tempo veneraram Aurinia e muitas outras, mas não por adulação nem para divinizá-las.

IX
Sua divindade mais venerada é Mercúrio. Para aplacar-lhe as iras em certos dias do ano julgam lícito imolar-lhe vítimas humanas. Aplacam a Hércules e a Marte com animais rituais. Alguns dos suevos também fazem sacrifícios a Ísis. Não pude averiguar qual a causa ou a origem desse culto, embora a mesma imagem, em forma de nave libúrnia, mostra que o culto é estrangeiro. Seja como for, pensam que encerrar os deuses entre quatro paredes e representá-los sob forma humana lhes parece contrário à majestade celeste. Por esse motivo, consagram-lhes selvas e bosques, e dão nomes de deuses a esses misterioros lugares que só olham com olhos reverentes.

X
Nenhum outro povo leva mais a sério os augures e as adivinhações. A prática de tirar as sortes é simples: dividem um ramo de árvore frutífera em pequenos pedaços que, depois de marcados com certos sinais, são lançados a esmo sobre uma veste branca. A seguir, o sacerdote da cidade, se se trata de negócio público, ou o pai de família, se se trata de assunto doméstico, após haver deprecado os deuses, erguendo os olhos ao céu, toma de três fragmentos da haste, um de cada vez, e faz a interpretação de acordo com os sinais previamente impressos. Se as decisões são contrárias aos que se esperava, naquele dia não se realizam mais consultas a respeito. Se, porém, são favoráveis, requer-se a confirmação dos auspícios. É uso ali, também, consultar-se o canto e o vôo das aves.

Contudo, constituem auspícios peculiares desta raça os presságios tomados do relinchar dos cavalos. Estes animais são sustentados à custa do erário nas próprias selvas e nos bosques sagrados. Tem o pêlo branco e jamais foram profanados nos serviços dos homens. Atrelam-se a um coche santificado e o sacerdote, ou o rei, ou o principal da cidade, os acompanham e lhes observam o nitrido e o respirar. A nenhum outro auspício dão tanto crédito como a esta. Não somente o povo mas também os nobres e os grandes e os sacerdotes vêm nestes cavalos confidentes dos deuses, quando eles, na realidade, não passam de simples ministros. Há ainda outra espécie de auspício, por meio do qual procuram saber antecipadamente o resultado das guerras mais importantes. Seqüestram, não importam como, um prisioneiro de nação inimiga e o obrigam a lutar com um dos seus melhores guerreiros. Ambos os contendores se batem, cada qual com as armas do seu país. A vitória deste ou daquela é o presságio do futuro.

XI

Os príncipes deliberam a respeito das coisas mais simples. As de maior importância são tratadas em assembléia geral, mas de modo que, mesmo os negócios cuja solução cabe ao povo sejam em primeiro lugar debatidos entre os maiores. Reúnem-se para tratar dos interesses públicos — caso não sobrevenha um imprevisto — em determinados dias, pela lua nova ou no plenilúnio, pois consideram este tempo como o mais favorável para qualquer empreendimento. Não contam como nós os dias, mas as noites e é por este sistema que datam e autenticam todos os documentos: para eles a noite precede o dia. A liberdade de que gozam os arrasta a certos abusos: não se dirigem, em conjunto, às assembléias, como o povo que venha a ser convocado para tal: reúnem-se a pouco e pouco, lentamente, no que gastam dois ou três dias.

Quando acham que há número suficiente começam a deliberar, de armas na mão. O silêncio é imposto pelos sacerdotes, aos quais cabe também o direito de punir. Em seguida, o rei ou o chefe se faz ouvir na sua exposição e, após este, os demais segundo a idade, nobreza ou fama adquirida na guerra, ou de acordo com a sua eloquência, valendo nisto mais a persuasão do que a autoridade temporal do orador. Se não lhes agrada a proposição, rechaçam-na com grande sucesso. Se merece acolhimento, aprovam-na, brandindo as frâmeas. A aprovação mais honrosa é a feita com a agitação das armas.

XII

Qualquer pessoa pode acusar outra perante a assembléia, mesmo em se tratando de crimes capitais. As penas variam de acordo com o delito. Para os traidores e os trânsfugas, o enforcamento nas árvores. Os covardes ou efeminados, os infames pelo tráfico do corpo são afogados nos pântanos com uma grade em cima do corpo. A disparidade do suplício tem como mira tomar conhecida a punição dos crimes e ocultar os flagícios. Contudo, nos delitos menos graves há proporcionalidade na pena: aos convencidos ou confessos, a multa de uns tantos cavalos ou cabeças de gado. Parte da multa é paga ao rei ou a comunidade, parte ao ofendido ou aos seus parentes. Elegem igualmente nestas assembléias os chefes que administram justiça nas vilas ou nas aldeias. Cada qual é assistido por cem homens escolhidos entre o povo, que lhe servem de conselheiros e encarnam a autoridade.

XIII

Não tratam de nenhum negócio público ou particular senão armados. Entretanto, não fornecem armas a pessoa alguma sem prévia aprovação da comunidade, isto é, sem que o Estado a considere capaz de empunhá-las. Então, ali mesmo, na assembléia, um dos príncipes ou mesmo o pai ou parente armam o jovem com o escudo e a frâmea. Esta representa entre eles a toga viril; esta, a primeira distinção da mocidade: antes o mancebo era apenas membro da família, agora é um cidadão da república. Nobreza preeminente ou assinalados serviços paternos conferem aos filhos, embora de pouca idade, o título de príncipes. Estes se agrupam em redor dos quais robustos e da maior experiência que, por seu turno, não se sentem dominados por ver aqueles formando nas suas hostes.

Há mesmo entre os companheiros postos hierárquicos outorgados ao arbítrio dos comandantes e entre aqueles nota-se grande emulação. Os companheiros do príncipe procuram por todos os meios alcançar o primeiro lugar junto dele e os chefes põem todo o seu cuidado em ter muitos e valentíssimos companheiros. Considera-se fastígio e poderio o andar-se sempre acompanhado de um grupo de moços escolhidos. Em tempo de paz isto é levado a conta de ornamento, de fausto, mas em tempo de guerra, à de defesa. O avantajar-se aos demais em número e qualidade dos companheiros, não apenas dá fama e respeito, em face da sua tribo, mas também em relação às cidades circunvizinhas, pois atrai a

amizade dos povos, que lhes enviam embaixadas, os mimam com presentes e, não raro, esse prestígio consegue evitar as guerras.

XIV

É desonroso para o príncipe ser excedido em bravura no campo de batalha pelos seus soldados, como é desonra para estes, em igual circunstâncias, não igualar o príncipe em valor. É porém, acima de tudo, opróbrio e covardia, sobreviver ao seu chefe morto na peleja. Defendê-lo, salvá-lo, enaltecer-lhe os próprios feitos, dourar-lhe a glória é o primeiro e o mais essencial dos compromissos assumidos sob juramento. Os príncipes combatem pela vitória e os que o obedecem, pelo príncipe. Se a comunidade a que pertencem cai na pasmaceira e no ócio, durante longo tempo, a mocidade nobre passa, com armas e bagagens, alegremente, para os países que se acham em guerra: porque esta gente odeia a paz e o repouso e se lhe afigura mais fácil ganhar nomeada no arrostar perigos. Com tal estado de espírito, só é possível mantê-la, pois, sob a violência das armas. E torna-se impossível aos príncipes sustentar tal comitiva a não ser por meio de pilhagem e da guerra, portanto: da sua liberalidade exigem os que o cercam ora um bom cavalo, ora uma frâmea vitoriosa, tinta de sangue do inimigo. Além disso, os banquetes, embora sem requinte, porém abundantíssimos, substituem o soldo ou estipêndio. A munificência dos chefes é alimentada pela guerra e pelo saque. Mais facilmente se deixarão persuadir pela necessidade de provocar o inimigo, de se exporem aos ferimentos ou mesmo à morte do que pelas vantagens do cultivo das terras e pela promessas das abundantes colheitas. Demais, afigurar-se-lhes objeção e poltroneria adquirir as coisas com o suor do rosto, se o podem conseguir ao preço de sangue.

XV

Quando não estão empenhados em guerras, não obstante concedem algum tempo à caça. O maior tempo, entretanto, é consagrado à vadiagem, ao sono, e à glutonaria. Nenhum homem forte e belicoso se a inclina ao trabalho, pois entregam ao cuidado das mulheres as moradas, os serviços domésticos e os do campo. Assim, tanto amam a inércia como aborrecem o repouso. De acordo com a tradição, as cidades e os indivíduos devem enviar um presente ao príncipe, seja em gado, seja em frutos. Estas dádivas todavia, posto tomadas em conta de homenagem, servem para prover as necessidades reais. Apreciam sobremaneira os presentes dos povos vizinhos que lhes são feitos não só por particulares mas também oficialmente, pelos poderes públicos, tais como cavalos escolhidos, armas poderosas, jaezes, colares. Nós já lhes ensinamos a aceitar dinheiro também.

XVI

É sabido que os germanos não habitam em cidades cercadas nem admitem a construção de casas umas próximas das outras. Vivem divididos e separados, conforme lhes agrada a fonte, o prado, o bosque. Não edificam as aldeias como edificamos as nossas: os edifícios contíguos entre si. Circundam cada casa de certo espaço: ou por precaução contra incêndios ou para prevenir-se contra assaltos, ou por ignorância na arte de construir.

Tampouco usam a pedra ou a telha. Empregam na obra a madeira bruta, sem preocupação de sentimentos estéticos. Revestem algumas partes de terra tão pura e resplandecente que parece oferecer alguns traços coloridos, imitando pintura. Também costumam escavar subterrâneos, cobertos por cima com grande quantidade de esterco, que servem de abrigo para as pessoas e de armazém para os víveres: ali dentro o rigor do frio é atenuado e, se porventura se verificar a invasão do inimigo, este só rouba o que encontra à vista, mas o que está oculto ou enterrado escapa-lhe à rapina por não saber onde está.

XVII
A vestimenta comum é o saio, atacado com fivela ou, se não há, com uma espinha: o resto do corpo anda descoberto e por isso ficam durante dias inteiros em casa, junto ao fogo. Os mais ricos se distinguem pelo traje, não tão amplo como o dos sármatas ou o dos partos, mas bem ajustado e tanto, que se lhes desenham os contornos do corpo. Vestem-se do mesmo modo, de peles de feras: os que residem nas margens do Reno não dão a essas peles a menor importância, porém os do interior procuram aprimorá-las, pois não encontram no comércio meio de adquirir outros vestidos.

Escolhem os animais e, tirando-lhes a pele, adornam-na de manchas e a entretecem com a de outros bichos produzidos pelo oceano mais setentrional e por um mar que nos é desconhecido. As mulheres não trajam de maneira diversa dos homens: usam elas, comumente, roupas de linho, listradas de púrpura e não alongam a parte superior do vestido em forma de mangas, contudo deixam nus ombros e braços. A parte superior do peito também fica desnudada.

XVIII
O matrimônio é, entre eles, severamente acatado e não há nos seus costumes coisa que mereça mais louvor. São os germanos quase os únicos bárbaros que se contentam com uma só mulher, exceto alguns maiorais, que tomam para si várias esposas, e, isso não por devassidão, mas por alardear nobreza. A mulher não oferece dote ao marido, porém o marido à mulher.

O pai, a mãe e os parentes intervêm e controlam os presentes de noivado. Estes presentes não são escolhidos de molde a encantar os olhos de uma mulher, nem para enfeitar noiva: juntas de bois, cavalos ajaezados, escudos com frâmea e espada. E entregues os presentes, o noivo recebe a mulher que, por seu turno, oferece as armas ao marido. Eis o vínculo solene, a cerimônia misteriosa — os deuses conjugais. Afim de que a mulher não se julgue desobrigada de pensamentos virtuosos nem alheia aos negócios da guerra é advertida, logo ao início do rito nupcial, de que deve partilhar com o marido dos trabalhos e dos perigos que ele enfrentar e lhe deve solidariedade perfeita nos sofrimentos e nas façanhas que alcançar, tanto na paz como nos campos de batalha. Nem outra coisa simbolizam os bois ungidos o cavalo aparelhado e as armas que lhe deram: assim deve viver e assim deve morrer. E o que recebe, cumpre-lhe transmitir, sem mácula, aos filhos que vierem. E é digno também que o recebam as noras para que de novo possam transmitir aos netos.

XIX
Desta sorte, a virgindade das mulheres está garantida contra os atrativos corruptores dos espetáculos e as excitações dos festins. Homens e mulheres ignoram a correspondência secreta. Os adultérios são raríssimos entre povo tão numeroso e quando os há a punição não se faz esperar e cabe ao marido ministrá-la. Depois de cortar-lhe os cabelos e desnudá-la na presença de parentes, o marido a expulsa de casa e, a golpes de açoite, condú-la através da aldeia em que habitam, pois diante de tal desonra não pode haver misericórdia.

Não obstante a mocidade, a formosura e os cabedais de que fosse senhora e dona, uma adúltera não encontraria nunca mais quem a recebesse como esposa. Aí ninguém faz ostentação de vício, nem considera moda o corromper ou ser corrompido. Mais escrúpulos se encontram ainda em mulheres das cidades, onde só as donzelas casam e onde se condescende, pela última vez, as esperanças e ao voto da mulher. Unem-se, assim, ao marido como para formar com ele um só corpo, uma só vida. Seus desejos e pensamentos não podem ir além do seu marido e não é ao marido que elas ama, mas ao casamento tão somente. Limitar-se o número de filhos ou por termo à vida dos já nascidos é crime

gravíssimo e, entre eles, pode mais a tradição do que as leis em qualquer outra parte do mundo.

XX

Criados, geralmente, na nudez e na sordidez, crescem até atingir a compleição e vigor que lhes admiramos. As mães não entregam os filhos as servas ou as damas: elas próprias os amamentam. O senhor e o escravo não se diferenciam por nenhum refinamento educacional: vivem por entre os mesmos rebanhos, dorme sobre o mesmo chão, até que a idade separe os homens livres e o seu valor obrigue a reconhecê-los como tais. A mocidade conhece tardiamente a Vênus, o que concorre para lhes assegurar seiva e saúde inesgotáveis. Não há pressa em efetuar o casamento das donzelas: ambos os sexos, igualmente jovens e igualmente desenvolvidos, se unem, robustos e sadios e, assim, os descendentes destes casais podem reproduzir, magnificamente, a virilidade dos pais.

Os filhos de uma irmã gozam tanta a afeição dos tios como dos próprios pais. Pensam alguns que este parentesco é mais estreito e inviolável e quando se trata de reféns, preferem antes ao sobrinhos por se tratar de entes mais queridos da família. Contudo, os filhos são sempre os herdeiros sucessores e por isso nem se torna necessário o testamento. Se não há filhos herda o grau imediato, os irmãos, os tios paternos, os maternos. Quanto maior é o número de parentes tanto mais avultado o dos afins. Deste modo, tanto mais acatada é a velhice. Considera-se desdouro o não ter filhos.

XXI

Tem-se como dever aceitar, em herança, os ódios e as malquerenças quer do pai, quer dos parentes. Os ódios, porém, não são implacáveis. Porque os agravos e até mesmo o homicídio se resgatam com certo número de cabeças de gado e toda a família aceita esta satisfação, pois tal ato é considerado como serviço prestado à República: os ódios são perigosíssimos para homens que vivem em liberdade.

XXII

Não há nação mais antiga de festins nem de dar agasalho aos que a procuram. Fechar a porta a um peregrino é tremendo crime. Cada qual, de acordo com suas posses, acolhe sob o seu teto e a sua mesa. Si, porém, lhe falece toda e qualquer ajuda, deve então enviar o hóspede à casa do vizinho, onde, se bem não hajam sido convidados — o que não vai ao caso — são acolhidos com a mesma humanidade sem que se estabeleça diferença, quanto ao acolhimento, entre o conhecido e o ádvena. É costume ao hóspede de partida se lhe dar o que haja pedido, mas aos de casa que lhe deram guarida concede-se também a mesma faculdade. Estimam os presentes, mas não encarecem os que dão nem agradecem os que recebem.

XXIII

Assim que despertam, pois de ordinário se levantam já com alto sol, lavam-se às mais das vezes em água quente, como se vivessem em permanente inverno. Após a ablução, comem: cada qual à parte, em mesa separada. Para tratar de negócios, ou quase sempre para o prazer dos banquetes, vão armados. Passar o dia e a noite em beberagens não se considera ato vexatório. As rixas, inevitáveis entre eles e poucas vezes ficam no terreno das injúrias: terminam comumente em ferimentos ou morte.

Contudo, procuram os banquetes como bela ocasião para reconciliar inimigos, contratar casamentos, escolher generais ou ventilar negócios concernentes à paz ou à guerra. Pensam eles que não há momento tão propício, como este, para se abrir mais facilmente a franqueza nem experimentar mais ardor das grandes idéias. Homens sem astúcia nem agilidade de

espírito, aproveitam ainda o abandono e o júbilo dos divertimentos para auscultar o fundo do próprio coração. Desta maneira ficam descobertos e completamente nus o pensamento e a intenção de cada qual. No dia seguinte voltam a debater as mesmas questões e salva-se o que pertence aos dois opostos ensejos: deliberam, quando não sabem fingir e resolvem, quando não podem errar.

XXIV
Como bebida fabricam um licor de cevada e trigo fermentado à semelhança do vinho. Os habitantes próximos do Reno também compram esta bebida. A alimentação é simples: frutos silvestres, caça recém abatida e leite coalhado. Saciam a fome sem temperos nem especiarias. Em relação à sede, porém, não há tal temperança. Se se lhes desse a beber quando desejassem, não seria menos fácil convencê-los com a embriaguez do que com as armas.

XXV
Possuem apenas um gênero de espetáculo e o repetem em todas as reuniões. Rapazes nus que se exercitam neste jogo, saltam e dançam por entre as pontas das espadas e das frâmeas contrapostas. O exercício lhes ensinou a arte e a arte deu-lhes garbo e elegância. Não o praticam, entretanto, por ganância ou visando lucro de qualquer espécie, porque a recompensa da sua audaz temeridade é o entusiasmo com que se manifestam os espectadores. Os jogos dos dados — fato espantoso! — assumem para eles, quando não embriagados, uma ocupação séria e os jogam tão apaixonadamente que, à falta de tudo o mais, jogam, em último lanço, o corpo e a liberdade. O vencido sujeita-se espontaneamente à escravidão e, embora mais moço e mais robusto, consentem que o manietem e o vendam: tal é a sua obstinação no vício. E a isto chamam fidelidade! Os servos assim havidos são postos à venda afim de se livrarem também os vendedores da vergonha que lhes acarreta tal vitória.

XXVI
Quanto aos demais escravos, não os empregam, como nós, nos vários misteres domésticos. Cada qual tem habitação própria, seus próprios penates e se governa a si mesmo. Recebe certa quantidade de gêneros, de gado e de roupas, como um colono, e nisto se cifra a sua servidão. Os misteres da família são preenchidos pela mulher e pelos filhos. Açoitar um servo, ou metê-lo em ferros, ou forçá-lo ao trabalho é raro. Costumam matá-los, não por castigo ou por severidade, mas quando arrebatados pela cólera ou assassinam como si se tratasse de um inimigo pessoal, com a diferença, porém, de que o crime praticado contra o escravo não recebe punição.

Os libertos não levam muito mais vantagem do que os escravos: uma ou outra vez conseguem gozar de valia no meio dos senhores. Nas cidades, porém, não lhes assiste nenhuma regalia, salvo naquelas nações governadas por monarcas. Aqui podem mais do que os homens livres e do os próprios nobres. Em todos os outros recantos, a desigualdade dos libertos serve apenas para argumento de liberdade.

XXVII
A prática dos empréstimos, de lucro e de usura é desconhecida entre os germanos, o que lhes aproveita melhor do que qualquer medida coibitiva. As terras cultiváveis são repartidas proporcionalmente ao número dos que as cultivam e, depois, divididas segundo a categoria social dos agricultores, partilha esta evidentemente fácil, pois há vastos tratos de campos que jamais foram plantados. A cada ano mudam de herdade e sempre lhes sobra espaço: porque não procuram aumentar a fertilidade e a quantidade do solo com trabalho e indústria, isto é, plantando árvores, cercando prados e regando as hortas. Contentam-se

apenas com que a terra lhes dê grãos e, deste modo, não dividem o ano tal qual nós outros. Conhecem o inverno, a primavera e o verão e sabem-lhes os nomes. Ignoram, porém, o outono e os bens que nos proporciona esta estação.

XXVIII
Seus funerais são simples. Queimam os corpos de seus homens ilustres com uma lenha especial. Não arrojam à fogueira roupas ou perfumes, mas as armas do defunto, e, em alguns casos, seu cavalo. Constroem os sepulcros com céspedes, desprezando o luxo dispendioso de um mausoléu. Logo dão fim a seus lamentos e lágrimas, mas a dor e a tristeza permanecem durante muito tempo. É próprio e conveniente para as mulheres chorar e para os homens recordar. Isso é tudo o que sei da origem e dos costumes dos germanos. Agora darei a conhecer as instituições e maneiras pecualiares de cada povo, além das emigrações daqueles que da Germânia passaram à Gália.

XXIX
O divino Júlio, escritor dos mais autorizados, refere que antigamente a superioridade dos galos foi maior e, por isso, é crível hajam eles passado também à Germânia. Que poderoso obstáculo poderia constituir um curso de água à vontade de uma nação dominante que tenha em mira se apossar, nas suas investidas, de regiões abertas a toda gente e ainda não governadas nem defendidas por um soberano que as partilhasse?

Assim, as terras jacentes entre a floresta Hercínia e os rios Reno e Meno foram ocupadas pelos helvécios; e pelos boios as quais demoram no interior, sendo gaulesas ambas estas nações. Perdura ainda na memória das gentes o vocábulo “boiemo”, nome que recorda aquele antigo país, se bem sejam outros, já, os seus habitantes. Não há certeza, porém, se os araviscos emigraram para a Panônia por causa dos osos, nação germânica, ou se os osos para a Germânia por causa dos araviscos, pois ambos estes povos falam a mesma língua e adotam os mesmos usos e costumes, tanto mais que outrora, igualmente pobres e igualmente livres, encontravam numa ou noutra margem (do Danúbio) as mesmas vantagens e as mesmas desvantagens.

Os treviros e os nérvios se jactam da sua origem germânica e a proclamam como se quisessem, pela glória desta ascendência, livrar-se da pecha de covardes que enegrece a reputação dos galos. Os vangiões, os tribocos e os nemetes, habitantes da margem do Reno, são sem dúvida de estirpe germânica. Os úbios, embora também merecido as honras de colônia romana, preferem o apelido de agripinenses, do nome da sua fundadora e não se envergonham da sua progênie. Como atravessassem, desde tempos remotos, o curso do Reno, em virtude pelas muitas provas que deram da sua lealdade (aos romanos) foram colocados naquelas margens, não para serem vigiados, mas para conhecerem os inimigos.

XXX
De todos estes povos os batavos são os mais valentes. Não dispõem de muitas terras à margem do Reno, mas ocupam uma de suas ilhas. Da tribo dos catos, antigamente, passaram, em vista de dissenções domésticas, àquelas terras afim de se tornar integrante do Império Romano. Subsiste ainda a palavra e o testemunho da velha aliança e amizade porque, como não os oprimimos com pesados tributos, não são maltratados pelos fiscais de consumo. Isentos, como estão, de taxas e impostos extraordinários e destinados exclusivamente para os combates, conservá-mô-los da mesma maneira pela qual se conservam os arsenais para a guerra.

Colocamos a nação dos matiacos no mesmo pé de igualdade. O fato é que o esplendor da fama romana ultrapassou o Reno e chegou ao extremo das fronteiras conhecidas.

Germânicos não obstante pelo território que ocupam, os matiacos se manifestam romanos pelo sentimento e pelo coração. No demais se assemelham aos batavos: senão pelo clima e pelo solo pelo menos pela ousadia. Não incluirei entre os povos da Germânia, se bem se houvessem estabelecido além do Reno e do Danúbio, os que cultivam os campos "decimados" (decumates agros). Os mais inconstantes e aventurosos dos gauleses, impelidos pela miséria, foram os primeiros a ocupar aquelas terras de proprietários desconhecidos. Agora que os nossos limites avançaram e levamos mais para longe os nossos pólos militares (praesidiis), este país constitue um prolongamento de Império, isto é, parte de uma província.

XXXI
Mais para além residem os catos, cujo país começa na floresta Hercínia e cujas terras são menos planas e menos pantanosas do que as das demais comarcas da Germânia. Colinas que a pouco e pouco se esvanecem, cortam-na de lado a lado. A floresta Hercínia acompanha sempre o território dos catos e com ele acaba também. É, esta, uma gente robusta, de vigorosa compleição, membros reforçados, aspecto feroz e ânimo viril. São (para os germanos) habilidosos e sagacíssimos. Sabem escolher os chefes, obedecer aos que mandam, apreciar a hierarquia, escolher as oportunidades, reprimir o entusiasmo, aproveitar o dia, construir fortificações durante a noite, contar com a sorte duvidosa (fortunam inter dubia) e em meio às incertezas, saber onde reside o valor.

E, o que é raríssimo e não pode ser senão fruto de disciplina é o fato de se ter mais confiança no capitão do que em todo o exército. Toda a sua força reside na infantaria que, além das armas, carrega também víveres e instrumentos de ferro destinados a obras militares. Os outros povos marcham apenas para a batalha: os catos, para a guerra. Não gostam de correrias e evitam as escaramuças. A cavalaria ataca e vence de inopino e também de inopino se retira. A precipitação é companheira do temor; a lentidão, da firmeza.

XXXII
O que entre as nações germânicas é considerado excepcional e somente o realiza algum indivíduo mais afoito, entre os catos já é questão pacífica e todos o adotam por consenso unânime, como por exemplo: o crescimento do cabelo e da barba nos adolescentes e, por motivo de um voto feito ao Valor não podem cortá-los senão depois de terem abatido um inimigo. É sobre o sangue e os despojos do adversário morto que eles descobrem a cabeça e, só assim, julgam resgatada a dívida do nascimento e dignos de seus pais e da sua pátria. Os fracos e os poltrões, medrosos da guerra, conservam este sinal de humilhação.

Os mais destemidos carregam um anel de ferro (o que representa ignomínia aos olhos deste povo) à maneira de grilhão até que mediante a morte de um inimigo possam considerar-se libertados. Os catos em geral adotam esta moda e com este distintivo chegam à senectude, considerado pelos conterrâneos e respeitados pelos adversários. São estes, sempre os que dão início às batalhas e que marcham à vanguarda, cujo espetáculo pavoroso é digno de nota: nem mesmo em tempo de paz lhes desaparece o aspecto horroroso nem se apresentam mais tratáveis. Nenhum deles possui habitação, terras ou quaisquer outros bens que lhes monopolizem os cuidados. Aonde chegam aí se nutrem e se agasalham. Revelam-se prodígios com as posses alheias e menos prezadores do que lhes pertence. Assim atingem a velhice e com ela se reduzem a um estado de não mais poder sustentar tão áspera e rigorosa norma de viver (tam durae virtuti).

XXXIII
Cerca dos catos, onde o Reno já corre caudalosamente e pode servir de limite, habitam os usipios e os tenecteros. Além do seu reconhecido valor militar, os tenecteros gozam de

renome de exímio cavaleiros, arma esta que não é menos estimada do que a infantaria dos catos. Instruíram-nos os seus antepassados e os descendentes os imitam. A equitação constitui um dos brinquedos prediletos das crianças, um motivo de competição para os moços e de perseverança para os velhos. No tocante aos bens, compreendido o matrimônio, os cavalos são herdados e se destinam não como outros bens ao primogênito, mas ao que se mostrou mais atrevido na guerra.

XXXIV
Junto dos tenecteros demoravam outrora os bructeros. Assevera-se agora que os chamavos e os agrivários tomaram-lhes o lugar, tendo, de comum acordo com as nações vizinhas, expulsado e destruído os bructeros ou por odiar-lhes o orgulho ou por cobiçar-lhes a riqueza dos bens, ou levados, talvez, por algum favor particular que nos quiseram conceder os deuses. Pois sua bondade nos permitiu contemplar esta peleja: para mais de sessenta mil homens tombaram no campo da refrega, não por motivo da intervenção das armas romanas, mas — para alegria e deleite dos nossos olhos.

Praza aos deuses que, se não obtivermos a amizade daquelas gentes, duradouro seja o ódio recíproco! Pois em face do declínio dos fados do Império nenhum melhor dom nos pôde outorgar a fortuna do que a discórdia entre inimigos.

XXXV
Os agrivários e os chamavos limitam pelo lado oposto com os dulbiginos e os casuários, e com outros povos menos conhecidos: os frísios ficam-lhes à frente. Os frísios dividem-se em “maiores” e “menores”, segundo o poder de que dispõem: ambas estas nações se estendem ao longo do Reno até ao Oceano, orlando, além disso, grandes lagos já cortados pelas quilhas das armadas romanas. Outrora tentamos também por aquela rota a exploração do oceano e a fama espalhou por toda parte a existência, ali, das colunas de Hércules ou porque o herói chegasse até aquele ponto ou porque estejamos de acordo em ligar o nome do herói a tudo quanto pareça maravilhoso. Não faltou arrojo a Druso Germânico na investigação daqueles mares: foi o oceano que se opôs à inquirição dos segredos de Hércules. Dai por diante ninguém mais tentou tamanha empresa: houve mais acatamento e reverência no que diz respeito aos deuses — a quem se deve mais crer do que examinar.

XXXVI
Até aqui estudamos a Germânia Ocidental. Para o norte forma uma grande curva. Desde logo topa-se com os chaucos, nação que, embora confine com os frisos e possua parte do litoral, vai marginando todas as nações de que falei até lindar com os catos. Os chaucos fazem mais do que ocupar vastíssimas áreas territoriais: povoam-nas. Esta nação é considerada nobilíssima entre os germanos e preferem manter a grandeza mais pela justiça do que pela força.

Vivem quietos e retirados, sem excessiva ambição, amando a existência pacífica, sem se entregar ao roubo e as correrias. O maior argumento de que se valem para pôr evidência as virtudes do que os exornam é o de que a sua superioridade não foi erigida à custa da desgraça alheia. Contudo, as armas não lhes ficam longe das mãos e, em caso necessário, podem equipar um exército porque não lhes minguam nem homens nem cavalos. Na paz gozam o mesmo prestígio.

XXXVII
Ao lado dos chaucos e dos catos, jamais atacados por quem quer que fosse, florescem os cheruscos, em longa e nociva paz, que lhes proporcionam mais prazer do que segurança,

pois em face de vizinhos tão poderosos quanto insolentes, a calma não tem razão de ser e, uma vez em guerra, o título de moderado e de probo pertence ao vencedor.

Assim, os cheruscos, outrora considerados “bons” e “justos” são tido presentemente na conta de “néscios” e “inofensivos”. Em compensação, para os catos vitoriosos o fator “sorte” se converteu em “sabedoria”. A ruína dos cheruscos arrastou consigo os fosios, nação limítrofe, que lhes irmanou na desventura, sem, entretanto, haver partilhado da prosperidade.

XXXVIII
Na mesma região norte da Germânia, nas proximidades do Oceano, se encontram os cimbros, atual pequeno povo, mas de excepcional esplendor passado. Encontramos ainda profundos sulcos do seu antigo poderio: numa e noutra margem do Reno vêem-se as ruínas de amplos acampamentos pelas quais se pode avaliar da capacidade, dos recursos e da pujança desta nação e fazer-se uma idéia do que era o seu prodigioso exército. Corria o ano de seiscentos e quarenta da fundação de Roma, quando pela primeira vez se aludiu a guerra dos cimbros, sendo cônsules Cecílio Metelo e Papirio Cardo.

Se contarmos desde então até o segundo consulado do imperador Trajano teremos duzentos e dez anos — tanto é o tempo que levamos para conquistar a Germânia! Em tão longo período, pesadas têm sido as perdas de lado a lado. Nem os samnitas, nem os cartagineses, nem os espanhóis, nem os galos e nem mesmos os partos nos ministraram mais duras lições. É que a liberdade dos germanos geram mais energias do que a monarquia dos arsácidas. Se excetuarmos, pois, a morte de Cássio, que, porventura, nos poderá lançar em rosto o Oriente, que por sua vez perdeu Pacoro, um dos seus soberanos e se viu, ao fim, humilhado por Ventídio, soldado de Roma?

Ao contrário, os germanos, prendendo ou desbaratando Carbo, Cássio, Scauro Aurélio, Servílio, Cipião e Mânlio, destruíram cinco exércitos consulares ao povo romano e arrebataram a César Augusto e a Varo três legiões completas. Não foi também que sem dano C. Mário os derrotou na Itália; o divino Júlio, nas Gálias; e Druso, Nero e Germânico dentro dos seus próprios domínios. Depois disto, as terríveis ameaças de Caio César se transformaram em ludíbrio. A seguir, veio a paz até que, aproveitando-se das nossas discórdias e da guerra civil, assaltaram os quartéis de inverno de algumas das nossas legiões e se atiraram contra as Gálias, de onde foram expulsos novamente. Em suma, nestes últimos tempos tem sido triunfar sobre eles do que vencê-los.

XXXIX
Os suevos que não formam, como os catos ou tenecteros, uma única nação, mas ocupam a maior parte da Germânia, dividindo-se ainda hoje em povos com diferentes cognomes, muito designados genericamente por suevos. Uma das peculiaridades desta gente consiste em trançar o cabelo e atá-lo com um nó. Por este uso os suevos se distinguem dos germanos e entre eles, os homens livres dos escravos. Nas demais nações este uso não é trivial, a não ser naquelas que ou são aparentados com os suevos ou (como acontece) querem simplesmente imitá-los. Esta moda não vai, porém, além da mocidade.

Entretanto, os suevos conservam até a velhice a crespa guedelha atada para trás e muitas vezes arrematada no alto da cabeça. Os chefes são mais requintados neste particular. Este desavelo, sem embargo, de ataviar-se é neles inocente: não os movem vaidades afeminadas. Arrumam o cabelo, ao entrar em combate, em tufos gigantescos, menos por enfeite do que para atemorizar o olhar do inimigo.

XL
Os semones se dizem os mais antigos e os mais nobres dos suevos, e confirmam isso com sua religião. Em certas épocas do ano, numa de suas florestas, consagrados pelos áugures dos seus pais e por prístinos terrores — "auguriis patrum et, priscà formidine sacram" — congregam-se os povos dessa mesma origem e, sacrificando publicamente um homem, celebram a horrível instituição de um bárbaro rito. Praticam, do mesmo modo, outra superstição em honra desse bosque sagrado: ninguém penetra ali senão algemado como símbolo de sua própria fraqueza e afirmação do poder da divindade. Se por acaso o iniciado tropeça e cai, não tem direito de se levantar e prosseguir: rola por terra. Todas essas superstições têm por objetivo mostrar que ali está o berço da nação e que ali mora o deus dominador de tudo, a quem todos os demais se sujeitam e obedecem. A fortuna dos semones lhes dá essa autoridade: eles habitam cem aldeias e esse grande conjunto tem os suevos como cabeça.

XLI
Os longobardos se orgulham de seu pequeno número. Cercado de numerosos e belicosíssimos povos, encontram segurança não pela magnanimidade dos demais ou por submissão própria, mas por meio de combates em que arrostam perigos. Os reudignos que vêem em seguida, os aviões, os anglos, os varinos, os eudosos, os suardões, os nuitões, todos estão separados e defendidos por florestas e rios. Não há nada a notar neles a não ser o fato de que todos adoram a deusa Hertho, isto é, a Mãe-Terra, cuja interferência nos negócios humanos eles acreditam, como acreditam também na visita que ela faz a todos os povos.

Em uma ilha do oceano há um bosque chamado "casto", dentro do qual existe um coche coberto com um véu dedicado à deusa e que só pode ser tocado pelas mãos de um sacerdote. Este sabe quando a deusa está no santuário e reverentemente acompanha o veículo tirado por uma junta de novilhos. Então há dias de alegria e de festa nos lugares em que a divindade se digna a visitar. São estes os únicos momentos que não consagram à guerra: eles guardam as armas até o instante em que o sacerdote retorna com a deusa, ao templo, farta e cansada da companhia dos mortais. Sem demora, as roupas sagradas, o carro, o véu e, se é lícito acreditar, até a própria deusa, tudo se purifica nas águas de um lago secreto. Os escravos ocupados neste ofício são afogados na própria linfa sagrada. Daí o misterioso terror, a santa ignorância do que possa ser aquilo que só vêm os destinados a perecer.

XLII
Esta parte dos suevos se estende até o coração da Germânia. Mais próximo (para seguir agora o Danúbio como há pouco segui o Reno) se encontra a cidade dos hermonduros, gente fiel aos romanos e por isso, excepcionalmente, permitimos que eles comerciem, não apenas nas margens do rio, como os outros germanos, mas até ao interior da região e até mesmo a colônia mais florescente da nossa província da Récia. Andam por onde lhes apraz sem vigilância. Enquanto não permitimos as outras nações ver mais do que as nossas forças armadas e os nossos acampamentos militares, abrimos este povo as portas de nossas casas, das nossas verdades, pois não as cobiçam. No país dos hermonduros nasce o Albis, famoso rio outrora conhecidíssimo pelos romanos, hoje apenas vagamente citado.

XLIII
Ao lado dos hermonduros vivem os nariscos e, mais adiante, os marcomanos e os quados. Os marcomanos superam todos os outros pela força e pelo prestígio. O próprio país em que se instalaram, depois de expulsados os boios, representa uma conquista devida ao seu valor intrínseco. Os nariscos e os quados não lhes cedem passo. Esta é como a fronteira da Germânia, na parte banhada pelo Danúbio. Os marcomanos e os quados conservaram

até o nosso tempo reis naturais da sua própria raça, da ilustre casa de Maroboduo e de Tudro. Hoje são governados até por estrangeiros. A força e o poder destes reis, entretanto, provêm da autoridade e da proteção de Roma. Escassamente os ajudamos com nossas armas: com o nosso dinheiro muitas vezes. Contudo, nem por isso são menos poderosos.

XLIV
Mais além, os marsignos, os gotunos, os osos e os búrios formam na retaguarda dos marcomanos e dos quados. Vê-se pelo trajo e pela língua que os marsignos e os búrios descendem dos suevos. O gálico falado pelos gatunos e o panônico pelos osos e, sobretudo, a resignação com que aceitam o peso dos tributos, provam que este povo nada apresenta de comum com os germanos. Parte destes tributos lhes é imposta pelos sármatos e parte pelos quados, que os tratam como estrangeiros.

Os gotunos, para cúmulo da humilhação, trabalham nas minas de ferro. Estas tribos habitam mais o seio das florestas e o dorso das serranias do que as planícies. Saiba-se, pois, que a região dos suevos é separada e cortada por uma cadeia contínua de montanhas, além das quais habitam vários povos de que os lígios, ocupando numerosas cidades, representam a porção mais considerável. Basta citar os principais: os ários, os helveções, os manimos, os elísios e os naharvalos.

No país dos naharvalos existe um bosque consagrado por antigo culto. As cerimônias são presididas por um sacerdote vestido de mulher. Acreditam os romanos que ali se adoram os deuses Castor e Pólux, sob a invocação dos Alcis. Neste sítio não se vêem imagens nem vestígios de superstição estrangeira. Veneram somente dois irmãos jovens. Entretanto, os ários não são apenas superiores em força aos demais povos citados: são também cruéis e exageram a natural ferocidade ajudados pelo artifício e pelo tempo: usam escudos negros, pintam o corpo e preferem para os combates as noites mais escuras. O espanto e o assombro causado por este lúgubre exército bastam para intimidar o inimigo que, em absoluto, consegue suportar este infernal espetáculo, porquanto as primeiras vítimas ao encetar-se a peleja, são logo os olhos.

XLV
Como os lígios, os gotunos são governados por monarcas e, embora se sintam um pouco mais sujeitos do que os outros povos germânicos, não perderam de todo a liberdade. Na costa do oceano habitam os rúgios e os lemóvios: todas estas gens se distinguem pelos escudos redondos e pelas espadas curtas que ostentam, bem como pela obediência que prestam aos reis. Seguem-se-lhes, imediatamente, ao longo do mesmo oceano, as cidades dos suiões, poderosíssimos não só em exércitos mas também em esquadras.

A configuração dos seus navios difere em que, armados de duas proas, podem sempre abordar de frente. Não navegam com velas nem dispõem os remos por ordem, na borda das embarcações: usam-nos soltos, como freqüentemente se adotam nos rios, e, de acordo com as circunstâncias, mudam de um para outro lado. As riquezas materiais são apreciadíssimas, razão por que se submetem a um chefe que, sem restrição alguma, exerce uma autoridade e um direito que nada tem de precários.

As armas, aqui não estão como entre os demais germânicos, à disposição de qualquer pessoa: mas guardadas sob a responsabilidade de um escravo, pois o oceano os coloca ao abrigo de qualquer surpresa. Na verdade, as armas nas mãos de uma tropa inativa geram quase sempre tumulto e desordem. Não convém, demais, a um soberano entregar a custódia dos arsenais a um nobre, a um homem livre ou a mesmo a um liberto.

XLVI
Para lá dos suiões encontra-se outro mar tranquilo, quase imóvel, que, segundo se acredita, forma a cintura e o limite do mundo, porque nela a última claridade do crepúsculo se prolonga até a aurora, tão lúcida que amortece o brilho das estrelas. A credulidade acrescenta que se ouve o estrondo quando o Sol sai e que se vê os raios de sua cabeça e figuras de deuses. Ali é certo que acaba a Natureza.

À direita do mar suevo se estende pela costa o povo dos éstios, que, por seu costume e vestimentas assemelha-se muito aos suevos, e por sua língua aos bretões. Veneram a mãe dos deuses, e têm figuras de javalis como sinal de sua religião, que levam em lugar das armas para sua defesa e se apresentam no meio de seus inimigos confiantes na devoção à sua deusa. Usam pouco o ferro e muito os cajados. Cultivam o trigo e outras espécies de grãos com muito mais cuidado e paciência do que é comum entre os germanos. São os únicos que buscam o âmbar - que chamam de gleso - nas praias e no fundo do mar. Como bárbaros que são, não se preocupam em averiguar qual é sua natureza e como se forma. Durante muito tempo ele se encontrava em jazidas costeiras como outros restos do mar, até que nosso luxo o tornou precioso. Eles não o utilizavam, colhendo-o a esmo e transportando-o sem refinar. Por fim, assombrados, perceberam sua importância.

Calculo que se trata do humor de alguns arbustos, porque transparece no âmbar, amiúde, animáculos e até insetos que, tendo aderido ao licor, ficaram presos ali ao se transformar em massa consistente. Sou propenso a crer que, como em certas partes remotas do Oriente dão o incenso e o bálsamo, também nas ilhas eternas do Oriente existem árvores de selvas e bosques fertilíssimos, cujos licores secados pelos raios do sol vizinho venham a cair no mar que as banham e de onde a violência das tempestades os arroje a outras praias contrapostas. Se, para lhe conhecermos a natureza íntima, aproximarmos o âmbar do fogo, vê-lo-emos inflamar-se como um archote e produzir uma chama grossa e cheirosa em seguida, transforma-se em gelatina, como o pêz ou a resina. A nação dos sitões se prolonga até aos suiões. Em tudo se assemelham eles aos demais povos, exceto nisto: são dirigidos pelas mulheres. Assim, não só degeneraram em relação à liberdade, mas também em relação à própria escravidão. Aqui acaba a Suévia.

XLVII
Tenho dúvidas se devo incluir entre as nações germânicas ou se entre as sármatas, as tribos dos peucinos, dos venedos e dos fenos, se bem que os peucinos, também chamados bastarnas por alguns, sejam na línguagem, no trato e no modo de habitar quase idênticos aos germânicos. Em todos, porém, a sordidez e a preguiça representam o denominador comum (sordes omnium ac torpor). No respeitante aos chefes a mistura de sangue com os sármatas, pelos casamentos realizados, deu-lhes um pouco da fisionomia selvagem e da maneira de vida desta tribo.

Os venedos herdaram muito dos seus costumes, pois as florestas e os montes que se erguem entre os teucinos e os fenos, os venedos trilham e pilham se cessar. Contudo, costumam estes ser reconhecidos como germanos; sabem edificar, fabricam escudos, andam a pé e são agilíssimos. Em tudo isto diferem dos sármatas, que se locomovem de carro e a cavalo. É espantoso o grau de barbárie e o estado de miséria dos fenos: não possuem armas, nem cavalos, nem moradas. Alimentam-se de ervas, vestem-se de peles e dormem na terra nua. Todos os seus recursos residem nas frechas que, na falta de ferro são armadas de ossos pontiagudos. A caça sustenta homens e mulheres. Como estas não abandonam os maridos este mister venatório, exigem parte da presa.

As crianças não conhecem outra espécie de abrigo contra as feras e as tempestades além da choca feita de galhos entrelaçados. Servem elas também de refúgio para os moços e de asilo para os velhos. Encontram neste estilo de existência mais felicidade do que poderiam encontrar no amanho da terra, na laboriosa construção de casas ou em colocar entre esperanças e ameaças, o destino e os bens da sua ou das demais nações. Seguros da parte dos homens e seguro da parte dos deuses, alcançaram esta coisa dificílima: não sentir sequer a necessidade de desejar. Tudo o mais que se conta a respeito deste mundo é fabuloso, como por exemplo: que os helúrios e os oxionas apresentam feições e rosto de homem e corpo e membro de feras. Como isto, porém, não está averiguado, ponho de lado o assunto. [**Há outras traduções para o português. Cf. Bibliografia**]

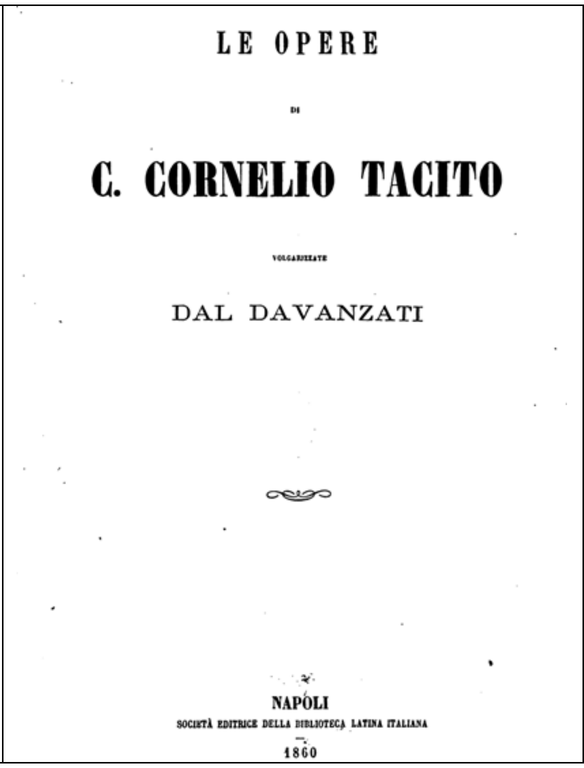
PART EIGHT

ITALIAN PARALLEL TRANSLATION OF TACITUS' GERMANIA BY DAVANZATI

LE OPERE DI C. CORNELIO TACITO. SITIO POPOLI E COSTUMI DELLA GERMANIA

Discorso Della Germania. Tradota da Bernardo Davanzati.

Biblioteca Latina Italiana. Google Books



LE OPERE

DI

C. CORNELIO TACITO

VOLGARIZZATE

DAL DAVANZATI

NAPOLI

SOCIETÀ EDITRICE DELLA BIBLIOTECA LATINA ITALIANA

1860

DEL SITO, DE' POPOLI E DE' COSTUMI

DELLA GERMANIA

I. Germania omnis a Gallis Rhaetisque et Pannoniis Rheno et Danubio fluminibus, a Sarmatis Dacisque mutuo metu aut montibus, separatur. Cetera Oceanus ambit, latos sinus et insularum inmensa spatia complectens, nuper cognitis quibusdam gentibus ac regibus, quos bellum aperuit. Rhenus, Rhaeticarum Alpium inaccesso ac praecipiti vertice ortus, modico flexu in Occidentem versus, septentrionali Oceano miscetur. Danubius, molli et clementer edito montis Abnobae iugo effusus, plures populos adit, donec in Ponticum mare sex meatibus erumpit: septimum enim os paludibus hauritur.

I. Dividono tutta la Germania da' Galli Reti e Pannoni, il Reno e 'l Danubio, fiumi: e da'Sarmati e Daci, le montagne o la paura reciproca. Circonda lo rimanente con larghi golfi l'oceano, ampie isole, genti e regni, scoperti dall'ultima guerra. Il Reno nasce nella ripida cima dell'Alpi Rezie: e, torcendo alquanto a ponente, entra nel settentrionale Oceano. Il Danubio cala dal non arduo giogo del monte Abnoba, e trova molti popoli: sino con sei bocche sgorga nel mar del Ponto: la settima inghiottiscon paludi.

II. Ipsos Germanos indigenas crediderim, minimeque aliarum gentium adventibus et hospitiis mixtos; quia nec terra olim, sed classibus, advehebantur, qui mutare sedes quaerebant: et inmensus ultra, utque sic dixerim, adversus Oceanus raris ab orbe nostro navibus aditur. Quis porro, praeter periculum horridi et ignoti maris, Asia aut Africa aut Italia relicta, Germaniam peteret, informem terris, asperam coelo, tristem cultu adspectuque, nisi si patria sit? Celebrant carminibus antiquis (quod unum apud illos memoriae et annalium genus est) Tuisconem deum, terra editum, et filium Mannum, originem gentis conditoresque. Manno tris filios adsignant, e quorum nominibus proximi Oceano Ingaevones, medii Hermiones, ceteri Istaevones vocentur. Quidam autem, licentia vetustatis, plures deo ortos pluresque gentis adpellationes, Marsos, Gambrivios, Suevos, Vandalios adfirmant: eaque vera et antiqua nomina. Ceterum Germaniae vocabulum recens et nuper additum; quoniam, qui primi Rhenum transgressi Gallos expulerint, ac nunc Tungri, tunc Germani vocati sint. Ita nationis nomen in nomen gentis evaluisse paullatim, ut omnes, primum a victore ob metum, mox a scipsis, invento nomine Germani vocarentur.

II. Credo, i Germani esser natii del paese, niente mescolati per arrivo, o raccetto, di forestieri; perchè li sciami, che mutavan paese, non andavan per terra giammai, ma in armate: e rade navi oggi flutano quel dismisurato, e, per così dire, a noi contrario oceano. E chi, posposto anche il pericolo dello spaventevole e non conosciuto mare, lascerebbe l'Asia, o l'Affrica, o l'Italia, per la Germania, paese brutto, di cruda aria, incolto, e spiacevole a vedere, se non a chi è patria? Cantano loro antichi versi (ne'quali solo scrivono le lor memorie): che lo iddio Tuiscone, nato della terra, e Manno suo figliuolo, produssero quella gente. Manno ebbe tre figliuoli, da' quali furon detti gl' Ingevoni in su 'l mare, e gli Erminoni vicini, Istivoni gli altri. Alcuni, per licenza d'antichità, fanno, quello iddio aver più figliuoli, e da quei nominarsi più genti, Marsi, Gambrivii, Suevi, Vandali: veri nomi, e antichi: Germania esser vocabol nuovo, e aggiunto; perchè i primi, che, passato il Reno, cacciarono i Galli, si dissero or Tungri, or Germani, dal vincitore, per la paura; poscia si trovaron quest'altro nome di Germani.

III. Fuisse apud eos et Herculem memorant,

III. Raccontano ancora che tra loro fu Ercole, il

primumque omnium virorum fortium ituri in proelia canunt. Sunt illis haec quoque carmina, quorum relatu, quem barritum vocant, accendunt animos, futuraeque pugnae fortunam ipso cantu augurantur. Terrent enim trepidantve, prout sonuit acies; nec tam vocis ille, quam virtutis, concentus videtur. Adfectatur praecipue asperitas soni et fractum murmur, obiectis ad os scutis, quo plenior et gravior vox repercussu intumescat. Ceterum et Ulixem quidam opinantur, longo illo et fabuloso errore in hunc Oceanum delatum, adisse Germaniae terras, Asciburgiumque, quod in ripa Rheni situm hodieque incolitur, ab illo constitutum nominatumque. Aram quin etiam Ulixi consecratam, adiecto Laërtae patris nomine, eodem loco olim repertam, monumentaque et tumulos quosdam, Graecis litteris inscriptos, in confinio Germaniae Rhaetiaeque adhuc exstare. Quae neque confirmare argumentis, neque refellere in animo est: ex ingenio suo quisque demat vel addat fidem.

più forte di tutti gli uomini. Entrano in battaglia cantando versi con tuono da essi detto *barrito*; secondo il quale gli animi accendono e sbigottiscono: e quindi augurano l' esito della battaglia; stimando quello non conserto di voci, ma di virtù; e studiano in far suono aspro, accostandosi alla bocca lo scudo; perchè la voce ripercossa sia più grossa e orrenda. Alcuni credono, che Ulisse, dopo quel suo lungo e favoloso scorrere, trasportato in questo oceano, venisse nelle terre di Germania. e piantasse in ripa di Reno, Asciburgo, da lui detto 'Ασκιπύργον: e già vi si trovasse un altare consagrato a Ulisse di Laerte: e sepolture con lettere Greche ancor vedervisi nei confini di Germania e Rezia. Io tali cose non affermo e non niego; ciascheduno ne giudichi a senno suo:

IV. Ipse eorum opinionibus accedo, qui Germaniae populos, nullius aliarum nationum connubiis infectos, propriam et sinceram et tantum sui similem gentem exstitisse arbitrantur. Unde habitus quoque corporum, quamquam in tanto hominum numero, idem omnibus: truces et coerulei oculi, rutilae comae, magna corpora et tantum ad inpetum valida. Laboris atque operum non eadem patientia: minimeque sitim aestumque tolerare, frigore atque inediam coelo solove adsueverunt.

IV. e me ne vo con quei che tengono: i Germani, per niuno matrimonio forestiero imbastarditi, aver mantenuta loro schiatta propria, sincera, a niuna altra nazione somigliante: però sono tutti, benchè in tanto numero, d'una stampa; occhi fieri, cilestri, pelo rosso, corpi grandi: atti a uno sforzo, non a lunghe fatiche, a lavori, a sete, a caldo assuefatti, a freddo e fame da quel cielo e da quella terra;

V. Terra, etsi aliquanto specie differt, in universum tamen aut silvis horrida, aut paludibus foeda: humidior, qua Gallias; ventosior, qua Noricum ac Pannoniam adspicit: satis ferax: frugiferarum arborum inpatiens: pecorum foecunda; sed plerumque inprocera. Ne armentis quidem suus honor aut gloria frontis: numero gaudent. Eaeque solae et gratissimae opes sunt. Argentum et aurum propitii an irati dii negaverint, dubito. Nec tamen adfirmaverim, nullam Germaniae venam argentum aurumve gignere. Quis enim scrutatus est? Possessione et usu haud perinde adficiuntur. Est videre apud illos argentea vasa, legatis et principibus eorum muneri data, non in alia vilitate, quam quae humo finguntur: quamquam proximi, ob usum commerciorum, aurum et argentum in pretio habent, formasque quasdam nostrae pecuniae agnoscunt atque eligunt: interiores simplicius et antiquius permutatione mercium utuntur. Pecuniam probant veterem et diu notam, serratos bigatosque. Argentum quoque magis quam aurum sequuntur, nulla adfectione animi, sed quia numerus argenteorum facilior usui est promiscua ac vilia mercantibus.

V. la quale, da pochi luoghi infuora, è tutta selve orride, o paludi: verso Gallia umida: verso Norico o Pannonia, ventosa: ove si semina, fertile: arbori da frutta non vi fanno: bestiame minuto assai è la ricchezza loro sola e grata. Argento e oro non hanno; se per ira, o grazia degl'iddii, non so. Non dico che non ve ne sia vena alcuna; perchè chi l'ha cercato? ma poco se ne curano, o l'usano. Adoperano i vasi d'argento donati a'loro ambasciadori o principi, alle medesime cose che quei di terra: sebbene i vicini a noi per lo traffico pregiano l'oro e l'argento: e conoscono e pigliano le monete nostre d' alcune stampe; ma fra terra s' usa il baratto delle merci semplici antico. Amano i coni vecchi lungamente noti, della sega e carretta: e più l'argento che l' oro; non perchè e' piaccia lor più, ma perchè a pagare le merci varie e vili, son più comodi gli argenti.

VI. Ne ferrum quidem superest, sicut ex genere telorum colligitur. Rari gladiis aut maioribus lan-

VI. Del ferro ancora non hanno dovizia; però usano poche spade o spiedi. Portano aste oggi

ceis utuntur: hastas, vel ipsorum vocabulo *frameas*, gerunt, angusto et brevi ferro, sed ita acri et ad usum habili, ut eodem telo, prout ratio poscit, vel cominus vel eminus pugnent. Et eques quidem scuto frameaque contentus est: pedites et missilia spargunt, plura singuli, atque in inmensum vibrant, nudi aut sagulo leves. Nulla cultus iactatio: scuta tantum lectissimis coloribus distinguunt: paucis loricae: vix uni alterive cassis aut galea. Equi non forma, non velocitate conspicui: sed nec variare gyros, in morem nostrum, docentur; in rectum aut uno flexu dextros agunt, ita coniuncto orbe, ut nemo posterior sit. In universum aestimanti, plus penes peditem roboris: eoque mixti proeliantur, apta et congruente ad equestrem pugnam velocitate peditum, quos ex omni iuventute delectos, ante aciem locant. Definitur et numerus: centeni ex singulis pagis sunt: idque ipsum inter suos vocantur: et quod primo numerus fuit, iam nomen et honor est. Acies per cuneos componitur. Cedere loco, dummodo rursus instes, consilii quam formidinis arbitrantur. Corpora suorum etiam in dubiis proeliis referunt. Scutum reliquisse, praecipuum flagitium: nec aut sacris adesse aut concilium inire ignominioso fas; multique superstites bellorum infamiam laqueo finierunt.

piccole con poco e stretto ferro, ma sì trafiggenti e destre; che con esse combattono presso e lontano, secondo il bisogno: a cavallo basta loro scudo e asta: a piedi tirano frecce, parecchi per uno, lontanissimo, ignudi o in farsetto. Non premono in ornamenti; li scudi soli vergano di color gai: pochi hanno corazza: uno o due, elmo o celata. Cavalli non belli, non corridori, nè di maneggio, come i nostri. Spronanli innanzi o a destra: vanno insieme sì stretti, che niuno rimane addietro. La forza lor principale è a piede; però combattono mescolati con atta proporzione cavalli e fanti, velocissimi, scelti di tutta la gioventù, messi innanzi alla battaglia, cento per cantone, tra loro nomati Cento; fatto nome di degnità quel che era di numero. Ordinansi a punte. Lasciare il luogo in battaglia, purchè vi si torni, stimano arte e non paura: portan via i corpi de'loro, anche mentre la vittoria è dubbia. Chi lascia lo scudo, è il più vituperato: a sagrificio, in consiglio, non può comparire; e molti se ne sono impiccati.

VII. Reges ex nobilitate, duces ex virtute sumunt. Nec regibus infinita aut libera potestas: et duces exemplo potius, quam imperio: si prompti, si conspicui, si ante aciem agant, admiratione praesunt. Ceterum neque animadvertere neque vincire, ne verberare quidem, nisi sacerdotibus, permissum: non quasi in poenam, nec ducis iussu, sed velut deo imperante, quem adesse bellantibus credunt. Effigiesque et signa quaedam, detracta lucis, in proelium ferunt. Quodque praecipuum fortitudinis incitamentum est, non casus nec fortuita conglobatio turmam aut cuneum facit, sed familiae et propinquitates. Et in proximo pignora, unde feminarum ululatus audiri, unde vagitus infantium. Hi cuique sanctissimi testes, hi maximi laudatores. Ad matres, ad coniuges vulnera ferunt: nec illae numerare aut exsugere plagas pavent. Cibosque et hortamina pugnantibus gestant.

VII. Fanno re i più nobili, capitani i più valenti: non hanno i re podestà infinita, nè libera: e i capitani governano più con l'esempio dell'esser pronti, andar innanzi, farsi vedere e ammirare; che con il comando. Non è lecito gastigare, legare, battere, salvo a'sacerdoti; non per pena, o imperio di capitano, ma quasi comandati da Dio, il quale credono stia sopra a'combattenti: e sue immagini da'boschi tratte portano in battaglia: e lo maggiore sprone a virtù si è, che non fanno lor punte o frotte a caso; ma ciascuna di proprie famiglie e parenti, coi cari pegni accanto; per udire le femmine stridere, e' figliolini piagnere: testimoni santissimi a ciascheduno e lodatori grandissimi. Porgono le ferite alle madri e mogli; nè quelle si spaventano di contarle e succiarle. Portano cibi a'combattenti e gli incoraggiano.

VIII. Memoriae proditur, quasdam acies inclinatas iam et labantes a feminis restitutas, constantia precum et obiectu pectorum, et monstrata cominus captivitate, quam longe inpatientius feminarum suarum nomine timent: adeo, ut efficacius obligentur animi civitatum, quibus inter obsides puellae quoque nobiles imperantur. Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant: nec aut consilia earum aspernantur, aut responsa neglegunt. Vidimus, sub divo Vespasiano Veledam diu apud plerosque numinis loco habitam. Sed et olim

VIII. Leggesi di alcune schiere già piegate e rimesse su da donne, co'preghi, co'petti, col mostrar che cosa sia l'andare schiavo, a essi molto più insopportabile, per amor delle donne loro: onde chi tra gli statichi dalle città patteggianti riceve fanciulle nobili, sta più sicuro; in esse credono esser qualche divinità e provvidenza: tengon conto di lor consigli e responsi. Vedemmo sotto Vespasiano Veleda tenuta iddea da molti: e Aurinia, e più altre, furon già venerate, non per adulazione, nè come iddee.

Auriniam et compluris alias venerati sunt, non adulatione, nec tamquam facerent deas.

IX. Deorum maxime Mercurium colunt, cui certis diebus humanis quoque hostiis litare fas habent. Herculem ac Martem concessis animalibus placant. Pars Suevorum et Isidi sacrificat. Unde caussa et origo peregrino sacro, parum comperi, nisi quod signum ipsum, in modum liburnae figuratum, docet, advectam religionem. Ceterum, nec cohibere parietibus deos, neque in ullam humani oris speciem adsimulare, ex magnitudine coelestium arbitrantur. Lucos ac nemora consecrant, deorumque nominibus adpellant secretum illud, quod sola reverentia vident.

X. Auspicia sortesque, ut qui maxime, observant. Sortium consuetudo simplex. Virgam, frugiferae arbori decisam, in surculos amputant, eosque, notis quibusdam discretos, super candidam vestem temere ac fortuito spargunt. Mox, si publice consuletur, sacerdos civitatis, sin privatim, ipse paterfamiliae, precatus deos coelumque suspiciens, ter singulos tollit, sublatos secundum impressam ante notam interpretatur. Si prohibuerunt, nulla de eadem re in eundem diem consultatio; sin permissum, auspiciorum adhuc fides exigitur. Et illud quidem etiam hic notum, avium voces volatusque interrogare: proprium gentis, equorum quoque praesagia ac monitus experiri. Publice aluntur iisdem nemoribus ac lucis candidi et nullo mortali opere contacti: quos pressos sacro curru sacerdos ac rex vel princeps civitatis comitantur, hinnitusque ac fremitus observant. Nec ulli auspicio maior fides, non solum apud plebem, sed apud proceres, apud sacerdotes. Se enim ministros deorum, illos conscios putant. Est et alia observatio auspiciorum, qua gravium bellorum eventus explorant. Eius gentis, cum qua bellum est, captivum, quoquo modo interceptum, cum electo popularium suorum, patriis quemque armis, committunt. Victoria huius vel illius pro praeiudicio accipitur.

XI. De minoribus rebus principes consultant; de maioribus omnes: ita tamen, ut ea quoque, quorum penes plebem arbitrium est, apud principes pertractentur. Coeunt, nisi quid fortuitum et subitum inciderit, certis diebus, cum aut inchoatur luna, aut inpletur: nam agendis rebus hoc auspicatissimum initium credunt. Nec dierum numerum, ut nos, sed noctium, computant. Sic constituunt, sic condicunt. Nox ducere diem videtur. Illud ex libertate vitium, quod non simul nec ut iussi conveniunt, sed et alter et tertius dies cunctatione coeuntium absumitur. Ut turba placuit, considunt armati. Silentium per sacerdotes, quibus tum et coercendi ius est, imperatur. Mox rex vel

IX. Adorano sovra gli altri iddii Mercurio, a cui hanno per bene in certi giorni sacrificare uomini. Con animali conceduti placano Ercole e Marte: parte de' Svevi sacrificano anche a Iside. Non ho trovato onde, e perchè, prendessero questa religione portatavi di fuori; come mostra la nave che tengono per figura. Rinchiudere dentro a mura gl'iddii, o figurarli uomini, par loro discordarsi dalle grandezze celesti. Sagrano boschetti, foreste; ove appellano per nomi divini quella incomprensibilità che adorano.

X. Ubbie, e sorti, osservano più che altri uomini. Le sorti gittano grossolanamente: tagliano una vermena di fruttifero arbore in pezzuoli, fannoci lor caratteri, spargongli a caso sopra una veste bianca. Cercandosi cosa publica, un sacerdote della città: se di privata, il padre della famiglia, fatta orazione alli iddii, e gli occhi alzati al cielo; tira in alto que' pezzuoli tre volte ciascuno: e giudica secondo che vengono i caratteri. Se la cosa non si dee fare; quel giorno più non se ne cerca: se maisì; ci vuole la conferma degli auguri: sapendo, come noi, le voci e voli delli uccelli interpretare. Il proprio di questa gente è pigliare indovinamento e consiglio da certi cavalli bianchi nutriti dal publico in sagri boschi o selve, non usati a servigio mortale: un sacerdote gli attacca a un carro sagrato: il re, o principe della città, gli va dietro, e osservano gli annitriri e gli sbuffari; e a questi hanno più fede, che ad altro indovinamento, non solamente il popolo, ma i nobili e i sacerdoti: questi si credono avere dalli iddii il ministerio, quelli il segreto. Un altro modo hanno d'antivedere chi vincerà le gran guerre: mettono a combattere un prigione, in qualunque modo fatto, de' nimici, col più valente di loro con l'arme di sua patria; ciascuno che vince, mostra che vinceranno i suoi.

XI. Le cose importanti deliberano tutti: le piccole il principale; intervenendo ancora a quelle che toccano alla plebe. Ragunansi, se straordinario non v'è, a luna nuova o piena; credendoli giorni felicissimi a ogni negozio principiare. Non dicono, a' tanti dì, come noi; ma, alle tante notti; così soscrivono, così citano; parendo loro che la notte sia guida del dì. L'esser liberi cagiona questo disordine, che non tutti insieme all' ora ordinata; consumano a ragunarsi due o tre dì. Quando vi son tutti, seggono armati: i sacerdoti, che hanno balìa di correggerli, impongon silenzio: il re, o principale, secondo sua età, nobiltà, splendor di milizia o facondia, aringa: e può più persuadere, che co-

princeps, prout aetas cuique, prout nobilitas, prout decus bellorum, prout facundia est, audiuntur, auctoritate suadendi magis, quam iubendi potestate. Si displicuit sententia, fremitu aspernantur; sin placuit, frameas concutiunt. Honoratissimum adsensus genus est, armis laudare.

XII. Licet apud concilium adcusare quoque et discrimen capitis intendere. Distinctio poenarum ex delicto. Proditores et transfugas arboribus suspendunt: ignavos et inbelles et corpore infames coeno ac palude, iniecta insuper crate, mergunt. Diversitas supplicii illuc respicit, tamquam scelera ostendi oporteat, dum puniuntur, flagitia abscondi. Sed et levioribus delictis pro modo poena. Equorum pecorumque numero convicti multantur. Pars multae regi vel civitati, pars ipsi, qui vindicatur, vel propinquis eius exsolvitur. Eliguntur in iisdem conciliis et principes, qui iura per pagos vicosque reddunt. Centeni singulis ex plebe comites, consilium simul et auctoritas, adsunt.

XIII. Nihil autem neque publicae neque privatae rei, nisi armati, agunt. Sed arma sumere non ante cuiquam moris, quam civitas suffecturum probaverit. Tum in ipso concilio vel principum aliquis, vel pater, vel propinquus, scuto frameaque iuvenem ornant. Haec apud illos toga, hic primus iuventae honos: ante hoc domus pars videntur, mox reipublicae. Insignis nobilitas, aut magna patrum merita, principis dignationem etiam adolescentulis adsignant: ceteri robustioribus ac iam pridem probatis adgregantur. Nec rubor, inter comites adspici. Gradus quin etiam et ipse comitatus habet, iudicio eius, quem sectantur: magnaque et comitum aemulatio, quibus primus apud principem suum locus: et principum, cui plurimi et acerrimi comites. Haec dignitas, hae vires; magno semper electorum iuvenum globo circumdari, in pace decus, in bello praesidium. Nec solum in sua gente cuique, sed apud finitimas quoque civitates id nomen, ea gloria est, si numero ac virtute comitatus emineat. Expetuntur enim legationibus, et muneribus ornantur, et ipsa plerumque fama bella profligant.

XIV. Cum ventum in aciem, turpe principi, virtute vinci, turpe comitatui, virtutem principis non adaequare. Iam vero infame in omnem vitam ac probrosum, superstitem principi suo ex acie recessisse. Illum defendere, tueri, sua quoque fortia facta gloriae eius adsignare, praecipuum sacramentum est. Principes pro victoria pugnant; comites pro principe. Si civitas, in qua orti sunt, longa pace et otio torpeat, plerique nobilium adolescentium petunt ultro eas nationes, quae tum bellum aliquod gerunt, quia et ingrata genti quies, et facilius inter ancipitia clarescunt, magnumque co-

mandare. Se il detto non piace; sbuffano: se piace; percuotonsi l'aste: modo orrevolissimo è con l'armi lodare.

XII. Puossi anche in consiglio accusare, e di cose capitali. Le pene sono secondo i peccati: i traditori e fuggitivi, impiccano ad arbori: poltroni, vili e del corpo nefandi, affogano nella mota o paludi, gettandovi sopra graticci; perchè dicono: le sceleratezze dover vedersi punire: i fetori nascondersi: le peccata minori puniscono in tanti cavalli, o bestiami; vanno mezzi al comune e mezzi al danneggiato o a'suoi. In questi consigli eleggono persone principali a render ragione per li villaggi e contadini, ciascheduno con cento della plebe, per loro aiuto e consiglio.

XIII. Nè publica, nè privata cosa fanno, se non armati: arme non piglia, se non chi è approvato dalla città. Allora nello stesso consiglio, uno dei grandi, o il padre o parente, adorna il giovane di scudo e d'asta, che sono lor toga e primo civile onore; prima è stato membro della sua casa, allora è della republica. Gran nobiltà o meriti de'maggiori fanno esser de'grandi ancora i giovanetti: i quali co'più robusti, e molto prima approvati, accontansi: nè si vergognano d'esser veduti far codazzo a un altro, e più o meno addietro, come vuole il principale: e dell'andargli più appresso gareggiano: ed ei d'averne più e più valorosi che tutti gli altri; e spargasene il nome non pure nella nazione, ma nell'altre città. Questa è la gloria, questa è la fortezza; ornamento nella pace e sicurezza nella guerra. Questi sono per le ambascerie desiderati, di presenti onorati: e spesso le guerre stesse scacciano con la fama.

XIV. In battaglia è vergogna al principale esser vinto di virtù; a'compagni, non pareggiarlo. Chi di battaglia esce vivo, dove il principal suo sia morto; è in tutta sua vita vituperoso e infame. Lui difendere, guardare, a lui prodezze attribuire; giurano principalmente. Combattono essi principali per la vittoria: i compagni per lo principale. Se la città marcisce in ozio per lunga pace; i giovanetti nobili chieggono d'andare ove è guerra. Gente che non ama riposo, ne'pericoli si fa più conoscere: e gran compagnia, senza forza e guerra, non si mantiene; perchè il principale dona a chi cavallo da

mitatum nonnisi vi belloque tueare. Exigunt enim principis sui liberalitate illum bellatorem equum, illam cruentam victricemque frameam. Nam epulae et, quamquam incompti, largi tamen adparatus pro stipendio cedunt. Materia munificentiae per bella et raptus. Nec arare terram aut exspectare annum, tam facile persuaseris, quam vocare hostes et vulnera mereri. Pigrum quinimmo et iners videtur, sudore adquirere, quod possis sanguine parare.

XV. Quotiens bella non ineunt, multum venatibus, plus per otium transigunt, dediti somno ciboque. Fortissimus quisque ac bellicosissimus nihil agens, delegatâ domus et Penatium et agrorum curâ feminis senibusque et infirmissimo cuique ex familia: ipsi hebent: mira diversitate naturae, cum iidem homines sic ament inertiam et oderint quietem. Mos est civitatibus, ultro ac viritim conferre principibus vel armentorum vel frugum, quod, pro honore acceptum, etiam necessitatibus subvenit. Gaudent praecipue finitimarum gentium donis, quae non modo a singulis, sed publice mittuntur: electi equi, magna arma, phalerae torquesque. Iam et pecuniam accipere docuimus.

XVI. Nullas Germanorum populis urbes habitari, satis notum est: ne pati quidem inter se iunctas sedes. Colunt discreti ac diversi, ut fons, ut campus, ut nemus placuit. Vicos locant, non in nostrum morem connexis et cohaerentibus aedificiis: suam quisque domum spatio circumdat, sive adversus casus ignis remedium, sive inscitia aedificandi. Ne caementorum quidem apud illos aut tegularum usus: materia ad omnia utuntur informi et citra speciem aut delectationem. Quaedam loca diligentius inlinunt terra, ita pura ac splendente, ut picturam ac lineamenta colorum imitetur. Solent et subterraneos specus aperire, eosque multo insuper fimo onerant, suffugium hiemi et receptaculum frugibus: quia rigorem frigorum eiusmodi locis molliunt: et, si quando hostis advenit, aperta populatur, abdita autem et defossa aut ignorantur, aut eo ipso fallunt, quod quaerenda sunt.

XVII. Tegumen omnibus sagum, fibula, aut, si desit, spina consertum: cetera intecti totos dies iuxta focum atque ignem agunt. Locupletissimi veste distinguuntur, non fluitante, sicut Sarmatae ac Parthi, sed stricta et singulos artus exprimente. Gerunt et ferarum pelles, proximi ripae negligenter, ulteriores exquisitius, ut quibus nullus per commercia cultus. Eligunt feras et detracta velamina spargunt maculis pellibusque belluarum, quas exterior Oceanus atque ignotum mare gignit. Nec alius feminis quam viris habitus, nisi quod feminae saepius lineis amictibus velantur, eosque purpura variant, partemque vestitus superioris in manicas non extendunt, nudae brachia et lacertos.

guerra, a chi asta tinta di sangue vinto: e in vece di soldo, gran tavola, se bene alla grossa; e questa liberalità esce dalle guerre e prede. Non li faresti arar la terra per aspettare un anno; più tosto sfidare i nimici e procacciarsi ferite: anzi par cosa pigra e vile, l'acquistar col sudore quel che si puote col sangue.

XV. Quando non sono alla guerra, attendono qualche poco alla caccia: ma il più del tempo si stanno a mangiare e poltrire; lasciando la casa e facoltà governare alle donne, a' vecchi, a'più deboli, essi, fortissimi battaglieri: maravigliosa contrarietà di nature, tanto amare l'ozio e odiar la quiete i medesimi uomini! A questi principali, per loro onore e bisogno, i particolari delle città proprie danno spontaneamente la decima delli armenti e ricolte. I particolari e il publico delle genti vicine presentano (di che fanno estrema allegrezza) nobili cavalli, loro addobbi, magnifiche armi e collane: e noi abbiamo loro insegnato pigliare danari.

XVI. Assai noto è che i Germani non abitano in città: nè pur vogliono case a muro comune. Una qui, una qua, presso a quel fonte, in quel campo, in quel bosco, secondo aggrada. Fanno lor villaggi non al modo nostro con le case congiunte; ma ciascuna ha sua piazzuola intorno per sicurezza del fuoco, o per non sapere edificare: non hanno mattoni, nè tegoli, non legnami piallati, o intagliati per bellezza, o diletto. Impiastrano alcun luogo di terra sì affinata, che lustra, e par dipinto a colori. Fanno stanze sotterra coperte sopra di molto letame: ove si riparano dal gran freddo, e ripongono le biade; e, venendo i nimici, saccheggiano i luoghi aperti: e queste, o non le trovano, o rimangon colti per averne a cercare.

XVII. Vanno tutti in saio con fibbie: o, mancandone, appuntano con spine; il resto ignudi: e stanno intorno al focolare tutto dì a scaldarsi. I molto ricchi si conoscono al vestire, non di roba larga, che sventoli, come i Sarmati e Parti; ma assettata, che mostra ogni membro. Portano anche pelli di fiere: i vicini al Reno poco le curano, 'i lontani le cercano; perchè non hanno traffico, nè cose forestiere. Scelgono le pelli delle lor bestie, e vannole screziando d'altre pelli di fiere dell'oceano là oltre, da noi non conosciuto. Vestono come gli uomini le donne; se non che queste portano veli di lino vergati di rosso, non fanno maniche: e ignude mostrano le braccia insino alle spalle,

XVIII. Sed et proxima pars pectoris patet: quamquam severa illic matrimonia: nec ullam morum partem magis laudaveris. Nam prope soli barbarorum singulis uxoribus contenti sunt, exceptis admodum paucis, qui non libidine, sed ob nobilitatem, plurimis nuptiis ambiuntur. Dotem non uxor marito, sed uxori maritus, offert. Intersunt parentes et propinqui, ac munera probant, munera non ad delicias muliebres quaesita, nec quibus nova nupta comatur, sed boves et frenatum equum et scutum cum framea gladioque. In haec munera uxor accipitur, atque invicem ipsa armorum aliquid viro offert. Hoc maximum vinculum, haec arcana sacra, hos coniugales deos arbitrantur. Ne se mulier extra virtutum cogitationes extraque bellorum casus putet, ipsis incipientis matrimonii auspiciis admonetur, venire se laborum periculorumque sociam, idem in pace, idem in proelio passuram ausuramque. Hoc iuncti boves, hoc paratus equus, hoc data arma denuntiant. Sic vivendum, sic pereundum: accipere se, quae liberis inviolata ac digna reddat, quae nurus accipiant, rursusque ad nepotes referant.

XVIII. nonchè la parte vicina del petto, quantunque sieno colà severi i matrimonii: nè vi loderesti tanto d' altro costume: perchè soli questi barbari si contentano d'una moglie; se non qualche nobilissimo, che, non per libidine, ma per esser bramato da molte. Non dà la dote la moglie al marito, ma il marito a lei in tante dimora a piacimento de' padri, o parenti; non ornamenti, non borie: un paio di buoi, un cavallo imbrigliato, scudo, picca e spada. In queste la riceve il marito; così ella porta a lui qualche arme. Questi credono essere i legami, i sacramenti, gl' iddii delle nozze. E perchè ella non si creda non avere a pensare a virtù, nè a casi di guerra; la prima sera è ammonita: che ella entra compagna alle fatiche, a'pericoli: in casa e in battaglia, il medesimo dover patire e ardire. Ciò significare lo palafreno guernito, i buoi aggiogati, le armi donate: seco dover vivere: seco morire: e le cose che ella trova, salvare a'suoi figliuoli intere, e degne d'esser rendute alle nuore e nipoti.

XIX. Ergo septae pudicitia agunt, nullis spectaculorum inlecebris, nullis conviviorum inritationibus conruptae. Litterarum secreta viri pariter ac feminae ignorant. Paucissima in tam numerosa gente adulteria; quorum poena praesens, et maritis permissa. Accisis crinibus, nudatam, coram propinquis, expellit domo maritus, ac per omnem vicum verbere agit. Publicatae enim pudicitiae nulla venia. Non forma, non aetate, non opibus maritum invenerit: nemo enim illic vitia ridet: nec, conrumpere et conrumpi, saeculum vocatur. Melius quidem adhuc eae civitates, in quibus tantum virgines nubunt, et cum spe votoque uxoris semel transigitur. Sic unum accipiunt maritum, quomodo unum corpus unamque vitam, ne ulla cogitatio ultra, ne longior cupiditas, ne tamquam maritum, sed tamquam matrimonium, ament. Numerum liberorum finire, aut quemquam ex agnatis necare, flagitium habetur. Plusque ibi boni mores valent, quam alibi bonae leges.

XIX. Vivono adunque ben guardate e pudiche; non a spettacoli, non a conviti invitate o corrotte. Nè donne, nè uomini hanno squisitezza di lettere. Seguono in tante genti pochissimi adulterii. La pena è conceduta subito al marito. Tagliale i capelli: tralla di casa ignuda in presenza de'parenti, e scopala per ogni villaggio. Nè anche a fanciulla si perdona, rotto onestade: per beltà, età, ricchezza non troverebbe marito: perchè là non si ride de'vizi: e non si dice: *Il temporale il dà.* Ancor meglio fanno quelle cittadi, ove non si marita che vergini. Così la moglie una sola speranza e amore pone a un solo marito; che diviene suo corpo e anima: e sicuro che altri ella non brami, e lui ami come suo non marito, ma maritaggio. Por limite al numero dei figliuoli, o nati ucciderli, è tenuto sceleratezza. E quivi vagliono i costumi buoni più che altrove le buone leggi.

XX. In omni domo nudi ac sordidi, in hos artus, in haec corpora, quae miramur, excrescunt. Sua quemque mater uberibus alit, nec ancillis ac nutricibus delegantur. Dominum ac servum nullis educationis deliciis dignoscas: inter eadem pecora, in eadem humo degunt, donec aetas separet ingenuos, virtus agnoscat. Sera iuvenum Venus; eoque inexhausta pubertas. Nec virgines festinantur; eadem iuventa, similis proceritas. Pares validaeque miscentur, ac robora parentum liberi referunt. Sororum filiis idem apud avunculum, qui apud patrem, honor. Quidam sanctiorem arctiorem-

XX. In ogni casa ignudi e sporchi, crescono in questi, a noi maravigliosi, corpi e membra. Ogni madre de'suoi figliuoli è balia. Allievansi tra 'l medesimo bestiame in su la medesima terra i padroni che i servi. L'età gli fa separare, e la virtù conoscere. Tardi cominciano i giovani a generare e però non isfruttano lor pubertà: le femmine altresì mantengono giovanezza e crescono di persona, quanto i maschi: appaiansi robusti e fatticci e tali vengono i figliuoli: Stimano i nipoti di sorella non meno che si facciano gli stessi padri. Anzi questa congiunzione di sangue pare ad alcuni più certa e

que hunc nexum sanguinis arbitrantur, et in accipiendis obsidibus magis exigunt; tamquam ii et animum firmius, et domum latius, teneant. Heredes tamen successoresque sui cuique liberi: et nullum testamentum. Si liberi non sunt, proximus gradus in possessionem fratres, patrui, avunculi. Quanto plus propinquorum, quo maior adfinium numerus, tanto gratiosior senectus; nec ulla orbitatis pretia.

santa: e son presi per ostaggi più volentieri; perchè stringono più gli animi e obbligano più famiglie. Redano e succedono nondimeno a ciascuno i propri figliuoli, i più prossimi, ciò sono fratelli, zii paterni e materni. Quanti più parenti e congiunti ha il vecchio, tanto più è grato; e chi non ha, è tenuto a vile.

XXI. Suscipere tam inimicitias seu patris seu propinqui, quam amicitias, necesse est. Nec inplacabiles durant: luitur enim etiam homicidium certo armentorum ac pecorum numero, recipitque satisfactionem universa domus: utiliter in publicum; quia periculosiores sunt inimicitiae iuxta libertatem. Convictibus et hospitiis non alia gens effusius indulget. Quemcumque mortalium arcere tecto, nefas habetur. Pro fortuna quisque adparatis epulis excipit: cum defecere, qui modo hospes fuerat, monstrator hospitii et comes, proximam domum non invitati adeunt. Nec interest: pari humanitate accipiuntur. Notum ignotumque, quantum ad ius hospitii, nemo discernit. Abeunti, si quid poposcerit, concedere moris: et poscendi invicem eadem facilitas. Gaudent muneribus: sed nec data inputant, nec acceptis obligantur. Victus inter hospites comis.

XXI. Bisogna pigliare così le inimicizie, come l'amicizie del padre e del parente: e non durano eterne: un omicidio si rappattuma con tanto numero d'armento o gregge: e tutta la casata se ne contenta, con grande util publico; essendo le nimicizie nelli Stati liberi troppo pericolose. Non è gente tanto vaga di mangiare insieme e ricevere forestieri. Tengono cosa brutta chi negasse a qualsisia l'alloggiar seco: gli dà, secondo il potere, di quel che v'è. Quando non ve n'è più, lo mena senza invito a casa un altro, che gli tratta ambidue con pari umanità, conoscansi o no; che al debito verso al forestiere ciò non importa. Se nel partire chieggono alcuna cosa; s'usa darla: e con pari sicurtà chiedersi l'uno all'altro. Cari hanno i presenti: ma non vogliono per questi restare obligati, nè obligare. Mangiano co'forestieri festevolmente.

XXII. Statim e somno, quem plerumque in diem extrahunt, lavantur, saepius calida, ut apud quos plurimum hiems occupat. Lauti cibum capiunt: separatae singulis sedes, et sua cuique mensa. Tum ad negotia, nec minus saepe ad convivia, procedunt armati. Diem noctemque continuare potando, nulli probrum. Crebrae, ut inter vinolentos, rixae, raro conviciis, saepius caede et vulneribus transiguntur. Sed et de reconciliandis invicem inimicis et iungendis adfinitatibus et adsciscendis principibus, de pace denique ac bello, plerumque in conviviis consultant: tamquam nullo magis tempore aut ad simplices cogitationes pateat animus, aut ad magnas incalescat. Gens non astuta, nec callida, aperit adhuc secreta pectoris licentia ioci. Ergo detecta et nuda omnium mens postera die retractatur, et salva utriusque temporis ratio est. Deliberant, dum fingere nesciunt: constituunt, dum errare non possunt.

XXII. Levansi da dormire molto tardi, e lavansi con acqua per lo più calda; essendovi quasi sempre verno: e vanno a mangiare ciascuno in sua seggiola e deschetto, e spesso armati: poi alle faccende. Consumare il dì e la notte beendo, non è biasimo: ubriacansi e dannosi non cattive parole, ma ferite e morti. Del fare paci private, parentadi, lor principi, e della pace, e della guerra, consultano a tavola; come quivi più che mai l'animo apra i concetti piccoli e si riscaldi a'grandi. Astuti non sono, nè scaltriti; hanno ancor oggi in su la lingua quello che nel cuore; perchè il luogo è libero: l'altro giorno, vista la mente di tutti, ne ritrattano a digiuno; avuta considerazione all'un tempo e all'altro. Consultano, quando non sanno fingere: risolvono, quando non possono errare.

XXIII. Potui humor ex hordeo aut frumento, in quandam similitudinem vini corruptus. Proximi ripae et vinum mercantur. Cibi simplices: agrestia poma, recens fera, aut lac concretum. Sine adparatu, sine blandimentis expellunt famem. Adversus sitim non eadem temperantia. Si indulseris ebrietati, suggerendo quantum concupiscunt, haud minus facile vitiis, quam armis, vincentur.

XXIII. Fanno bevanda d'orzo, o di grano, a similitudine di vino; e del vino comprano i vicini al Reno. Mangiano cose naturali, pomi salvatichi, cacciagione fresca, o latte rappreso. Senza apparecchi, senza condimenti, si sfamano. Nella sete sono meno temperanti; lasciandosi imbriacare e tracannare quanto vogliono; si vinceranno col vino più che con l'armi.

XXIV. Genus spectaculorum unum atque in omni coetu idem. Nudi iuvenes, quibus id ludicrum est, inter gladios se atque infestas frameas saltu iaciunt. Exercitatio artem paravit, ars decorem: non in quaestum tamen, aut mercedem. Quamvis audacis lasciviae pretium est, voluptas spectantium. Alcam (quod mirere) sobrii inter seria exercent, tanta lucrandi perdendive temeritate, ut, cum omnia defecerunt, extremo ac novissimo iactu de libertate et de corpore contendant. Victus voluntariam servitutem adit. Quamvis iuvenior, quamvis robustior, adligare se ac venire patitur. Ea est in re prava pervicacia: ipsi fidem vocant. Servos conditionis huius per commercia tradunt, ut se quoque pudore victoriae exsolvant.

XXV. Ceteris servis, non in nostrum morem, descriptis per familiam ministeriis, utuntur. Suam quisque sedem, suos Penates regit. Frumenti modum dominus, aut pecoris aut vestis, ut colono, iniungit: et servus hactenus paret. Cetera domus officia uxor ac liberi exsequuntur. Verberare servum ac vinculis et opere coercere, rarum. Occidere solent, non disciplina et severitate, sed inpetu et ira, ut inimicum, nisi quod inpune. Liberti non multum supra servos sunt; raro aliquod momentum in domo, numquam in civitate, exceptis dumtaxat iis gentibus, quae regnantur. Ibi enim et super ingenuos et super nobiles ascendunt: apud ceteros inpares libertini libertatis argumentum sunt.

XXVI. Fenus agitare et in usuras extendere, ignotum: ideoque magis servatur, quam si vetitum esset. Agri, pro numero cultorum, ab universis in vices occupantur, quos mox inter se secundum dignationem, partiuntur. Facilitatem partiendi camporum spatia praestant. Arva per annos mutant: et superest ager. Nec enim cum ubertate et amplitudine soli labore contendunt, ut pomaria conserant et prata separent et hortos rigent: sola terrae seges imperatur. Unde annum quoque ipsum non in totidem digerunt species: hiems et ver et aestas intellectum ac vocabula habent: autumni perinde nomen ac bona ignorantur.

XXVII. Funerum nulla ambitio. Id solum observatur, ut corpora clarorum virorum certis lignis crementur. Struem rogi nec vestibus nec odoribus cumulant. Sua cuique arma, quorundam igni et equus adiicitur. Sepulcrum cespes erigit. Monumentorum arduum et operosum honorem, ut gravem defunctis, aspernantur. Lamenta ac lacrimas cito, dolorem et tristitiam tarde ponunt. Feminis lugere honestum est; viris meminisse. Haec in commune de omnium Germanorum origine ac moribus accepimus: nunc singularum gentium instituta ritusque, quatenus differant, quae nationes e Germania in Gallias commigraverint, expediam.

XXIV. Un solo spettacolo fanno, e tutti il medesimo. Tra molto menar di picche e spade, si lanciano e saltano giovani ignudi, in cui ha fatto l'esercizio maestria: e questa è la bellezza: il premio di tanta arditezza è il piacere delli spettatori. Ti maraviglieresti come sobrii trattino il giuoco per cosa grave: o perdano, o vincano, si pungono sì rottamente, che quando n'è ito ogni resto, mettono per ultima posta la libertà: e chi la perde, s'arreca a essere schiavo, e lasciasi, benchè più giovane e robusto, legare e vendere: e tanta bestialità (essi dicon fede) osservano in cosa malvagia. Vendono sì fatti schiavi, per levarsi dinanzi la vincita vergognosa.

XXV. Gli altri schiavi non servono, come i nostri, alle bisogne della famiglia; ciascuno tiene casa da sè: il padrone si fa dare, come a lavoratore, tanto grano, carne e panno: quello schiavo non è tenuto ad altro: i servigi di casa fanno la moglie e'figliuoli. Bastonano, incatenano, angariano i servi di rado. Uccidongli, non per gastigo e severità; ma per furore e ira, come un nimico: ma non gne ne va nulla. I liberti son poco meglio che schiavi: rade volte hanno grado alcuno in casa; nella città non mai, se non sotto principe; perchè quivi essi cavalcano i cittadini ben nobili: ma dove i liberti son da meno che i nobili, è segnale che vi è libertà.

XXVI. Non conoscono interessi, nè usure; che è più, che averle vietate. Ogni villaggio piglia scambievolmente tanti terreni, quanti possono i suoi coltivare, spartendoli secondo qualità. La campagna grande agevola lo spartire: semina ogni anno maggese nuovo, e loro soverchia terreno; perchè non gareggia la fatica loro con la fertilità e ampiezza de'campi, con il piantarvi anche pomieri, chiuder prati e giardini annaffiare; frumenti soli vogliono dalla terra; però lo stesso anno loro vuol meno stagioni; verno, primavera e state vi sono nomate e intese: d'autunno, nè nome, nè frutto vi ha.

XXVII. In esequie niuna premura: solamente con certa spezie di legne ardono i corpi de'segnalati. Nè vesti, nè odori, gittano in su la catasta: le sue armi, e a qualcuno il cavallo. Il sepolcro fanno di cespugli. Le gravi arche e memorie di grande opera e dura, fuggono, quasi infrangano i defunti. Lasciano tosto i piagnistéi, e tardi il dolore e la maninconia. Alle donne è onesto piagnere i defunti: agli uomini ricordarsene. Queste cose abbiamo inteso dell'origine e costumi di tutti i Germani in generale; ora dirò lor leghe e costumi differenziati: e quai Germani passarono in Gallia.

XXVIII. Validiores olim Gallorum res fuisse, summus auctorum d. Iulius tradit: eoque credibile est, etiam Gallos in Germaniam transgressos. Quantulum enim amnis obstabat, quo minus, ut quaeque gens evaluerat, occupare permutaretque sedes, promiscuas adhuc et nulla regnorum potentia divisas? Igitur inter Hercyniam silvam Rhenumque et Moenum amnes Helvetii, ulteriora Boii, Gallica utraque gens tenuere. Manet adhuc *Boihemi* nomen, significatque loci veterem memoriam, quamvis mutatis cultoribus. Sed utrum Aravisci in Pannoniam ab Osis, Germanorum natione, an Osi ab Araviscis in Germaniam commigraverint, cum eodem adhuc sermone, institutis, moribus utantur, incertum est: quia, pari olim inopia ac libertate, eadem utriusque ripae bona malaque erant. Treveri et Nervii circa adfectationem Germanicae originis ultro ambitiosi sunt, tamquam, per hanc gloriam sanguinis, a similitudine et inertia Gallorum separentur. Ipsam Rheni ripam haud dubie Germanorum populi colunt, Vangiones, Triboci, Nemetes. Ne Ubii quidem, quamquam Romana colonia esse meruerint ac libentius *Agrippinenses*, conditoris sui nomine, vocentur, origine erubescunt, transgressi olim et experimento fidei super ipsum Rheni ripam conlocati, ut arcerent, non ut custodirentur.

XXVIII. Dice il divino Giulio, sommo delli autori: che i Galli furon già molto possenti; onde ancora è da credere che passassero in Germania. E quanto poco fiume impediva li più forti occupare e cangiare sedia ancor comuue e tra niune potenze divisa? Tennero adunque il didentro alla Ercinia, ed a'fiumi Reno e Meno, gli Elvezi: e il difuori i Boii: gente Gallica ambi. Il nome di *Boiemi* vi mantiene ancora l'antica memoria; se ben mutati gli abitatori. Ma se gli Aravisci passarono dagli Osi nazion Germana in Pannonia, o gli Osi dagli Aravisci in Germania, è incerto; tenendo ancora la medesima favella, leggi e costumi; perchè già vivevano l'una e l'altra riva con la medesima povertà, libertà, beni e mali. I Treviri e Nervii, molto si pregiano d'esser originali di Germania: e per questo glorioso sangue non somigliare i Galli di corpo, nè di fiacchezza. La riva del Reno abitano senza dubbio Germani popoli, Vangioni, Triboci, Nemeti, Ubii: e questi se bene hanno meritato d'essere colonia Romana, e più volentieri si chiamano da chi la fondò, *Agrippinesi;* non per ciò arrossano di loro origine. Già passarono di qua dal Reno, e trovati fedeli, furon posti in su la riva; per lo passo chiudere e non aprire.

XXIX. Omnium harum gentium virtute praecipui Batavi, non multum ex ripa, sed insulam Rheni amnis, colunt, Cattorum quondam populus, et seditione domestica in eas sedes transgressus, in quibus pars Romani imperii fierent. Manet honos et antiquae societatis insigne: nam nec tributis contemnuntur, nec publicanus adterit. Exempti oneribus et conlationibus, et tantum in usum proeliorum sepositi, velut tela atque arma, bellis reservantur. Est in eodem obsequio et Mattiacorum gens. Protulit enim magnitudo populi Romani ultra Rhenum ultraque veteres terminos imperii reverentiam. Ita sede finibusque in sua ripa, mente animoque nobiscum agunt, cetera similes Batavis, nisi quod ipso adhuc terrae suae solo et coelo acrius animantur. Non numeraverim inter Germaniae populos, quamquam trans Rhenum Danubiumque consederint, eos, qui decumates agros exercent. Levissimus quisque Gallorum, et inopia audax, dubiae possessionis solum occupavere. Mox limite acto, promotisque praesidiis, sinus imperii et pars provinciae habentur.

XXIX. I Batavi tutte queste genti avanzano in virtù: abitano l'isola vicini alla ripa del Reno: erano Catti e per le discordie di casa ritiratisi quivi, divennero parte del nostro imperio, e si mantengono tale onore co'bei privilegi antichi: da'balzelli e accatti, non è loro cavato il sangue e gli occhi dalli esattori. Sono esenti da decime e prestazioni: serbansi solamente a'bisogni della guerra, quasi cappate armi. Nel medesimo grado sono i Mattiaci; essendosi fatta la grandezza del popol Romano oltre al Reno e alli antichi termini dell' imperio riverire: così vivono con la stanza e confini nella lor riva; ma con la mente e cuore con esso noi, in tutto simili a'Batavi: se non che quella terra e quell'aria, li ci fa ancor più devoti. Tra i Germani non conto, se ben posti oltre al Reno e Danubio, quei che lavorano i terreni addecimati. Infiniti Galli cacciati dalla fame presero quel paese senza certo padrone: allargati e afforzati, li teniamo per un ricetto e parte di provincia dell'imperio.

XXX. Ultra hos Catti initium sedis ab Hercynio saltu inchoant, non ita effusis ac palustribus locis, ut ceterae civitates, in quas Germania patescit: durant siquidem colles, paullatimque rarescunt: et Cattos suos saltus Hercynios prosequitur simul atque deponit. Duriora genti corpora stricti

XXX. Di là da questi con la selva Ercinia cominciano, e con lei finiscono i Catti: non sì piano paese e paludoso, come l'altra Germania; essendovi colline, che continuate alquanto diradano. Hanno i corpi più duri: membra raccolte: viso bizzarro: e più, vigor d'animo: buon discorso,

artus, minax vultus, et maior animi vigor. Multum (ut inter Germanos) rationis ac sollertiae: praeponere electos, audire praepositos, nosse ordines, intelligere occasiones, differre impetus, disponere diem, vallare noctem, fortunam inter dubia, virtutem inter certa numerare: quodque rarissimum, nec nisi Romanae disciplinae concessum plus reponere in duce, quam in exercitu. Omne robur in pedite, quem, super arma, ferramentis quoque et copiis onerant. Alios ad proelium ire videas, Cattos ad bellum. Rari excursus et fortuita pugna. Equestrium sane virium id proprium, cito parare victoriam, cito cedere. Velocitas iuxta formidinem, cunctatio propior constantiae est.

XXXI. Et aliis Germanorum populis usurpatum rara et privata cuiusque audentia, apud Cattos in consensum vertit, ut primum adoleverint, crinem barbamque submittere, nec,nisi hoste caeso,exuere votivum obligatumque virtuti oris habitum. Super sanguinem et spolia revelant frontem, seque tum demum pretia nascendi retulisse,dignosque patria ac parentibus ferunt. Ignavis et inbellibus manet squalor. Fortissimus quisque ferreum insuper annulum (ignominiosum id genti) velut vinculum gestat, donec se caede hostis absolvat. Plurimus Cattorum hic placet habitus. Iamque canent insignes. et hostibus simul suisque monstrati. Omnium penes hos initia pugnarum. Haec prima semper acies, visu torva. Nam ne in pace quidem vultu mitiore mansuescunt. Nulli domus, aut ager, aut aliqua cura: prout ad quemque venere, aluntur: prodigi alieni, contemptores sui: donec exsanguis senectus tam durae virtuti inpares faciat.

XXXII. Proximi Cattis certum iam alveo Rhenum, quique terminus esse sufficiat, Usipii ac Tencteri colunt. Tencteri, super solitum bellorum decus, equestris disciplinae arte praecellunt: nec maior apud Cattos peditum laus, quam Tencteris equitum. Sic instituere maiores, posteri imitantur. Hi lusus infantium, haec iuvenum aemulatio, perseverant senes. Inter familiam et Penates et iura successionum equi traduntur: excipit filius, non, ut cetera, maximus natu, sed prout ferox bello et melior.

XXXIII. Iuxta Tencteros Bructeri olim occurrebant: nunc Chamavos et Angrivarios inmigrasse narratur, pulsis Bructeris ac penitus excisis, vicinarum consensu nationum: seu superbiae odio, seu praedae dulcedine, seu favore quodam erga nos deorum. Nam ne spectaculo quidem proelii invidere. Super LX millia, non armis telisque Romanis, sed, quod magnificentius est, oblectationi oculisque ceciderunt. Maneat, quaeso, duretque

(per Germani), e accortezza in dare i carichi a chi sa ubbidire a' preposti: conoscer l'occasioni: frenar gl'impeti: il giorno ordinare, la notte fortificare: dubbia la fortuna, certa la virtù reputare: e, quel che di rado avviene e per mero saper di guerra, far più fondamento nel capitano, che nell'esercito. Tutta la forza è negli uomini a piedi: i quali oltre all'armi caricano di ferramenti e provvisioni. Gli altri paiono andare solamente a combattere; i Catti alla guerra. Di rado scorrere e a caso venire a battaglia; perchè il proprio degli uomini a cavallo è presto vincere, presto cedere. La velocità s'accosta a paura, la tardità a fermezza.

XXXI. Quel che negli altri popoli di Germania usa solo qualche gran bravo, i Catti tutti osservano per magnanimo voto: tosto che son fatti uomini, lasciansi crescere barba e capelli, sì abbiano ammazzato un nimico. Allora sopra quel sangue e quelle spoglie, si tondono e scuopron la fronte: e tengonsi d' aver soddisfatto all'obligo dell'esser nati e degni della patria e de' genitori: i codardi si stanno nella loro squallidezza; i più valorosi portano di più un anello di ferro (cosa vergognosa a quella nazione) quasi per catena, sino a che con l'uccidere un nimico non si disciolgono.Piace a'più dei Catti tal portatura: e già canuti son guardati e mostrati eziandio a' nimici. Questi cominciano le battaglie: questi son sempre la prima schiera: di strano aspetto, nè anche in pace rasserenano punto la faccia. Niente hanno, nè fanno: dove vanno, ivi mangiano: di quel d'altri son prodighi, il loro disprezzano; tanto che per vecchiezza più non possano sì dura virtù.

XXXII. Dopo i Catti, il Reno già in canal proprio e degno d'esser confine, trova gli Usipi e i Tenteri: questi non meno, che i Catti, a piede, oltre all'altro pregio d'arme, son lodati a cavallo: così furono allevati e seguitano. Questi sono gli scherzi di lor fanciulli, i giuochi de'giovani, e continuano i vecchi. I cavalli son parte della famiglia e ragione di eredità, che viene non al figliuolo maggiore, ma al più feroce e guerriero.

XXXIII. Dopo i Tenteri ne venivano i Brutteri: or diconsi esserne stati cacciati e distrutti, da'Camavi e Angrivari, di volontà de'vicini per troppo orgoglio, e per dolcezza di preda: o ci hanno gli iddii favorito di far morire, oltra a sessantamila, non di ferro Romano; e, quello che più magnifico è, gli han fatti spettacolo e diletto a' nostri occhi. Deh rimanga e nelle genti duri, se non amore a noi, rabbia tra loro; poichè la discordia de'nemici

gentibus, si non amor nostri, at certe odium sui: quando, urgentibus imperii fatis, nihil iam praestare fortuna maius potest, quam hostium discordiam.

XXXIV. Angrivarios et Chamavos a tergo Dulgibini et Chasuari cludunt aliaeque gentes, haud perinde memoratae. A fronte Frisii excipiunt. *Maioribus minoribusque Frisiis* vocabulum est ex modo virium. Utraeque nationes usque ad Oceanum Rheno praetexuntur, ambiuntque inmensos insuper lacus et Romanis classibus navigatos. Ipsum quin etiam Oceanum illa tentavimus. Et superesse adhuc Herculis columnas fama vulgavit: sive adiit Hercules, seu, quidquid ubique magnificum est, in claritatem eius referre consensimus. Nec defuit audentia Druso Germanico: sed obstitit Oceanus in se simul atque in Herculem inquiri. Mox nemo tentavit: sanctiusque ac reverentius visum, de actis deorum credere, quam scire.

XXXV. Hactenus in Occidentem Germaniam novimus. In Septentrionem ingenti flexu redit. Ac primo statim Chaucorum gens, quamquam incipiat a Frisiis, ac partem litoris occupet, omnium, quas exposui, gentium lateribus obtenditur, donec in Cattos usque sinuetur. Tam inmensum terrarum spatium non tenent tantum Chauci, sed et inplent: populus inter Germanos nobilissimus, quique magnitudinem suam malit iustitia tueri. Sine cupiditate, sine inpotentia, quieti secretique, nulla provocant bella, nullis raptibus aut latrociniis populantur. Idque praecipuum virtutis ac virium argumentum est, quod, ut superiores agant, non per iniurias adsequuntur. Prompta tamen omnibus arma ac, si res poscat, exercitus; plurimum virorum equorumque: et quiescentibus eadem fama.

XXXVI. In latere Chaucorum Cattorumque Cherusci nimiam ac marcentem diu pacem inlacessiti nutrierunt: idque iucundius, quam tutius, fuit, quia inter inpotentes et validos falso quiescas; ubi manu agitur, modestia ac probitas nomina superioris sunt. Ita, qui olim boni aequique Cherusci, nunc inertes ac stulti vocantur: Cattis victoribus fortuna in sapientiam cessit. Tracti ruina Cheruscorum et Fosi, contermina gens, adversarum rerum ex aequo socii, cum in secundis minores fuissent.

XXXVII. Eundem Germaniae sinum proximi Oceano Cimbri tenent, parva nunc civitas, sed gloria ingens: veterisque famae lata vestigia manent, utràque ripà castra ac spatia, quorum ambitu nunc quoque metiaris molem manusque gentis, et tam magni exitus fidem. Sexcentesimum et quadragesimum annum urbs nostra agebat, cum primum Cimbrorum audita sunt arma, Caecilio Metello ac Papirio Carbone coss. Ex quo si ad alterum impe-

è lo maggior aiuto, che a minaccianti fati dell'imperio possa porgere la fortuna.

XXXIV. Dietro a'Camavi e Angrivari sono i Dulgibini, Casuari e altri non così ricordati. Dinanzi i Frigioni, detti Maggiori e Minori, per loro forze diverse. Vanno secondo il Reno insino all'Oceano. Hanno dismisurati laghi, navigati dall'armate Romane: e tentammo da quella banda l'oceano. È fama è che ancor vi siano le colonne d'Ercole: o per esserci stato, o per volergli il mondo attribuire ogni cosa gloriosa. Druso Germanico l'ardì; ma l'oceano non ha lasciato scoprirne più oltre di lui, nè d'Ercole. Niuno poi l'ha tentato: essendo più riverenza e santità credere i fatti degl'iddii, che saperli.

XXXV. Insino a qui abbiamo veduto la Germania da Ponente. Da Settentrione ella fa un grande arco. Prima vi sono i Cauci, benchè ella cominci da'Frigioni e tenga parte del lito. Tutte le dette genti costeggia, sino a che ne'Catti entra, i quali sì grande spazio non pur pigliano, ma riempiono: nobilissimo popolo intra i Germani, mantengono la lor grandezza con l'esser giusti, non avidi, non insolenti: quieti e ritirati: non accattan brighe di guerra, non rubano, nè saccheggiano: e, quel che è segno di lor virtù e forza, non sovrastanno agli altri per via d'ingiurie. Hanno nondimanco tutti pronte l'armi, e, se bisogna, gli eserciti: e, benchè in pace, la medesima riputazione.

XXXVI. Allato a'Cauci e Catti, sono i Cherusci: lasciati stare e marcire in pace lunga, soverchia e gioconda più che sicura; perchè la cerva allato al lione, come può riposare? Come si viene alle mani; i buoni e belli, sono i più potenti: però i Cherusci, che già avevano questo nome, or son detti dappochi e stolti: e la fortuna de'Catti, che gli hanno vinti, è passata in saviezza. La rovina de'Cherusci cadde addosso a'Fosi lor confinanti, minori di loro nelle cose prospere e compagni uguali nell'avverse.

XXXVII. Seguono nel medesimo golfo in su l'oceano i Cimbri: evvi oggi la città piccola, il nome grande. Vi sono ancora le vestigie de'campi posti in su l'una e l'altra riva, i cui spazi oggi mostrano lor gran gente ed eserciti. Secenquaranta anni aveva la città nostra la prima volta che s'udiron l'armi de'Cimbri nel consolato di Cecilio Metello e Papirio Carbone, dal quale, insino al secondo di Traiano imperadore, sono da dugentodieci

ratoris Traiani consulatum computemus, ducenti ferme et decem anni colliguntur. Tamdiu Germania vincitur. Medio tam longi aevi spatio multa invicem damna. Non Samnis, non Poeni, non Hispaniae Galliaeve, ne Parthi quidem saepius admonuere. Quippe regno Arsacis acrior est Germanorum libertas. Quid enim aliud nobis, quam caedem Crassi, amisso et ipso Pacoro, infra Ventidium deiectus Oriens obiecerit? At Germani Carbone et Cassio et Scauro Aurelio et Servilio Caepione, Cn. quoque Manlio fusis vel captis, quinque simul consulares exercitus populo Romano, Varum tresque cum eo legiones etiam Caesari abstulerunt. Nec inpune C. Marius in Italia, d. Iulius in Gallia, Drusus ac Nero et Germanicus in suis eos sedibus perculerunt. Mox ingentes C. Caesaris minae in ludibrium versae. Inde otium, donec occasione discordiae nostrae et civilium armorum, expugnatis legionum hibernis, etiam Gallias adfectavere: ac rursus pulsi inde, proximis temporibus triumphati magis quam victi sunt.

anni: e tanto si pena a vincere la Germania. In questo sì lungo tempo son seguiti, di qua e di là, molti danni. Non sì spesso ci hanno dato da pensare i Sanniti, i Cartaginesi, le Spagne, i Galli, nè pure i Parti; perchè la libertà de'Germani è più ostinata, che quel reame. E che altro che la morte di Crasso ci può rinfacciar all'incontro del morto Pacoro l'Oriente a Ventidio sottomesso? I Germani hanno al popolo Romano rotti o presi, Carbone, Cassio, Aurelio Scauro, Servilio Cepione e Gn. Manlio, con cinque consolari eserciti; allo stesso Cesare tolto Varo con tre legioni; e non gli hanno senza costo abbattuti C. Mario in Italia, il divino Giulio in Gallia, Druso, Nerone e Germanico nei lor paesi: e le gran bravate di C. Cesare si convertirono in riso. Non si fece altro, sino a che con l'occasione delle nostre discordie e dell'armi civili, espugnate le nostre guarnigioni, aspirarono anche alla Gallia: e quindi cacciati, ne' seguenti tempi furono trionfati, anzi che vinti.

XXXVIII. Nunc de Suevis dicendum est, quorum non una, ut Cattorum Tencterorumve, gens: maiorem enim Germaniae partem obtinent, propriis adhuc nationibus nominibusque discreti, quamquam in commune *Suevi* vocentur. Insigne gentis, obliquare crinem nodoque substringere. Sic Suevi a ceteris Germanis, sic Suevorum ingenui a servis, separantur. In aliis gentibus, seu cognatione aliqua Suevorom, seu (quod saepe accidit) imitatione, rarum, et intra iuventae spatium; apud Suevos usque ad canitiem horrentem capillum retro sequuntur, ac saepe in solo vertice religant. Principes et ornatiorem habent. Ea cura formae, sed innoxia. Neque enim ut ament amenturve; in altitudinem quandam et terrorem, adituri bella, compti, ut hostium oculis, ornantur.

XXXVIII. Diremo ora de' Svevi, che non sono come i Catti e Tenteri un popol solo; ma tengono di Germania la maggior parte, divisi in più nazioni, e nomi, sotto il nome generale di *Svevi*. Al rivoltarsi i capelli voglion esser conosciuti dagli altri Germani e dalli schiavi. Usanlo altre nazioni, pochi e giovani: o per imitarli, come avviene, o perchè e' sien lor parenti: ma i Svevi, benchè canuti, si fanno la zazzera: e spesso i capelli orridi si legano in su 'l cocuzzolo. I signori gli tengono più ornati e ritti, non per fare all' amore, ma per più spaventare i nimici.

XXXIX. Vetustissimos se nobilissimosque Suevorum Semnones memorant. Fides antiquitatis religione firmatur. Stato tempore in silvam, auguriis patrum et prisca formidine sacram, omnes eiusdem sanguinis populi legationibus coëunt, caesoque publice homine celebrant barbari ritus horrenda primordia. Est et alia luco reverentia. Nemo nisi vinculo ligatus ingreditur, ut minor et potestatem numinis prae se ferens. Si forte prolapsus est, adtolli et insurgere haud licitum: per humum evolvuntur: eoque omnis superstitio respicit, tamquam inde initia gentis, ibi regnator omnium deus, cetera subiecta atque parentia. Adiicit auctoritatem fortuna Semnonum: centum pagis habitant; magnoque corpore efficitur, ut se Suevorum caput credant.

XXXIX. Antichissimi, e nobilissimi, di tutti i Svevi si fanno i Sennoni; e lo provano con la religione. In dì solenne, e in una selva

« D' antichi augurii, e santità tremenda »

convengono gli ambasciadori di tutti i popoli di quel sangue, e ammazzano in publico un uomo; principio d'orrendo e barbaro sacrificio. Niuno vi entra se non legato, per più riverenza e umiltà, e per mostrare la potestà dello iddio. A chi cadesse, non è lecito rizzarsi: ma vassene per terra carpone. Tutto serve a mostrare che quindi abbia origine quella gente: quivi sia lo iddio regnatore, cui tutto soggiace e ubbidisce, e confermalo la fortuna de' Sennoni, che cento villaggi abitano, e per sì gran corpo si tengono il capo de' Svevi.

XL. Contra Langobardos paucitas nobilitat. Plurimis ac valentissimis nationibus cincti, non per

XL. Per lo contrario i Langobardi nobilita l'esser pochi; perchè essendo in mezzo a molti e po-

obsequium, sed proeliis et periclitando tuti sunt. Reudigni deinde et Aviones et Angli et Varini et Eudoses et Suardones et Nuithones fluminibus aut silvis muniuntur. Nec quidquam notabile in singulis, nisi quod in commune Hertham, id est, Terram matrem, colunt, eamque intervenire rebus hominum, invehi populis, arbitrantur. Est in insula Oceani castum nemus, dicatumque in eo vehiculum, veste contectum. Adtingere uni sacerdoti concessum. Is adesse penetrali deam intelligit, vectamque bubus feminis multa cum veneratione prosequitur. Laeti tunc dies, festa loca, quaecunque adventu hospitioque dignatur. Non bella ineunt, non arma sumunt; clausum omne ferrum: pax et quies tunc tantum nota, tunc tantum amata, donec idem sacerdos satiatam conversatione mortalium deam templo reddat. Mox vehiculum et vestes et, si credere velis, numen ipsum secreto lacu abluitur. Servi ministrant; quos statim idem lacus haurit. Arcanus hinc terror sanctaque ignorantia, quid sit illud, quod tantum perituri vident.

XLI. Et haec quidem pars Suevorum in secretiora Germaniae porrigitur. Propior (ut, quomodo paullo ante Rhenum, sic nunc Danubium sequar) Hermundurorum civitas, fida Romanis, eoque solis Germanorum non in ripa commercium, sed penitus, atque in splendidissima Rhaetiae provinciae colonia. Passim et sine custode transeunt: et, cum ceteris gentibus arma modo castraque nostra ostendamus, his domos villasque patefecimus, non concupiscentibus. In Hermunduris Albis oritur, flumen inclitum et notum olim; nunc tantum auditur.

XLII. Iuxta Hermunduros Narisci , ac deinde Marcomanni et Quadi agunt. Praecipua Marcomannorum gloria viresque, atque ipsa etiam sedes, pulsis olim Boiis, virtute parta. Nec Narisci Quadive degenerant. Eaque Germaniae velut frons est, quatenus Danubio praetexitur. Marcomannis Quadisque usque ad nostram memoriam reges manserunt ex gente ipsorum, nobile Marobodui et Tudri genus: iam et externos patiuntur. Sed vis et potentia regibus ex auctoritate Romana. Raro armis nostris, saepius pecunia, iuvantur.

XLIII. Nec minus valent retro Marsigni, Gothini, Osi, Burii. Terga Marcomannorum Quadorumque claudunt. E quibus Marsigni et Burii sermone cultuque Suevos referunt : Gothinos Gallica , Osos Pannonica lingua coarguit, non esse Germanos, et quod tributa patiuntur. Partem tributorum Sarmatae, partem Quadi, ut alienigenis, inponunt. Gothini, quo magis pudeat, et ferrum effodiunt. Omnesque hi populi pauca campestrium, ceterum saltus et vertices montium [iugumque] insederunt. Dirimit enim scinditque Sueviam continuum mon-

tentissimi [illegible], non con l' osservanze si fanno sicuri, ma col cimento e con le battaglie. Son poi Reudigni, Avioni, Angli, Varini, Eudosi, Suardoni e Nuitoni fortificati da selve e fiumi. Nè vi è da notare in alcuno, se non in comune adorano Erta, cioè la madre Terra: la quale credono che s' impacci degli affari umani, e sia portata a'popoli. In un' isola dell'oceano, è una selva vergine, ove sta riposto un carro coperto di drappo, cui può toccare solo un sacerdote, il quale conosce quando v'è venuta la dea : e a quella, tirata da due vacche, con gran devozione, va dietro. Fassi festa e giubilo dove ella si degna passare o fermare: di guerra o ferro non si ragiona; allora solamente si conosce e s' ama la pace e la quiete. Quando ella è sazia della conversazione de' mortali; il sacerdote la rimette nel tempio. Il carro e la coperta (e se lo vuoi credere) la stessa dea son lavati in un lago secreto , da cui i sergenti incontinente sono inghiottiti: nascene intorno terrore, e santa ignoranza di quel che si veggano quei soli che deon morire.

XLI. Questa parte de' Svevi nella Germania più s'interna. Più vicina (per descrivere ora il Danubio, come ho fatto il Reno) la città delli Ermonduri, a'Romani fedele; e perciò soli questi Germani trafficano oltre 'l Reno per tutto, e nella splendidissima colonia di Rezia. Per tutto passano senza guardia: e noi col mostrar solamente l'armi all'altre nazioni abbiamo loro aperta la strada a godere de' medesimi beni che non ci pensavano. Nasce nelli Ermonduri il fiume Albi, già famoso; ora appena si nomina.

XLII. Alli Ermonduri seguitano i Narisci, poscia i Marcomanni e Quadi. Quelli hanno gran nomi, e forze e abitazione acquistatasi con virtù, cacciatone i Boi. Nè i Narisci e Quadi tralignano, e questa è di Germania quasi la fronte, dove il Danubio la feconda. I Marcomanni e Quadi hanno avuto re di lor genti insino a'nostri tempi del nobil sangue di Maroboduo e Tudro: ora sopportano re forestieri. Ma la forza di essi dipende dalla potenza Romana: aiutiamoli di rado con armi, spesso con danari.

XLIII. Di dietro a questi sono e non meno forti i Marsigni, Gotini, Osi, Burii. I Marsigni e i Burii, parlano e vivono come i Svevi. I Gotini, alla lingua Gallica e gli Osi alla Pannonica, mostrano che non son Germani; oltre al pagar, come forestieri, tributi a'Sarmati e a'Quadi. I Gotini, che è peggio, cavano il ferro. E tutti questi abitano poco piano, ma gioghi e boschi; perchè la Svevia è divisa da un' [illegible] continovata, oltra la quale vivono molte genti [illegible] gran nome spandono per le città. Basti n[illegible] più poderose: Arii, Elveconi, Mani-

tium iugum, ultra quod plurimae gentes agunt. Ex quibus latissime patet Lygiorum nomen, in plures civitates diffusum. Valentissimas nominasse sufficiet, Arios, Helveconas, Manimos, Elysios, Naharvalos. Apud Naharvalos antiquae religionis lucus ostenditur. Praesidet sacerdos muliebri ornatu: sed deos, interpretatione Romana, Castorem Pollucemque memorant. Ea vis numini: nomen Alcis. Nulla simulacra, nullum peregrinae superstitionis vestigium. Ut fratres tamen, ut iuvenes, venerantur. Ceterum Arii super vires, quibus enumeratos paullo ante populos antecedunt, truces, insitae feritati arte ac tempore lenocinantur. Nigra scuta, tincta corpora. Atras ad proelia noctes legunt: ipsaque formidine atque umbra feralis exercitus terrorem inferunt, nullo hostium sustinente novum ac velut infernum adspectum. Nam primi in omnibus proeliis oculi vincuntur. Trans Lygios Gotones regnantur, paullo iam adductius, quam ceterae Germanorum gentes, nondum tamen supra libertatem. Protinus deinde ab Oceano Rugii et Lemovii: omniumque harum gentium insigne, rotunda scuta, breves gladii, et erga reges obsequium.

XLIV. Suionum hinc civitates, ipso in Oceano, praeter viros armaque classibus valent. Forma navium eo differt, quod utrimque prora paratam semper adpulsui frontem agit. Nec velis ministrant nec remos in ordinem lateribus adiungunt: solutum, ut in quibusdam fluminum, et mutabile, ut res poscit, hinc vel illinc remigium. Est apud illos et opibus honos, eoque unus imperitat, nullis iam exceptionibus, non precario iure parendi. Nec arma, ut apud ceteros Germanos, in promiscuo, sed clausa sub custode, et quidem servo: quia subitos hostium incursus prohibet Oceanus, otiosae porro armatorum manus facile lasciviunt. Enimvero neque nobilem, neque ingenuum, ne libertinum quidem, armis praeponere regia utilitas est.

XLV. Trans Suionas aliud mare, pigrum ac prope inmotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides, quod extremus cadentis iam solis fulgor in ortus edurat adeo clarus, ut sidera hebetet; sonum insuper audiri, formasque deorum et radios capitis adspici, persuasio adiicit. Illuc usque (et fama vera) tantum natura. Ergo iam dextro Suevici maris litore Aestyorum gentes adluuntur: quibus ritus habitusque Suevorum; lingua Britannicae propior. Matrem deûm venerantur. Insigne superstitionis formas aprorum gestant: Id pro armis omnique tutela: securum deae cultorem etiam inter hostes praestat. Rarus ferri, frequens fustium usus. Frumenta ceterosque fructus patientius, quam pro solita Germanorum inertia, laborant. Sed et mare scrutantur, ac soli omnium

mi, Elisii, Naarvali. Questi mostrano un bosco di antica divozione, guidata da un sacerdote vestito da donna. Ma i Romani tengono quivi esser Castore e Polluce. Il nome di quella deità è Alcis. Non vi ha immagine, non segnale d'altra religione: due come fratelli e giovani vi sono adorati. Gli Arii, oltre al superar di forze li raccontati popoli; son crudeli, efferati per natura e aggiungonvi arte. Vanno con li scudi neri in battaglia, corpi tinti, di notte scura; e come tanti nuovi diavoli fanno spiritare il nimico; perchè gli occhi sono in tutte le battaglie i primi vinti. Di là da' Ligi sono i Gotoni, sotto regno un poco più rigido, che l'altre genti Germane; non però privati ancora affatto di libertà. All'uscir dell'Oceano sono i Rugii e i Lemovii: e tutti portano lor proprii scudi tondi, spade corte, e ubbidiscono a re.

XLIV. Proprio in su l'Oceano sono le città dei Suioni, oltre a molti uomini, e armi, possenti anco in mare. Le navi senza vele con due prue possono sempre dinanzi abbordare: i remi non sono dalle bande ordinati, ma rinfusi, come s'usa in certi fiumi, da volgerli per ogni verso. Pregiano le ricchezze; però uno li comanda senza eccezione o privilegii. Non posson portar armi comunemente, come gli altri Germani: ma stanno serrate e custodite da' servi; perchè l'Oceano li difende da'subiti assalti de' nimici: e l'arme in mano a' soldati, in tempo di pace, si converte agevolmente in licenza. E divero, il dar arme in custodia ad uomo nobile e gentile, nè anche libertino, non è utile al re.

XLV. Dopo i Suioni è altro mare, pigro, e quasi fermo, oltre al qual si crede non esser più terra, per questa ragione, che l'ultimo splendore del sole che si corica, vi dura sino a che si leva, tanto chiaro, che abbacina le stelle: aggiugnevi l'immaginazione, che si senta un suono, e vegghansi volti d'iddii, con razzi in capo. Più oltre è fama, e vera, che non operi la natura. Ora il destro lito del mar Svevo bagna gli Estii: tengon leggi e costumi di Svevi; lingua più simile alla Britannica: adorano la Madre degl' iddii: portano figure di cignali per insegna di lor religione: e queste servon loro per armi e sicurezza anche tra' nimici. Rade volte usan ferro, più spesso bastone. Per ricorre grano e altri frutti lavorano con più pazienza che altri Germani: e nel mare per le prede e rilassi pescano

succinum, quod ipsi *glesum* vocant, inter vada atque in ipso litore legunt. Nec, quae natura, quaeve ratio gignat, ut barbaris, quaesitum compertumve. Diu quin etiam inter cetera eiectamenta maris iacebat, donec luxuria nostra dedit nomen. Ipsis in nullo usu: rude legitur, informe perfertur, pretiumque mirantes accipiunt. Succum tamen arborum esse intelligas, quia terrena quaedam atque etiam volucria animalia plerumque interlucent, quae inplicata humore, mox, durescente materia, cluduntur. Fecundiora igitur nemora lucosque, sicut Orientis secretis, ubi thura balsamaque sudantur, ita Occidentis insulis terrisque inesse, crediderim; quae vicini solis radiis expressa atque liquentia in proximum mare labuntur, ac vi tempestatum in adversa litora exundant. Si naturam succini admota igne tentes, in modum taedae accenditur, alitque flammam pinguem et olentem: mox ut in picem resinamve lentescit. Suionibus Sitonum gentes continuantur. Cetera similes, uno differunt, quod femina dominatur: in tantum non modo a libertate, sed etiam a servitute degenerant.

XLVI. Hic Sueviae finis. Peucinorum Venedorumque et Fennorum nationes Germanis an Sarmatis adscribam, dubito: quamquam Peucini, quos quidam Bastarnas vocant, sermone, cultu, sede ac domiciliis, ut Germani agunt. Sordes omnium ac torpor procerum: connubiis mixtis, nonnihil in Sarmatarum habitum foedantur. Venedi multum ex moribus traxerunt. Nam quicquid inter Peucinos Fennosque silvarum ac montium erigitur, latrociniis pererrant. Hi tamen inter Germanos potius referuntur, quia et domos fingunt, et scuta gestant, et pedum usu ac pernicitate gaudent; quae omnia diversa Sarmatis sunt, in plaustro equoque viventibus. Fennis mira feritas, foeda paupertas: non arma, non equi, non Penates: victui herba, vestitui pelles, cubile humus. Sola in sagittis spes, quas, inopia ferri, ossibus asperant. Idemque venatus viros pariter ac feminas alit. Passim enim comitantur, partemque praedae petunt. Nec aliud infantibus ferarum imbriumque suffugium, quam ut in aliquo ramorum nexu contegantur. Huc redeunt iuvenes, hoc senum receptaculum. Sed beatius arbitrantur, quam ingemere agris, inlaborare domibus, suas alienasque fortunas spe metuque versare. Securi adversus homines, securi adversus deos, rem difficillimam adsecuti sunt, ut illis ne voto quidem opus esset. Cetera iam fabulosa: Hellusios et Oxionas ora hominum vultusque, corpora atque artus ferarum gerere. Quod ego, ut incompertum, in medium relinquam.

l'ambra, che chiamano *gleso;* senza cercare, nè sapere, come barbari, in che modo si generi, nè sua virtù: anzi un tempo stette tra le mondiglie che approdano, sino a che le nostre pompe la fecion conoscere. Essi non l'adoperano: rozza la ricolgono e vendono: e del prezzo si maravigliano: è umore che cola da arbori: tal volta animali di terra e uccelli vi s' impaniano: la materia rassoda, e vedili là entro. Siccome adunque in Levante sono arbori che sudano incensi e balsamo; così credo io che in Ponente ve ne sieno, che da' razzi del sole percossi stillano quest' umore, e ne caschi nel mar vicino, e alle prode lo mandino le tempeste. L'ambra, se vi accosti il fuoco, arde come facellina: nutrisce fiamma odorosa e grassa: e struggesi come pece o ragia. Dopo i Suioni ne vengono i Sitoni, simili in tutto, se non che vi signoreggia una femmina; tanto tralignano non pure dalla libertà, ma nella servitù.

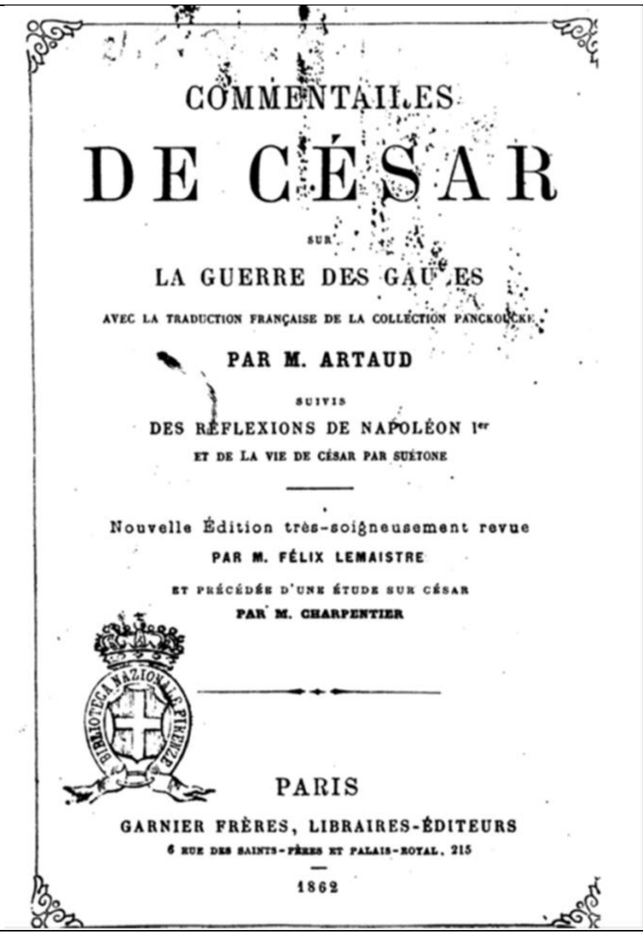
XLVI. Qui finisce la Svevia. I Peucini, Venedi e Fenni, non so se Germani sono o Sarmati: benchè i Peucini che altri dicono Bastarni, siano nel parlare, risedere, vestire, abitare i medesimi che i Germani: ma di tutti la feccia e viltà. I nobili imparentati co' Sarmati, vi hanno introdotto il vestir laido. Da loro molto ritraggono i Venedi: vanno rubando per quanti boschi e monti ha tra i Peucini e' Fenni. Questi nondimeno passano più per Germani; perchè fanno case, portano scudo e premono in esser corridori: diversi in tutto questo da i Sarmati, i quali vivono in su carri e a cavallo. I Fenni hanno gran ferocità, brutta povertà, non armi, non cavalli, non casa: pascon erba, veston pelli, dormono in terra. Le frecce d'ossa aguzzate, perchè non hanno ferro, sono la loro speranza: e quel che pigliano, sfama uomini e donne, che insieme cacciano. I bambini non riparano da pioggie, e fiere, se non sotto alcuni rami d' arbori intrecciati. Qui giovani, qui vecchi, si ricoverano: e sa lor buono, più che ammazzarsi di fatica ne' campi, fabbricare; roba loro, o d' altri, con paure e speranze trattare. Così stando sicuri dagli uomini, sicuri dagl' iddii, tirano un gran punto; che e' son liberi infino dal desiderio. Dell' altre cose favolose, o non chiare a me, come che gli Ellusii, e gli Ossioni. abbian visi d' uomini e corpi e membra di fiere. mi rapporto.

FINE DELLA GERMANIA DA DAVANZATI





C. JULIUS CAESAR'S ACCOUNT ON THE GERMANS. DE BELLO Gallico Liber VI. The oldest notice on the Germans to be compared with Tacitus' Germania



COMMENTAIRES

DE CÉSAR

SUR

LA GUERRE DES GAULES

AVEC LA TRADUCTION FRANÇAISE DE LA COLLECTION PANCKOUCKE

PAR M. ARTAUD

SUIVIS

DES RÉFLEXIONS DE NAPOLÉON I^er

ET DE LA VIE DE CÉSAR PAR SUÉTONE

Nouvelle Édition très-soigneusement revue

PAR M. FÉLIX LEMAISTRE

ET PRÉCÉDÉE D'UNE ÉTUDE SUR CÉSAR

PAR M. CHARPENTIER

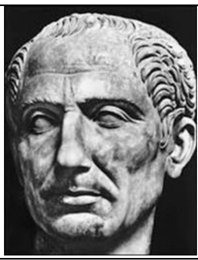
PARIS

GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS

6 RUE DES SAINTS-PÈRES ET PALAIS-ROYAL, 215

1862

DE BELLO GALLICO LIBER VI . CAESAR'S ACCOUNT ON THE GERMANS: (XVII) XVIII, XIX


EXTRACTS FROM DE BELLO GALLICO ABOUT THE GERMAN TRIBES . LIBER VI . CAP. XVIII-XIV

résolu de combattre, ils font vœu de consacrer à Mars les dépouilles de l'ennemi ; et, après la victoire, ils immolent le bétail qu'ils ont pris. Le reste est déposé dans des lieux consacrés, et en beaucoup de villes l'on peut voir de ces espèces de trophées. Il n'arrive guère qu'un Gaulois ose, au mépris de la religion, détourner et cacher une partie du butin, ou ravir quelque chose de ces dépôts. Les plus cruelles tortures sont réservées à un tel crime.

XVIII. Les Gaulois se vantent d'être issus de Pluton ; c'est une tradition qu'ils tiennent des Druides. C'est pour cette raison qu'ils mesurent le temps par le nombre des nuits [17], et non par celui des jours. Ils calculent les dates de naissance, ainsi que le commencement des mois et des années, en choisissant la nuit pour point de départ. Dans les autres usages de la vie, ils diffèrent des autres nations par une coutume particulière, qui consiste à ne pas permettre à leurs enfants de les aborder en public, avant l'âge où ils sont capables du service militaire ; ce serait une honte pour un père de recevoir publiquement auprès de lui son fils en bas âge.

XIX. Les hommes mettent en communauté, avec la

gere. Huic, quum prœlio dimicare constituerunt, ea, quæ bello ceperint, plerumque devovent. Quæ superaverint, animalia capta immolant : reliquas res in unum locum conferunt. Multis in civitatibus harum rerum exstructos tumulos locis consecratis conspicari licet : neque sæpe accidit ut, neglecta quispiam religione, aut capta apud se occultare, aut posita tollere auderet ; gravissimumque ei rei supplicium cum cruciatu constitutum est.

XVIII. Galli se omnes ab Dite patre prognatos prædicant ; idque ab druidibus proditum dicunt. Ob eam causam spatia omnis temporis non numero dierum, sed noctium, finiunt : dies natales et mensium et annorum initia sic observant, ut noctem dies subsequatur. In reliquis vitæ institutis hoc fere ab reliquis differunt, quod suos liberos, nisi quum adoleverint, ut munus militiæ sustinere possint, palam ad se adire non patiuntur ; filiumque puerili ætate in publico, in conspectu patris assistere, turpe ducunt.

XIX. Viri, quantas pecunias ab uxoribus dotis nomine acceperunt,

somme d'argent qu'ils reçoivent de leurs femmes à titre de dot, une somme égale à cette dot. L'estimation en est faite. On dresse de part et d'autre un état de ce capital, et l'on en réserve les intérêts. Celui des deux époux qui survit a la part de l'un et de l'autre, avec les intérêts accumulés. Les hommes ont droit de vie et de mort sur leurs femmes et sur leurs enfants. Lorsqu'un père de famille d'une haute naissance vient à mourir, ses proches s'assemblent; s'ils ont quelque soupçon sur sa mort, ses femmes sont mises à la question comme les esclaves; si le crime est prouvé, elles sont livrées au feu et aux plus cruels tourments. Les funérailles, eu égard à la civilisation des Gaulois, sont magnifiques et somptueuses. Tout ce que le défunt a chéri pendant sa vie, on le brûle après sa mort, même les animaux : il y a peu de temps encore, pour lui rendre des honneurs complets, on brûlait ensemble les esclaves et les clients qu'il avait aimés.

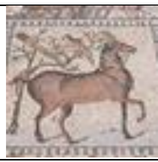
XX. Parmi les cités qui passent pour les plus habiles dans l'art d'administrer leurs affaires, c'est une loi sacrée que celui qui apprend, soit de ses voisins, soit par le bruit public, quelque nouvelle qui intéresse la cité, doit en avertir

tantas ex suis bonis, æstimatione facta, cum dotibus communicant. Hujus omnis pecuniæ conjunctim ratio habetur, fructusque servantur : uter eorum vita superarit, ad eum pars utriusque cum fructibus superiorum temporum pervenit. Viri in uxores, sicut in liberos, vitæ necisque habent potestatem : et quum pater familiæ, illustriori loco natus, decessit, ejus propinqui conveniunt, et, de morte si res in suspicionem venit, de uxoribus in servilem modum quæstionem habent, et, si compertum est, igni atque omnibus tormentis excruciatas interficiunt. Funera sunt pro cultu Gallorum magnifica et sumptuosa; omniaque, quæ vivis cordi fuisse arbitrantur, in ignem inferunt, etiam animalia : ac paulo supra hanc memoriam servi et clientes, quos ab iis dilectos esse constabat, justis funeribus confectis, una cremabantur.

XX. Quæ civitates commodius suam rempublicam administrare existimantur, habent legibus sanctum, si quis quid de republica a finitimis rumore ac fama acceperit, uti ad magistratum deferat, neve cum quo alio communicet; quod sæpe homines temerarios atque imperitos falsis rumo-







le magistrat sans en faire part à aucun autre, l'expérience leur ayant appris que souvent des hommes imprudents et inhabiles s'effraient de fausses rumeurs, se portent à des excès, et prennent des résolutions extrêmes. Les magistrats cachent ce qu'ils jugent convenable, et ne découvrent à la multitude que ce qu'ils croient utile de lui dire. Il n'est permis de parler des affaires publiques qu'en assemblée générale.

XXI. Les mœurs des Germains sont très-différentes. Ils n'ont ni Druides qui président à la religion, ni sacrifices. Ils ne mettent au nombre des dieux que ceux qu'ils voient et dont ils ressentent manifestement les bienfaits : le soleil, le feu, la lune; ils n'ont pas la moindre notion des autres. Toute leur vie se passe à la chasse et dans les exercices de la guerre : ils s'endurcissent dès l'enfance au travail et à la fatigue. Ils estiment fort une puberté tardive, persuadés qu'elle rend le corps plus grand et plus robuste, et les muscles plus vigoureux. C'est une honte parmi eux d'avoir connu les femmes avant l'âge de vingt ans : ce qui ne peut demeurer caché; car ils se baignent pêle-mêle dans les fleuves, et ne se couvrent que de peaux de rennes ou de vêtements fort courts, qui laissent à nu la plus grande partie de leur corps.

ribus terreri, et ad facinus impelli, et de summis rebus consilium capere cognitum est. Magistratus, quæ visa sunt, occultant; quæque esse ex usu judicaverint, multitudini produnt : de republica, nisi per concilium, loqui non conceditur.

XXI. Germani multum ab hac consuetudine differunt : nam neque druides habent qui rebus divinis præsint, neque sacrificiis student. Deorum numero eos solos ducunt, quos cernunt, et quorum aperte opibus juvantur, Solem, et Vulcanum, et Lunam : reliquos ne fama quidem acceperunt. Vita omnis in venationibus atque in studiis rei militaris consistit : ab parvulis labori ac duritiæ student. Qui diutissime impuberes permanserunt, maximam inter suos ferunt laudem : hoc ali staturam, ali hoc vires, nervosque confirmari, putant. Intra annum vero vicesimum feminæ notitiam habuisse, in turpissimis habent rebus : cujus rei nulla est occultatio, quod et promiscue in fluminibus perluuntur, et pellibus aut parvis rhenonum tegumentis utuntur, magna corporis parte nuda.







XXII. Ils s'adonnent peu à l'agriculture, et ne vivent guère que de lait, de fromage et de chair. Nul n'a chez eux de champs limités ni de terrain qui lui appartienne en propre; mais tous les ans les magistrats et les principaux chefs assignent des terres, en telle quantité et en tel lieu qu'ils le jugent convenable, à chaque famille vivant en société commune; et, l'année suivante, ils l'obligent de passer ailleurs. Ils allèguent plusieurs raisons de cet usage [18]. Ils craindraient que la longue habitude des travaux champêtres ne fît perdre le goût de la guerre; chacun songerait à étendre ses possessions, et les plus forts dépouilleraient les faibles; on se garantirait de la saison par des habitations plus commodes; avec l'amour des richesses naîtraient les factions et les discordes : le sentiment de l'égalité maintient la paix parmi le peuple, qui se voit avec plaisir aussi riche que les plus puissants.

XXIII. Pour les cités, le plus beau titre de gloire c'est de n'être environnées que de vastes déserts et de pays ravagés. Les Germains regardent comme une marque éclatante de valeur d'expulser les peuples voisins, et ne permettent à personne de s'établir auprès d'eux. Ils y trouvent, d'ailleurs, un moyen de se garantir contre des invasions subites. Lors-

XXII. Agriculturæ non student; majorque pars victus eorum in lacte, caseo, carne consistit : neque quisquam agri modum certum aut fines habet proprios; sed magistratus ac principes in annos singulos gentibus cognationibusque hominum, qui una coierunt, quantum, et quo loco visum est, agri attribuunt, atque anno post alio transire cogunt. Ejus rei multas afferunt causas : ne, assidua consuetudine capti, studium belli gerendi agricultura commutent; ne latos fines parare studeant, potentioresque humiliores possessionibus expellant; ne accuratius ad frigora atque æstus vitandos ædificent; ne qua oriatur pecuniæ cupiditas, qua ex re factiones dissensionesque nascuntur; ut animi æquitate plebem contineant, quum suas quisque opes cum potentissimis æquari videat.

XXIII. Civitatibus maxima laus est, quam latissimas circum se vastatis finibus solitudines habere. Hoc proprium virtutis existimant, expulsos agris finitimos cedere, neque quemquam prope audere consistere : simul hoc se fore tutiores arbitrantur, repentinæ incursionis timore







qu'un état déclare la guerre, il choisit, pour la diriger, des magistrats qui ont droit de vie et de mort. En temps de paix, il n'y a point de magistrature générale : les principaux habitants des cantons ou des bourgs rendent la justice et arrangent les procès. Le vol n'a rien de honteux, s'il se commet hors des limites du pays : c'est, disent-ils, un moyen d'exercer la jeunesse et de bannir l'oisiveté. Lorsque, dans une assemblée, un chef propose une entreprise, et demande « qui veut le suivre? », ceux à qui plaisent et l'expédition et le chef se lèvent, et lui promettent leur assistance : aussitôt la multitude applaudit. Ceux d'entre eux qui ne le suivent pas sont regardés comme déserteurs et comme traîtres; toute confiance leur est désormais refusée. Chez eux le droit d'hospitalité est sacré. Quiconque vient les implorer est garanti de toute insulte, et trouve auprès d'eux un asile inviolable : toutes les maisons lui sont ouvertes; on partage les vivres avec lui.

XXIV. Il fut un temps où les Gaulois surpassaient les Germains en valeur, portaient la guerre chez eux, et envoyaient au-delà du Rhin des colonies. pour soulager leur territoire d'un excédant de population. C'est ainsi que les

sublato. Quum bellum civitas aut illatum defendit, aut infert, magistratus, qui ei bello præsint, ut vitæ necisque habeant potestatem, deliguntur. In pace nullus communis est magistratus; sed principes regionum atque pagorum inter suos jus dicunt, controversiasque minuunt. Latrocinia nullam habent infamiam, quæ extra fines cujusque civitatis fiunt; atque ea juventutis exercendæ ac desidiæ minuendæ causa fieri prædicant. Atque, ubi quis ex principibus in concilio dixit « se ducem fore, qui sequi velint, profiteantur », consurgunt ii qui et causam et hominem probant, suumque auxilium pollicentur, atque ab multitudine collaudantur : qui ex iis secuti non sunt, in desertorum ac proditorum numero ducuntur, omniumque iis rerum postea fides derogatur. Hospitem violare, fas non putant : qui quaque de causa ad eos venerint, ab injuria prohibent, sanctosque habent; iis omnium domus patent, victusque communicatur.

XXIV. Ac fuit antea tempus, quum Germanos Galli virtute superarent, ultro bella inferrent, propter hominum multitudinem agrique inopiam trans Rhenum colonias mitterent. Itaque ea, quæ fertilissima sunt,

CAIUS JULIUS CAESAR'S ACCOUNT ON THE GERMANS. FINIS CITATIONIS





PART X

BIBLIOGRAFIA

TRADUÇÕES DA GERMÂNIA DE TÁCITO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Germânia. Tradução e Notas de Sadi Garibaldi. Rio de Janeiro: Editora Livraria para Todos, 1943.

Germânia [c. 98 D.C.]. Públio Cornélio Tácito [55-c. 117/120 D.C.]. Tradução de João Penteado Erskine Stevenson Ed. e Publicações Brasil.

http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html

A Germania de Tácito: Texto Latino, Tradução e Comentários por Maria Cecilia Albernaz Lins Silva de Andrade

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-20042012-114933/es.php

A Germania de Tácito: um problema genérico por Henrique Verri Fiebig . Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins

https://www.academia.edu/1989367/A_Germania_de_T%C3%A1cito_um_problema_gen%C3%A9rico

http://www.darcycarvalho.com.br/home/estudos-de-idiomas/estudos-de-latim-moderno

http://pt.unicampfilosofia.wikia.com/wiki/Latim

Cf. Darcy Carvalho: Creator, Latin download count , apud Archive Org

http://archive.org/search.php?query=creator%3A%22DARCY%20CARVALHO%22&sort=-downloads

Darcy Carvalho. Apud Sites Google: *Modern Latin Studies; Medieval Latin; Why To Study Latin Today?; Wiki Wiki Latim dos Alunos de Filosofia da Unicamp. Latin downloads available in Darcy Carvalho creator apud Archive. Org.*

PART XI: ANNEXES

LATINUM UTILITARIUM MODERNUM PRACTICUM VEL NATURALE





EXTRACTS FROM "WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX ONE

1 MODERN LATIN. CONSIDERATIONS ON THE NATURE AND STUDY OF MODERN UTILITARIAN LATIN. O estudo do latim utilitário prático ou natural. Prof. Dr. Darcy Carvalho. S. Paulo. Brasil. 2014





EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

This work suggests means and ways for anyone to become proficient in written Latin in a couple of months without a teacher, This is both possible and desirable for adults, especially for those who are already litterate in any modern Western vernacular. It just proposes a different approach to the study of Latin as a living language. *It fully explores the fact that the Latin language kept being used in a way or another, until this very day, in the whole world, even if deliberately and politically suppressed in Europe, during and after the Seventeenth and Eighteenth Centuries, in favor of the vernacular languages. The written Latin language has had a stable grammar for at least 2000 years and constitutes together with Greek the main ingredient of the contemporary vocabulary of all modern neolatin languages, including English.*

This method for quickly learning Latin fully takes into account the fact that words have not a necessary position in a Latin phrase, and therefore we can and may also write Latin as a modern language, in any department of science, philosophy, economics, economic affairs and litterature, in strict direct order, and that with a modern and perfectly up-to-date vocabulary.

È possível aprender sozinho a língua latina, um idioma como outro qualquer, mas com história única. O latim foi língua geral, auxiliar e internacional da Europa por 2500 anos; possuimos dessa língua, digitalizado na internet um acervo literário e científico que supera os da maioria das línguas em uso; o latim não é mais dificil de aprender do que alemão, russo ou mandarim. Aprende-se latim copiando, lendo e escrevendo livremente.

It is possible to learn the Latin language on your own, an idiom like any other, but with a unique history. Latin was the general and auxiliary international language of Europe for

2500 years; in Latin we have scanned in the internet a literary and scientific corpus which surpasses those of most languages in use; to learn Latin is no more difficult than learning German, Russian or Mandarin. We learn Latin by copying, reading and freely writing.

Para uso próprio cada um pode adotar a pronúncia latina que preferir. O português , o espanhol, o francês, o inglês e o alemão, por exemplo, são línguas escritas padronizadas que podem ser pronunciadas de várias maneiras. O latim não escapa à regra, podemos pronunciá-lo de modo eclesiástico, ou italiano: nada nos impede de fazê-lo; podemos pronunciá-lo como na Europa Central, ao modo eslavo; podemos pronunciá-lo do modo clássico, como podemos ouvir nas transmissões radiofônicas em latim das rádios Bremen e Yle; ou podemos pronunciá-lo como se fosse português. Nesta forma o temos pronunciado no Brasil e em Portugal há vários séculos e não há por que mudar.

For our own use we must adopt a Latin pronunciation that we can choose from among several ones. The Portuguese, Spanish, French, English and German languages , for example, are standardized international idioms, which can be pronounced in many different ways. The Latin language is no exception to the rule, we pronounce it in Italian or Church mode, nothing preventing us from doing so; we pronounce it as in Central Europe, the Slavic way; we pronounce it in classical mode, with the so-called restored pronunciation. This pronunciation is the one we hear on radio broadcasts in Latin from Bremen and Yle radios. Each country also has or had a traditional pronunciation of Latin. In Brazil and Portugal, roughly explaining it, the traditional pronunciation is to pronounce Latin as if it were Portuguese. In this way we had it pronounced in Brazil and Portugal for centuries and there is no reason to change our procedure

É possível voltar a escrever e ler latim imediatamente, com o auxílio de qualquer dos idiomas modernos europeus; podemos sempre pensar naturalmente em vernáculo e escrever latim, com perfeita morfologia clássica, mas com ordem sintática semelhante à do idioma vernáculo que estivermos utilizando. Este tipo de latim, utilitário, prático, natural poderia ser empregado em trabalhos acadêmicos ou literários, em correspondência pessoal ou técnica, e nas áreas das ciências naturais e sociais, como Economia, História, Geografia, Sociologia e Botânica, por exemplo.

Material didático adequado para esta aprendizagem individual e independente, realizável por adultos que dominem um idioma vernáculo em nível escolar, já existe e está disponivel, com gratuidade, on-line, nas principais línguas do mundo. Existem, em português e espanhol, gramáticas latinas sintéticas, ou simplificadas, traduções literais e até edições dos textos clássicos em ordem natural, com traduções literais interlineares ou juxtalineares. O latim utilitário e prático, Latinum utilitarium ac practicum, não dispensa a aprendizagem sumária do latim clássico.

O latim utilitário ou natural pode ser entendido como um procedimento pedagógico, que permite o acesso imediato ao latim clássico, para aprendê-lo em poucas semanas, mas também e principalmente como uma língua natural, sem preocupações estilisticas, auxiliar e international, fortemente associada ás línguas neolatinas contemporâneas, ao inglês e ás demais línguas modernas cultas. Sua aplicação em todas as áreas da vida contemporânea enfrentará naturalmente problemas de vocabulário hodierno, os mesmos problemas que teem preocupado linguistas romenos, abaixo citados, cujo

idioma, o mais jovem entre os neolatinos, ainda se encontra em continuo processo de formação vocabular. Esta questão crucial do latim utilitário, a construção de um amplo vocabulário moderno, tão amplo como o de qualquer das grandes línguas internacionais, pode encontrar facil solução com o auxílio das línguas neolatinas e do inglês. Recorrer livremente a estas línguas, e através delas recompor o vocabulário latino moderno justifica-se pela história da Europa, do Cristianismo e das línguas romances.

O latim e as línguas romances, entre as quais o nosso idioma galaico-lusitano constituem momentos diferentes de uma mesma entidade linguistica, a língua de Roma e do Império Romano, que existiram de 753 a.C. até 1452. O latim e o português são apenas versões separadas no tempo de uma das várias línguas faladas na Italia central há 2500 anos ou mais. Nosso vocabulario ainda é 95 % perfeitamente latino e os processos de criar novas palavras continuam a ser os mesmos nas duas línguas. O latim não morreu, nunca chegou a ser língua morta como o etrusco, o punico, o osco, o umbro e os varios dialetos celtas, línguas com as quais conviveu na Europa ocidental e que como o grego, falado no sul da Italia, muito o influenciaram. O latim continua a viver , existindo portanto desde a formação do estado romano há 2500 anos, tanto numa forma literaria culta, escrita, quanto nas suas diversas novas formas, as atuais línguas românicas. Além disso, a unidade e a proximidade cultural dos povos da România ocidental assegurou uma semelhança acentuada entre os nove principais idiomas neolatinos, dos quais o latim continuou a ser o grande denominador comum. A consequência prática disto é a existencia de um amplo vocabulário pan-românico, de origem latina perfeita e naturalmente inteligivel por todos os povos latinos ou por aqueles que adotaram as suas línguas.

Outro fato notável é que as mais bem sucedidas das chamadas línguas internacionais auxiliares, Ido, Interlíngua, Esperanto, Novial, que surgiram no final do seculo XIX, e inicio do XX, também podem ser consideradas como línguas neolatinas, porém, artificiais, com regras gramaticais reduzidas ao minimo. Tal como fizeram as línguas neolatinas atuais, para serem simples, adotaram a ordem natural na disposição das palavras na frase. As línguas auxiliares utilizam também um vocabulário em grande parte comum com o das línguas naturais originadas do latim, com muitos outros adotados diretamente do inglês, do alemão e do russo. Vamos desenvolver abaixo em dez tópicos, ou lições, algumas atitudes, tecnicas basicas e estrategias uteis para ler, escrever e falar um tipo de latim que só difere do classico na ordem das palavras e na aceitação ampla de vocabulário moderno.

Cabe-nos, portanto, precisar o que significamos por latim utilitário ou natural. Basta para isto inicialmente informar o que ele não é: Não é o latim clássico, escrito, literário, tal como atestado nas obras remanescentes dos escritores latinos, até o ano 200 da nossa era. O vocabulário total do latim clássico foi recentemente recolhido ao OXFORD LATIN DICTIONARY, editado por P. G. W. GLARE, publicado em 1982. É este o vocabulário do qual encontramos amostras nos livros didáticos e em todos os dicionários latinos escolares.

O latim utilitário ou natural não é uma língua inventada, ou artificial; não é o latim vulgar, nome que se dá ao latim coloquial do povo ; não é o latim medieval, que existiu do século V ao XV e serviu de veículo linguístico ao cristianismo; não é também o latim bíblico nem o latim vivo da Igreja atual , exemplificado, por exemplo, na obra de Pius PP

XII ou nos documentos, preciosos para o latinista moderno, do Concílio Ecumênico Vaticano II, ou nas encíclicas e cartas papais motu proprio recentes, redigidas em latim ultraclássico; não é o latim renascentista dos seculos XV ao XVII nem é o latim que existiu dos séculos XVII ao XIX , que pode ser associado ao latim clássico e ao renascentista, exemplificado nos prefácios dos editores de obras clásicas; não é latim bárbaro, notarial, inquinado de palavras de outros idiomas; não é o latim macarrônico, aquele latim universitário deliberadamente cômico da Idade Media, paródia estudantil satírica do latim clássico. Finalmente, o latim utilitário ou natural não coincide com a denominada latinitas moderna, emulante contemporânea do latim clássico, tanto em sintaxe quanto em vocabulário, exemplificada pelos trabalhos recentes de Turnberg, Maldonado, Verweiler, Stroh, Ciarrocchi e outros. Justifiquemos as afirmações acima exaradas:

O latim utilitário ou latim natural não é uma língua articial, com vocabulários e gramática reinventados, como o Esperanto, o Latino sine flexione de Peano e a Interlíngua. Na verdade os planejadores de línguas auxiliares descartaram in limine o latim como sendo muito dificil de aprender: Cito: Latin is too difficult to serve as an International Auxiliary Language, and its advantages are out-weighed by its disavantages. Finis citationis. Apud H. Jacob A Planned Auxiliary Language , London, Mcmxlvii.

http://archive.org/details/APlannedAuxiliaryLanguage

O latim utilitário ou natural não é o latim vulgar ou coloquial. O latim vulgar em constante transformação foi a língua falada pelo povo romano desde os albores de sua historia. Língua instavel cujas diversas fases de evolução estão atestadas no corpus de inscrições romanas. As formas que exibia nas épocas republicana e imperial de Roma, no século I antes de Cristo, e nos séculos posteriores, até o século VIII, constituiu o fundo originario básico das línguas neolatinas.

Ver: C.H. Grandgent Introducción al Latin Vulgar, Madrid, 1954.

http://archive.org/details/CursoIntrodutorioDeLatimVulgar

O latim utilitário ou natural não é latim clássico porque sua sintaxe deliberadamente se afasta da sintaxe clássica e o vocabulario que utiliza é mais extenso do que o do latim clássico. É o latim apropriado para tratar de questões dos tempos em que vivemos.

O latim utilitário ou natural tambem se afasta do latim medieval, escrito pelos tabeliães, pelos universitarios e por poetas da Idade Média. Este latim medieval dos cartórios, das universidades e das chancelarias reais, varia léxica, sintática e ortograficamente, no tempo assim como de país a país. Latim medieval, cada país tem o seu. Ver:

Dag Norberg. Manual Prático De Latim Medieval Tradução: José Pereira Da Silva. Rio De Janeiro

http://www.filologia.org.br/soletras/12sup/suplemento1.pdf

Karl Strecker (1861-1945). introduction a l'étude du latin medieval (1900)

http://archive.org/details/introductionletu00stre

F. A. Mantello and A. G. Rigg (editors) produced An Introduction and Bibliographical Guide to Medieval Latin, a massive book carefully composed by well-known international Latinists , who fully describe the many areas of interesting research available for mediaevalist, willing to study the many faces of the Latin language after the year 200 of the Christian Era. As Latin texts can now be easily obtained in internet, the lack of samples of mediaeval Latin in the book does not reduce its extreme importance for Latin studies in general. The bibliographies, too, are extensive thoughful and very surprising.





EXTRACTS FROM "WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX TWO

2 A LATIN POEM. SALVE AURORA!

POEMA EM LATIM POR ANTONIO CASTRO LOPES (1827-1901): SALVE AURORA!

This poem demonstrates that Latin and Portuguese are the same language

Salve, Aurora ! eia, refulge ! Eia, anima valles, montes ! Hymnos canta, o Philomela, Hymnos jucundos, insontes ! Quam pura, quam pudibunda es tu, Aurora formosa ! Diffunde odores suaves, divina, purpurea rosa ! Es tu, Aurora formosa ! Diffunde odores suaves, divina, purpurea rosa ! Pendentes ramos , Aurora! Eia, surge, vivifica, aureos fulgores emitte, pallidas messes colora, matutina aura, mitiga solares, nimios ardores; inspira gratos favonios, euros, zephyros protectores. Eia, Tithonia Diva, fecundos campos decora, canoras aves excita, O serena, bella Aurora ! Protege placidos somnos, inquietas mentes tempera, Duras procellas dissipa, terras, flores refrigera. Extingue umbrosos vapores, o sol, o divina flamma ! Lucidas portas expande, tristes animos inflamma ! Salve, Aurora ! eia, refulge! Eia, anima valles, montes ! Hymnos canta, o Philomela, Hymnos jucundos, insontes.





EXTRACTS FROM "WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX THREE

3 MODERN LATIN SYNTAX . JUSTIFICATON OF AN ANALYTICAL SYNTAX FOR WRITING LATIN TODAY. Justificação de uma sintaxe reta ou analítica para escrever em latim moderno imediatamente

The single practical syntactic rule of Utilitarian Latin: Modern Latin word order can be the same as that of English or as that of the Romance languages.

This simple device permits thinking in vernacular and immediately writing Latin. It also elliminates the difference between written and colloquial Latin.

It is well known that the order of words in English and in classical Latin sentences is not the same. In Latin, as the role of the word in the sentence is shown by its ending, and not by its position, the order of words can be very free, and position is used to secure the same effect that in English is secured by emphasis of voice.

In a Latin sentence the most emphatic place is the first; next in importance is the last; the weakest point is the middle. Generally the subject is the most important word, and is placed first; usually the verb is the next in importance, and is placed last. The other words of the sentence stand between these two in the order of their importance. Hence the normal order of words—that is, where no unusual emphasis is expressed—is as follows:

s**ubject—modifiers of the subject—indirect object—direct object—adverb—verb**

Changes from the normal order are frequent, and are due to the desire for throwing emphasis upon some word or phrase. Although to a limited extent we can alter the order of words in English, too, for the same purpose, in English we arrange words in a fairly fixed order. Thus, in the sentence "My daughter is getting dinner for the farmers", we cannot alter the order of the words without spoiling the sentence.

IDÉIA GERAL DA SINTAXE LATINA.

REGRA BÁSICA. Em latim clássico o sujeito inicia a oração e o verbo termina: Petrus Paulum appellat. Entre o sujeito e o verbo vem o resto do predicado. Os complementos adverbiais podem ocupar qualquer posição.

Se por sintaxe entendermos a ordem ou a posição das palavras numa oração ou frase, poderemos afirmar que a sintaxe latina clássica é caótica e em consequência um texto latino literário, dependendo do autor, tem de ser previamente decifrado, para ser entendido. Para contornar as dificuldades da sintaxe latina, quando deliberadamente não desejamos escrever no modo clássico, podemos escrever latim em ordem direta: sujeito, verbo, predicado.Para isso basta-nos conhecer a morfologia latina, ou seja, conjugar e declinar, o que pode ser aprendido de qualquer livro escolar elementar sobre esse idioma.

O problema sintático latino é essencialmente o problema das inversões que dificultam o entendimento das proposições. O português de todas as línguas neolatinas é aquela que mais suporta inversões. Consideremos como exemplos algumas inversões com as quais todos já nos deparamos em português:

Seja uma oração poética de Raimundo Correia:" Há deste livro, que ides ler, nas páginas, ou tristes, ou risonhos, os quadros maltraçados, mas verídicos dos meus primeiros sonhos". Reconstruindo a oração, pondo-a em ordem analítica temos: Nas páginas deste livro, que ides ler, há os quadros maltraçados, mas verídicos, dos meus primeiros sonhos, ou tristes, ou risonhos.

Camões escreveu imitando Vergilius: “As armas e os barões assinalados, que da ocidental praia lusitana, por mares nunca dantes navegados, passaram ainda além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificaram novo reino, que tanto sublimaram; e também as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a fé, o império, e as terras viciosas de África e de Ásia andaram devastando, e aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando, cantando espalharei por toda parte, se a tanto me ajudar o engenho e arte.” Este trecho dos Lusíadas é tipicamente latino, na extensão, na construção e no vocabulário.

Em ordem analítica teríamos: Se a tanto me ajudar o engenho e arte, cantando espalharei por toda parte as armas e os barões assinalados, etc. ; e também as memorias gloriosas daqueles reis, etc.

O hino nacional brasileiro também se inicia com uma oração construida ao modo latino, que o povo não entende, decora, e não consegue cantar: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria nesse instante.” Em ordem natural, constructa ou analítica seria: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico, etc.

Portanto, as alegadas dificuldades da sintaxe latina não são maiores nem menores do que aquelas que enfrentamos em português clássico. Como não se exige que todos os textos em língua portuguesa obedeçam estritamente à sintaxe clássica, igualmente não podemos exigir que escrevendo latim desde o início dos estudos dessa língua, alguém consiga produzir latim semelhante ao dos autores do século de Augusto. Ao propor que normalmente se escreva latim sem inversões, em ordem analítica ou reta, não cometemos nenhuma agressão à gramática latina, uma vez que o latim é uma língua na qual a construção é livre, como admite Jules Marouzeau, o último guru dos professores de latim do Brasil. CITO: **Le latin est une langue à construction libre, comme le fait apparaître immédiatement la confrontation avec le français.**

Na obra l´Ordre de mots dans la phrase latine principes et méthode, JULES MAROUZEAU, 1878-1964, assim descreve a sintaxe latina: o latim é uma língua na qual a construção é livre, como fica imediatamente evidente da confrontação de uma frase francesa com sua versão latina. A frase francesa PIERRE APPELLE PAUL [Pedro chama Paulo], tem seis possiveis versões em latim, com exatamente o mesmo sentido, obtidas mudando-se as posições das tres palavras latinas em todas as formas matematicamente possiveis. Uma delas tem ordem que coincide com as ordens diretas do português , do frances e do inglês e de qualquer outra língua analítica carente de declinações.

http://archive.org/details/lordredesmotsdan00marouoft

http://archive.org/details/lordredesmotsdan01marouoft

CITO: Le latin est une langue à construction libre, comme le fait apparaître immédiatement la confrontation avec le français. Alors que nous disons obligatoirement, sous peine de changer le sens, si nous renversons l'ordre : Pierre appelle Paul, le latin a la faculté d'appliquer aux trois termes de l'énoncé les six dispositions théoriquement possibles : 1. Petrus appellat Paulum. 2.Petrus Paulum appellat.Paulum appellat Petrus.Paulum Petrus appellat. Appellat Petrus Paulum. Appellat Paulum Petrus. Qualquer que seja sua posição Paulum será sempre objeto direto e Petrus, sujeito.

Le jeu des flexions suffit à indiquer quel est le sujet, quel est le régime. Toutefois, si en latin l'ordre des mots est libre, il n'est pas indifférent. Le choix de la construction est déterminé dans chaque cas particulier par des considérations très diverses, d'usage, de sens, de style, de rythme, qu'il est difficile de réduire en système, mais qui prêtent à l'observation de certaines lois ou tendances. Le risque en cette matière est de raisonner a priori, en

prétendant expliquer les faits au nom de principes supposés universels, indépendamment de la langue qu'on étudie. Cette méthode a souvent vicié les recherches d'ordre des mots et répandu des erreurs qui se perpétuent dans maints ouvrages d'enseignement. Finis Citationis.

Nosso objetivo principal é ler e escrever em latim o quanto antes. Para isto é util ter desde o inicio uma ideia geral de como os textos latinos estão construidos ou podem ser construidos. Em português, o lugar ocupado por um vocabulo é mais ou menos predeterminado, segundo a sua função: primeiro o sujeito (Petrus), depois o verbo (appellat) com os objetos direto (Paulum) e indireto, ou seja, o predicativo. A isto denominamos escrever em ordem direta: Petrus appellat Paulum, Peter calls Paul, Pierre apelle Paul. Pedro llama Paulo. Em latim, ao contrário, qualquer lugar serve, ou seja a posição de uma palavra não precisa ser predeterminada, porque são os casos , ou as terminações das palavras que indicam claramente a função de cada vocabulo.

Entretanto, mesmo escrevendo latim em ordem direta, podemos eventualmente , em orações curtissimas, observar a regra básica de posição geralmente seguida pelos escritores latinos. Diante do exposto, por razões de mera simplicidade, adotaremos ao escrever em latim a ordem direta PETRUS APPELLAT PAULUM. Nosso sistema consiste em escrever latim imediatamente inteligivel a qualquer adulto que leia pelo menos uma língua moderna europeia.

Uma apresentação compacta das principais caracteristicas gramaticais da língua latina deve permitir escrever latim moderno em pouco tempo. As primeiras lições apresentaram a morfologia dos nomes e pronomes de acordo com a gramática do latim clássico. As seguintes tratarão dos verbos. e a as tres últimas da sintaxe dos casos e composição. Os links sugeridos no trabalho remetem diretamente a Archives. Org ou a uma lista bibliografica de uploads por CREATOR DARCY CARVALHO. Alguns grandes dicionários e as principais gramáticas existentes no Brasil foram disponibilizados por upload como obras em público dominio.

Source: http://pt.unicampfilosofia.wikia.com/wiki/Latim

È possível aprender sozinho a língua latina, um idioma como outro qualquer, mas com uma história única. Foi língua geral, auxiliar e internacional da Europa por 2500 anos; possui digitalizado na internet um acervo literário e científico que supera o da maioria das línguas em uso; não é mais dificil de aprender do que alemão, russo ou mandarim. É possível escrever e ler latim imediatamente com o auxílio de qualquer dos idiomas modernos europeus; é possível pensar em vernáculo e escrever latim, com morfologia clássica mas na mesma ordem sintática do idioma vernáculo em que pensarmos. Este tipo de latim poderia ser utilizado em trabalhos acadêmicos literários, correspondência ou em áreas das ciências naturais, como História, Geografia, e Botânica, por exemplo. Material didático adequado para esta aprendizagem já existe e está disponivel, gratuitamente, on-line. Existem gramáticas latinas sintéticas, ou simplificadas, traduções literais e até edições dos textos clássicos em ordem natural, com traduções interlineares ou juxtalineares. Cabe inicialmente precisar o que significamos por latim utilitário ou natural. Basta para isto inicialmente informar o que ele não é:

O latim utilitário ou natural não é o latim clássico, escrito, literário, tal como atestado nas obras remanescentes dos escritores latinos, até o ano 200 da nossa era, cujo vocabulário total foi no século passado recolhido ao OXFORD LATIN DICTIONARY, editado por P. G. W.

GLARE, publicado em 1982; parcialmente, encontramos o vocabulário latino literário dos dois séculos em qualquer dicionário escolar.

O latim utilitário ou natural não é uma língua inventada, ou artificial; não é o latim vulgar, nome que se dá ao latim coloquial do povo durante o império e na idade média; não é o latim medieva escritol, que existiu do século V ao XV e serviu de veículo para a literatura cristã; não é também o latim bíblico nem o latim vivo da Igreja atual, exemplificado, por exemplo, na obra de Pius PP XII ou nos documentos, preciosos para o latinista moderno, do Concílio Ecumênico Vaticano II, ou nas litterae encyclicae, constitutiones , adhortationes , litterae apostolicae, motu proprio, epistulae, orationes, homiliae e allocutiones , publicações pontificais recentes traduzidas em latim ultraclássico, a partir de originais vernáculos, por um especialista.

O latim utilitário ou natural não é o latim renascentista dos séculos XV ao XVII nem é o latim que existiu dos séculos XVII ao XIX , que pode ser associado ao latim clássico e ao renascentista, exemplificado nos longos prefácios dos editores de obras clássicas; não é o latim bárbaro, notarial, inquinado de palavras de outros idiomas; não é o latim macarrônico, aquele latim universitário deliberadamente cômico da Idade Média, paródia estudantil satírica do latim clássico.

Finalmente, o latim utilitário ou natural não coincide com a denominada latinitas moderna, emuladora contemporânea do latim clássico, tanto em sintaxe quanto em vocabulário, exemplificada pelos trabalhos recentes de Terence Turnberg, Sandra Ramos Maldonado, Victorio Ciarrocchi, Weiler, Valafrido e outros.

Justifiquemos as afirmações acima exaradas:

O Latim Utilitario Ou Latim Natural não é uma língua planejada. Na verdade os planejadores de línguas auxiliares descartaram in limine o latim como sendo muito dilficil: Cito: Latin is too difficult to serve as an International Auxiliary Language, and its advantages are out-weighed by its disavantages. Finis citationis. Apud H. Jacob A Planned Auxiliary Language , London, Mcmxlvii.

http://archive.org/details/APlannedAuxiliaryLanguage

O Latim Utilitario Ou Natural não é o latim vulgar ou coloquial. O latim vulgar era a língua falada pelo povo romano desde os albores de sua historia. Língua instavel com diversas fases de evolução atestadas no corpus de inscrições romanas. As formas que exibia nas epocas republicana e imperial de Roma, no século I antes de Cristo, e nos séculos posteriores, até o século VIII, constituiu o fundo originario basico das línguas neolatinas. Ver: C.H. Grandgent Introducción Al Latin Vulgar, Madrid, 1954.

http://archive.org/details/CursoIntrodutorioDeLatimVulgar

O Latim Utilitario ou Natural não é latim clássico porque sua sintaxe deliberadamente se afasta da sintaxe clássica e o vocabulario que utiliza é mais extenso do que o do latim classico. É o latim apropriado para tratar de questões dos tempos em que vivemos.

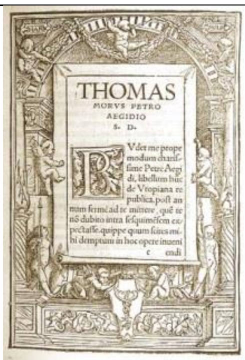
O Latim Utilitario ou Natural tambem se afasta do latim medieval, escrito pelos tabelães, pelos universitarios e por poetas da Idade Media. Este latim medieval dos cartorios, das

universidades e das chancelarias reais varia lexica, sintatica e ortograficamente no tempo assim como de país a país. Latim medieval, cada país tem o seu. Ver: Dag Norberg. Manual Prático De Latim Medieval (Breve História Do Latim Medieval). Tradução: José Pereira Da Silva. Rio De Janeiro.

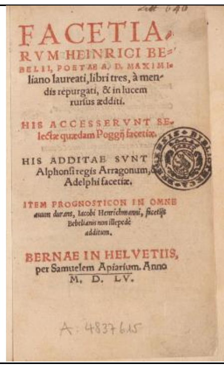
http://www.filologia.org.br/soletras/12sup/suplemento1.pdf

Strecker, Karl, 1861-1945. Introduction à l'étude du latin mediéval (1900)

http://archive.org/details/introductionletu00stre

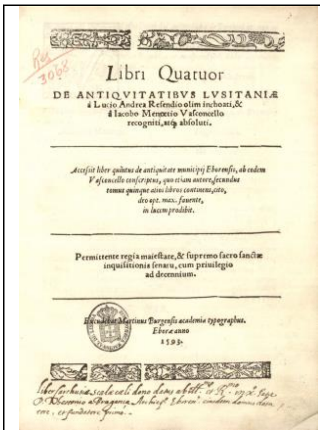






EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

4 HOW TO READ LATIN IMMEDIATELY. COMO LER LATIM IMEDIATAMENTE.







EXTRACTS FROM "WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX FOUR

COMO LER LATIM IMEDIATAMENTE

As traduções literais interlineares ou justalineares, base do método Robertson- Clark- Hamilton- Hachette para estudar latim clássico, permitem ler imediatamente clássicos latinos e gregos sem consulta de léxicos, facilitando imensamente a aquisição de vocabulário e expressões .

Thomas Clark, que editou uma serie de traduções interlineares , incluindo Horácio, César, Cícero, e Salústio entre outros, publicou também uma gramática: The Practical and Progressive Latin Grammar. Elementary Course by Thomas Clark. A grammar to study Latin with Interlinear Translations.

https://archive.org/details/GrammarByThomasClarkForStudyingLatinWithInterlinearTranslations1857

No prefácio explica a utilidade dessas traduções que permitem ler imediatamente latim desde o início do estudo das declinações.

“The object of this Grammar is to obviate the disgust and tediousness which pupils feel in merely learning the grammatical forms of the Latin language, without any practical application of the same while learning them, and also to prevent the loss of time resulting from such method. The plan here followed is, that, at the same time the pupil commences to learn the declensions, he also commences to translate and to learn words and sentences. This is made easy to him by means of interlinear translations, and references, by means of signs and abbreviations, to the declensions and conjugations he is learning. The attention of the pupil is, at first, only directed to those grammatical forms that he has learned, or is learning, by references to the same : those grammatical forms that he has not learned, his attention is not drawn to, and he only learns the signification of the words and sentences by rote, as respects their grammatical forms; he not being troubled with such forms, till he commences learning them. So that, by the time he has learned his declensions and conjugations, he will have acquired some knowledge of the Latin language; and his studies, instead of being disgusting and tedious, will become attractive and agreeable; and, in less time than other pupils take to learn their declensions and conjugations, he will also have learned them, and, moreover, have obtained such practical knowledge of the language as will make his future progress therein pleasant.”

Preface To The Enlarged Edition. This, revised edition of the Practical and Progressive Latin Grammar, contains a second or full Supplementary Course, which embodies all that was purposely omitted in the Elementary Course, with the view of relieving the pupil's memory from a burden which it was unnecessary to impose on him, until he had made some progress in the language. The second or full course contains all the exceptions and minute rules for declensions and conjugations, the derivation and composition of words, etc. ; also, a full supplementary syntax ; together with a treatise on prosody, containing all the rules of quantity and of versification. In combination with the elementary part, these additions render this Latin Grammar as ample and complete as any now used ; in our schools and colleges, and afford the student many practical advantages and facilities not procurable in any other Latin grammar. The division into a first, practical and elementary, course, containing only those rules and forms most necessary to be learned, accompanied by practical exercises, — and into a second, supplementary and full, course, will be found very advantageous to teachers, and also to students of the Latin language. Thomas Clark. Philadelphia, September 16, 1859.”, etc.

No Brasil, os editores que aderiram ao método Clark preferiram as traduções justalineares, imitando os professores franceses da série Les Auteurs latins avec deux traductions françaises. Entre eles devemos destacar as edições de Eutrópio, uma por Manoel Vaz Lobo, outra por

João Ravizza; a do Livro I das Metamorfoses de Ovídio por A. Fortuna Barros , a do Tristium do mesmo Ovídio por Augusto Veloso; bem como a longa série publicada por Maximiano Augusto Gonçalves, que inclui Fedro, César e Cícero. Pouco utilizados em beneficio dos alunos, estes livros constituem instrumentos indispensáveis a que quiser estudar latim moderno sozinho hoje.





EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX FIVE

5 THE VOCABULARY PROBLEM OF MODERN LATIN. O PROBLEMA DO VOCABULÁRIO MODERNO DO LATIM

O problema crucial do latim utilitário ou natural refere-se ao vocabulario, aos neologismos, principalmente científicos e técnicos, e aos empréstimos inevitáveis que terão de ser feitos aos idiomas modernos. Sobre situação idêntica vivida pelas línguas modernas, no seu período de formação, veja-se preliminarmente J. Planche, Vocabulaire des latinismes de la langue française ou des locutions françaises empruntées littéralement de la langue latine. Este documento justifica nosso método, no que se refere a ampliação do léxico. Evidencia a forma como os idiomas modernos cresceram lexicamente, colhendo de modo sistemático no latim literário o vocabulário culto e as suas melhores expressões. Procedendo de modo inverso, podemos chegar a um vocabulário total latino equivalente ao de qualquer língua moderna , que supere os 500.000 vocábulos.

Na mesma linha ver também as três obras seguintes, uma de Henricus Stephanus de latinitate falso suspecta, expostulatio Henrici Stephani (Lingua solve latinus eris); duas obras de Vortius, De Latinitate falso suspecta, deque latinae línguae cum germanica convenientia, liber cui alter e De Latinitate merito suspecta adjectus est, auctore Johanne Vorstio; e outra de 2004 por Sanda Reinheimer-Ripeanu: Les Emprunts latins dans les langues romanes. Bucuresti: Editura Universitauii Din Bucuresti.

Cito: Les langues ont toujours fait preuve de leur capacité de s'adapter aux changements sociaux, économiques, politiques, technologiques ou scientifiques. Pour pouvoir servir efficacement à la communication dans des contextes donnés et dénommer avec précision les nouvelles réalités, elles ont dû créer, dériver, emprunter ou adapter de nouvelles unités lexicales. Les emprunts lexicaux se constituent ainsi en un espace fertile de recherche qui suppose le contact entre plusieurs systèmes linguistiques, entre plusieurs cultures, entre plusieurs identités spirituelles. Ces derniers temps, le phénomène de l'emprunt lexical a suscité un vif intérêt de la part des chercheurs, qui se sont penchés sur les divers aspects de la circulation des mots pris et repris dans diverses langues. Les recherches ont examiné les multiples facettes de ce phénomène, à partir des aspects purement linguistiques phonologiques, morphosyntaxiques, sémantiques ou pragmatiques) jusqu'aux aspects

sociolinguistiques et culturels (qui voient dans les emprunts une manifestation du processus actuel de globalisation). Finis Cit.

Reinheimer-Ripeanu wrote: Languages have always demonstrated their ability to adapt to social, economic, political, technological or scientific changes. To be used effectively for communication in specific contexts and for styling with precision the new realities, they had to create, derive, borrow or adapt new lexical units. The loanwords thus constitute a fertile area of research that involves contact between different linguistic systems, between cultures, between different spiritual identities. Recently, the phenomenon of lexical borrowing has attracted much interest from researchers who have studied various aspects of the use of words taken and retaken in various languages. Researchers have examined the many facets of this phenomenon, from the purely linguistic, phonologic , morphosyntactic, semantic or pragmatic aspects) to the sociolinguistic and cultural aspects, that envisage lexical borrowing as a manifestation of the current process of globalization. Cit. finished. [Translated with Google].

Modern practical latinists need not be worried by the complicated jargon of sophisticated linguists. Special dictionaries aimed at collecting all the vocables found in the existing sample of Latin authors took decades to be completed, and they are naturally insufficient to cope with modern usage. Fortunately, for modern Latin no such tool is necessary. Modern Latin vocables can be freely and immediately extracted from vernacular texts by simple inspection. Large vernacular dictionaries with etymological information is all we need.

O Latim utilitario ou natural, entendido não só como um procedimento pedagógico, que permite o acesso ao latim clássico em poucas semanas, mas também como uma língua natural, sem preocupações estilisticas, auxiliar e international, fortemente associada ás línguas neolatinas contemporâneas, ao inglês e ás demais línguas modernas cultas, enfrentará na atualização do seu vocabulário os mesmos problemas que teem preocupado o linguista romeno citado cujo idioma, o mais jovem entre os neolatinos, também se encontra em contínuo processo de formação.

Nossa língua galaico-lusitana e a língua chamada latina constituem momentos diferentes de uma mesma entidade linguistica, a língua romana. O latim e o português são apenas versões separadas no tempo de uma das várias línguas faladas na Italia central há 2700 anos ou mais. Nosso vocabulario ainda é 95 % perfeitamente latino e os processos de criar novas palavras continuam a ser os mesmos nas gramaticas das duas línguas. O latim não morreu, nunca chegou a ser língua morta como o etrusco, o púnico, o osco, o umbro e os vários dialetos celtas, línguas com as quais conviveu por séculos na Europa ocidental e que como o grego, falado no sul da Itália, muito o influenciaram. O latim continua a viver , existindo portanto desde a formação do estado romano há vinte e sete séculos, tanto numa forma literária culta, escrita, quanto nas suas diversas novas formas, as atuais línguas românicas.

Além disso, a unidade e a proximidade cultural dos povos da Romània ocidental assegurou uma semelhança acentuada entre os nove principais idiomas neolatinos, dos quais o latim continuou a ser o grande denominador comum. Outro fato notável é que as mais bem sucedidas das chamadas línguas internacionais auxiliares, Ido, Interlíngua,

Esperanto, Novial, que surgiram no final do século XIX, e inicio do XX, também podem ser consideradas como línguas neolatinas, porém, artificiais, com regras gramaticais e morfologia reduzidas ao mínimo.

As línguas neolatinas e as línguas artificiais atuais, para serem simples, adotaram a ordem natural ou coloquial na disposição das palavras na frase. Utilizam também em grande parte um mesmo vocabulario que sendo comum a todas as línguas naturais originadas do latim, é universalmente entendido em todo o espaço românico. Muitos vocábulos atualmente utilizados foram adotados diretamente do inglês, do alemão e do russo. Se já estivesse em uso um latim moderno internacional, certamente não escaparia à necessidade de recorrer constantemente a neologismos originados nos idiomas modernos. Podemos desenvolver, em poucas lições, algumas atitudes, técnicas básicas e estratégias úteis para ler, escrever e falar um tipo de latim que só diferirá do classico na ordem das palavras e na aceitação ampla de vocabulário moderno.

É necessário produzir apresentações compactas das principais características morfológicas da língua latina, para escrever latim moderno em pouco tempo. Numas quatro primeiras lições apresentar-se-iam as preposições e a morfologia dos nomes e pronomes, segundo a gramática do latim clássico. A três seguintes tratariam dos verbos e a as três últimas, da sintaxe dos casos e da composição. A existência de textos em ordem analítica dos principais autores viabilizam ler latim desde as primeiras lições. Os links sugeridos no trabalho remetem diretamente a Archives. Org ou a uma lista bibliográfica de uploads feitos por DARCY CARVALHO CREATOR . Alguns grandes dicionários e as principais gramáticas existentes no Brasil estão assim disponibilizados para download gratuito por já serem obras em público dominio.





EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX SIX

6 LATINUM SINE MAGISTRO: LEARNING LATIN WITHOUT A TEACHER. CONCLUSIO OPERIS

Source: http://pt.unicampfilosofia.wikia.com/wiki/Latim

Este trabalho é parte de um propósito maior, o de demonstrar a possibilidade de estudar o latim sem professor e por esta forma imediata e simples adquirir um instrumento precioso de comunicação, que possibilitará acesso aos imensos acervos culturais, históricos, jurídicos, científicos e religiosos acumulados neste idioma pela civilização ocidental, durante dois e meio milênios.

This work is part of a larger purpose, to demonstrate the possibility of studying Latin without a teacher and by this immediate and simple way to acquire a valuable

communication tool, which will allow access to the immense cultural, historical, legal, scientific and religious collections accumulated in this language by the Western civilization for two and a half millennia.

Poderemos avançar rapidamente nesse estudo e readquirirmos sem dificuldade o uso do latim se conseguirmos eliminar completamente o entrave mental e os preconceitos que obscureceram, dificultaram ou impediram o ensino desta língua internacional e acadêmica, depois da Renascença, mas principalmente nestes últimos dois séculos. O entrave mental é a idéia arraigada de que o latim seja uma língua morta difícilima de aprender. Entre os preconceitos, a idéia de que seja uma língua estrangeira de conhecimento supervacâneo dada a antiguidade de seus monumentos escritos.

We can advance rapidily in this study and acquire without difficulty the use of the Latin language if we can completely eliminate the mental obstacles and prejudices that obscured, hindered or prevented the teaching of this international and academic language, after the Renaissance, but mostly in the last two centuries. The mental barrier is the entrenched idea that Latin is a very difficult to learn dead language. Among the prejudices, the idea that it is a foreign language whose knowledge is supervacuous, superfluous and useless, given the antiquity of its written monuments.

Estes impecilhos ao livre estudo e uso geral do latim foram gerados e estão indissoluvelmente ligados aos métodos de ensino, adotados no mundo todo, nas áreas acadêmicas, a partir da Renascença, quando se criou o mito da existência de um latim perfeito, cuja decomposição teria gerado as latinidades medievais, atestadas por toda a Europa, formas expeditas e naturais de escrever o latim, que agora deveriam ser descartadas em favor da recuperação, a todo custo, do ideal literário dos clássicos romanos, redescobertos a partir das Cruzadas e da queda de Bizâncio, mil anos depois de César e Cícero.

A língua latina existe como língua plenamente desenvolvida há pelo menos dois milênios, sendo atualmente um dos idiomas com maior acervo bibliográfico digitalizado do mundo, acervo que cobre todas as áreas do conhecimento, oriundo de todos os paises da Europa. O latim, como ocorre com qualquer outra língua natural, sempre existiu em duas formas distintas: numa forma coloquial ou falada, denominada latim do povo, popular ou vulgar, para comunicação inter-pessoal, e numa forma escrita, aprendida em escolas, utilizada apenas por pessoas escolarizadas e educadas, pelos poetas, pelo senado e pelos comandantes militares de Roma. No decorrer dos últimos 1500 anos, depois do fim do Império Romano, o latim popular ou vulgar modificou-se gradualmente dando origem às línguas neo-latinas, família linguística a que pertencem o espanhol, o português, o italiano, o francês, o romeno, o catalão e parcialmente o inglês.

Durante séculos as línguas neolatinas foram idiomas não-escritos, utilizados local e regionalmente, somente no âmbito familiar e social imediato. A partir do século IX, porém, começam a aparecer em quase todos os vernáculos os seus primeiros documentos escritos, em todas as regiões que tinham sido partes do Império Romano. Depois da Renascença, já nos séculos XV e XVI, os idiomas neolatinos passam por rápido desenvolvimento literário, aumentando rapidamente seus vocabulários cultos e científicos através de empréstimos feitos diretamente ao latim, normalizando-se ao mesmo tempo

os respectivos sistemas gramaticais, conformando-os com o modelo da gramática do latim clássico. No caso do português, a mais alatinada dentre as línguas neolatinas, 95 por cento do vocabulário é constituido por palavras oriundas seja do latim vulgar seja do latim culto escrito, clássico ou literário.

Além disso a sintaxe da língua portuguesa é quase idêntica à do latim, como podemos constatar lendo Camões e os demais escritores clássicos do nosso idioma, que foram bilíngues, falavam e liam obrigatoriamente o português e o latim, língua de sua educação, além de geralmente também conhecerem o grego, o espanhol, o francês ou o italiano . Do século XV, século das grandes navegações , que levariam ao descobrimento da América e do Brasil, até o fim do século XVIII, o latim foi utilizado como idioma das relações internacionais , empregado na redação dos acordos e tratados de comércio e amizade, nas universidades na redação de teses, nos colégios jesuíticos de todo o mundo, na Sede Apostólica e como idioma geral de cultura e de intercâmbio pessoal epistolográfico.

Estes fatos históricos nos permitem algumas conclusões práticas com relação à possibilidade de voltar a utilizar o latim como instrumento de comunicação e cultura no mundo atual, aprendendo-o ademais de modo rápido e sem professor. Por aprender latim entenda-se , aprender a ler, escrever e falar latim como língua moderna, com viabilidade de uso em qualquer área do conhecimento e como língua auxiliar e internacional de comunicação geral. Nossas conclusões práticas são as seguintes:

1= Da consanguinidade do latim com a língua portuguesa , com os demais idiomas da família românica e com o inglês , resulta que podemos aprender a lê-lo e escrevê-lo rapidamente, desde que o escrevamos como um idioma analítico, em ordem direta, à maneira medieval e bíblica, e exploremos criativamente a superposição dos vocabulários românicos e internacionais, bem como as semelhanças, tanto morfológicas como sintáticas, do latim com as línguas neolatinas. O latim medieval dos grandes escritores pode fundamentar nosso modelo estilístico.

2= A internete permitirá imersão total e imediata na língua latina graças à abundância de material didático e de textos autênticos em latim clássico, medieval, renascentista e contemporâneo. Qualquer internauta pode verificar isso por si mesmo, bastando aprender as preposições latinas e utilizá-las aleatoriamente por pequenos grupos para pesquisar na rede.

3= A bibliografia eletrônica para o estudo do latim compreende gramáticas, dicionários, repertórios bibliográficos, obras completas, manuscritos e material sonoro, existindo sites especializados na sua divulgação.

4= Paradoxalmente, no mundo todo, estão sendo extintos os cursos de latim e grego tradicionais. Quando esses cursos sobrevivem, continuam a ser exclusivamente de nível universitário, consequentemente, restritos aos estudantes de letras e confinados no estudo e leitura de tres ou quatro autores clássicos. Nesses cursos ninguém aprende a falar ou escrever em latim, neles para todos os fins o latim é tratado como língua morta. Desde o século XIX, as universidades perderam a técnica de escrever o latim normalmente para fins acadêmicos. Contudo, as novas condições de acesso a todo o material didático referente ao latim, por quem quer que tenha interesse em aprendê-lo, abre a possibilidade de estudar sozinho a língua latina. Qualquer pessoa adulta que conheça bem seu próprio

idioma pode aprender latim sozinho. Por aprender sozinho entenda-se a possibilidade de estudar o latim adotando os textos que bem quiser e estudá-los da maneira que bem entender, continuamente, sem cobranças nem prazos, utilizando as gramáticas ginasiais, que, por terem sido dosadas para crianças, podem ser lidas de cabo a rabo por um adulto em algumas horas ou dias, antes de mergulhar em textos autênticos com uma tradução vernácula e um dicionário bilingue.

5= Para aprender sozinho a língua latina, devemos começar a escrever em latim imediatamente, a partir dos idiomas modernos. Isto será possível utilizando-se traduções literais, bem como as interlineares, que permitem ler imediatamente clássicos latinos e gregos sem consulta a léxicos, facilitando-se assim imensamente a aquisição de vocabulário e expressões, dentro do seu contexto. Clássicos latinos existem traduzidos literal, interlinear e justalinearmente, desde o século XIX, mas não chegaram a ser utilizados largamente no Brasil. Na verdade, assim como acontecia com os suplementos "Parte do Mestre" dos livros de Matemática e Física, que eram postos fora do alcance dos alunos, as traduções interlineares ou qualquer outro tipo de tradução não eram indicadas aos alunos, porque decifrar latim clássico era tido como instrumento infalível para desenvolver a inteligência dos jovens estudantes.

6= O vocabulário latino moderno constitui o principal problema do estudante de latim, mormente, o vocabulário necessário para tratar de problemas hodiernos, de localidades, profissões e objetos contemporâneos. Esta foi a área em que os acadêmicos latinistas dos séculos passados exibiram o seu mais alto grau de intolerância. Só trabalhavam com o vocabulário dos clássicos; refugavam e vetavam neologismos e arcaismos; jamais admitiam fossem utilizados em textos escritos em latim o vocabulário latino de uso corrente nos idiomas vivos modernos, taxado de vulgar ou bárbaro. Para viabilizar o uso hodierno do latim, sem limitações de vocabulário, temos de admitir como lídimas e legítimas quaisquer palavras latinas encontradas num texto vernáculo. Exemplificarei. Neste mesmo parágrafo, por inspeção, identifico imediatamente, de trás para diante, as seguintes palavras latinas, que reduzo às suas prístinas formas romanas:

Romanus, forma, pristinus, suae, reduco, quod, latinus, parabola, sequens, illae, immediate, identifico, paragraphum, in, exemplifico, vernaculum, textus, unum, qualiscumque, legitimus, lidimus, admitto, de, teneo, vocabularium, limitatio, sine, Latinum, hodiernus, usus, viabilizare, ad, modernus, vivus, idioma, currens, scriptum, scribo, uti, esse, nunquam, neologismum, veto, refugo, classicus, cum, laborare, solum, intolerantia, gradus, altus, magis, exhibo, latinista, academicus, qui, area, fuit, hac, contemporaneus, objectum, professio, localis, problema, tractare, necessarius, praecipue, studens, principalis, constituo. As palavras omitidas teriam de ser traduzidas com a gramática ou dicionário.

Quando os idiomas vernáculos da Europa começaram a substituir o latim, por razões políticas e religiosas, a partir do século XVI, surgiu a necessidade premente de ensiná-los aos estrangeiros. A única maneira de ensinar francês ao mundo seria elaborar dicionários bilingues, em que todas as palavras vernáculas tivessem uma correspondente latina que fosse entendida em toda a Europa.

O dicionário do abade Pierre Danet (1650-1709): Grand dictionnaire françois et latin avec des notes de critique et de grammaire, 1650-1720; e o Vocabulario portuguez e latino,

aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos, pelo padre jesuita D. Raphael Bluteau (1623-1734) enquadraram-se neste esforço de divulgação dos idiomas vernáculos. Observe-se que todas as palavras do título do vocabulário de Bluteau são latinas. Obras deste tipo e objetivo foram publicadas em toda a Europa, e até no Japão, as quais hoje constituem preciosas fontes lexicológicas para estudar o latim real, corrente na Europa dos séculos XVI ao XVIII. Cf. Archive . Org Darcy Carvalho Creator.

https://archive.org/details/GrandDictionnaireFrancoisLatinNouvelleEditionPierreDane

https://archive.org/details/RaphaelBluteauSuplementoIDoVoc.PortELatino

O estudante de latim moderno pode assim facilmente encontrar seu vocabulário operacional, seja por simples inspeção de idiomas vernáculos, seja por consulta a dicionários multilingues, seja examinando dicionários enciclopédicos monolingues, que contenham também informações etimológicas. Todos os grandes dicionários vernáculos publicados no século passado enquadram-se neste perfil.

7= Existem diferentes latinidades. Por latinidade (Latinitas) entendamos o estilo de um autor que escreva em latim, caracterizado basicamente por sua sintaxe e vocabulário. Existiu a latinidade clássica de seletos escritores romanos dos séculos I e II da nossa era. Ao lado desta, floresceram a latinidade dos escritores da África, representada por Apuleius, Minucius Felix, Tertullianus, Augustinus e muitos outros, e a latinidade da Dalmácia, representada por Jerônimo de Estridão, tradutor da Bíblia. A latinidade clássica extinguiu-se já no segundo século. As latinidades afro-cristã e dalmática , porém, caracterizadas por drásticas simplificações sintáticas e inovações vocabulares, floresceram e implantaram-se definitivamente, até o século VI e depois da queda do Império Romano, com a expansão do cristianismo. Estas modalidades de latim é que vão ser levadas pelos missionários cristãos às partes da Europa, que não tinham sido alcançadas pelas legiões de Roma: às Ilhas Britânicas , à Escandinavia e às outras partes da Península Balcânica. Com o Imperador Carlos Magno, no século IX, professores destas regiões estiveram à frente de reformas educacionais e do renascimento cultural carolíngio. A latinidade Britânica de Alcuinus é que pautará a evolução ulterior do latim, no restante da Idade Média. O exame das vicissitudes da língua latina no primeiro milênio da nossa era e o registro da sua reflorescência, como único idioma culto e língua franca do norte da Europa, até o século XVIII, bastam para desfazer o mito do latim clássico como única latinidade possível.

8= O babelismo internacional e o latim moderno utilitário. A recusa da França em utilizar o latim nas discussões que firmaram a Paz de Westfália, com os Tratados de Münster, Osnabrück (1658) e Pirineus (1659), restabeleceu a multiplicidade das idiomas na arena internacional, exigindo que atas de congressos, ou resoluções de organismos internacionais tenham de ser traduzidas para centenas de idiomas ou fiquem disponíveis apenas nas línguas das potências hegemônicas. Esta situação concreta e considerações filosóficas sobre a natureza da língua latina por Leibniz e Descartes levaram a formulação de centenas projetos de línguas internacionais auxiliares, nos séculos XIX e XX.

A idéia leibniziana de simplificar o latim abolindo os casos levou à solução extrema do Latino sine flexione como língua internacional auxiliar, pelo matemático Peano, que alterou completamente a morfologia e a sintaxe do latim, criando uma nova língua neolatina com gramática mínima. Entretanto, a hegemonia britânica, no século XIX, e a americana, depois de 1945, asseguraram ao inglês a posição de língua internacional de fato, língua com simplicíssima gramática e ilimitado vocabulário, em máxima parte latino. A denominação latim moderno utilitário foi sugerida por Jean Bayet, em Les Langues Internationales, Collection Que Sais-Je? para indicar uma forma de Latim facílimo de escrever e de entender, com morfologia clássica mas escrito em ordem analítica, com um vocabulário ampliado e receptivo para os neologismos modernos necessários. Vido Angelino e Gaius Licoppe também escreveram em favor da criação de um latim utilitario moderno. A Internete revela que, ao longo dos séculos, numerosos autores, fora do main-stream acadêmico, propuseram meios para facilitar o ensino do Latim, capazes de assegurar-lhe vigorosa existência e ampla difusão.

9= O latim utilitário, como instrumento de acesso e pesquisa, encontra imediata utilidade como propedéutica ao estudo da literatura medieval lato sensu. A amplíssima área dos estudos medievais encerra várias latinidades que se formaram e se desenvolveram de modo independente em diferentes regiões geográficas e em muito diversas épocas. Uma pesquisa da Europa medieval como resultado ou consequência da expansão do Cristianismo, desde o estiolamento e queda do Império Romano Ocidental até a Renascença, deve incluir certamente o Maghreb, todo o norte ocidental da Africa, como parte integrante do universo latino, a partir do término das guerras púnicas. Cf. Darcy Carvalho Medieval Latin e Darcy Carvalho Africitas. Latin in Northern Africa. Google Sites.

This work was written as a plea for the conservation of the Latin language as a worthy intellectual exercise and a most precious item in the Western cultural and historical heritage. As an academic written language, Latin has had a stable grammar for at least 2000 years. Latin and Greek words are the main ingredients of the contemporary vocabulary of all modern Neolatin languages, including that of English. New methods for quickly learning how to read , write and speak Latin can fully take into account the fact that words have not a necessary position in the Latin phrase. We can write Latin in strict direct order, just as we do in modern languages. Latin so written, with a modern and perfectly up-to-date vocabulary, can find employment in any department of Science, Philosophy, Economics, Economic Affairs, Litterature and Medieval Studies. Prof. Dr. Darcy Carvalho. FEAUSP. São Paulo, Anno 2014.





EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

ANNEX SEVEN

7 ENGLISH SUMMARY OF THE WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP .

http://pt.unicampfilosofia.wikia.com/wiki/Latim

LEARNING LATIN WITHOUT A TEACHER AND WITHOUT TEARS. LATINUM SINE MAGISTRO.

CONTEÚDO. CONTENTS. Lingua Latina sine Virgis nec Ferulis. CAPITULO I . How to learn Latin with the Romance Languages. CAPITULO II . Immediate plunges into the Latin language with internet. CAPITULO III . Multilanguage bibliography, Latin grammars and lexica online. CAPITULO IV . Teach yourself Latin by writing it as a modern language. CAPITULO V. Hamilton and Clark: Interlinear translations to start reading Latin. CAPITULO VI. Pretious Vernacular-Latin Lexica published before the XIX Century. Raphael Bluteau, Valbuena, Dictionnaire de Trévoux. English and Pan- Romance for building modern Latin vocabulary. CAPITULO VII . Utilitarian Latin: An auxiliary bridge language with classical morphology and analytical Latin syntax. CAPITULO VIII . Recent Philosophers who wrote in Modern Latin. Vers l´Éthique de Spinoza: Learning Latin the pleasant easy way with Gilles-Louïse. CAPITULO IX . The supporters of simpler Latin: Utilitarian Latin against Internacional Babelism. CAPITULO X . Modern Latin Samples: Epistolography and Fiction Stories.





For writing immediately modern Latin we must adhere to four rules: Rule 1. To adopt the syntax of modern languages; Rule 2. To stick faithfully to the classical Latin morphology, that has been normalized by grammarians throughout the centuries; Rule 3. Freedom of vocabulary: Our set of Modern Latin vocabulary will admit three subsets: A) Classical and medieval vocabulary, both reduced to the modern Ramist orthography, that distinguishes u from v, and i from j and has an alphabet identical to the English one . B) Modern vocabulary coined from Greek and Latin roots, borrowed from modern languages and restituted to a proper Latin morphology C) Words of non-Latin or non-Greek origin internationally undestood, keeping their original orthography and declining them with prepositions, as neuter nouns. D). Neologisms. Modern latinists are allowed to continue creating words, as the Greek and Romans did, by composition, derivation or juxtaposition, according to the rules of the Latin grammar and the advices of the Roman poet Horatius Flaccus in his Ars Poetica.

Rule 1. Write Latin as a modern analytical language, keeping its proper morphology. This deserves a short digression about the history of the Latin language:

Latin is a single idiom [unum idioma] used as a living language for at least 2500 years. Until the year 700 AD, it continued as an official written language in the Roman Eastern Empire or Romania Orientalis. After the fall of the Western Roman Empire, 476 AD, and the steady spread of Christianism, Latin continued as a necessary written and spoken language, in the whole of the Romania Occidentalis. In Western Europe, spoken or colloquial Latin suffered independent and continuous local transformations, until it became the well-known Neolatin

languages: Italian, French, Catalan, Provenzal, Sardinian, Spanish, Gallician, Romenian and Portuguese, etc..

Notwithstanding the corruption process suffered by Latin, as a spoken language, in its written form this language continued to be used by local administrations, and by the Catholic Church, and latter by the Anglican Church, until today, without any interruption, keeping its morphology and a major part of its classical vocabulary, a fact whose paramount importance is often ignored or deliberately minimized by the academias. Latin was never a dead language as Classical Greek, Classical Hebrew, or Carthaginian Aramaic are.

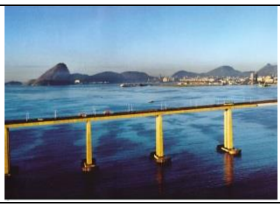
Classical or Ciceronian Latin was just an academic and forensical writing fashion, for less than a century, and that was already abandonned by the time of Tacitus (50-120). Several contemporary writers, such as the Emperor Augustus and Seneca , the Philosopher, or the African writers of this period did not adhere to the syntactical strictures of Classical Latin, and even mocked it. As we can easily verify by reading Augustus' Testament, Seneca's Epistulae ad Lucilium, the pastoral teachings of the Popes, since Petrus PP, and by one thousand years of medieval Latin litterature, in both Romanias, the Latin language syntax changed continuously in the direction of simplicity, that is, towards the logical "subject-verb- object" order, that we finally observe, as a natural norm, in the modern Neolatin languages, in English, in Modern Greek, in Chinese, in the Slavic languages of today and in the auxiliary international languages Esperanto, Interlingua, and Slovio, recently created, etc

The easiest way to learn Latin quickly is to read aloud and to write the language as much as possible. The student must read an elementary Latin grammar to acquire the capacity of declining nouns , pronouns and adjectives. He must learn, at the same time, the invariable words: prepositions, conjunctions and adverbs. The best way for learning variable and invariable words is by copying down and reciting them in loud voice. In studying vocabulary, he must depart from his vernacule language and move to the Latin. He must learn, for instance, that king in English is rex in Latin, that to work is laborare, to forgive is perdonare, etc and continuously ask how to say in Latin the names of objects, geographical accidents, colours, actions etc.

As soon as he has learned the two groups of prepositions and the two cases they demand the student can already read lists of Latin phrases with their translations, trying to memorize many of them, to use in his writing. As he or she continues with the memorization of the declensions, using the mneumonics tricks, the student should start copying and reading aloud Latin authors as those listed in pdf below, presented in direct order and translated in interlinear or juxtalinear way. Consider a period of Phedrus, the poet, in his first fable: "Siti compulsi, ad rivum eumdem lupus et agnus venerant; superior (superiori parte) stabat lupus, longe-que (inferiori locu) agnus (stabat)". Using interlinear or juxtalinear translations the only objective is to understand the Latin text. The student should produce his own Latin text, as I did . Keeping the syntax of a modern language we could write it in a different way: Compulsi a siti, lupus et agnus venerunt ad eumdem rivum: parte superiori lupus, et longe in locu inferiori stabat agnus. (Darcy Carvalho. São Paulo, SP. Brasil. 23/08/2014.)







EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DA UNICAMP

ANNEX EIGHT

8 MODERN UTILITARIAN LATIN. A PRESENTATION
PRESENTATIO LINGUAE LATINAE UTILITARIAE MODERNAE

http://pt.unicampfilosofia.wikia.com/wiki/Latim

It is very important to fix the similarities and differences between Interlingua and modern utilitarian Latin.

The fundamental difference between Utilitarian Latin and Interlingua is that Utilitarian Modern Latin keeps intact the morphology of the classical Latin Language, but not its syntax. In syntax Utilitarian Modern Latin follows Interlingua and the modern Neo-latin languages, English, Chinese or Modern Greek. Modern Utilitarian Latin adopts the whole Latin vocabulary and its mechanisms of word formation, without classifying Latin words by ages, Classical Latin, Silver Latin, Low Latin, Christian Latin, Medieval Latin, Renascentist Latin, Barbaric Latin, Scientific Latin, etc. The potential vocabulary of Modern Utilitarian Latin is, in this way, about 600.000 words, just as much as that of any of the great modern languages. All Latin words, original or created, contained in modern languages are immediately considered Modern Utilitarian Latin. Just as in interlingua, in matters of vocabulary, preference is given to words that are internationally used and easily understood. In syntax the Biblical Latin , the Church Latin of Pius PP II, the Medieval Northern Latin , the Anglican Latin, the Hiberno-Latin of Ireland and the Latin in common use in Europe, from the xiii to the xviii century are the sources and models of Modern Utilitarian Latin composition. Modern Utilitarian Latin can be learned by self study in just a month of grammatical study dedicated to declensions and conjugations. Modern Utilitarian Latin is not opposed nor incompatible either with classical latin or Interlingua it can be a useful pedagogical introduction to both. It is perfectly accessible to any adult who knows well his own language. Interlingua is a treasure for those studying Modern Utilitarian Latin as the order of the words in both systems are the same and the vocabulary of interlingua is composed just of Latin words carefully sellected to be perfectly understood by people who speak one or more of the Latin vernaculars. Cf. Primo Libro De Interlingua Sive Latino Sine Flexione, Destinato Quale Lingua Auxiliare Inter Populos De Differente Matre Lingua Per Plure Socio De Academia Pro Interlingua . London .Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd. New York: E. P. Dutton & Company. I931 . Academia Pro Interlingua

http://www.oocities.org/athens/Olympus/2948/primlib1.html,

pode ser recuperado pelo site finlandês Yleismaailmallinen kieli apud

http://www.kupsala.net/risto/tekokieli/yleismaailmankieli.html

EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DA UNICAMP

ANNEX NINE

9 SUMMARIUM. TACITO DE ORIGINE SITU ET MORIBUS GERMANORUM

Germania: Um tratado sobre a origem, sítios e costumes das tribos germânicas

TACITUS' GERMANIA: A TREATISE ON THE ORIGIN , SITUATION AND MANNERS OF THE GERMAN TRIBES. TWO LATIN TEXTS AND TRANSLATIONS

Germania: The Latin text presented in analytical order with seven vernacular translations. **Texto latino da Germania de Tácito em ordem analítica com sete traduções vernáculas, para sozinho aprender a escrever e ler latim moderno; Germania des Tacitus. Deutsche Uebersetzung von Dr. Anton Baumstark (1876); Die Germania von C. Cornelius Tacitus. Translator Adolf Bacmeister (1868), apud Gerd. Bouillon; Tacite - La Germanie, traduction de Burnouf (1863), apud Remacle. Org; Cayo Cornelio Tacito. De las Costumbres, Sitios y Pueblos de La Germania, traducción de Vicente Blanco y García (1946); A treatise on the situation, manners and inhabitants of Germany by John Aikin (1823) apud the Gutenberg Project and Archive.Org; Germânia. Tradução e notas de Sadi Garibaldi (1943) apud Ricardo Castro; Discorso della Germania in Opere di Cornelio Tacito tradotte da B. Davanzati, collegiunte (1820), apud Google Books. ANNEXES : Extracts from Wiki Wiki Latim dos Alunos de Filosofia da Unicamp: Considerations on the nature and study of Modern Utilitarian Latin, partially translated; Justification of the analytical syntax in writing Latin; How to read Latin immediately with juxtalinear or interlinear translations; The problem of modern Latin vocabulary; Latinum Sine Magistro: Conclusio Operis.**

PROF. DR. DARCY CARVALHO. S. PAULO. BRAZIL. ANNO 2014



EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DA UNICAMP

ANNEX TEN

10 DE MUNDO ET ORBE TERRARUM. SAMPLE OF SIMPLE LATIN I

LUCIUS AMPELIUS. LIBER MEMORIALIS. (SAECULO IV).

Sources: Bibliotheca Augustana. (Recensuit Eduardus Woelfflin); The Latin Library; Lacus Curtius; Remacle. Org (Panckouke Translation); Google Books; Archive . Org.

QUID EST MUNDUS? Mundus est universitas rerum, in quo omnia sunt et extra quem nihil; qui Graece dicitur κοσμος (kosmos). Elementa mundi quattuor: ignis, ex quo est caelum;

aqua ex qua mare Oceanum; aër, ex quo venti et tempestates; terra, quam propter formam eius orbem terrarum appellamus. Caeli regiones sunt quattuor: oriens, occidens, meridies, septentrio. Caelum dividitur in circulos quinque: arcticum et antarcticum, qui ob nimiam vim frigoris inhabitabiles sunt; aequinoctialem: cui subjacet regio κατακεκαυμεν (katakekaumen) dicitur neque incolitur ob nimiam vim ardoris; brumalem et solstitialem sub quibus habitatur sunt enim temperatissimi, per quos obliquus circulos vadit cum duodecim signis, in quibus sol annuum cursum conficit . Lucius Ampelius, Saeculi III post Christi natum.

DE ORBE TERRARUM. Orbis terrarum, qui sub caelo est quattuor regionibus incolitur: una pars eius est in qua nos habitamus; altera huic contraria quam qui incolunt vocantur antichthones; quarum inferiores duae ex contrario harum sitae, quas qui eo incolunt vocantur antipodes. Orbis terrarum quem nos colimus in tres partes dividitur totidemque nomina: Asia, quae est inter Tanain et Nilum, Libya, quae est inter Nilum et Gaditanum sinum, Europa, quae est inter fretum et Tanain.

In Asia clarissimae gentes: Indi, Seres, Persae, Medi, Parthi, Arabes, Bithyni, Phryges, Cappadoces, Cilices, Syri, Lydi. In Europa clarissimae gentes: Scythae, Sarmatae, Germani, Daci, Moesi, Thraces, Macedones, Dalmatae, Pannonii, Illyrici, Graeci, Itali, Galli, Spani. In Libya gentes clarissimae: Aethiopes, Mauri, Numidae, Poeni, Gaetuli, Garamantes, Nasamones, Aegyptii. Clarissimi montes in orbe terrarum: Caucasus in Scythia, Emodus in India, Libanus in Syria, Olympus in Macedonia, Hymettus in Attica, Taygetus in Lacedaemonia, Cithaeron et Eleon in Boetia, Parnassos et Acroceraunia in Epiro, Maenalus in Arcadia, Apenninus in Italia, Eryx in Sicilia, Alpes inter Gallias et Italiam, Pyrenaeus inter Galliam et Spaniam, Athlans in Africa, Calpe in freto Oceani.

Clarissima flumina in orbe terrarum: Indus, Ganges, Hydaspes in India; Araxes in Armenia; Thermodon et Phasis in Colchide; Tanais in Scythia; Strymon et Hebrus in Thracia; Sperchios in Thessalia; Hermus et Pactolus auriferi, Maeander et Caystrus in Lydia; Cydnus in Cilicia; Orontes in Syria; Simois et Xanthus in Phrygia; Eurotas Lacedaemone; Alpheus in Elide; Ladon in Arcadia; Achelous et Inachus in Epiro; Savus et Danubius, qui idem Ister cognominatur, in Moesia; Eridanus et Tiberinus in Italia; Timavus in Illyrico; Rhodanus in Gallia; Iberus et Baetis in Spania; Bagrada in Numidia; Triton in Gaetulia; Nilus in Aegypto; Tigris et Euphrates in Parthia; Rhenus in Germania.

Clarissimae insulae: in mari nostro undecim, Sicilia, Sardinia, Crete, Cypros, Euboea, Lesbos, Rhodos, duae Baleares, Ebusus, Corsica, Gades; in Oceano, ad orientem Taprobane; ad occidentem Britannia; ad septentrionem Thyle; ad meridiem insulae Fortunatae; praeter has in Aegaeo mari Cyclades duodecim: Delos, Gyaros, Myconos, Andros, Paros, Tenos, «Ios», Cythnos, «Siphnos», Melos, Naxos, Donusa; praeter has Sporades innumerabiles, ceterum celeberrimae Aegina, Salamina, Coos, Chios, Lemnos, Samothracia; in Ionio: Echinades, Strophades, Ithace, Cephalenia, Zacynthos; in Adriatico, Crateae circiter mille; in Siculo, Aeoliae VIII; in Gallico, Stoechades tres; in Syrtibus, Cercina et Menix et Girba.

DE MARIUM AMBITU. Mare quo cingimur universum vocatur Oceanum. Hoc quattuor regionibus inrumpit in terras: a septentrione vocatur Caspium, ab oriente Persicum, a meridie Arabicum, idem Rubrum et Erythraeum, ad occasum magnum mare, idem Athlanticum, quod commerciis totius generis humani peragitur. Hoc intrat in fretum Gaditanum inter duos montes clarissimos Abinnam et Calpen ob impositas Herculis columpnas, dein latissime simul et longissime fusum medium terrarum orbem inundat et

nomina adquirit: Balearicum, quod Hispaniam adluit; Gallicum, quod Gallias tangit; Ligusticum, quod Liguribus infunditur; Tuscum, Tyrrhenum, idem inferum, quod dextrum Italiae latus circuit, Hadriaticum, idem superum, quod sinistrum Italiae latus circuit; Siculum, in quo Sicilia; Creticum, in quo insula est Creta; Ionium et Aegaeum, quae Achaiam, idem Peloponnesum, ita ambiunt ut interveniente Isthmo paene insulam faciant; Myrtoum et Icarium, quae adhaerent Aegaeo mari, illud a Myrtilo, hoc ab Icaro cognominatum; Ponticum, quod ingenti sinu Scythis infunditur; Hellesponticum fauce transmissum inter duas celeberrimas urbes, Seston Asiae, Abydon Europae; Tanaiticum, quo Asia alluitur; Aegyptium ab Aegypto, Libycum a Libya cognominatur; Syrticum a duabus Syrtibus reciprocis aestibus retorquetur.

MIRACULA MUNDI. MIRACULA QUAE IN TERRIS SUNT

Apolloniae ad Amantiam milia passus quinque in monte Nymphaeo, ubi ignis est et de terra exit flamma. In silva Panis symphonia in oppidum auditur. Item sub eo monte in campo lacus sunt aquae pleni unde pix exit et bitumen; cum manibus subplodas, pix alte attollitur et quasi ab aqua bullescit. Ambraciae in Epiro in pariete sunt picti Castor et Pollux et Helena manu autochthonis, et nemo neque invenire potest quis pinxerit. Argis in Epiro quod Ὕπατον appellatur: ibi pons magnus columpnatus duplex, quem Alcidea aedificari imperasse fertur. Ibi picta sunt gubernacula Argonautarum qua excepta navis. Ibi Iovis templum Typhonis, unde est ad inferos descensus ad tollendas sortes; in quo loco dicunt duo qui descenderunt Iovem ipsum videre. Leucade mons, unde se Sappho deiecit propter virum. In summo monte fanum est Apollinis, ubi sacra fiunt et cum homo inde desiluit, statim excipitur lintribus. Sicyone in Achaia: in foro aedis Apollinis est; in ea sunt posita Agamemnonis clipeus et machaera, Ulixis chlamys et thoracium, Teucri sagittae et arcus, Adrasti arca quam deposuit, in qua quid sit ignoratur; sed et olla aerea in qua Pelias coctus dicitur; item Palamedis litterae, Marsyae autem quoque corium, remi Argonautarum cum gubernaculis bracchia, cauculus quo Minerva sortita est de Oreste ceravit una comparas; ibi palla pendet, quam si quis halitu afflaverit, tota patefit Penelopae tela. Ibi de terra oleum scaturrit.

Argis Inachiae Iunonis templum magnifice ornatum, quod asylum vocant. Olympiae templum Iovis nobile, ubi athletae initiantur. Corintho ballenae costa est magna secundum mare, quam homo complecti non potest; eodem in loco fanum est Veneris, in quo vas marmoreum Laidos. Boetiae lacus sacer ubi Amphiaraus devoratus; in eo lacu est urceus fictilis fractus: pendet testa intrinsecus posita; unde autem pendeat non apparet nisi a vento moveatur. Athenis, Minervae sedes nobilis cuius ad sinistram clipeus appositus quem digito tangit; in quo clipeo medio Daedali est imago ita collocata: quam si quis imaginem e clipeo velit tollere, perit totum opus; solvitur enim signum. Ipsa autem dea habet hastam de aeramine. Ilio: lapis quadratus ubi Cassandra fuit alligata: quem si ante tangas [id est aut fricueris, lac demittit; ex altera autem parte similiter si frices ac si sanguinem remittit. Iuxta autem mare qui locus Rhoeteonvocatur; ibi est Achillis et Patrocli tumulus et flumen Scamandros. Ephesiae Dianae fanum nobilissimum maximum pulcherrimumque orbis terrarum; introitu dextra sinistra postes marmorei monolithi longi cubitis XX qua super templum ascensu sunt CXL milia .

Samio in templo Iunonis, scyphus factus est ex hedera cuius capita foras IV arietina magna cornibus mirae magnitudinis contortis. Pergamo, ara marmorea magna, alta pedes XL cum maximis sculpturis; continet autem gigantomachiam. Iaso, signum Dianae marmoreum pulcherrimum quod stat sub divo caelo nec cum pluit aqua tangitur.

Bargyliis est fanum Veneris super mare: ibi est lucerna super candelabrum posita, lucens ad mare sub divo caelo, quam neque ventus spargit nec pluvia exstinguit; sed et Herculis aedes antiqua. Ibi columna pendet cavea ferrea rotunda in qua conclusa Sibylla dicitur. Ibi iacent ossa ballenae quasi lapides quadrati. Magnesia apud Sipylum columnae sunt quattuor: inter has columnas est Victoria ferrea pendens sine aliquo vinculo in aere ludens; sed quotiens ventus aut pluvia fuerit, non movet. Aedis Dianae Epheso quam constituit Amazon; ibi et sepulcrum Icari stertentis quasi dormiat, mirae magnitudinis, ex orichalco et ferro. Rhodi colossus: signum Solis aene; super columna marmorea cum quadriga cupro; columna vero habet cubitus centum Signum Iovis Olympii eburneum, facies ex auro, quod fecit Phidias altum cubitis centum quinquaginta et latum cubitis sexaginta. Domus illa Cyri regis aedificata lapidibus candidis et nigellis auro vinctis ubi sunt columnae diversis coloribus et innumerabiles lychnides ferreae, fenestrae ex argento et tegulae ex lapide prasino. Murus intus [medio Babyloniae, quem Memnon aedificavit lapide cocto, id est calce et sulfure, ferro intermixtus ut sunt iuncturae. Latitudo eius cubitis XXX, altus cubitis CXXX, cingitur milia passuum XXX. Hunc coepit Semiramis, filius eius perfecit.

Pyramides in Aegypto, quas aedificavit Agartus. Oppidum: ibi est Nilus fluvius aere factus plexilis in cubitis CCC, cuius facies ex smaragdo limpido, brachia ex ebore magno, cuius aspectu et bestiae terrentur. Athenis signum Iovis Olympii, Alexandriae flumen Nilum maxime colunt. Quot fuere vel fuisse Ioves, vel ubi in loco, dei deaeque? Ioves fuere tres: primus in Arcadia, Aetheris filius, cui etiam Aetherius cognomen fuit; hic primum Solem procreavit. Secundus ibidem in Arcadia, qui Saturnius cognominatur, qui ex Proserpina Liberum Patrem procreavit primum victorum. Tertius Cretae, Saturni et Opis filius, optimus maximusque est appellatus. Martes fuere duo: primus Ἐνόπλιος, ut Euhemerus ait, et noster Mars Leucaspis et aliter Mars Enyalius; secundus ex Iove et Iunone. Soles fuere quinque: primus Iovis filius; secundus Hyperionis; tertius Nili filius cui Aegyptus est consecrata; quartus qui Rhodi natus est, cuius etiam Zmintheus est filius; quintus Colchi filius ex quo Circe et Medea et Phaethon nati sunt. Volcani fuere quattuor: primus Caelo et Ope natus, secundus Nili filius, tertius Saturni et Iunonis, quartus in Sicilia Meletes filius. Mercurii IV: primus Caeli et Diei filius, secundus Iovis et Croniae filius vel Proserpinae; tertius Croni filius et Maiae qui est inventor lyrae; quartus Cyllenae filius qui Aegyptiis litteras et numerum dixit. Apollines quinque: primus Vulcani et Minervae, secundus ex Corybante, tertius Iovis filius ex Latona; quartus Sileni filius in Arcadia, quintus Ammonis filius in Libya natus. Source : Bibliotheca Augustana

https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/LuciusAmpelius/luc_intr.html





EXTRACTS FROM WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

11 IMPERIUM ROMANUM. EUTROPIUS. SAMPLE OF SIMPLE LATIN II

Romanum imperium, quo neque ab exordio ullum fere minus neque incrementis toto orbe amplius humana potest memoria recordari, a Romulo exordium habet, qui Reae Silviae, Vestalis virginis, filius et, quantum putatus est, Martis cum Remo fratre uno partu editus est. Is cum inter pastores latrocinaretur, decem et octo annos natus urbem exiguam in Palatino monte constituit XI Kal. Maias, Olympiadis sextae anno tertio, post Troiae excidium, ut qui plurimum minimumque tradunt, anno trecentesimo nonagesimo quarto. Condita civitate, quam ex nomine suo Romam vocavit, haec fere egit. Multitudinem finitimorum in civitatem recepit, centum ex senioribus legit, quorum consilio omnia ageret, quos senatores nominavit propter senectutem. Tum, cum uxores ipse et populus suus non haberent, invitavit ad spectaculum ludorum vicinas urbi Romae nationes atque earum virgines rapuit. Commotis bellis propter raptarum iniuriam Caeninenses vicit, Antemnates, Crustuminos, Sabinos, Fidenates, Veientes. Haec omnia oppida urbem cingunt. Et cum orta subito tempestate non comparuisset, anno regni tricesimo septimo ad deos transisse creditus est et consecratus. Deinde Romae per quinos dies senatores imperaverunt et his regnantibus annus unus completus est. Postea Numa Pompilius rex creatus est, qui bellum quidem nullum gessit, sed non minus civitati quam Romulus profuit. Nam et leges Romanis moresque constituit, qui consuetudine proeliorum iam latrones ac semibarbari putabantur, et annum descripsit in decem menses prius sine aliqua supputatione confusum, et infinita Romae sacra ac templa constituit. Morbo decessit quadragesimo et tertio imperii anno. Huic successit Tullus Hostilius. Hic bella reparavit, Albanos vicit, qui ab urbe Roma duodecimo miliario sunt, Veientes et Fidenates, quorum alii sexto miliario absunt ab urbe Roma, alii octavo decimo, bello superavit, urbem ampliavit, adiecto Caelio monte. Cum triginta et duos annos regnasset, fulmine ictus cum domo sua arsit. Post hunc Ancus Marcius, Numae ex filia nepos, suscepit imperium. Contra Latinos dimicavit, Aventinum montem civitati adiecit et Janiculum, apud ostium Tiberis civitatem supra mare sexto decimo miliario ab urbe Roma condidit. Vicesimo et quarto anno imperii morbo periit.



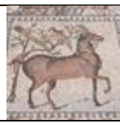
SAMPLE OF SIMPLE LATIN II . EUTROPIUS. IMPERIUM ROMANUM.

https://archive.org/details/EutropioCompendioDeHistoriaRomana

https://archive.org/details/EutropioBreviarioDeHistoriaRomana.EutropiBreviariumAbUrbeCondita

CONTENTS OF THE ANNEXES. CONTEÚDO DOS ANEXOS





1. **Modern Latin. Considerations on the nature and study of modern utilitarian Latin. Considerações sobre a natureza e estudo do latim utilitário prático e natural.**
2. **A Latin Poem. Salve Aurora! Poem by Antonio de Castro Lopes (1827-1901). This deuto-glottic poem demonstrates that Latin and Portuguese are fundamentally the same language. Um poema que é, ao mesmo tempo, latim e português, demonstrando que os dois idiomas são fundamentalmente a mesma língua.**
3. **Modern Latin syntax . Justification of an analytical sintax for writing Latin today. Justificação de uma sintaxe reta ou analítica para escrever em latim moderno imediatamente.**
4. **How to read Latin immediately. Como ler Latin imediatamente com edições justalineares ou interlineareas.**
5. **The vocabulary problem of modern Latin. O problema do vocabulário do latim moderno**
6. **Latinum sine magistro. Learning Latin without a teacher. Conclusio Operis**
7. **English summary of the Wiki Wiki Latim dos Alunos de Filosofia da Unicamp**
8. **Modern utilitarian Latin a presentation. Lingua Latina utilitaria moderna**
9. **Summarium. Tacito de origine situ et moribus germanorum**
10. **De Mundo et orbe terrarum. A sample of simple Latin . Auctore Lucio Ampelio. Latin can be simple!**





EXTRACTS FROM "WIKI WIKI LATIM DOS ALUNOS DE FILOSOFIA DA UNICAMP

PART XII: LEXICA ATQUE BIBLIOGRAPHIA ADDITIONALIS

ANTONIO DE CASTRO LOPES

https://archive.org/details/NovoSystemaParaEstudarALinguaLatina

JOÃO RAVIZZA

https://archive.org/details/GramaticaLatinaDoPadreJoaoRavizzaNonaEdicao

CARLOS TORRES PASTORINO

https://archive.org/details/ChaveDaVersaoLatinaPorC.TorresPastorino

ANTONIO FREIRE SJ

https://archive.org/details/RETROVERSAOLATINA

E.DUARD RAGON

https://archive.org/details/PrimeirosExerciciosDeLatimParteDoMestrePorE.Ragon

https://archive.org/details/GramaticaLatinaPorE.Ragon

A. J. DA SILVA DAZEVEDO

https://archive.org/details/VerbosLatinos.ElenchusVerborumLatinorum

AUGUSTO MAGNE

https://archive.org/details/GrammaticaLatina_333

HERBERT CHARLES ELMER

https://archive.org/details/LatinGrammarByHerbertCharlesElmerUmaGramaticaLatinaSimplificadaNew

ROBERT J. HENLE

https://archive.org/details/LatinGrammarForHighSchoolsRobertJ.HenleS.j

THOMAS CLARKE

https://archive.org/details/MethodForTheStudyOfLatinWithInterlinearTranslationsByThomasClark1857

POLIACHEV. LEXICON RUSSICO LATINUM. DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/LexiconRussicoLatinum.RussianLatinDictionaryByPoliachev

DAVID MORGAN AND SILVA. LEXICON ANGLUM ET LATINUM. DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/TheLexiconAnglumEtLatinumByDavidMorgan

FRANCISCO TORRINHA

https://archive.org/details/DicionarioPortuguesLatinoPorFranciscoTorrinha2a.EdicaoEPorto1936

FELIX GAFFIOT

https://archive.org/details/FelixGaffiotDictionnaireIllustr.LatinFrancais

FRANCISCO SANTOS SARAIVA

https://archive.org/details/F.rDosSantosSaraivaNoviss.Dic.LatinoPortuguez

https://archive.org/details/ErrataAddendaAndCorrigendaToTheNovissimoDiccionarioLatino-Portuguez

ANTONIO BACCI

https://archive.org/details/AntonioBacciLexiconEorumVocabulorumQuaeDifficiliusLatineRedduntur

ANTENOR NASCENTES

https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionaroEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomoI

ERNESTO FARIA

https://archive.org/details/DicionarioEscolarLatinoPortuguesDoMecPorErnestoFaria1962

DAG NORBERG

https://archive.org/details/ManualPraticoDeLatimMedievalPorDagNorberg127PaginasTraducaoDeJose

A FORTUNA BARROS

https://archive.org/details/OvidioMetamorfosesLivroITrad.PorA.F.Barros

AUGUSTO VELOSO

https://archive.org/details/Tristium.PubliusOvidiusNaso.TraducaoLiteral

LATINITAS BRITANNIAE. DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/LatinitasBritanniae.BritishMedievalLatin.StudiesForModernAndMedieval

AFRICITAS. DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/Africitas.LatinInNorthernAfrica.OLatimDaAfricaRomana.StudiesFor

REIJO PITKÄRANTA AND TUOMO PEKKANEN

NUNTII LATINI (SAMPLE OF MODERN LATIN). DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/NewsInLatinByReijoPitkaerantaAndTuomoPekkanen2005To2012

AENEAS SILVIUS PICCOLLOMINI. PIUS PP II. DARCY CARVALHO

https://archive.org/details/TheCommentariesOfPiusPpIiPontifexMaximus.CommentariiRerumMemorabilium

FINIS OPERIS

DARCY CARVALHO ANNO MMXIV HOC OPUS EXEGIT

STUDIES FOR MEDIEVAL AND MODERN LATIN. PROF. DR. DARCY CARVALHO.

FEAUSP. ANNO 2014. SÃO PAULO. SP.   ANNO 2014.   BRAZIL